

ARTEMIS FOWL

O ÚLTIMO GUARDIÃO



EOÏN COLFER



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

OBRAS DO AUTOR PUBLICADAS PELA RECORD

Artemis Fowl: o menino prodígio do crime

Artemis Fowl: uma aventura no Ártico

Artemis Fowl: o código eterno

Artemis Fowl: a vingança de Opala

Artemis Fowl: a colônia perdida

Artemis Fowl: o complexo de Atlântida

Artemis Fowl: o paradoxo do tempo

Artemis Fowl: o último guardião

Arquivo Artemis Fowl

Colin Cosmo e os supernaturalistas

Para jovens leitores

Pânico na biblioteca

Pânico no navio

EOÏN COLFER

ARTEMIS
FOWL
O ÚLTIMO GUADIÃO

Tradução de
ALVES CALADO

1ª EDIÇÃO



Rio de Janeiro | 2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Colfer, Eoin

C658a Artemis Fowl [recurso eletrônico]: o último guardião / Eoin Colfer; tradução Alves Calado. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital (Artemis Fowl; 8)

Tradução de: Artemis Fowl: the last guardian

Sequência de: Artemis Fowl: o complexo de Atlântida

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 9788501100795 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil irlandesa. 2. Livro eletrônico. I. Alves-Calado, Ivanir, 1953- II. Título. III. Série.

CDD: 028.5

CDU: 028.5

13-04863

Título original

Artemis Fowl: the last guardian

Text Copyright © Eoin Colfer, 2010

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela ED ITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN: 9788501100795

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



*Para todos os fãs de Fowl que viajaram para os Elementos de Baixo comigo.
Obrigado.*

ÍNDICE

Prólogo

Capítulo 1: Uma situação complexa

Capítulo 2: Matando o passado

Capítulo 3: Fogo e enxofre

Capítulo 4: O engenheiro Ozkopia dá a palavra final

Capítulo 5: Arma-Gedão

Capítulo 6: Erguei-vos, meus lindos

Capítulo 7: Cuspido e escarrado

Capítulo 8: Um bando irreverente

Capítulo 9: Vomitando o veneno amargo

Capítulo 10: Rivalidade entre irmãos

Capítulo 11: Morte por coelhinhos

Capítulo 12: A turma de patetas

Capítulo 13: Mergulho de sorte

Capítulo 14: Nove Varas

Capítulo 15: Alerta de grilo

Capítulo 16: Um tiro de aviso

Capítulo 17: Última luz

Capítulo 18: Alma sobrevivente

Capítulo 19: As rosas

PRÓLOGO

ÉRIÚ, HOJE

OS Furiosos estavam posicionados numa espiral sob a pedra rúnica, os corpos adentrando a terra em círculos — botas para fora, cabeças para dentro, como dizia o feitiço. Claro, depois de dez mil anos embaixo do solo, não havia botas ou cabeças de verdade. Restava apenas o plasma da magia negra mantendo suas consciências intactas, e até mesmo isso estava se dissipando, maculando a região, fazendo com que estranhos tipos de plantas aparecessem e infectando os animais com uma agressividade incomum. Dentro de talvez doze luas cheias, os Furiosos sumiriam completamente, e sua última fagulha de poder fluiria terra adentro.

Ainda não desaparecemos, pensou Oro da tribo dos Danu, capitão dos Furiosos. Estamos prontos para agarrar nosso momento de glória quando ele chegar, e semear o caos entre os humanos.

Oro enviou o pensamento através da espiral e ficou orgulhoso com as vibrações do resto de seus guerreiros elementais que ecoavam o sentimento.

A vontade deles é tão afiada quanto um dia foram suas espadas, pensou. Apesar de estarmos mortos e enterrados, a fagulha de determinação sangrenta arde luminosamente em nossas almas.

Era o ódio pela humanidade que mantinha a fagulha viva — isso e a magia negra do feiticeiro Bruin Fadda. Mais da metade de sua companhia de

guerreiros já havia expirado e sido sugada para a pós-vida, mas ainda restavam cinco vintenas para completar suas tarefas, caso fossem convocados.

Lembrem-se de suas ordens, dissera o feiticeiro elfo, tantos séculos atrás, enquanto a terra caía sobre eles. *Lembrem-se dos que morreram e dos humanos que os assassinaram*.

Oro lembrava, sempre lembraria. Assim como jamais poderia esquecer a sensação de pedras e terra golpeando a pele moribunda.

Lembraremos, enviou o pensamento para a espiral. *Lembraremos e retornaremos*.

O pensamento desceu e depois ecoou, subindo dos guerreiros mortos, ansiosos para serem libertados de sua tumba e verem o sol de novo.

CAPÍTULO 1: UMA SITUAÇÃO COMPLEXA

ANOTAÇÕES MÉDICAS DO DOUTOR JERBAL ARGÔNIO, DA IRMANDADE PSICOLÓGICA



1. **ARTEMÍS** Fowl, que um dia se proclamara *gênio do crime adolescente*, agora prefere o termo *gênio juvenil*. Aparentemente ele mudou. (Nota pessoal: *hummmppf!*)
2. Nos últimos seis meses, Artemis vem passando por sessões semanais de terapia em minha clínica na Cidade do Porto, numa tentativa de superar um caso sério de Complexo de Atlântida, um distúrbio psicológico que desenvolveu em decorrência de seu envolvimento com a magia do Povo das Fadas. (Bem feito, Garoto da Lama idiota.)
3. Lembrar-se de mandar uma conta absurda para a Liga de Elite da Polícia.

4. Artemis parece estar curado, e em tempo recorde. Isso é provável? Ou mesmo possível?
5. Discutir minha teoria da relatividade com Artemis. Poderia render um capítulo interessante no meu v-livro: *Ludibriando Fowl: sendo mais esperto do que o espertinho*. (Os editores adoraram o título: *tchã-rã!*)
6. Pedir mais analgésicos para o meu quadril ferrado.
7. Dar alta atestando saúde mental para Artemis. Última sessão hoje.

CONSULTÓRIO DO DR. ARGÔNIO, CIDADE DO PORTO, ELEMENTOS DE BAIXO.

A impaciência de Artemis Fowl aumentava. O doutor Argônio estava atrasado. Essa última sessão era tão desnecessária quanto a meia dúzia anterior. Ele estava completamente curado, pelo amor de Deus; desde a décima oitava semana, inclusive. Seu intelecto prodigioso havia acelerado o processo, e ele não deveria ser obrigado a perder tempo obedecendo a um psiquiatra gnomo.

A princípio, Artemis ficou andando de um lado para o outro no consultório, recusando-se a ser acalmado pelo som da cachoeira, com suas luzes de humor que pulsavam suavemente, depois se sentou durante um minuto na cabine de oxigênio, que, ele descobriu, o acalmava um pouquinho demais.

Cabine de oxigênio!, pensou, saindo rapidamente da câmara de vidro.

Por fim, a porta sibilou e deslizou para o lado, permitindo que o doutor Jerbal Argônio entrasse em seu próprio consultório. O gnomo atarracado mancou diretamente até sua poltrona e deixou-se afundar entre suas muitas almofadas, batendo nos controles do braço até que o saco de gel embaixo do quadril direito reluzisse delicadamente.

— Aaaah — suspirou. — Meu quadril está me matando. Nada ajuda, sinceramente. As pessoas acham que conhecem a dor, mas não fazem ideia.

— O senhor está atrasado — observou Artemis em gnomês fluente, a voz desprovida de qualquer simpatia.

Argônio deu outro suspiro, exasperado, enquanto a almofada aquecida começava a fazer efeito no quadril.

— Sempre com pressa, não é, Garoto da Lama? Por que não tomou uma baforada de oxigênio ou meditou junto à cachoeira, hein? Os Monges Ei-Ei louvam essas cachoeiras.

— Não sou um sacerdote diabrete, doutor. O que os Monges Ei-Ei fazem depois do primeiro gongo pouco me interessa. Podemos continuar com minha reabilitação? Ou preferiria desperdiçar mais o meu tempo?

Argônio bufou um pouco, depois inclinou o corpo para a frente, abrindo uma fina pasta de papel sobre a mesa.

— Por que será que, quanto mais você melhora, pior fica?

Artemis cruzou as pernas, aparentando uma linguagem corporal relaxada pela primeira vez.

— Tanta raiva reprimida, doutor... Qual a origem disso?

— Vamos nos ater à sua situação, está bem, Artemis? — Argônio pegou uma pilha de cartões na pasta. — Vou mostrar algumas manchas de tinta, e você me diz o que as formas sugerem.

O gemido de Artemis foi longo e teatral.

— Manchas de tinta... Ah, por favor. Meu tempo de vida é consideravelmente mais curto do que o seu, doutor. Prefiro não desperdiçá-lo em pseudotestes inúteis. Seria melhor lermos folhas de chá ou adivinhar o futuro nas entranhas de um peru.

— As manchas de tinta são um indicativo confiável da saúde mental — contrapôs Argônio. — É testado e aprovado.

— Testado por psiquiatras para psiquiatras — bufou Artemis.

Argônio bateu com um cartão na mesa.

— O que você vê nessa mancha de tinta?

— Uma mancha de tinta — respondeu Artemis.

— Sim, mas o que a mancha sugere?

Artemis deu um risinho tremendamente irritante.

— Vejo o cartão 534.

— Como assim?

— O cartão 534 — repetiu. — De uma série de seiscentos cartões-padrão com manchas de tinta. Memorizei todos durante nossas sessões. Você nem sequer os embaralha.

Argônio verificou o número nas costas do cartão: 534. Claro.

— Saber o número não responde à pergunta. O que você vê?

Artemis deixou seu lábio tremer um pouco.

— Vejo um machado pingando sangue. E também uma criança apavorada e um elfo vestindo pele de troll.

— É mesmo? — Argônio soava interessado agora.

— Não. Na verdade, não. Vejo uma construção segura, talvez o lar de uma família, com quatro janelas. Um cachorrinho digno de confiança e um caminho que vai da porta até bem longe. Se o senhor verificar no seu manual, acho que vai descobrir que essa resposta está dentro de parâmetros *saudáveis*.

Argônio não precisava verificar. O Garoto da Lama estava certo, como sempre. Talvez ele pudesse desequilibrar Artemis com sua nova teoria. Isso não fazia parte do programa, mas poderia lhe render um pouquinho de respeito.

— Já ouviu falar da teoria da relatividade?

Artemis piscou.

— Isso é uma piada? Eu já viajei no tempo, doutor. Acho que sei um pouquinho sobre relatividade.

— Não, não essa teoria; a minha teoria da relatividade propõe que todas as coisas mágicas são relacionadas e influenciadas por antigos feitiços ou centros de energia mágica.

Artemis coçou o queixo.

— Interessante. Mas acho que perceberá que sua postulação deveria ser chamada de teoria da *relação*.

— Tanto faz — disse Argônio, ignorando a alfinetada com um aceno de mão. — Fiz algumas pesquisas e descobri que os Fowl vêm incomodando o Povo das Fadas intermitentemente há milhares de anos. Dezenas dos seus ancestrais tentaram obter o pote de ouro, mas você foi o único que conseguiu.

Artemis endireitou-se na cadeira; aquilo era *mesmo* interessante.

— E eu nunca soube disso porque vocês fizeram apagamento mental nos meus ancestrais.

— Exato — respondeu Argônio, empolgado por ter a atenção total de Artemis. — Quando era garoto, seu próprio pai conseguiu prender um anão que fora atraído para a propriedade. Imagino que ele ainda sonhe com essa ocasião.

— Bom para ele. — Algo ocorreu a Artemis. — Por que o anão foi atraído para a nossa propriedade?

— Porque a magia residual que existe lá é fora dos padrões. Já aconteceu alguma coisa na propriedade Fowl. Alguma coisa gigantesca, em termos de magia.

— E esse poder residual coloca ideias na nossa cabeça e induz os Fowl a acreditar na magia — murmurou Artemis, quase para si mesmo.

— Exato. É uma situação do tipo “goblin e ovo”. Você pensou na magia e em seguida a encontrou? Ou a magia fez você pensar em procurá-la?

Artemis fez algumas anotações no seu smartphone.

— E quanto a esse evento mágico gigantesco, pode ser mais específico?

Argônio deu de ombros.

— Nossos registros não chegam a um período tão remoto. Eu diria que estamos falando da época em que as criaturas viviam na superfície, há mais de dez mil anos.

Artemis se levantou e foi até o gnomo atarracado. Sentiu que devia algo ao doutor pela teoria da *relação*, que certamente mereceria ser investigada.

— Doutor Argônio, o senhor tinha pés virados para dentro quando era criança?

Argônio ficou tão surpreso que soltou uma resposta honesta para uma pergunta pessoal, coisa muito incomum para um psiquiatra.

— Sim... Sim, eu tinha.

— E foi obrigado a andar com sapatos ortopédicos de solado grosso?

Argônio ficou intrigado. Fazia séculos que não pensava naqueles sapatos horrorosos; na verdade, tinha se esquecido deles até aquele momento.

— Só um, no pé direito.

Artemis assentiu com ar de sabedoria, e o doutor sentiu que os papéis tinham se invertido e que ele era o paciente.

— Eu diria que seu pé foi puxado para o alinhamento correto, mas, nesse processo, o fêmur ficou ligeiramente torcido. Um suporte simples deve resolver o problema do seu quadril. — Artemis tirou do bolso um guardanapo dobrado. — Esbocei um projeto enquanto o senhor me mantinha esperando, nessas últimas sessões. Potrus deve ser capaz de construir o suporte. Posso ter errado alguns milímetros ao avaliar suas dimensões, então é melhor tirar medidas. — Pôs os dez dedos chapados na mesa. — Posso ir agora? Cumpri com minha obrigação?

O doutor assentiu, carrancudo, pensando que provavelmente omitiria essa sessão em seu livro. Observou Artemis atravessar o consultório e se abaixar passando pela porta.

Argônio estudou o desenho no guardanapo e soube instintivamente que Artemis estava certo com relação ao seu quadril.

Ou esse garoto é a criatura mais sã da terra, pensou, ou é tão perturbado que nossos testes não conseguem sequer começar a compreendê-lo.

O psiquiatra pegou um carimbo sobre a mesa e carimbou na capa do dossiê de Artemis a palavra CURADO em grandes letras vermelhas.

Espero que sim, pensou. Espero de verdade.

Butler, o guarda-costas de Artemis, esperava seu patrão do lado de fora do consultório do doutor Argônio, na grande poltrona que fora presente do centauro Potrus, consultor técnico da Liga de Elite da Polícia.

— Não suporto ver você empoleirado num banquinho de gnomo — dissera Potrus. — Isso ofende meus olhos. Parece um macaco defecando.

— Muito bem — respondera Butler com sua voz grave. — Aceito o presente, nem que seja só para preservar seus olhos.

Na verdade, ele havia ficado tremendamente feliz em ter uma poltrona confortável — já que tinha mais de dois metros de altura numa cidade construída para habitantes de noventa centímetros.

O guarda-costas se levantou e se espreguiçou, achatando as palmas das mãos no teto, que tinha o dobro da altura dos padrões do subterrâneo. Graças a Deus Argônio gostava de coisas grandiosas, caso contrário Butler nem conseguiria ficar em pé na clínica. Para Butler, o prédio, com seus tetos abobadados, as tapeçarias com fios de ouro e as portas retrô imitando madeira, mais parecia um mosteiro onde os monges tivessem feito um voto de riqueza do que um centro médico. Apenas os lasers de higiene manual presos nas paredes e uma ou outra enfermeira elfo passando rapidamente davam indícios de que o local era mesmo uma clínica.

Fico tão feliz que essa tarefa esteja terminando, pensava Butler pelo menos uma vez a cada cinco minutos nos últimos quinze dias. Ele passara por situações apertadas muitas vezes, mas havia algo em ficar confinado numa cidade presa abaixo da crosta terrestre que o fazia sentir-se claustrofóbico pela primeira vez na vida.

Artemis saiu do consultório de Argônio com o risinho de satisfação ainda mais evidente do que o normal. Quando Butler viu aquela expressão, soube que seu patrão estava no controle das próprias faculdades mentais novamente, e que o Complexo de Atlântida fora oficialmente curado.

Chega de contar palavras. Chega do medo irracional do número quatro. Chega de paranoias e ilusões. Graças a Deus.

Mesmo assim perguntou, só para ter certeza:

— Então, Artemis, como estamos?

Artemis abotoou o paletó de seu terno de lã azul-marinho.

— Estamos bem, Butler. Isso quer dizer que eu, Artemis Fowl II, estou cem por cento funcional, o que é aproximadamente cinco vezes mais que uma pessoa comum. Ou, colocando de outro modo: um Mozart e meio. Ou três quartos de um Da Vinci.

— Só três quartos? Você está sendo modesto.

— Correto — disse Artemis, sorrindo. — Estou.

Os ombros de Butler relaxaram um pouco. Ego inflado, autoconfiança extrema. Artemis estava definitivamente de volta.

— Muito bem. Então vamos pegar nossa escolta e partir, não é? Quero sentir o sol no meu rosto. O sol de verdade, não as lâmpadas UV que eles têm aqui embaixo.

Artemis sentiu uma pontada de simpatia pelo guarda-costas, uma emoção que vinha experimentando cada vez mais nos últimos meses. Era difícil o bastante para Butler passar despercebido entre humanos; ali embaixo ele não poderia atrair mais atenção, nem se estivesse usando roupa de palhaço e fazendo malabarismo com bolas de fogo.

— Muito bem — concordou Artemis. — Vamos pegar nossa escolta e partir. Onde está Holly?

Butler apontou o polegar para o fim do corredor.

— Onde ela geralmente fica. Com o clone.

A capitã Holly Short, da divisão de reconhecimento da Liga de Elite da Polícia, olhou o rosto de sua arqui-inimiga e só sentiu pena. Claro, se estivesse olhando para a verdadeira Opala Koboï e não para uma versão clonada, pena poderia não ter sido a última emoção de sua lista, mas certamente ficaria bem abaixo de

fúria e aversão intensa beirando o ódio. Mas aquilo era um clone, cultivado antecipadamente para dar à duende-diabrete megalômana um outro corpo, permitindo que fugisse da custódia da Clínica J. Argônio caso a LEP conseguisse encarcerá-la algum dia; o que havia acontecido.

Holly sentia pena do clone porque era uma criatura patética, idiota, que não pedira para ser criada. Clonar era uma ciência banida, tanto por motivos religiosos quanto pelo fato mais óbvio de quê, sem uma força vital ou uma alma para alimentar os organismos, os clones estavam condenados a uma vida curta, de atividade cerebral insignificante e falência dos órgãos.

Esse clone especificamente tinha passado a maior parte de seus dias numa incubadora, lutando por cada respiração desde que fora removido da crisálida em que havia crescido.

— Não por muito tempo, pequenina — sussurrou Holly, tocando a testa da falsa duende-diabrete com as luvas estéreis presas à parede da incubadora.

Holly não sabia dizer ao certo por que tinha começado a visitar o clone. Talvez fosse porque Argônio dissera que ninguém jamais havia feito isso.

Ela veio de lugar nenhum. Não tem amigos.

Agora tinha pelo menos dois amigos: Artemis havia começado a se juntar a Holly em suas visitas, e ficava sentado em silêncio ao lado dela, o que era muito incomum de sua parte.

A designação oficial do clone era Experiência Não Autorizada 14, mas um espertinho da clínica a apelidou de Nãopala, o que era uma brincadeira cruel com o nome Opala. Cruel ou não, o nome pegou, e agora até Holly a chamava assim, ainda que com ternura.

Argônio lhe garantiu que a Experiência Não Autorizada 14 não possuía faculdades mentais, mas Holly tinha certeza de que, às vezes, os olhos leitosos de Nãopala reagiam quando ela a visitava. Será que o clone podia reconhecê-la?

Holly olhou para as feições delicadas de Nãopala e se lembrou inevitavelmente da doadora dos genes do clone.

Aquela duende-diabrete é um veneno, pensou com amargura. Tudo o que ela toca murcha e morre.

Artemis entrou no quarto e parou junto de Holly, pousando a mão suavemente em seu ombro.

— Eles estão errados em relação a Nãopala — disse Holly. — Ela sente coisas. Ela entende.

Artemis se ajoelhou.

— Eu sei. Na semana passada ensinei uma coisa a ela. Veja.

Ele pôs a mão no vidro e bateu lentamente com os dedos numa sequência, criando um ritmo.

— É um exercício desenvolvido pelo doutor Parnaso, de Cuba. Ele o usa para gerar uma reação nos bebês, até em bebês chimpanzés.

Artemis continuou a bater, e lentamente Nãopala reagiu, erguendo a mão com dificuldade em direção à de Artemis e batendo no vidro em uma tentativa desajeitada de copiar o ritmo.

— Veja, aí está — disse Artemis. — Inteligência.

Holly deu-lhe uma trombada de leve com o ombro, o que era sua versão de um abraço.

— Eu sabia que seu cérebro acabaria sendo útil.

O broche de bolotas de carvalho no peito do macacão de Holly vibrou, e ela tocou seu brinco wi-tech, aceitando a ligação. Um olhar rápido para o computador de pulso informou que o telefonema era de Potrus, o consultor técnico da LEP, e que o centauro o havia rotulado como *urgente*.

— Potrus. O que é? Estou na clínica, bancando a babá do Artemis.

A voz do centauro era cristalina vindo pela rede sem fio da Cidade do Porto.

— Preciso de você na Delegacia Plaza agora mesmo. Traga o Garoto da Lama.

O centauro soava teatral, mas Potrus faria um drama até mesmo se seu suflê de cenoura murchasse.

— A coisa não funciona assim, Potrus. Consultores não dão ordens a capitães.

— Recebemos uma imagem de Koboï por um satélite. Ao vivo — contrapôs o consultor técnico.

— Estamos indo — disse Holly, encerrando a conexão.

Eles alcançaram Butler no corredor. Artemis, Holly e Butler, três aliados que haviam passado por campos de batalha, rebeliões e conspirações juntos, e tinham desenvolvido sua própria linguagem para crises.

Butler viu que Holly estava com sua cara profissional.

— Problema?

Holly passou à frente, forçando os outros a seguirem-na.

— Opala — respondeu, em inglês.

O rosto de Butler endureceu.

— Visual?

— Conexão por satélite.

— Origem? — perguntou o guarda-costas.

— Desconhecida.

Desceram rapidamente pelo corredor retrô na direção do pátio da clínica. Butler ultrapassou o grupo e segurou a porta antiquada com dobradiças e uma janelinha de vidro fosco mostrando a imagem de um doutor pensativo reconfortando um paciente que chorava.

— Vamos pegar a Bengala? — perguntou o guarda-costas, sua voz sugerindo que preferiria não pegar *a Bengala*.

Holly passou pela porta.

— Desculpe, grandão. É hora da Bengala.

Artemis nunca fora de usar transporte público, fosse de humanos ou das criaturas do subterrâneo, por isso perguntou:

— O que é a bengala?

A Bengala era o apelido de uma série de esteiras transportadoras que seguiam em linhas paralelas ao longo da rede de quarteirões da Cidade do Porto. Era um modo de transporte antigo e confiável, de uma época menos bélica, que funcionava em um sistema de embarcar e saltar parecido com o de esteiras rolantes de aeroportos humanos. Havia plataformas por toda a cidade, e tudo o que se precisava fazer era pisar em cima e segurar uma das hastes de fibra de carbono que brotavam da esteira. Daí o nome *Bengala*.

Claro, Artemis e Butler já tinham visto a Bengala antes, mas Artemis nunca planejara usar um modo de transporte tão pouco digno, por isso nem havia se incomodado em descobrir como se chamava. Ele sabia que, com sua famosa falta de coordenação, qualquer tentativa de pisar casualmente na plataforma resultaria num tombo humilhante. Para Butler, o problema não era a coordenação. Ele sabia que, com seu tamanho, já seria difícil simplesmente manter os pés dentro da esteira.

— Ah, sim — comentou Artemis. — *A Bengala*. Sem dúvida um táxi verde seria mais rápido, não?

— Não — respondeu Holly, empurrando Artemis pela rampa em direção à plataforma, depois cutucando-o nos rins bem na hora, de modo que ele pisou inconscientemente na esteira, com a mão pousando no cabo redondo de uma bengala.

— Epa! — disse Artemis, talvez pela terceira vez na vida usando uma gíria. — Consegui.

— Próxima parada, Olimpíadas — disse Holly, que havia subido na plataforma atrás dele. — Venha, guarda-costas — gritou para Butler por cima do ombro. — Seu patrão está indo para um túnel.

Butler lançou-lhe um olhar capaz de derrubar um touro. Holly era uma amiga querida, mas suas provocações podiam ser implacáveis. Ele pisou na esteira com as pontas dos dedos, espremendo os pés enormes numa única seção e dobrando os joelhos para segurar a bengala minúscula. Sua silhueta parecia a da bailarina mais corpulenta do mundo tentando colher uma flor.

Holly teria rido, se não estivesse com Opala Koboï na cabeça.

A Bengala levava os passageiros a partir da Clínica Argônio, margeando uma praça de estilo italiano em direção a um túnel baixo que fora cortado a laser na rocha sólida. Criaturas que almoçavam ao ar livre congelaram, com os garfos cheios de salada parados a caminho da boca, quando o improvável trio passou por ali.

A visão de uma oficial da LEP em seu macacão era bastante comum numa esteira da Bengala, mas um garoto humano desengonçado, vestido como um agente funerário, e um homem-montanha do tamanho de um troll, de cabeça raspada, eram bem raros.

O túnel não devia ter mais de um metro de altura, de modo que Butler teve de se abaixar durante três seções, achatando várias bengalas. Seu nariz estava a menos de um metro da parede do túnel, a qual, como ele notou, estava esculpida com lindos pictogramas luminosos representando episódios da história do Povo.

Para que as criaturas jovens possam aprender algo sobre sua tradição sempre que passarem. Que maravilha, pensou Butler, mas conteve a admiração, já que havia muito tempo tinha disciplinado o cérebro para se concentrar nas tarefas de guarda-costas e não desperdiçar neurônios ficando encantado enquanto estava no subsolo.

Guarde isso para a aposentadoria, pensou. *Depois você pode voltar a mente para o passado e apreciar arte.*

A praça da delegacia era calçada com pedras decorativas nas quais o brasão da Liga de Elite da Polícia, em forma de bolota de carvalho, fora encravado meticulosamente por mestres artesãos. Para os policiais da LEP, aquilo fora um completo desperdício de mão de obra, já que, de modo geral, eles não eram do tipo de criatura que olhava pelas janelas do quarto andar e se maravilhava ao

ver como a luz do sol artificial captava a borda de cada pedra coberta com folha de ouro e fazia todo o arranjo rebrilhar.

Nesse dia específico, parecia que todo mundo no quarto andar havia escorregado de seus cubículos como pedras numa superfície inclinada e se espremido na sala de reuniões, que ficava ao lado do escritório/laboratório de Potrus.

Holly foi diretamente para a parte mais apertada da turba e usou os cotovelos afiados para atravessar a multidão estranhamente silenciosa. Butler simplesmente pigarreou uma só vez, e o grupo se dispersou como se fosse repellido magneticamente pelo humano gigante. Artemis aproveitou esse caminho livre para entrar na sala de reuniões e encontrar o comandante Encrenca Kelp e Potrus parados diante de uma tela que ocupava toda a parede, acompanhando, fascinados, os acontecimentos que se desdobravam.

Potrus notou os sons de espanto que seguiam Butler aonde quer que ele fosse em Porto, e olhou em volta.

— Que os quatros estejam com você — sussurrou o centauro para Artemis. Esse era o seu cumprimento/piada-padrão nos últimos seis meses.

— Estou curado, como você sabe muito bem — disse Artemis. — O que está acontecendo aqui?

Holly abriu um espaço ao lado de Encrenca Kelp, que parecia estar se transformando no antigo chefe, o comandante Julius Raiz, à medida que os anos passavam. O comandante Kelp era tão imbuído da postura de valentão que assumira o nome de Encrenca depois de se formar. Uma vez tentou prender um troll por jogar lixo na rua, o que resultou no remendo de pele sintética na ponta de seu nariz, que reluzia em amarelo quando visto de um certo ângulo.

— Novo corte de cabelo, chefe? — provocou Holly. — O Raiz de Beterraba usava igualzinho.

O comandante Kelp não afastou o olhar da tela. Holly estava brincando porque se sentia nervosa, e Encrenca sabia disso. A capitã tinha o direito de

estar nervosa. Na verdade, um medo absoluto seria mais adequado, dada a situação que era transmitida para eles.

— Assista ao show, capitã — disse ele, tenso. — A situação é bastante autoexplicativa.

Havia três silhuetas na tela, um prisioneiro ajoelhado e dois sequestradores, mas Holly não identificou Opala Koboí imediatamente porque estava procurando a duende-diabrete entre os que estavam de pé. Percebeu, então, com um tremor, que Opala era a prisioneira.

— Isso é um truque — disse ela. — Tem de ser.

O comandante Kelp deu de ombros. *Espere e veja.*

Artemis chegou mais perto da tela, examinando a imagem em busca de informações.

— Tem certeza de que é ao vivo?

— É uma transmissão ao vivo — explicou Potrus. — Mas acho que eles poderiam estar mandando algo pré-gravado.

— De onde vem?

Potrus verificou o mapa de rastreamento em sua própria tela. A conexão descia de um satélite do Povo para a África do Sul, de lá para Miami e em seguida passava por uma centena de outros lugares, como os rabiscos de uma criança raivosa.

— Eles hackearam um satélite e traçaram um caminho através de uma série de conexões. Podem estar em qualquer lugar.

— O sol está alto — refletiu Artemis, em voz alta. — Pelas sombras, imagino que seja quase meio-dia. Se for mesmo uma transmissão ao vivo.

— Isso estreita a localização para um quarto do planeta — estipulou Potrus, causticamente.

O burburinho na sala aumentou quando, na tela, um dos gnomos corpulentos que estava atrás de Opala sacou uma pistola automática humana, uma arma cromada que parecia um canhão em seus dedos élficos.

Pareceu que a temperatura havia caído subitamente na sala de reuniões.

— Preciso de silêncio — disse Artemis. — Tirem esse pessoal daqui.

Em praticamente qualquer outra ocasião, Encrenca Kelp argumentaria que Artemis não tinha autoridade para liberar uma sala, e na certa convidaria mais gente para o espaço apertado só para provar seu argumento, mas essa não era uma ocasião qualquer.

— Todo mundo para fora — rosnou para os policiais reunidos. — Holly, Potrus e o Garoto da Lama, fiquem onde estão.

— Acho que talvez eu deva ficar também — avisou Butler, protegendo o topo da cabeça com uma das mãos, para não se queimar com a lâmpada.

Ninguém questionou.

Geralmente, quando recebiam ordem para se mexer, os policiais da LEP arrastavam os pés com uma relutância típica dos machos, mas, nesse caso, foram correndo até o monitor mais próximo, preocupados em não perder um único quadro dos acontecimentos.

Potrus fechou a porta com um golpe do seu casco, depois escureceu o vidro da janela para não haver distrações vindas de fora. Os outros quatro se reuniram numa espécie de semicírculo diante da tela da parede, observando o que pareciam ser os últimos minutos da vida de Opala Koboi. Ou, pelo menos, de uma das Opalas Koboi.

Havia dois gnomos na tela, ambos usando máscaras de festa anti-UV que cobriam o rosto inteiro e podiam ser programadas para parecerem com qualquer pessoa. Aquelas haviam sido modeladas com base em Pip e Kip, dois populares gatos de desenho animado na PPTV, mas ainda assim as silhuetas eram reconhecíveis como gnomos, graças aos troncos atarracados como barris e aos antebraços inchados. Estavam parados diante de uma parede cinza comum, curvando-se sobre a minúscula duende-diabrete ajoelhada nos rastros lamacentos de algum veículo com rodas, com marca de água aparecendo ao longo das pernas de seu agasalho esportivo de grife. Os pulsos de Opala estavam amarrados e a boca, tapada com fita adesiva, e ela parecia genuinamente aterrorizada.

O gnomo com a pistola falou através de uma caixa de voz na máscara, disfarçando-a como a do gatinho Pip.

— Não posso deixar mais claro — grasnou ele, e de algum modo, a voz de desenho animado o fez parecer mais perigoso. — Temos uma Opala, vocês têm a outra. Soltem a sua, e não mataremos esta. Vocês tinham vinte minutos, agora têm quinze.

Pip, o gatinho, engatilhou sua arma.

Butler deu um tapinha no ombro de Holly.

— Ele acabou de dizer...?

— É. Quinze minutos ou Opala morre.

Butler enfiou um fone tradutor no ouvido. Aquilo era importante demais para ele confiar em seu parco domínio do gnomês.

Encrenca Kelp estava incrédulo.

— Que tipo de acordo é esse? Entregue-nos uma terrorista, caso contrário nós matamos uma terrorista?

— Não podemos simplesmente deixar que alguém seja assassinado diante dos nossos olhos — protestou Holly.

— Absolutamente não — concordou Potrus. — Não somos humanos.

Artemis pigarreou.

— Desculpe, Artemis — disse o centauro. — Mas vocês, humanos, são um pessoal sanguinário. Claro, de vez em quando nós geramos uma duende-diabrete com fome de poder, mas, no geral, o Povo é amante da paz. Provavelmente por isso vivemos aqui em baixo, inclusive.

Encrenca Kelp rosnou de verdade, o que era um dos seus métodos de liderança — que não poderiam ser utilizados por qualquer um, em especial pelos que mediam pouco mais de noventa centímetros e usavam o que Artemis tinha certeza de que eram botas de plataforma escondida, mas o rosnado de Encrenca era convincente o bastante para impedir a zombaria.

— Concentração, pessoal — disse ele. — Preciso de soluções. Sob nenhuma circunstância podemos libertar Opala Koboi, mas também não podemos simplesmente ficar parados e permitir que ela seja assassinada.

O computador havia captado as referências a Koboi na tela e optado por mostrar seu dossiê numa tela lateral, caso alguém precisasse refrescar a memória.

OPALA KOBOI. Duende-diabrete gênio, dona de indústrias e inventora. Orquestrou o golpe e a insurreição dos goblins. Clonou-se para escapar da prisão e tentou levar os humanos para a Cidade do Porto. Responsável pelo assassinato do comandante Julius Raiz. Mandou implantar uma glândula pituitária humana (subsequentemente removida) para produzir hormônio de crescimento. Uma versão mais jovem de Opala seguiu a capitã Short do passado e está à solta na linha de tempo presente. Presume-se que tentará libertar seu eu encarcerado e retornar ao seu próprio fluxo temporal. Opala está na situação sem precedentes de ocupar o primeiro e o segundo lugar na lista de Mais Perigosos da LEP. Categorizada como altamente inteligente, motivada e psicótica.

Esse é um passo ousado, Opala, pensou Artemis. E com repercussões potencialmente catastróficas.

Ele mais sentiu do que viu Holly junto ao seu cotovelo.

— O que acha, Artemis?

Artemis franziu a testa.

— Minha primeira impressão é de que é um blefe. Mas os planos de Opala sempre levam em consideração as primeiras impressões.

— Pode ser um truque. Talvez aqueles goblins simplesmente atirem nela com uma bala de festim, não é?

Artemis balançou a cabeça.

— Não. Isso não daria nenhum resultado, a não ser um horror momentâneo da nossa parte. Opala planejou tudo para vencer,

independentemente de qualquer eventualidade. Se vocês a libertarem, ela estará livre. Se a Opala mais nova morrer, então... O que acontece?

Butler interveio:

— Hoje em dia é possível fazer todo tipo de coisas com efeitos especiais. E se eles fizerem a cabeça dela explodir em computação gráfica?

Artemis ficou desapontado com essa teoria, a qual já havia descartado.

— Não, Butler. Pense. De novo, não há nada a ganhar.

Potrus bufou.

— De qualquer modo, se eles a matarem, saberemos logo se essa coisa toda é real ou não.

Artemis deu uma meia risada.

— Verdade. Certamente saberemos.

Butler gemeu. Era uma daquelas ocasiões em que Artemis e Potrus sabiam de algo *científico* e presumiam que todos os outros na sala também estavam cientes. Momentos como esse sempre levavam Holly à loucura.

— Do que vocês estão falando? — gritou ela. — O que vamos saber? Como vamos saber o que isso é?

Artemis olhou para ela como se estivesse acordando de um sonho.

— É sério, Holly? Você tem duas versões do mesmo indivíduo ocupando uma só linha temporal e não percebe as ramificações?

Na tela, os gnomos pareciam estátuas atrás da duende-diabrete, que tremia. O que estava armado, Pip, de vez em quando examinava um relógio de pulso, levantando a manga da blusa com o cano da arma, mas, fora isso, eles esperavam com paciência. Opala implorava com os olhos, encarando a lente da câmera, com grandes lágrimas escorrendo pelas bochechas, brilhando ao sol. Seu cabelo parecia mais ralo do que o normal e não estava lavado. Seu agasalho da Juicy Couture, comprado, sem dúvida, na seção infantil de alguma loja chique, estava rasgado em vários lugares, com crostas de sangue sobre os rasgos. A imagem estava em superalta

definição, tão nítida que era como olhar por uma janela. Se aquela era uma ameaça falsa, a jovem Opala não sabia disso.

Encrenca deu um tapa na mesa, uma imitação de Julius Raiz que havia adotado.

— Ramificações? Que negócio é esse? Diga!

— Só para esclarecer — disse Artemis. — O senhor quer saber o que significa a palavra *ramificações* ou quais são as ramificações?

Holly deu uma cotovelada no quadril de Artemis, apressando-o.

— Artemis, nós estamos com pouco tempo.

— Está certo, Holly. O problema é o seguinte...

— Qual é! — implorou Potrus. — Deixe que eu explique. Este é o meu reino, e vou ser simples e objetivo, prometo.

— Então ande logo — disse Encrenca, que era conhecido por seu amor pelo *simples e objetivo*.

Holly gargalhou. Uma gargalhada única e áspera. Não podia acreditar que todo mundo continuava agindo do jeito de sempre, mesmo com uma vida em risco.

Nós ficamos insensíveis como os humanos.

Independentemente do que Opala tivesse feito, ela ainda era uma pessoa. Houvera dias sombrios em que Holly sonhara em caçar a duende-diabrete e fazer um pouquinho de justiça ao estilo dos Homens da Lama, mas esses dias haviam passado.

Potrus repuxou o cacho elegantemente rebuscado, caído sobre testa.

— Todos os seres são feitos de energia — começou na típica voz pomposa de *transmitir informação importante* que ele usava em ocasiões assim. — Quando esses seres morrem, sua energia se dissipa lentamente e retorna à terra. — Fez uma pausa dramática. — Mas e se toda a existência de um ser for negada subitamente por uma anomalia quântica?

Encrenca levantou os braços.

— Ei! Simples e objetivo, lembra?

Potrus recomeçou de outro modo:

— Certo. Se a jovem Opala morrer, a velha Opala não poderá continuar a existir.

Encrenca demorou um segundo, mas entendeu.

— Então vai ser como nos filmes? Qualquer rastro de sua existência desaparecerá, e todos nós vamos ficar meio perplexos durante um tempo e esquecer tudo sobre ela?

Potrus deu um risinho.

— Essa é uma teoria.

— Qual é a outra?

O centauro empalideceu subitamente e, de maneira pouca usual, passou a palavra a Artemis.

— Por que não explica essa parte? — perguntou. — Acaba de me ocorrer o que poderia acontecer de fato e preciso começar a dar uns telefonemas.

Artemis assentiu rapidamente.

— A *outra* teoria foi postulada pela primeira vez pelo professor Bahjee, do Povo, há mais de quinhentos anos. Bahjee acredita que se o fluxo temporal for poluído pela chegada de uma versão mais nova de um ser, e essa versão mais nova vier a morrer, a versão atual liberará toda a sua energia espontânea e violentamente. E, além disso, tudo que existe por causa da jovem Opala também vai entrar em combustão.

Violentamente e combustão eram palavras que o comandante Kelp entendia bem.

— Liberar a energia? O quão violentamente?

Artemis deu de ombros.

— Isso depende do objeto ou do ser. A matéria se transforma instantaneamente em energia. Uma força explosiva gigantesca será liberada. Podemos estar falando em fissão nuclear.

Holly sentiu o coração acelerando.

— Fissão? Fissão nuclear?

— Basicamente — assentiu Artemis. — Para os seres vivos. Os objetos devem causar menos danos.

— Qualquer coisa que Opala tenha feito ou para a qual tenha contribuído vai explodir?

— Não, só as coisas que ela influenciou nos últimos cinco anos da nossa linha temporal, entre suas duas idades, embora provavelmente haja variações temporais dos dois lados.

— Está falando de todas as armas da companhia dela que ainda estão sendo usadas? — perguntou Holly.

— E os satélites — acrescentou Encrenca. — E um em cada dois veículos na cidade.

— É só uma teoria — disse Artemis. — Ainda existe outra sugerindo que nada acontecerá além da morte de uma pessoa. A física seria mais importante do que a física quântica, e as coisas continuariam normalmente.

Holly se viu subitamente vermelha de fúria.

— Vocês estão falando como se Opala já estivesse morta.

Artemis não sabia bem o que dizer.

— Estamos olhando para o abismo, Holly. Em pouco tempo, todos podemos estar mortos. Preciso me manter distanciado.

Potrus levantou o olhar do painel de seu computador.

— O que acha das percentagens, Garoto da Lama?

— Percentagens?

— Das teorias.

— Ah, sei. A probabilidade das explosões?

— Exato.

Artemis pensou.

— Considerando tudo, eu diria que noventa por cento. Se gostasse de apostar e houvesse alguém disposto a aceitar esse tipo de aposta, eu colocaria até minha última moeda de ouro nisso.

Encrenca andou de um lado para o outro na sala pequena.

— Precisamos soltar Opala. Libertem-na imediatamente.

Agora Holly estava insegura.

— Vamos pensar nisso, Crenc.

O comandante se virou para ela.

— Não ouviu o que o humano disse? Fissão! Não podemos ter uma fissão no subterrâneo.

— Concordo, mas mesmo assim pode ser um truque.

— A alternativa é terrível demais. Vamos soltá-la e caçá-la. Coloque Atlântida na linha agora. Preciso falar com o diretor da prisão. Ainda é Vinyáya?

Artemis falou baixinho, mas com o tom autoritário que o havia tornado um líder natural desde os 10 anos:

— É tarde demais para libertar Opala. A única coisa que podemos fazer é salvar a vida dela. Foi isso que ela planejou o tempo todo.

— Salvar a vida dela? — questionou Encrenca. — Mas ainda temos... — O comandante Kelp verificou o relógio. — Dez minutos.

Artemis deu um tapinha no ombro de Holly, depois se afastou.

— Se a burocracia do Povo for um pouco parecida com a humana, vocês não conseguirão colocar Opala num lançador a tempo. O que podem fazer é levá-la ao núcleo do reator.

Kelp ainda não havia aprendido, mesmo com as situações mais difíceis, a ficar calado e deixar que Artemis explicasse tudo, então continuou fazendo perguntas, tornando o processo mais lento e desperdiçando segundos valiosos.

— Núcleo do reator? Que núcleo do reator?

Artemis levantou um dedo.

— Mais uma pergunta, comandante, e serei obrigado a pedir que Butler o contenha.

Kelp estava à beira de expulsar Artemis ou acusá-lo de alguma coisa, mas a situação era crítica, e se houvesse alguma forma do humano ajudar...

Apertou os punhos até que os dedos estalaram.

— Certo. Fale.

— A prisão é alimentada por um reator de fissão natural, construído numa camada de minério de urânio que fica sobre um leito de granito semelhante ao de Oklo, no Gabão — explicou Artemis, arrancando os fatos da memória. — A Companhia de Eletricidade do Povo colhe a energia em pequenos casulos engastados no urânio. Esses casulos são construídos com ciência e magia para suportar uma explosão nuclear moderada. Isso é ensinado nas escolas daqui. Todas as criaturas que estão nesta sala sabem disso, correto?

Todo mundo assentiu. Tecnicamente estava correto, já que agora todos sabiam.

— Se pudermos colocar Opala no casulo antes do prazo final, a explosão ao menos será contida, e, teoricamente, se bombearmos espuma antirradiativa suficiente, Opala pode até manter sua integridade física. Contudo, eu não apostaria minha última moeda de ouro *nisso*. Aparentemente, Opala está disposta a correr o risco.

Encrenca ficou tentado a cutucar Artemis no peito, mas, sabiamente, resistiu.

— Está dizendo que tudo isso é um elaborado plano de fuga?

— Claro. E não tão elaborado assim. Opala está obrigando vocês a libertá-la. A alternativa é a destruição absoluta de Atlântida, e de tudo o que vive ali. Algo impensável para todos, menos para a própria Opala.

Potrus já havia aberto as plantas da prisão.

— O núcleo do reator fica a menos de cem metros abaixo da cela de Opala. Estou contatando o diretor agora mesmo.

Holly sabia que Artemis era um gênio e que não havia ninguém mais qualificado para ludibriar sequestradores, mas eles ainda tinham opções.

Olhou para as imagens na tela e ficou gelada ao ver como os gnomos pareciam à vontade diante do que estavam prestes a fazer. Mantinham uma postura despojada como adolescentes, mal olhando para a prisioneira,

presunçosos em sua capacidade. Sequer estavam sem graça com as máscaras de personagens de desenho animado, que liam seus rostos e mostravam suas emoções no estilo exagerado dos desenhos. As máscaras inteligentes eram muito populares entre os frequentadores de karaokês, que podiam tentar ficar parecidos com seus ídolos, além de cantar como eles.

Talvez eles não saibam exatamente o que está em risco, pensou Holly, de repente. Talvez estejam tão perdidos quanto eu estava há dez segundos.

— Eles podem nos ouvir? — perguntou a Potrus.

— Podem, mas ainda não respondemos. Basta apertar o botão.

Essa era apenas uma velha figura de linguagem; claro que não existia um botão de verdade, apenas um sensor na tela *touchscreen*.

— Espere, capitã! — ordenou Encrenca.

— Sou uma negociadora treinada, senhor — disse Holly, esperando que o respeito em sua voz lhe garantisse o que desejava. — E já fui... — Ela lançou um olhar cheio de culpa para Artemis, lamentando ter de jogar esse trunfo. — Já fui refém uma vez, por isso sei como são essas coisas. Deixe-me falar com eles.

Artemis assentiu, encorajando-a, e Holly soube que ele entendia sua tática.

— A capitã Short está certa, comandante — falou. — Holly é uma comunicadora natural. Até consegui me convencer.

— Vá em frente — rosnou Encrenca. — Potrus, continue tentando contato com Atlântida. E reúna o Conselho; precisamos começar a evacuar as duas cidades imediatamente.

Mesmo não sendo possível ver os rostos verdadeiros, a expressão de desenho animado nos gnomos estava entediada. Era a inclinação da cabeça e os joelhos meio dobrados. Talvez a coisa toda não fosse tão empolgante quanto haviam esperado. Afinal de contas, eles não podiam ver a plateia, e ninguém havia respondido às suas ameaças. O que tinha começado como uma ação revolucionária estava

começando a parecer dois gnomos grandalhões pegando no pé de uma duende-diabrete.

Pip balançou sua arma para Kip, e o significado era claro. Por que não atiramos logo nela?

Holly ativou o microfone com um gesto.

— Olá, vocês aí. Aqui é a capitã Holly Short, da LEP. Estão ouvindo?

Os gnomos imediatamente se endireitaram, e Pip até tentou assobiar, mas o que saiu pela caixa de voz foi uma imitação de flatulência.

— Ei, capitã Short. Ouvimos falar de você. Já vi fotos. Você não é de se jogar fora, capitã.

Holly conteve uma resposta cáustica. Jamais force um sequestrador a demonstrar o quanto está decidido.

— Obrigada, Pip. Posso chamá-lo de Pip?

— Você, Holly Short, pode me chamar de qualquer coisa *a qualquer hora* que quiser — guinchou Pip, e estendeu a mão livre na direção do parceiro para um “toca aqui”.

Holly ficou incrédula. Aqueles dois estavam à beira de incapacitar completamente todo o mundo subterrâneo e brincavam com isso como dois goblins numa festa de bolas de fogo.

— Certo, Pip — continuou, em voz calma. — O que podemos fazer por vocês?

Pip balançou a cabeça para Kip, com ar de tristeza.

— Por que as bonitas são sempre as mais burras? — Ele se virou para a câmera. — Você sabe o que pode fazer por nós. Já dissemos. Solte Opala Koboí ou o modelo mais novo vai ter um sono longo. E com isso, quero dizer que vai levar um tiro na cabeça.

— Vocês precisam nos dar um pouco de tempo para demonstrar boa-fé. Qual é, Pip. Mais uma hora? Por mim?

Pip coçou a cabeça com o cano da arma, fingindo pensar.

— Você é bonitinha, Holly, mas não tanto. Se eu lhe der mais uma hora, você vai dar um jeito de me rastrear e jogar uma parada de tempo na minha cabeça. Não, obrigado, capitã. Você tem dez minutos. Se eu fosse você, abriria aquela cela ou chamaria o coveiro.

— Esse tipo de coisa demora, Pip — insistiu Holly, repetindo o nome, forjando uma ligação. — Leva três dias só para pagar uma multa de estacionamento.

Pip deu de ombros.

— O problema não é meu, neném. E pode me chamar de Pip o dia inteiro que isso não vai me tornar seu melhor amigo. Não é o meu nome de verdade.

Artemis desativou o microfone.

— Esse aí é inteligente, Holly. Não brinque com ele, apenas diga a verdade.

Holly assentiu e ligou o microfone.

— Certo, qualquer que seja o seu nome. Deixe-me ser direta. Se atirar na jovem Opala, há uma boa chance de termos uma série de grandes explosões aqui embaixo. Um monte de gente inocente vai morrer.

Pip balançou sua arma despreocupadamente.

— Ah, sim, as leis quânticas. Sabemos disso, não é, Kip?

— Leis quânticas — assentiu Kip. — Claro que sabemos.

— E não se importam em saber que boas criaturas, gnomos que podem ser seus parentes, vão morrer?

Pip levantou as sobrancelhas, de modo que elas se juntaram no topo da máscara.

— Você gosta de alguém da sua família, Kip?

— Não tenho família. Sou órfão.

— Verdade? Eu também.

E enquanto eles zombavam, Opala tremia no chão, tentando falar através da fita adesiva. Mais tarde, Potrus faria uma análise vocal dos murmúrios abafados, se houvesse mais tarde, mas não era necessário um gênio para deduzir que ela estava implorando pela vida.

— Deve haver alguma coisa de que vocês precisam, não é? — perguntou Holly.

— Há uma coisa — respondeu Pip. — Você pode me dar seu código de comunicação? Eu adoraria me conectar para pedir um café com leite sintético quando isso tudo terminar. Pode demorar um tempo, é claro, com a Cidade do Porto em ruínas.

Potrus colocou uma caixa de texto na tela. Dizia: *Estão transportando Opala neste momento.*

Holly piscou rapidamente para mostrar que tinha entendido, depois continuou com a negociação:

— A situação é a seguinte, Pip. Temos nove minutos. Não dá para tirar alguém de Atlântida em nove minutos. Não é possível. Eles precisam colocar as roupas especiais, talvez pressurizar, passar pelos condutos até o mar aberto... Nove minutos não são suficientes.

As reações dramáticas de Pip estavam ficando meio difíceis de suportar.

— Bom, então acho que um monte de gente vai nadar. A fissão pode fazer um tremendo buraco no escudo.

Holly perdeu a paciência.

— Você não se importa com ninguém? Qual é o preço atual do genocídio?

Pip e Kip gargalharam.

— A impotência é um sentimento horrível, não é? — provocou Pip. — Mas há sentimentos piores. O afogamento, por exemplo.

— E ser esmagado por prédios desabando — acrescentou Kip.

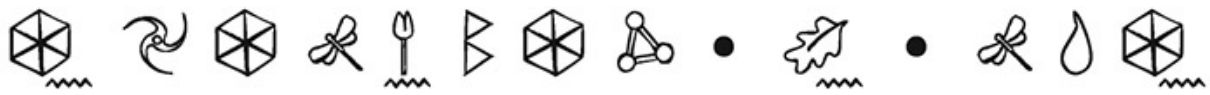
Holly bateu os punhos minúsculos no console.

Esses dois são irritantes demais.

Pip chegou perto da câmera, fazendo com que sua máscara preenchesse a tela.

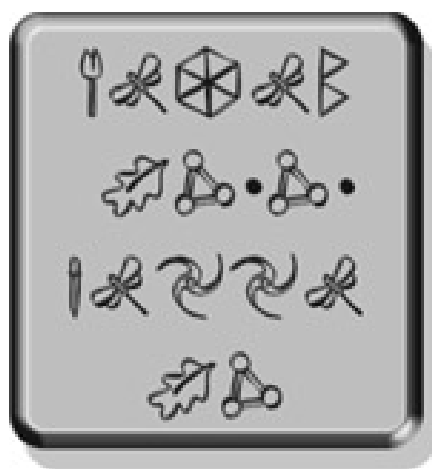
— Se eu não receber uma ligação de Opala nos próximos minutos, dizendo que ela está num lançador a caminho da superfície, vou atirar nessa duende-diabrete. Acredite.

Potrus pousou a cabeça nas mãos.
— Eu adorava Pip e Kip — comentou.



CAPÍTULO 2: MATANDO O PASSADO

PRISÃO DAS PROFUNDEZAS, ATLÂNTIDA.



OPALA Koboï estava fazendo uma tentativa inútil de levitar quando os guardas vieram pegá-la. Era algo que ela podia fazer quando era criança, antes que a opção pela vida de crimes tivesse removido a magia de suas sinapses — as minúsculas junções entre as células nervosas das quais, segundo a maior parte dos especialistas, a magia se originava. Seu poder teria se regenerado se não fosse a glândula pituitária humana que ela havia enxertado brevemente no hipotálamo. A levitação era uma arte complicada, em especial para os duendes-diabretes com poderes limitados, e geralmente só quem alcançava esse estado eram os Monges Ei-Ei do Terceiro Balcão, mas Opala havia conseguido quando ainda usava fraldas, e esse foi o primeiro indício, para seus pais, de que a filha era um pouquinho especial.

Imagine só, pensou. Eu quis ser humana. Esse foi um erro pelo qual vou acabar encontrando alguém para culpar. O centauro Potrus... Ele me levou a isso. Espero

que seja morto na explosão.

Opala deu um risinho, satisfeita. Houve um tempo em que espantava a monotonia da prisão bolando armadilhas mortais cada vez mais elaboradas para seu arqui-inimigo centauro, mas agora estava contente em deixar Potrus morrer com os outros, nas explosões iminentes. Certo, ela havia preparado uma surpresinha para a esposa dele, mas isso era meramente um projeto secundário, e não algo em que investira muito tempo.

Para ver até que ponto cheguei, pensou Opala. Amadureci um bocado. O véu foi removido, e eu vejo meu verdadeiro objetivo.

Houve um tempo em que Opala era simplesmente uma empresária implacável que tinha problemas com o pai, mas, em algum momento durante os anos de experimentações proibidas, ela havia permitido que a magia negra infeccionasse sua alma e deturpasse os desejos de seu coração, até que não bastava mais ser louvada em sua própria cidade. Precisava que o mundo se curvasse, e estava preparada para arriscar tudo e sacrificar todo mundo para realizar seu desejo.

Desta vez será diferente, pois terei guerreiros temíveis subjugados à minha vontade. Soldados antigos que morrerão por mim.

A duende-diabrete clareou a mente e lançou uma sonda, em busca de seu outro eu. Tudo que voltou foi o ruído branco do terror.

Ela sabe, percebeu Opala. Coitadinha.

Esse momento de simpatia por seu eu mais jovem não durou muito, já que a Opala prisioneira tinha aprendido a não viver no passado.

Estou meramente matando uma memória, pensou. Só isso.

E esse era um modo conveniente de ver a coisa.

A porta da cela mudou de fase, passando de sólida para gasosa, e Opala não ficou surpresa ao ver o diretor Tarpon Vinyáya, um burocrata maleável que jamais havia passado uma noite sob a lua, remexendo-se desajeitado junto à soleira, flanqueado por dois guardas-diabretes jumbo.

— Diretor — cumprimentou, abandonando a tentativa de levitar. — Meu perdão chegou?

Tarpon não tinha tempo para amenidades.

— Vamos transferi-la, Kobi. Sem discussão, apenas venha conosco.

Ele fez um gesto para os guardas.

— Preparem-na, rapazes.

Os diabretes-jumbo entraram rapidamente na cela, prendendo os braços de Opala ao lado do corpo sem dizer nada. Eles eram uma raça peculiar de Atlântida, onde a mistura especial de ambiente pressurizado e filtragem baseada em algas fizeram com que surgissem em número cada vez maior com o passar dos anos. O que os diabretes-jumbo ganhavam em tamanho geralmente sacrificavam em cérebro, por isso eram carcereiros ideais, não tendo respeito algum por ninguém que fosse menor do que eles e não assinasse seus contracheques.

Antes que Opala pudesse abrir a boca para fazer uma objeção, os diabretes a haviam embrulhado numa roupa forrada antirradiativa e prendido três cordas elásticas em volta do tronco.

O diretor suspirou como se tivesse esperado que, de algum modo, Opala imobilizasse os guardas. E havia esperado mesmo.

— Bom, bom — disse, enxugando a testa alta com um lenço de cânhamo. — Levem-na para o porão. Não toquem em nenhum tubo, e evitem respirar, se possível.

Os diabretes levantaram a prisioneira, como um tapete enrolado, e saíram rapidamente da cela de Opala, atravessando a ponte estreita que ligava seu casulo de cela à área principal da prisão e entrando no elevador de serviço.

Opala sorriu por trás da pesada gaze de chumbo de seu gorro.

Esse certamente é o dia certo para as Opala Koboï serem manuseadas por garotos valentões.

Lançou um pensamento para seu eu mais jovem, na superfície.

Sinto pena de você, irmã.

O cubo do elevador começou a descer, passando por cem metros de arenito macio até uma pequena câmara composta inteiramente de material hiperdenso coletado da crosta de uma estrela de nêutrons.

Opala supôs que tivessem chegado à câmara e deu um risinho, lembrando-se de um gnomo idiota em sua escola do ensino médio, que havia perguntado do que eram feitas as estrelas de nêutrons.

“De nêutrons, garoto”, dissera rispidamente o professor Leguminoso. “De nêutrons! A pista está no nome.”

Esta câmara era conhecida como o cômodo mais caro por centímetro quadrado em todo o planeta, embora se parecesse um pouco com uma pequena sala de fornalha feita de concreto. Numa extremidade ficava a porta do elevador, na outra, o que pareciam quatro tubos de mísseis, e no meio, um anão extremamente carrancudo.

— Estão brincando comigo, é? — gralhou, com a barriga estufada numa atitude beligerante.

Os diabretes-jumbo largaram Opala no piso cinza.

— Ordens, meu chapa — respondeu um deles. — Ponha ela no tubo.

O anão balançou a cabeça, teimoso.

— Não vou pôr ninguém num tubo. Os tubos são feitos para as hastes.

— Acho que um desses pontos do reator está esgotado — disse o segundo diabrete, com muito orgulho por se lembrar dessa informação —, então o tubo deve de estar vazio.

— Isso pareceu muito bom, Jumbo, a não ser pelo *deve de* no final — disse o anão, cujo nome era Kolin Ozkopia. — Mas, mesmo assim, preciso saber

como as consequências de *não* colocar uma pessoa num tubo são piores do que as consequências de colocar.

Uma frase desse tamanho levaria vários minutos para ser digerida por um diabrete-jumbo; por sorte eles foram poupados do embaraço de ter que dar uma explicação quando o telefone de Kolin tocou.

— Só um segundo — disse ele, verificando o identificador de chamadas. — Oi, aqui é o engenheiro Ozkopia.

Ozkopia ficou ouvindo por bastante tempo, e exclamou alguns *a-hãs* e dois *D'Arvits* antes de guardar o telefone no bolso.

— Uau — disse ele, cutucando a roupa antirradiação com o dedo do pé. — Acho melhor vocês a colocarem no tubo.

DELEGACIA PLAZA, CIDADE DO PORTO, ELEMENTOS DE BAIXO

Pip balançou seu telefone para a câmera.

— Vocês ouviram alguma coisa? Porque eu não ouvi nada. Ninguém está ligando para esse número, e o sinal está ótimo. Cobertura planetária de cem por cento. Diabos, uma vez recebi um telefonema numa nave espacial.

Holly limpou o sensor do microfone.

— Estamos indo o mais rápido possível. Opala Koboi está na área de lançamento agora mesmo, só precisamos de mais dez minutos.

Pip adotou uma voz cantarolada.

*"Nunca minta, pensando que isso é bacana.
Nunca invente lorotas para não ir em cana."*

Potrus se pegou cantarolando junto. Era a música tema de Pip e Kip. Holly o encarou, irritada.

— Desculpe — murmurou ele.

Artemis ficou impaciente com aquela disputa infrutífera.

— Isso é inútil, e francamente embaraçoso. Eles não têm intenção alguma de soltar Opala. Devemos fazer a evacuação agora mesmo, pelo menos para as áreas de lançamento. Elas são construídas para suportar explosões de magma.

Potrus discordou.

— Aqui estamos em segurança, o verdadeiro perigo é em Atlântida. É onde a outra Opala está. Você disse, e eu concordo, que as explosões mais graves, as teóricas, só ocorrem com os seres vivos.

— As explosões teóricas só são teóricas até que a teoria seja provada — contrapôs Artemis. — E com tantas... — Parou no meio da frase, o que era muito incomum para ele, já que detestava tanto gramática ruim quanto maus modos. Seu tom de pele desbotou de pálido para cor de porcelana, enquanto ele batia na própria testa.

— Idiota. Idiota. Potrus, nós dois somos imbecis. Não espero um pensamento lateral de ninguém da LEP, mas você...

Holly reconheceu aquele tom de voz. Tinha-o ouvido em aventuras anteriores, em geral antes que as coisas dessem catastroficamente errado.

— O que é? — perguntou com medo da resposta, a qual, certamente, seria terrível.

— É — concordou Potrus, que sempre tinha tempo para sentir-se insultado. — Por que sou imbecil?

Artemis apontou um indicador em diagonal para baixo e para o sudoeste, aproximadamente na direção de onde tinham vindo, da clínica J. Argônio.

— A cabine de oxigênio embaçou meus sentidos — disse ele. — A clone. Nãoopala. Ela é um ser vivo. Se explodir, a coisa pode ser nuclear.

Potrus acessou o dossiê do clone no site de Argônio, navegando com velocidade ofuscante até os detalhes da paciente.

— Não. Acho que nesse aspecto vamos ficar bem. Opala colheu o próprio DNA antes que a linha temporal se dividisse.

Mesmo assim, Artemis ficou com raiva de si mesmo por ter se esquecido momentaneamente do clone.

— Essa crise levou vários minutos antes de a importância do clone me ocorrer — resmungou. — Se Nãopala tivesse sido criada numa data posterior, meu pensamento vagaroso poderia ter custado vidas.

— Ainda há muitas vidas em risco — alertou Potrus. — Precisamos salvar a maior quantidade possível.

O centauro abriu uma capa de acrílico na parede e apertou o botão vermelho que havia embaixo dela. Instantaneamente, uma série de sirenes começou a uivar por toda a cidade. O som fantasmagórico se espalhou como o choro de mães recebendo a má notícia de seus pesadelos.

Potrus roeu uma unha.

— Não temos tempo para esperar a aprovação do Conselho — disse a Encrenca Kelp. — A maioria das pessoas deve chegar às estações dos lançadores, mas precisamos deixar as equipes de ressuscitação de emergência a postos.

Butler estava muito pouco feliz com a ideia de perder Artemis.

— A morte de ninguém é iminente.

Seu patrão não parecia muito preocupado.

— Bom, tecnicamente, a morte de *todo mundo* é iminente.

— Cala a boca, Artemis! — reagiu Butler com rispidez, o que era uma tremenda falha em sua ética profissional. — Eu prometi à sua mãe que cuidaria de você, e mais uma vez você conseguiu me colocar numa situação em que minha força e minhas habilidades não servem para nada.

— Isso não é justo — protestou Artemis. — Não acho que eu possa ser culpado pela última proeza de Opala.

O rosto de Butler chamejava em pequenas manchas de um vermelho mais forte do que Artemis podia se lembrar de já ter visto.

— Acho que você pode ser culpado sim, e eu o culpo. Nós mal conseguimos nos livrar das consequências de sua última desventura, e cá estamos, afundados até o pescoço em outra.

Artemis parecia mais chocado com essa explosão do que com a situação de *morte iminente*.

— Butler, eu não fazia ideia de que você estava contendo uma frustração tão grande.

O guarda-costas coçou a cabeça raspada.

— Nem eu — admitiu. — Mas nos últimos anos tem sido uma coisa depois da outra. Goblins, viagem no tempo, demônios... Agora esse lugar onde tudo é tão... tão... pequeno. — Respirou fundo, com um tremor. — Certo. Eu disse, está dito. E agora estou bem. Então vamos indo, certo? Qual é o plano?

— Continuem com a evacuação — falou Artemis. — Chega de dar força a esses sequestradores imbecis; eles têm as instruções. Baixem as portas antiexplosão, que devem servir para absorver parte do choque.

— Temos nossas estratégias, humano — rebateu Encrenca Kelp. — Toda a população pode estar nos pontos de reunião em cinco minutos.

Artemis andou de um lado para o outro, pensando.

— Diga ao seu pessoal para jogar as armas nos poços de magma. Deixem para trás tudo que possa ter tecnologia Koboi. Telefones, jogos, tudo.

— Todas as armas Koboi foram retiradas de circulação — disse Holly. — Mas algumas Neutrinos mais antigas podem ter um ou dois chips.

Encrenca Kelp teve a gentileza de parecer se sentir culpado.

— *Algumas* armas Koboi foram retiradas de circulação — confessou. — Cortes de orçamento, sabe como é.

Pip interrompeu os preparativos deles batendo na lente da câmera.

— Ei, pessoal da LEP. Estou envelhecendo aqui. Alguém diga alguma coisa, qualquer coisa. Digam mais mentiras, não nos importamos.

As sobrancelhas de Artemis se franziram e se juntaram. Não apreciava aquela postura presunçosa quando tantas vidas estavam em risco.

— Posso? — perguntou, apontando para o microfone.

Encrenca mal desviou a atenção dos telefonemas de emergência que dava e fez um gesto vago, aberto a interpretações. Artemis optou por interpretá-lo como afirmativo.

Aproximou-se da tela.

— Ouçam, seus vagabundos, aqui é Artemis Fowl. Talvez já tenham ouvido falar de mim.

Pip riu, e sua máscara ecoou a expressão.

— Uuuuh. Artemis Fowl. O menino prodígio. Ouvimos falar, sim, não é, Kip?

Kip assentiu, fazendo uma dancinha.

— Artemis Fowl, o garoto irlandês que caçava duendes. Claro que todo mundo ouviu falar daquele metido a espertinho.

Esses dois são idiotas, pensou Artemis. São idiotas e falam demais, talvez eu possa explorar essa fraqueza.

Tentou um ardil.

— Pensei que tinha dito para vocês lerem suas exigências e não falarem mais nada.

O rosto de Pip era literalmente uma máscara de confusão.

— Você tinha dito?

Artemis endureceu a voz.

— Minhas instruções para vocês, seus idiotas, era ler as exigências, esperar o tempo acabar e depois atirar na duende-diabrete. Não me lembro de ter falado nada sobre trocas de insultos.

A máscara de Pip franziu a testa. *Como Artemis Fowl sabia das instruções deles?*

— Suas instruções? Nós não recebemos ordem de você.

— Ah, é? Então explique como eu sei quais são suas instruções.

O software da máscara de Pip não conseguiu lidar com a rápida mudança de expressões e congelou momentaneamente.

— Eu... Ah... Eu não...

— E diga como eu sabia qual era a frequência exata para me comunicar?

— Você não está na Delegacia Plaza?

— Claro que não, seu imbecil. Estou no ponto de encontro, esperando Opala.

Artemis sentiu o coração acelerar e esperou um segundo para seu consciente alcançar o subconsciente e dizer o que estava reconhecendo na tela.

Algo ao fundo.

Algo familiar.

A parede atrás de Pip e Kip era de um cinza comum. Coberta por um reboco áspero. Um acabamento comum em paredes de fazendas no mundo todo. Havia paredes assim em toda a propriedade Fowl.

Ca-bum.

Lá se foi seu coração de novo.

Artemis concentrou-se na parede. Cinza ardósia, a não ser por uma rede de rachaduras que cobria o reboco.

Uma lembrança surgiu, Artemis com 6 anos de idade caminhando com seu pai pela propriedade. Enquanto passavam pelo celeiro no pasto de cima, o jovem Artemis apontou para a parede e comentou: “Está vendo, papai? As rachaduras formam o mapa da Croácia, que já foi parte dos impérios romano, otomano e austro-habsburgo. O senhor sabia que a Croácia declarou independência da Iugoslávia em 1991?”

Ali estava. Na parede atrás de Pip e Kip. Um mapa da Croácia, embora o Artemis de 15 anos visse agora que o litoral da Dalmácia estava truncado.

Eles estão na propriedade Fowl, percebeu.

Por quê?

Algo que o doutor Argônio dissera veio à tona.

Porque a magia residual que existe lá é fora dos padrões. Já aconteceu alguma coisa na propriedade Fowl. Alguma coisa gigantesca, em termos de magia.

Artemis decidiu agir a partir de sua intuição.

— Estou na mansão Fowl, esperando Opala — disse.

— Você também está na mansão Fowl? — deixou escapar Kip, fazendo Pip se virar rapidamente e dar um tiro no coração do amigo. O gnomo foi lançado para trás contra a parede, soltando nuvens de poeira do mapa. Um filete de sangue escorria do buraco no peito, pulsando gentilmente pela armadura peitoral, tão ordinariamente quanto um fio de tinta escorrendo por um vidro. Seu rosto de gato de desenho animado pareceu comicamente surpreso e, quando o calor do rosto sumiu, os pixels se desligaram, deixando um ponto de interrogação amarelo.

A morte súbita chocou Artemis, mas a frase anterior o havia chocado ainda mais.

Ele estivera certo nos dois sentidos: não somente Opala estava por trás daquilo como o ponto de encontro era a mansão Fowl.

Por quê? O que havia acontecido lá?

Pip gritou para a tela:

— Viu o que você fez, humano? Se é que você *é* humano. Se é que você *é* Artemis Fowl. Não importa o que sabe; é tarde demais.

Pip apertou o cano ainda fumegante contra a cabeça de Opala, e ela se afastou bruscamente quando o metal queimou sua pele, implorando através da fita sobre a boca. Estava claro que Pip queria puxar o gatilho, mas não podia.

Ele tem instruções, pensou Artemis. Precisa esperar até que o tempo estabelecido acabe. Caso contrário, não pode ter certeza de que Opala está segura no reator nuclear.

Artemis desativou o microfone e estava indo em direção à porta quando Holly segurou seu braço.

— Não há tempo — alertou, adivinhando corretamente que ele ia para casa.

— Preciso tentar salvar minha família do próximo estágio do plano de Opala — disse, com voz tensa. — Faltam cinco minutos. Se eu conseguir

chegar a uma abertura de magma, poderemos estar na superfície antes das explosões.

O comandante Kelp avaliou rapidamente as opções. Podia ordenar que Artemis ficasse no subsolo, mas sem dúvida seria estrategicamente vantajoso ter alguém para rastrear Opala Koboï caso, de algum modo, ela escapasse de Atlântida.

— Vá — disse ele. — A capitã Short vai levar você e Butler à superfície. Mantenham contato se...

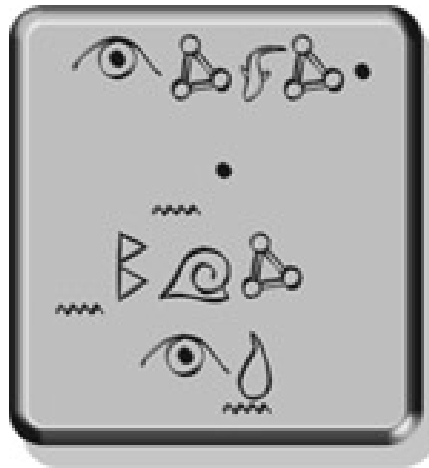
Ele não terminou a frase, mas todo mundo na sala pôde adivinhar o que o comandante ia dizer.

Mantenham contato se... houver qualquer coisa a qual contatar.



CAPÍTULO 3: FOGO E ENXOFRE

PRISÃO DAS PROFUNDEZAS, ATLÂNTIDA



OPALA não gostou de ser empurrada para as profundezas do tubo com uma vara de ponta achatada, mas assim que estava dentro da crosta de nêutron sentiu-se aninhada, acolchoada por uma camada fofa de espuma antirradiação.

Estou como uma lagarta numa crisálida, pensou, só um pouquinho incomodada pelo material áspero da roupa antirradiativa. Estou prestes a me transformar na divindade. Prestes a chegar ao meu destino. Curvem-se, criaturas, ou suportem vossa própria cegueira.

Então pensou: *Suportem vossa própria cegueira? Será que peguei pesado?*

Lá no fundo, havia uma pequenina dúvida na cabeça de Opala, a respeito de ela ter, na verdade, cometido um erro terrível ao pôr esse plano em ação. Era sua manobra mais radical de todos os tempos, e milhares de criaturas do subsolo e humanos morreriam. Pior ainda, ela própria poderia deixar de existir ou se transformar em algum tipo de mutante temporal. Mas Opala enfrentava

essas preocupações simplesmente se recusando a pensar nelas. Era infantilidade, sabia, mas estava noventa por cento convencida de que tinha o destino cósmico de ser o primeiro Ser Quântico.

A alternativa era incômoda demais para ser encarada por muito tempo: ela, Opala Koboi, seria obrigada a passar os dias como uma prisioneira comum na Prisão das Profundezas, um objeto de chacota e desprezo. Assunto de narrativas de moralidade e trabalhos escolares. Um chimpanzé num zoológico para as criaturas de Atlântida espiarem com olhos arregalados. Matar todo mundo, ou até mesmo morrer, seria infinitamente preferível. Não que ela fosse morrer. O tubo conteria sua energia e, com concentração suficiente, ela se tornaria uma versão nuclear de si mesma.

Sinto o destino em minhas mãos. A qualquer minuto.

CIDADE DO PORTO

Artemis, Butler e Holly pegaram o elevador expresso para a estação de lançadores da própria Delegacia Plaza. A estação era ligada a um tubo de magma vindo do centro da terra que fornecia boa parte da energia da cidade através de hastes termais. Artemis não falava com os outros; simplesmente murmurava sozinho e batucava com os nós dos dedos na parede de aço do elevador. Holly ficou aliviada ao descobrir que não havia um padrão nas batidas, a não ser, claro, que este fosse complicado demais para ela perceber. Não seria a primeira vez que o processo mental de Artemis estaria fora do seu alcance.

O elevador era grande para os padrões da LEP, e tinha espaço suficiente para Butler ficar de pé, mas mesmo assim ele batia o cocuruto na parede da cápsula sempre que acertavam um calombo no tubo.

Por fim, Artemis falou:

— Se conseguirmos entrar no lançador antes do prazo final, teremos uma verdadeira chance de chegar aos tubos de magma.

Artemis usou a expressão *prazo final*, mas seus companheiros sabiam que ele queria dizer *assassinato*. Pip atiraria em Opala quando chegasse o momento; agora nenhum deles duvidava disso. Então, quaisquer que fossem as consequências do assassinato se desdobrariam, e a melhor chance de sobrevivência estava no interior de um veículo de titânio construído para sobreviver à imersão total numa chaminé de magma.

O elevador parou sibilando sobre os pistões pneumáticos, e a porta se abriu, deixando entrar os sons variados de uma balbúrdia completa. A estação de lançadores estava atulhada de criaturas frenéticas lutando para passar pelas barreiras de segurança, ignorando os protocolos usuais de raios X e pulando por cima das cancelas e catracas. Diabretes voavam numa altura ilegal, baixa demais, com as asas raspando os tubos das lâmpadas. Gnomos se amontoavam em formações de esmagobol, tentando abrir caminho através da tropa de choque da LEP.

— As pessoas estão esquecendo os treinamentos — murmurou Holly. — Esse pânico não vai ajudar ninguém.

Artemis olhou desanimado para a confusão. Tinha visto algo assim certa vez no aeroporto JFK, quando o astro de um reality show havia aparecido no portão de desembarque.

— Não vamos conseguir passar. Não sem machucar pessoas.

Butler pegou os colegas e jogou um sobre cada ombro.

— O diabo que não vamos — disse, infiltrando-se decididamente na multidão.

A atitude de Pip havia mudado desde que atirara no colega. Não jogava mais conversa fora nem fazia pose; agora estava seguindo as instruções ao pé da letra: esperar até o alarme do telefone tocar, depois atirar na duende-diabrete.

Aquele tal de Fowl... Aquilo era um blefe, certo? Ele não pode fazer nada agora. Provavelmente nem era o Fowl.

Pip decidiu que jamais iria revelar o que havia acontecido ali. O silêncio equivalia à segurança. As palavras só iriam se emendar em cordas para enforcá-lo.

Ela não precisaria saber.

Mas Pip sabia que ela olharia em seus olhos e já entenderia tudo. Por um segundo pensou em fugir, apenas se desembaraçar daquele plano tortuoso e ser um simples gnomo outra vez.

Não posso. Ela me encontraria. Iria me achar e fazer coisas terríveis comigo. E, por algum motivo, não desejo me livrar dela.

Não havia nada a fazer, além de seguir as ordens que ainda não tivesse desobedecido.

Talvez, se eu a matar, ela me perdoe.

Pip engatilhou a arma e a encostou na nuca de Opala.

ATLÂNTIDA

Dentro do reator, a cabeça de Opala estava zumbindo de empolgação. Aconteceria em breve. Dali a pouco. Estivera contando os segundos, mas a descida turbulenta do elevador a havia desorientado.

Estou pronta, pensou. Pronta para o próximo passo.

Puxe!, transmitiu, sabendo que seu eu mais jovem ouviria o pensamento e entraria em pânico. *Puxe o gatilho.*

DELEGACIA PLAZA

Potrus sentiu o topete cair sob o peso do suor e tentou se lembrar de como havia sido sua despedida de Cavaline naquela manhã.

Acho que falei que a amo. Sempre falo. Mas será que falei hoje cedo? Falei?

Isso parecia muito importante para ele.

Cavaline está no subúrbio. Vai ficar fora de perigo. Ótimo.

O centauro não acreditava em seus próprios pensamentos. Se Opala estava por trás disso, haveria reviravoltas complexas a serem reveladas no plano.

Opala Koboï não faz planos; ela escreve óperas.

Pela primeira vez na vida, Potrus ficou horrorizado ao se pegar pensando que outra pessoa poderia ser só um pouquinho mais inteligente do que ele.

ESTAÇÃO DE LANÇAMENTO DA DELEGACIA PLAZA

Butler atravessava a multidão, pisando com cuidado. Sua aparição na estação só serviu para aumentar o nível de pânico, mas isso já não poderia mais ser evitado. Algumas criaturas teriam que suportar desconfortos temporários, se isso significasse que eles chegariam a tempo ao veículo. Elfos se espalhavam em volta de seus joelhos como cardumes de peixes limpadores, vários cutucando-o com cassetetes elétricos e dois espirrando spray de feromônios repelentes, o qual, para sua grande irritação, Butler descobriu que faziam suas narinas encolher.

Quando chegaram à catraca de segurança, o guarda-costas gigantesco simplesmente passou por cima, deixando a maioria da população apavorada juntar-se do lado oposto. Butler teve a presença de espírito de baixar Holly na frente do scanner de retina, de modo que pudessem passar sem ativar as medidas de segurança do terminal.

Holly gritou para um duende que reconheceu à mesa da segurança.

— Chix. Nosso tubo está aberto?

Chix Verbil já fora parceiro de Holly numa tocaia, e só estava vivo porque ela havia arrastado seu corpo ferido para longe do perigo.

— Ah... sim. O comandante Kelp disse para a gente abrir um buraco. Você está bem, capitã?

Holly desceu do ombro de Butler, que parecia uma prateleira, e pousou sobre os saltos das botas, soltando fagulhas.

— Estou bem.

— É um meio de transporte incomum — comentou Chix, nervoso, pairando a um metro do solo, com o reflexo tremeluzindo no aço polido abaixo como se fosse um duende preso em outra dimensão.

— Não se preocupe, Chix — disse Holly, dando um tapinha na coxa de Butler. — Ele é mansinho. A não ser que sinta cheiro de medo.

Butler farejou o ar como se houvesse um leve odor de terror.

Chix subiu alguns centímetros, as asas como um borrão de beija-flor, e bateu no v-clado do computador de pulso com os dedos suados.

— Certo. Podem ir. A equipe de terra verificou todo o equipamento de sobrevivência, e já que estávamos com a mão na massa, colocamos um cubo de plasma novo, então vocês têm combustível para algumas décadas. As portas antiexplosão vão baixar em menos de dois minutos; se eu fosse você, iria logo e levaria esses dois Homens da Lama... isto é... humanos... junto.

Butler decidiu que seria mais rápido manter Artemis empoleirado no ombro até chegarem no lançador, já que ele provavelmente tropeçaria num anão, em sua pressa. Partiu a passos rápidos pelo tubo de metal que ligava o balcão de despacho à plataforma.

Potrus tinha conseguido aprovar um pedido de reforma para a estação, de modo que Butler conseguisse passar pela porta com o queixo abaixado. O lançador propriamente dito era um veículo *off-road* confiscado de um contrabandista de atum pela Divisão de Bens Criminosos. A fileira de bancos do meio fora removida para que o guarda-costas pudesse se esticar na parte de

trás. Viajar na picape era a parte favorita de Butler em suas visitas ao mundo subterrâneo.

“Off-road!” bufara Potrus. “Como se houvesse qualquer lugar na Cidade do Porto sem pavimentação. Essas porcarias não passam de símbolos de status que bebem plasma demais.”

O que não o impedira de ordenar com entusiasmo uma recauchutagem para que o veículo parecesse um *Humvee* americano e pudesse acomodar dois humanos na parte de trás. E como Artemis era um desses humanos, Potrus não pôde deixar de se mostrar um pouco, colocando mais acessórios no espaço confinado do que seriam encontrados numa sonda marciana: bancos de gel, trinta e dois alto-falantes, HDTV 3D; e, para Holly, oxiacelerador e um cortador a laser no enfeite do capô, que tinha a forma de um diabrete tocando uma corneta comprida. Por isso, o lançador era chamado de *Cupido de Prata*. Era um nome um tanto romântico para o gosto de Artemis, por isso Holly o utilizava o mínimo possível.

O veículo detectou a proximidade de Holly e mandou uma mensagem ao seu computador de pulso perguntando se deveria abrir a porta e ligar automaticamente. Holly confirmou no mesmo instante, e as portas em forma de asas de morcego subiram suavemente bem a tempo de Butler descarregar Artemis do ombro como um saco de gatinhos e colocá-lo no banco de trás. Holly ocupou o único assento da frente, no focinho do veículo atarracado, e engatou-o no trilho de posicionamento antes mesmo que as portas tivessem trancado.

Artemis e Butler se recostaram e permitiram que as travas de segurança baixassem sobre seus ombros, apertando-se confortavelmente nos rolamentos sensíveis à tensão.

Os dedos de Artemis repuxaram o tecido da calça nos joelhos. O veículo avançava pelo trilho de posicionamento numa lentidão enlouquecedora. No final do túnel de rocha forrado de metal, eles podiam ver o tubo, um semicírculo reluzente, bocejando como o portão do inferno.

— Holly — disse ele, entredentes. — Por favor, acelere um pouco.

Holly tirou as mãos enluvadas do volante.

— Ainda estamos no trilho de posicionamento, Artemis. É tudo automático.

O rosto de Potrus apareceu na tela do para-brisa.

— Desculpe, Artemis — pediu. — De verdade. Acabou o tempo.

— Não! — gritou Artemis, fazendo força contra o cinto. — Restam quinze segundos. No mínimo doze.

Os olhos de Potrus baixaram para os controles à sua frente.

— Precisamos fechar as portas para garantir que todo mundo dentro dos túneis antiexplosão sobreviva. Sinto muito mesmo, Artemis.

O veículo estremeceu e parou quando a eletricidade do trilho foi cortada.

— Nós podemos chegar a tempo — insistiu o garoto, a voz quase num chiado de pânico.

Adiante, a boca do inferno começou a se fechar, enquanto as gigantescas engrenagens forjadas por anões faziam as portas com um metro de espessura baixarem sobre a abertura.

Artemis agarrou o ombro de Holly.

— Holly? Por favor?

Holly revirou os olhos e passou o controle para manual.

— D'Arvit — praguejou, e apertou o acelerador até o fundo.

O veículo saltou para a frente, libertando-se do trilho guia, fazendo disparar luzes giratórias e sirenes de alerta.

Na tela, Potrus coçou as pálpebras com os indicadores.

— É, claro! Lá vamos nós. A capitã Short desobedece as ordens de novo. Levante a mão quem estiver surpreso. Alguém?

Holly tentou ignorar o centauro e se concentrar em espremer o lançador pela abertura cada vez menor.

Geralmente eu faço esse tipo de estripulia no final de uma aventura, pensou. No clímax do terceiro ato. Desta vez estamos começando cedo.

O lançador raspou o piso do túnel, e a fricção provocou dois arcos de fagulhas que ricochetearam nas paredes. Holly pôs os óculos de controle e ajustou automaticamente sua visão para o curioso foco duplo, necessário para enviar comandos aos sensores das lentes através de piscadelas e ao mesmo tempo enxergar o que estava adiante.

— Por pouco — disse. — Vai ser por pouco. — E então, antes de perderem a conexão: — Boa sorte, Potrus. Fique em segurança.

O centauro bateu com dois dedos em sua tela.

— Boa sorte para todos nós.

Holly ganhou mais alguns centímetros desinflando as almofadas de suspensão do *Cupido*, e a picape se abaixou sob as portas que desciam, penetrando na chaminé natural com meio segundo de folga. Abaixo, o núcleo da terra cuspiu colunas de magma com dez quilômetros de largura, criando ferozes correntes em ascensão que acertaram a parte de baixo do pequeno lançador e o mandaram espiralando para a superfície.

Holly ajustou os estabilizadores e permitiu que o apoio de cabeça aninhasse seu pescoço e o crânio.

— Segurem-se — disse. — A viagem vai ser agitada.

Pip deu um pulo quando o alarme soou em seu telefone, como se ele não estivesse esperando por aquilo, como se não estivesse contando os segundos. Mesmo assim pareceu surpreso, agora que o momento finalmente havia chegado. Atirar em Kip havia esgotado sua presunção, e sua linguagem corporal era nitidamente a de um assassino relutante.

Tentou recuperar parte do antigo espírito arrogante balançando um pouco a arma e rindo para a câmera, mas é difícil representar o assassinato de uma duende-diabrete com cara de criança como se fosse outra coisa.

— Eu avisei — falou para a câmara. — A culpa é de vocês, não minha. Na Delegacia Plaza, o comandante Kelp ativou o microfone.

— Vou encontrá-lo — rosnou. — Nem que demore mil anos, vou encontrá-lo e mandá-lo para a prisão perpétua.

Isso pareceu animar Pip um pouquinho.

— Você? Me encontrar? Desculpe se isso não me preocupa, oficial, mas conheço uma pessoa que me amedronta muito mais do que você.

E sem mais discussão, atirou na cabeça de Opala, apenas uma vez.

A duende-diabrete tombou para a frente, como se tivesse sido acertada por uma pá. O impacto da bala jogou-a no chão com certa força, mas quase não houve sangue, a não ser por um pequeno filete saindo do ouvido, quase como se a jovem Opala tivesse caído da bicicleta no pátio da escola.

Na Delegacia Plaza, o centro de operações, que geralmente era tumultuado, ficou em silêncio, enquanto toda a força policial esperava as repercussões do assassinato que tinham acabado de testemunhar. Que teoria quântica se provaria correta? Talvez nada acontecesse, a não ser a morte da criaturinha.

— Certo — disse Encrenca Kelp, depois de um longo instante cheio de densidade. — Ainda estamos operando. Quanto tempo antes de sairmos do covil do troll?

Potrus estava prestes a fazer alguns cálculos no computador quando a tela de parede se despedaçou espontaneamente, soltando um gás verde na sala.

— Agarrem-se a alguma coisa — avisou. — O caos está chegando.

ATLÂNTIDA

Opala Koboí sentiu-se morrer, e foi uma sensação curiosa, como mordidas ansiosas nas entranhas.

Então essa é a sensação do trauma, pensou. Tenho certeza de que vou superar.

O enjoo azedo foi logo substituído por uma empolgação borbulhante, enquanto ela desfrutava a ideia daquilo que iria se tornar.

Finalmente estou me transformando. Emergindo da minha crisálida como a criatura mais poderosa do planeta. Nada ficará no meu caminho.

Isso tudo era muito melodramático, mas Opala decidiu que, naquelas circunstâncias, aquele que viria a ser seu biógrafo entenderia.

Jamais ocorreu à duende-diabrete que sua teoria do paradoxo do tempo poderia simplesmente estar errada, e que ela poderia ser deixada num buraco num reator nuclear, tendo matado sua única aliada verdadeira.

Sinto uma comichão, pensou. Está começando.

A comichão virou uma desconfortável sensação de ardência na base do crânio que se espalhou rapidamente apertando toda a cabeça num ataque feroz. Opala não conseguia mais alimentar pensamentos de futuras conquistas enquanto todo o seu ser se transformava subitamente em medo e dor.

Cometi um erro, pensou, desesperadamente. Nenhum prêmio vale mais um segundo disso.

Sacudiu-se dentro da roupa antirradiação, lutando contra a contenção macia da espuma que atrapalhava seus movimentos. A dor se espalhou pelo sistema nervoso, aumentando a intensidade do meramente insuportável para o inimaginável. Qualquer fiapo de sanidade que lhe restava se partiu como as amarras de uma ponte num furacão.

Opala sentiu sua magia retornar, dominando a dor no que restava de suas terminações nervosas. A criatura louca e vingativa lutou para conter a própria energia e não ser absolutamente destruída por seu poder, que era liberado naquele exato momento, enquanto elétrons mudavam de órbita e núcleos se partiam espontaneamente. Seu corpo mudou de fase para uma energia pura e dourada, vaporizando a roupa antirradiação e abrindo trilhas através da espuma que se dissolvia, ricocheteando nas paredes da câmara de nêutrons e voltando para a consciência despedaçada de Opala.

Agora, pensou. Agora começa a ruptura, enquanto eu me refaço à minha própria imagem. Sou meu próprio deus.

E, tendo apenas o poder da mente, Opala se reestruturou. A aparência permaneceu a mesma, porque ela era vaidosa e se acreditava perfeita. Mas abriu e expandiu a mente, permitindo que novos poderes cobrissem as pontes entre as células nervosas. Concentrando-se nos antigos mantras das artes negras, para que sua nova magia pudesse ser utilizada para trazer os soldados de seu local de descanso. Um poder desses era demais para um corpo só, e ela deveria reduzi-lo assim que escapasse, caso contrário seus átomos seriam destruídos e varridos como vaga-lumes levados pelo vento.

As unhas são difíceis de refazer, pensou. Talvez eu tenha de sacrificar as unhas das mãos e dos pés.

Os desdobramentos do assassinato da jovem Opala no canto de uma plantação foram mais amplos do que até mesmo Artemis poderia imaginar, embora, na verdade, *imaginar* fosse o verbo errado, já que Artemis Fowl não tinha o hábito de imaginar nada. Mesmo quando pequeno, jamais havia alimentado devaneios de partir a cavalo para lutar contra dragões. O que Artemis preferia era visualizar um objetivo alcançável e depois trabalhar para realizá-lo.

Sua mãe, Angeline, uma vez havia espiado por cima do ombro do filho de oito anos, que desenhava em seu diário.

“Ah, querido, que maravilhoso!” exclamou ela, deliciada porque seu menino finalmente havia demonstrado algum interesse pela criatividade artística, ainda que a imagem parecesse um tanto violenta. “É um robô gigante destruindo uma cidade.”

“Não, mãe”, suspirou Artemis, sempre o dramático gênio incompreendido. “É um androide construtor montando um habitat lunar.”

Angeline desgrenhou o cabelo do filho, vingando-se pelo suspiro e imaginando se o pequeno Arty precisaria conversar com algum profissional.

Artemis havia considerado a ampla devastação causada pela energia espontânea que explodiria de qualquer material relacionado com Opala, mas nem mesmo ele sabia que níveis de saturação os produtos Koboï haviam alcançado nos últimos anos antes que ela fosse presa. As Indústrias Koboï tinham muitas empresas legítimas que fabricavam de tudo, desde componentes de armas até equipamento médico, mas ela também possuía várias empresas fantasmas que estendiam ilegalmente sua influência ao mundo humano e até mesmo ao espaço, e os efeitos dessas dezenas de milhares de componentes explodindo iam desde o inconveniente até o absolutamente catastrófico.

No depósito da LEP, duzentas armas variadas, programadas para serem recicladas na semana seguinte, desfizeram-se como barras de chocolate derretendo, depois irradiaram uma luz dourada ardente, que fritou todos os sistemas de circuitos fechados no local antes de explodirem com o poder de cem barras de Semtex. A fissão não foi alcançada, mas ainda assim o dano era substancial. O armazém foi essencialmente vaporizado, e vários pilares de suporte no subsolo da cidade foram derrubados como brinquedos de montar.

O Centro da Cidade do Porto desmoronou, deixando um milhão de toneladas da crosta da Terra cair em cima da capital, rompendo o lacre de pressão e aumentando a leitura de atmosferas em quase mil por cento. Qualquer coisa que estivesse abaixo da rocha que caíra foi esmagada imediatamente. Houve 87 fatalidades, e as propriedades foram totalmente danificadas.

O porão da Delegacia Plaza também desmoronou, fazendo com que os três andares de baixo afundassem. Felizmente, os andares de cima eram aparafusados no teto da caverna, que se manteve firme e salvou a vida de muitos policiais que haviam decidido permanecer em seus postos.

Sessenta e três por cento dos automóveis das criaturas tinham pistões Koboï nos motores, que explodiram simultaneamente, provocando uma incrível cambalhota sincronizada de veículos, parte da qual foi capturada pela câmera de uma

garagem, a qual, de algum modo, havia sobrevivido à compressão, e no futuro seria o vídeo mais assistido na Rede Subterrânea.

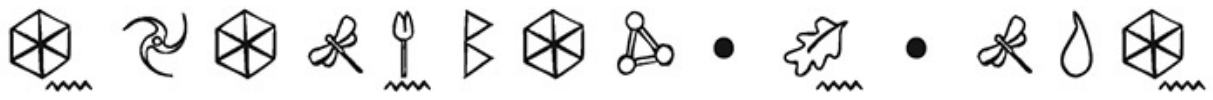
Durante anos, os laboratórios fantasmas Koboï vinham vendendo tecnologia obsoleta das criaturas a empresas humanas, já que, para os acionistas, ela pareceria ser de ponta. Aqueles pequenos chips maravilhosos e seus descendentes haviam chegado a quase todos os instrumentos de informática construídos nos últimos anos. Os chips dentro de laptops, celulares, televisores e torradeiras estouraram e pipocaram como bilhas carregadas cineticamente dentro de latas. Oitenta por cento da comunicação eletrônica no planeta Terra cessaram imediatamente. A humanidade foi lançada de volta à idade do papel em meio segundo.

Os equipamentos hospitalares cuspiram raios de energia e morreram. Manuscritos preciosos se perderam. Bancos entraram em colapso enquanto todos os registros financeiros dos últimos cinquenta anos eram apagados completamente. Aviões caíram, a estação espacial Graum II deslizou para o espaço e satélites de defesa que supostamente não existiam pararam de existir.

As pessoas foram para as ruas, gritando em seus celulares mortos como se o volume pudesse reativá-los. Saqueadores se espalharam pelos países como um vírus de computador, enquanto os vírus de computador de verdade morriam junto com seus hospedeiros, e os cartões de crédito viravam meros retângulos de plástico. Os parlamentos foram invadidos em todo o mundo, enquanto os cidadãos culpavam os governos por essa série de catástrofes inexplicáveis.

Jorros de fogo e enxofre de verdade emergiram de rachaduras na terra. Isso resultava principalmente de tubos rompidos, mas as pessoas começaram a gritar que era o Armagedom. O caos reinou, e as pessoas que vinham se preparando para catástrofes apocalípticas desembulharam ansiosamente seus arcos e flechas.

A fase um do plano de Opala estava completa.



CAPÍTULO 4: ◊ ΕΠΓΕΠΗΕΙΡΟ ◊ ΟΖΚΟΡΙΑ ΔÁ A PALAVRA FÍNAL



PARA sorte da capitã Holly Short e dos passageiros do *Cupido de Prata*, Potrus era tão paranoico com relação a Opala, e tão vaidoso de suas próprias invenções, que insistiu que nenhuma peça que não tivesse a marca da Potrus-tech fosse usada na reforma do lançador, chegando ao ponto de arrancar qualquer componente Koboï ou genérico que não pudesse ser rastreado a uma empresa fabricante. No entanto, mesmo com toda a paranoia, Potrus deixou passar um pedacinho de massa plástica no para-choque traseiro que continha um adesivo Plastikiller, desenvolvido pelos laboratórios Koboï. Felizmente, quando o adesivo chiou e estourou, pegou o caminho de menor resistência e voou para longe da nave como um feroz enxame de abelhas. Nenhum sistema operacional foi afetado, mas havia um arranhado visível na pintura do aerofólio, o que todo mundo no lançador certamente acharia preferível a estar morto.

O veículo subia rapidamente pelas correntes térmicas, levado como uma semente de dente-de-leão pelo Grand Canyon — se você aceitar que existam dentes-de-leão no Grand Canyon apesar das condições áridas. Holly guiou-o para o centro da enorme chaminé, embora houvesse pouca chance de baterem numa parede na ausência de uma explosão de magma total. Artemis chamou-a do banco de trás, mas ela não pôde ouvir por causa do rugido de vento do núcleo.

Fones, disse ela, sem som, batendo nos fones de ouvido de seu capacete.

— Ponha seus fones de ouvido.

Artemis puxou um volumoso par de fones de uma presilha no teto e ajustou-os aos ouvidos.

— Você recebeu de Potrus algum relatório preliminar de danos? — perguntou ele.

Holly verificou as comunicações.

— Nada. Tudo está fora do ar. Não recebo nem estática.

— Muito bem, eu vejo a situação do seguinte modo: como nossas comunicações estão fora do ar, presumo que o assassinato da jovem Opala tenha lançado o caos sobre todo o planeta. Haverá confusão numa escala que não é vista desde a última guerra mundial. Sem dúvida alguma, nossa Opala planeja emergir das cinzas dessa fogueira global como alguma espécie de fênix-diabrete. Como ela pretende fazer isso eu não sei, mas há alguma conexão com a minha casa, a Propriedade Fowl, então é para lá que devemos ir. Quanto tempo vai demorar a viagem, Holly?

Holly avaliou o que havia embaixo do capô.

— Posso fazer em quinze minutos a menos do que o normal, mas mesmo assim serão umas duas horas.

Duas horas, pensou Artemis. *Cento e vinte minutos para maquinar uma estratégia para nós três derrubarmos qualquer coisa que Opala tenha planejado.*

Butler ajustou seu microfone.

— Artemis, sei que você já pensou nisso, porque eu pensei.

— Prevejo, velho amigo — sugeriu Artemis —, que você vai observar que estamos indo exatamente para o local onde Opala é mais forte.

— Exato, Artemis — confirmou o guarda-costas. — Ou, como costumávamos dizer na Força Delta: estamos correndo às cegas para a caixa da morte.

O queixo de Artemis caiu. *Caixa da morte?*

Holly lançou um olhar sinistro para Butler. *Muito bem-colocado, grandão. A família de Artemis mora naquela caixa da morte.*

Ela flexionou os dedos, depois apertou-os com força em volta dos controles.

— Talvez eu consiga baixar vinte minutos do tempo normal — disse, e pôs os sensores do lançador para procurar as termas mais fortes, que os levassem na direção de qualquer loucura que Opala Koboï tivesse orquestrado para o mundo.

ATLÂNTIDA

Opala levou alguns instantes se parabenizando por estar mais uma vez absolutamente correta em suas teorias, depois ficou absolutamente imóvel para ver se podia sentir o pânico escorrendo de cima.

Estou sentindo alguma coisa, concluiu Opala. Definitivamente há uma onda geral de medo, com um leve toque de desolação.

Seria bom simplesmente ficar deitada um tempo e gerar energia, mas, com tanta coisa a fazer, isso seria um desperdício.

Trabalho, trabalho, trabalho, pensou, virando o rosto para a boca do túnel. *Preciso ir.*

Com apenas um piscar da mente, Opala emitiu uma coroa de luz e calor intensos, rasgando a espuma antirradiação solidificada que a envolvia, e levitou até a escotilha do tubo, a qual a atrapalhou apenas um pouquinho mais do que

a espuma. Afinal de contas, agora tinha o poder de mudar a estrutura molecular de qualquer coisa em que se concentrasse.

O poder já está diminuindo, percebeu. Estou vazando magia, e meu corpo logo vai começar a se desintegrar.

Havia um anão na câmara do outro lado da escotilha derretida, parecendo tremendamente imperturbável com as maravilhas diante dele.

— Hoje é Dia de Fronde — proclamou Kolin Ozkopia, projetando o queixo. — Eu adoraria não ter toda essa maluquice num Dia de Fronde. Primeiro, perco o sinal do meu telefone, por isso não tenho ideia de quem está ganhando o maldito jogo de esmagobol, e agora uma duende-diabrete dourada está flutuando na minha sala. Então diga, por favor, senhora duende-diabrete, o que está acontecendo? E cadê suas unhas?

Opala ficou pasma ao perceber que se sentia compelida a responder.

— As unhas são difíceis, anão. Eu estava preparada para abrir mão das unhas para poupar tempo.

— É, faz muito sentido — concordou Ozkopia, demonstrando uma falta de espanto grande demais para o gosto de Opala. — Quer saber o que é difícil? Ficar aqui sendo agredido pela sua aura, é isso aí. Eu deveria estar coberto com filtro solar fator mil.

Para ser justo, Ozkopia não estava sendo psicoticamente blasé com essa coisa toda. Na verdade se encontrava em choque, e tinha uma boa noção de quem era Opala e que provavelmente estaria morto em alguns minutos, por isso tentava bancar o valente.

A testa dourada de Opala se franziu em um conjunto de rugas que parecia lava congelada.

— Você, anão, deveria se sentir honrado por a última imagem gravada em suas retinas desprezíveis ser a da minha gloriosa... glória.

Opala não ficou totalmente feliz com o final da frase, mas o anão estaria morto num instante, e a construção ruim da sentença seria esquecida. Ozkopia não ficou totalmente feliz com o fato de Opala insultar suas retinas.

— Retinas desprezíveis! — cuspiu. — Meu pai me deu essas retinas... não que ele as tenha arrancado diretamente da própria cabeça, você sabe, mas ele as passou adiante. — Para seu eterno crédito cósmico, Ozkopia decidiu partir com algum estilo. — E, já que estamos insultando um ao outro, sempre achei que você fosse mais alta. Além disso, seus quadris estão bambos.

Opala se eriçou, com raiva, o que fez sua coroa radiativa se expandir num raio de dez metros, atomizando qualquer coisa que estivesse dentro da esfera, inclusive Kolin Ozkopia. Mas mesmo que o anão tivesse partido desta para a melhor, a ferroada de seus últimos comentários viveria para sempre na gaveta de assuntos mal resolvidos da mente de Opala. Se havia uma falha que ela admitiria ter, era a tendência de dar fim bruscamente aos que a ofendiam, tirando-os de circulação, por assim dizer.

Não devo deixar que esse anão me derrube, falou para si mesma, ascendendo com velocidade ofuscante em direção à superfície. *Meus quadris definitivamente não estão bambos.*

A ascensão de Opala foi uma imagem ofuscante e divina, como uma supernova que disparou na direção da superfície do oceano, com o calor feroz de sua magia negra repelindo as paredes de Atlântida e o oceano esmagador com a mesma tranquilidade, reorganizando a estrutura atômica de qualquer coisa que estivesse no caminho.

Surfou em sua coroa de magia negra para a frente e para cima, na direção da Propriedade Fowl. Não precisava pensar no destino, já que a fechadura a chamava. A fechadura a chamava, e ela era a chave.



CAPÍTULO 5: ARMA-GEDÃO

ÉRIÚ, TAMBÉM CHAMADO DE PROPRIEDADE FOWL



ENTERRADOS numa espiral descendente ao redor da fechadura, os Furiosos ficaram agitados à medida que a magia se soltava no mundo acima.

Alguns coisas está vindo, percebeu Oro, capitão dos Furiosos. Logo estaremos livres, e nossas espadas provarão sangue humano de novo. Vamos cozinhar os corações deles em jarros de barro e invocar as antigas forças das trevas. Vamos nos infiltrar em todas as formas que for necessário, para deter os humanos. Eles não podem nos matar porque já estamos mortos, mantidos íntegros por uma trama de magia.

Nosso tempo será curto. Não mais do que uma única noite depois de todo esse tempo, mas vamos nos cobrir de glória e sangue antes de nos juntarmos a Danu, na pós-vida.

Vocês conseguem sentir a mudança?, gritou Oro para os espíritos de seus guerreiros. Estejam preparados para quando o portão se abrir.

Estamos prontos, *responderam seus guerreiros*. Quando a luz cair sobre nós, tomaremos os corpos de cães, texugos e humanos, e vamos subvertê-los à nossa vontade.

Oro não pôde deixar de pensar: eu preferiria habitar um humano do que um texugo.

Porque ele era orgulhoso, e esse orgulho lhe havia custado a vida, há dez mil anos.

Gobdaw, que estava à sua esquerda, mandou um pensamento estremeado que quase poderia ser uma risada. É, *disse ele*. Mas é melhor ser um texugo do que um rato.

Se o coração de Oro fosse de carne e sangue, teria explodido em uma nova onda de orgulho, desta vez por seus guerreiros.

Meus soldados estão prontos para a guerra. Lutarão até que seus corpos roubados finalmente os deixem livres para abraçar a luz.

Nosso tempo está chegando.

Juliet Butler estava vigiando o forte, e não apenas no sentido de cuidar das coisas enquanto os pais de Artemis estavam fora, numa conferência de ecologia em Londres; estava realmente vigiando um forte.

O forte em questão era uma antiga torre Martello que montava guarda num morrinho acima da baía de Dublin. Ele fora desgastado pela ação da natureza até sobrar apenas um cotoco, e uma hera preta e estranha havia lançado suas gavinhas ao longo das paredes, como se tentasse reivindicar as pedras para a Terra. Os supostos conquistadores eram os irmãos de Artemis Fowl: Myles, de 4 anos, e seu gêmeo, Beckett. Os meninos haviam corrido várias vezes para a torre usando espadas de madeira, mas eram rechaçados por Juliet e mandados gentilmente rolando pela grama alta. Beckett gargalhava aos berros, mas Juliet podia ver que Myles ficava cada vez mais frustrado com o fracasso dos ataques.

Esse é igualzinho a Artemis, pensou ela. Outro pequeno gênio do crime.

Nos últimos dez minutos, os meninos estavam escondidos atrás de um arbusto, tramando o próximo ataque. Juliet podia ouvir risinhos abafados e ordens concisas enquanto, sem dúvida, Myles dava uma série de complicadas instruções táticas a Beckett.

Juliet sorriu. Podia imaginar a situação. Myles diria algo do tipo: *Você vai por um lado, Beck, e eu vou pelo outro. Isso se chama flanquear.*

Ao que Beckett responderia com algo do tipo: *Eu gosto de lagartas.*

Era certo dizer que os irmãos amavam um ao outro mais do que amavam a si mesmos, mas Myles vivia num estado de frustração constante porque Beckett não podia, ou não queria, seguir as instruções mais simples.

A qualquer segundo, Beckett vai ficar entediado com essa reunião tática, pensou a irmã mais nova de Butler, e vai sair do arbusto brandindo a espada de brinquedo.

Instantes depois, Beckett de fato saiu tropeçando do arbusto, mas não era uma espada que brandia.

Juliet passou a perna sobre o parapeito e gritou, cheia de suspeitas:

— Beck, o que você tem aí?

Beckett balançou a coisa.

— Uma cueca — respondeu com franqueza.

Juliet olhou de novo para confirmar que o triângulo sujo era realmente uma cueca. Graças à camiseta do *Diário de um Banana*, que descia até os joelhos e que ele vinha usando nos últimos 48 dias, era impossível ter certeza se a cueca era ou não a de Becket, mas parecia ser, já que as pernas do garoto estavam nuas.

Beckett era uma figura um tanto indisciplinada, e em seus poucos meses como babá/guarda-costas, Juliet tinha visto coisas muito piores do que cuecas — por exemplo, a fazenda de minhocas que Beckett havia construído no banheiro de baixo e fertilizado *pessoalmente*.

— Certo, Beck — gritou da torre. — Largue essa cueca, moleque. Vou pegar uma limpa.

Beckett avançou com firmeza.

— Não. Beckett tá enjoado de usar cueca idiota. Essa é pra você. Presente.

O rosto do menino reluzia de um entusiasmo singelo, convencido de que sua roupa de baixo era o melhor presente que uma garota poderia ganhar — além de uma cueca com um punhado de besouros dentro.

Juliet contrapôs com:

— Mas não é meu aniversário.

Agora Beckett estava ao pé da torre arruinada, acenando a cueca como uma bandeira.

— Eu te amo, Jules. Aceite o presente.

Ele me ama, pensou Juliet. As crianças sempre conhecem nosso ponto fraco.

Tentou um último recurso desesperado.

— Mas seu bumbum não vai ficar com frio?

Beckett tinha uma resposta para isso.

— Não. Eu nunca sinto frio.

Juliet deu um sorriso carinhoso. Era fácil acreditar. O magrelo do Beckett emitia calor suficiente para ferver um lago. Abraçá-lo era igual a abraçar um aquecedor inquieto.

Nesse ponto, o único modo de Juliet não tocar na cueca era dizer uma mentira inofensiva.

— Os coelhos adoram cuecas velhas, Beck. Por que você não a enterra como presente para o Papai Coelho?

— Coelhos não precisam de cueca — disse uma vozinha sinistra atrás dela.

— Eles são mamíferos de sangue quente, e seus pelos bastam como roupa no nosso clima.

Juliet sentiu a ponta da espada de madeira de Myles em sua coxa e percebeu que o menino havia usado Beckett como distração e dado a volta até os degraus dos fundos.

Não ouvi nada, pensou. Myles está aprendendo a se esgueirar.

— Muito bem, Myles — disse. — Como conseguiu que Beckett seguisse suas instruções?

Myles deu um riso presunçoso, e a semelhança com Artemis era incrível.

— Eu não dei ordens de soldado a ele. Sugeri ao Beck que a bunda dele podia estar coçando.

Esse garoto não tem 5 anos, pensou Juliet. Espere até o mundo conhecer Myles Fowl.

Com o canto do olho, viu uma coisa triangular vindo pelo vento em sua direção e agarrou-a instintivamente. Nem bem seus dedos se fecharam sobre o pano, ela percebeu o que estava segurando.

Fantástico, pensou. Enganada por duas crianças de 4 anos.

— Certo, pessoal — disse. — É hora de voltar para casa, para o almoço. O que vamos ter no menu de hoje?

Myles embainhou sua espada.

— Eu gostaria de uma croque-madame com suco de uva gelado.

— Insetos — pediu Beckett, pulando num pé. — Insetos com ketchup.

Juliet pôs Myles no ombro e pulou do muro baixo da torre.

— Então será o mesmo de ontem, pessoal.

Lembrete para mim mesma, pensou. Lave as mãos.

Os meninos estavam enfiados até a cintura no pasto quando o caos distante começou. Beckett prestou pouca atenção à súbita cacofonia distante, já que sua trilha sonora interna geralmente era cheia de explosões e gritos, mas Myles soube que havia algo errado.

Voltou para a torre Martello e subiu os degraus de pedra, demonstrando uma falta de habilidade motora que lembrava a de Artemis, o que divertia Becket tremendamente, já que ele tinha um equilíbrio muito maior do que o dos irmãos.

— Armagedom — anunciou Myles quando chegou ao degrau mais alto. — O fim do mundo.

Beckett ficou consternado.

— A Disneylândia também? Não!

Juliet desgrenhou seu cabelo desbotado pelo sol.

— Não, claro que a Disneylândia não.

Sentia uma inquietação crescente no estômago. De onde vinha aquele barulho? Parecia haver uma zona de guerra ali perto.

Juliet seguiu Myles até o piso de terra batida no topo da torre. Dali, tinham uma visão límpida até a cidade distante. Geralmente, os únicos ruídos que cavalgavam a brisa até tão longe no norte eram ocasionais buzinas de carros presos no engarrafamento do anel rodoviário. Mas hoje, a estrada para Dublin parecia mais uma estrada para o inferno. Mesmo daquela distância, estava claro que as seis pistas de tráfego tinham parado completamente. Vários motores explodiram enquanto eles olhavam, e uma picape deu uma inesperada cambalhota para a frente. Mais adiante, na cidade, explosões maiores retumbavam atrás de prédios, e arrotos de fumaça eram soltados em direção ao céu da tarde — um céu que tinha seus próprios problemas, já que um pequeno avião pousava no centro de um estádio de futebol e um satélite de comunicações de verdade caía do espaço, como um robô morto, no teto do hotel U2.

Beckett subiu a escada e segurou a mão de Juliet.

— É o Arma-gedão — constatou, baixinho. — O mundo tá fazendo bum.

Juliet puxou os meninos para perto. O que quer que estivesse acontecendo parecia grande demais para ser direcionado especificamente contra a família Fowl, mas havia uma lista crescente de pessoas que teriam o maior prazer em destruir todo o condado de Dublin só para prejudicar Artemis.

— Não se preocupem, meninos. Vou proteger vocês.

Enfiou a mão no bolso. Em situações assim, quando as coisas eram violentamente estranhas, o primeiro caminho a tomar era sempre o mesmo: ligar para Artemis.

Passou a lista de redes de seu telefone, e não ficou totalmente surpresa ao ver que a única disponível era o sistema FOX que Artemis havia montado para telefonemas seguros de emergência.

Imagino que Artemis seja o único adolescente do mundo que construiu e lançou seu próprio satélite.

Já ia selecionar o nome de Artemis na lista de contatos, quando um antebraço volumoso apareceu no espaço três metros à frente dela. Havia uma mão na extremidade do braço, e ela segurava uma pistola Neutrino do Povo Subterrâneo.

— Boa noite, Garota da Lama — cumprimentou uma voz vinda de lugar nenhum, e um raio azul de energia estalante irrompeu da ponta da arma.

Juliet era suficientemente familiarizada com as armas do subterrâneo para saber que sobreviveria a um raio azul, mas que provavelmente sofreria queimadura de contato e acordaria dentro de um casulo de dor...

Desculpe, meninos, pensou. Fracassei com vocês.

Então o raio da arma de Pip a acertou no peito, queimou sua jaqueta e a derrubou da torre.

Oro, dos Furiosos, teve um momento de dúvida.

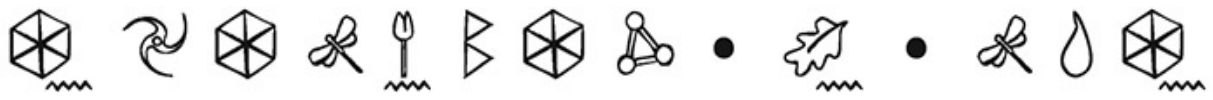
Talvez essa antecipação da liberdade seja meramente um desejo, pensou.

Não. Isso era mais do que seu desejo. A chave estava chegando. Podia sentir o fluxo de poder enquanto ela se aproximava da tumba.

Preparem-se, *emitiu para seus guerreiros abaixo.* Quando o portão se abrir, peguem qualquer forma que precisem. Qualquer coisa que viva ou tenha vivido pode ser nossa.

Oro sentiu a terra tremer com o rugido de seus guerreiros.

Ou talvez fosse mero desejo.



CAPÍTULO 6: ERGUEI-VOS, MEUS LÍNDOS

ESTAÇÃO DE TRANSPORTE DE TARA, ÍRLANDA



QUANDO a capitã Holly Short tentou atracar na baía de lançador designada para ela, descobriu que as travas eletromagnéticas de Tara estavam inoperantes, por isso foi obrigada a improvisar um pouso no túnel de acesso do portão. Isso era mais ou menos o que o supervisor da estação de Tara escreveria em seu relatório de Incidente Extraordinário quando saísse da clínica de reabilitação, mas a frase não revelava o puro drama do acontecido.

Durante toda a aproximação, os instrumentos de Holly haviam garantido que tudo estava indo bem, e então, justo quando ela girou a cauda do *Cupido de Prata* para atracar com as travas, o computador de controle de voo de Tara fez um barulho parecido com carne crua batendo numa parede em alta velocidade, depois desligou, deixando Holly sem opções senão reverter para o

túnel de acesso da estação e rezar para que não houvesse pessoas não autorizadas ali.

O metal se amassou, Perspex se despedaçou e cabos de fibra ótica se esticaram como caramelo quente e se partiram. O casco reforçado do *Cupido de Prata* aguentou o castigo, mas o enfeite do capô voou como seu xará, e seria encontrado três meses mais tarde nas entranhas de uma máquina de refrigerantes, corroído até parecer um bonequinho quase irreconhecível.

Holly pisou no freio enquanto fagulhas e lascas choviam, enchendo o parabrisa de marcas. Seu cinto de segurança giroscópico de piloto havia absorvido a maior parte do choque destinado ao seu corpo, mas Artemis e Butler tinham sido jogados para um lado e para outro como contas num chocalho.

— Todo mundo vivo? — gritou ela por cima do ombro, e os vários gemidos que soaram de volta confirmaram a sobrevivência dos passageiros, ainda que não a sobrevivência *intacta*.

Artemis se arrastou por debaixo do volume protetor de Butler e verificou as leituras do lançador. Pingava sangue de um arranhão na testa do garoto, mas ele não parecia notar.

— Você precisa achar uma saída, Holly.

Holly quase deu um risinho. Dirigir *Cupido* para fora dali significaria destruir voluntariamente toda uma instalação da LEP. Ela não estaria simplesmente rasgando o livro de regras, estaria picando as páginas, misturando-as com esterco de troll, assando a mistura e jogando os biscoitos numa fogueira de acampamento.

— Biscoitos de esterco — murmurou, o que não faria sentido se você não estivesse seguindo seu fluxo de pensamentos.

— Você pode estar fazendo *biscoitos de esterco* com o livro de regras — disse Artemis, que aparentemente conseguia rastrear fluxos de pensamento —, mas Opala deve ser impedida, pelo bem de todos nós.

Holly hesitou.

Artemis aproveitou essa hesitação.

— Holly. Essas são *circunstâncias extraordinárias* — falou com urgência. — Você se lembra da expressão de Butler? *Caixa da morte*. É onde meus irmãos estão neste momento, na caixa da morte. E você sabe o quanto Juliet vai sacrificar para salvá-los.

Butler se inclinou adiante, agarrando um apoio para a mão e arrancando-o do suporte.

— Pense taticamente — disse, sabendo por instinto como galvanizar a capitã. — Temos de prosseguir com a suposição de que somos a única e pequena força que existe entre Opala e qualquer forma de dominação do mundo que sua mente deturpada tenha criado na solitária. E lembre-se: ela estava preparada para se sacrificar. Ela *planejou* isso. Precisamos ir. *Agora, soldado!*

Butler estava certo, e Holly sabia.

— Tudo bem — assentiu, digitando parâmetros no monitor de rota do *Cupido*. — Vocês pediram.

Um duende usando jaqueta com faixas luminosas estava voando pelo túnel de acesso, as asas batendo nas paredes curvas, em meio à sua pressa. As pontas das asas dos duendes eram sensores biossonares sensíveis que levavam décadas para se curar, então o duende devia estar numa perturbação considerável para fazer um voo tão imprudente.

Holly gemeu.

— É Nander Thall. O maior seguidor de regras.

Thall era paranoico com a possibilidade de os humanos contaminarem a Cidade do Porto ao entrar, ou roubarem alguma coisa ao sair, por isso insistia em escaneamentos completos toda vez que o *Cupido* atracava.

— Vá logo — insistiu Butler. — Não temos tempo para os regulamentos de Thall.

Nander Thall berrou pelo megafone.

— Desligue o veículo, capitã Short. O quê, em nome de Frond, você acha que está fazendo? Eu sabia que você era descontrolada, Short. Eu sabia. É

instável.

— Não temos tempo — disse Artemis. — Não temos tempo.

Thall pairava a um metro do para-brisa.

— Estou olhando nos seus olhos, capitã, e vejo o caos. Estamos trancados aqui. O escudo falhou, entende? Seria necessário apenas um Homem da Lama com uma pá para desenterrar toda a estação de transporte. Todo mundo está cuidando da segurança, Short. Desligue o veículo. É uma ordem direta.

Os olhos de Nander Thall estavam arregalados nas órbitas como ovos de ganso, e suas asas batiam de modo irregular. Aquilo era um duende à beira de um ataque de nervos.

— Você acha que, se pedirmos permissão, ele vai nos deixar sair a tempo? — perguntou Artemis.

Holly duvidava. O túnel de acesso se estendia atrás de Thall, com passageiros nervosos amontoados nas poças de luz lançadas pelas lâmpadas de emergência. A situação já seria suficientemente difícil de ser contida sem que ela aumentasse os níveis de pânico.

O computador de bordo soltou um bip, mostrando a melhor rota de fuga na tela, e foi esse bip que instigou Holly.

Sinto muito, gesticulou com a boca para Nander Thall.

— Preciso ir.

As asas de Thall bateram com uma rapidez nervosa.

— Não murmure *sinto muito* para mim! E você não *precisa ir* a lugar nenhum.

Mas Holly *sentia* muito e precisava mesmo ir. Por isso foi. Direto na direção da esteira de bagagem, que geralmente corria no alto, com as malas flutuando num canal translúcido de água inteligente que mostrava a identidade do dono através do Perspex. Agora o canal de bagagens estava estagnado, e as malas batiam umas nas outras como botes abandonados.

Holly inclinou o manche com o polegar, colocando o *Cupido* no canal, quê, segundo o computador lhe informara, teria largura suficiente para acomodar o

veículo. Tinha mesmo, com apenas dois centímetros de folga de cada lado dos para-lamas.

Inacreditavelmente, Nander Thall partiu em perseguição. Bamboleava ao lado do canal, com a mecha de cabelos que normalmente cobria a careca balançando para trás como uma biruta de aeroporto, gritando em seu pequeno megafone.

Holly deu de ombros de modo teatral. *Não estou ouvindo, fez com a boca. Sinto muito.*

E deixou o duende xingando no túnel de bagagem que seguia em suaves círculos, subindo na direção do salão de desembarque.

Holly pilotava o *Cupido* ao longo das curvas do túnel, guiada por dois faróis que revelavam paredes de Perspex incrustadas com quilômetros de circuitos mortos. Formas escuras podiam ser vistas mexendo em caixas de circuitos, arrancando capacitores e fusíveis que soltavam fumaça.

— Anões — disse Holly. — São os melhores eletricitas. Não precisam de iluminação, e os espaços pequenos e escuros são um bônus. Além disso, comem os componentes defeituosos.

— Sério? — perguntou Butler.

— Sem dúvida. Palha me garantiu que o cobre é ótimo para limpar o sistema digestivo.

Artemis não se envolveu na conversa. Era trivial, e ele estava imerso no modo de visualização, pensando em cada hipótese concebível que poderiam encontrar quando chegassem à Mansão Fowl e tramando um modo de sair vitorioso de todas elas.

Nesse aspecto, a metodologia de Artemis era semelhante à do mestre de xadrez americano Bobby Fischer, um jogador capaz de computar cada possível movimento de um oponente para se contrapor ao mesmo. O único problema dessa técnica era que existiam algumas hipóteses que Artemis simplesmente não poderia enfrentar, e essas precisavam ser empurradas para o fim do seu processo, o que o tornava falho.

E assim ele tramava, percebendo que provavelmente era inútil, já que não conhecia a maioria das constantes de sua equação, para não mencionar as variáveis.

Uma promessa sombria deslizava sob a superfície de sua lógica.

Se meus entes queridos sofrerem algum mal, Opala Koboï vai pagar.

Artemis tentava banir esse pensamento, já que ele não tinha qualquer objetivo útil, mas a ideia de vingança se recusava a ir embora.

Holly tinha apenas algumas centenas de horas pilotando o *Cupido*, muito pouco para o que estava tentando, mas, por outro lado, não existem horas de experiência suficientes em uma vida inteira para esse tipo de pilotagem.

O *Cupido* acelerou pelo canal, com os pneus volumosos encontrando tração na vala de Perspex e o foguete minúsculo disfarçado de cano de descarga abrindo um sulco de vida curta na água-inteligente. Malas eram esmagadas sob os pneus, ou atiradas como morteiros ao longo da esteira, fazendo chover roupas, cosméticos e suvenires humanos nos que estavam embaixo. Os seguranças de serviço tiveram a presença de espírito de confiscar a maior parte desses artefatos, mas ninguém jamais descobriu quem havia conseguido enfiar na mala um Gandalf de papelão em tamanho real.

Holly continuou pilotando, concentrando-se através dos olhos apertados e dos dentes trincados. O canal de bagagens os levou para fora do terminal, até o leito de rocha. Foram espiralando para cima, através de estratos arqueológicos, passando por ossos de dinossauros e túmulos celtas, de povoados vikings e muros normandos, até que o *Cupido* emergiu num grande salão de bagagens com teto transparente que se abria direto para o ar livre — um lugar digno do covil de um supervilão do James Bond, até mesmo com estruturas metálicas aracnoides e um sistema de trilhos de transporte.

Normalmente, a Janela do Céu estaria camuflada por projetores e escudos, mas essas medidas de segurança não funcionariam até que todas as peças Koboï pudessem ser substituídas por tecnologia que não tivesse explodido. Nessa

tarde, nuvens de chuva irlandesas atravessavam os painéis recortados, e o salão de bagagem seria completamente visível de cima se alguém se importasse em fotografar os carrinhos de bagagens ou as empilhadeiras paradas com buracos fumegantes, como se houvessem sido vítimas de um atirador de elite.

Holly perguntou ao computador se haveria outro caminho além do que ele estava sugerindo. O avatar de bordo informou, sem muita emoção, que havia, mas ficava a trezentos quilômetros dali.

— D'Arvit — murmurou Holly, decidindo que não iria mais se preocupar com regras nem com danos à propriedade. Havia muito mais em jogo, e ninguém gosta de gente resmungona.

Ninguém gosta de gente resmungona. Seu pai sempre dizia isso.

Ela podia vê-lo agora, passando cada minuto livre em seu precioso jardim, colocando adubo de algas em seus tubérculos sob a luz do sol artificial.

Você precisa fazer sua parte no serviço da casa, Papoula. Sua mãe e eu trabalhamos muito para sustentar essa família. Então ele parava e fazia um carinho no queixo dela. *Os Furiosos fizeram o sacrifício definitivo pelo Povo há muito tempo. Ninguém está pedindo que vá tão longe, mas você poderia fazer suas tarefas com um sorriso nesse rostinho bonito.* Então ele se enrijecia, bancando o sargento: *Então ande logo, soldado Papoula. Ninguém gosta de gente resmungona.*

Holly visualizou seu reflexo no para-brisa. Estava com os olhos marejados de melancolia. Em sua família, as filhas sempre tinham o apelido de Papoula. Ninguém conseguia lembrar o motivo.

— Holly — rosnou Artemis. — A segurança está fechando o cerco.

Holly estremeceu, cheia de culpa, e verificou o perímetro. Vários seguranças se esgueiravam na direção do *Cupido*, tentando blefar com pistolas Neutrino inúteis, usando como cobertura o casco fumegante de um transporte capotado.

Um dos guardas deu alguns tiros, que ricochetearam no para-choque dianteiro.

Uma arma especial, percebeu Holly. *Ele mesmo deve ter feito.*

Os tiros causaram pouco efeito nas placas do *Cupido*, mas se o guarda se dera ao trabalho de montar sua própria pistola de reserva, talvez estivesse pensando em carregar com um cartucho capaz de furar cascos blindados.

Como se lesse sua mente, o guarda remexeu no cinto para pegar um pente de munição.

Essa é a diferença entre mim e você, pensou Holly. *Eu não remexo.*

Ela passou toda a potência do veículo para os jatos propulsores, e o *Cupido* disparou na direção da Janela do Céu, deixando os seguranças fingindo que disparavam as armas inúteis contra ela, uns dois, inclusive, chegando ao ponto de fazer ruídos de *pou pou*, ainda que as armas das criaturas não fizessem *pou pou* havia séculos.

A Janela do Céu é de Perspex reforçado, pensou Holly. *Ou ela se quebra ou quebra o Cupido. Provavelmente um pouco dos dois.*

Embora ela jamais fosse saber disso, o palpite de Holly não se concretizaria. A Janela do Céu fora construída para suportar o impacto direto de qualquer coisa mais fraca que uma ogiva nuclear, fato anunciado orgulhosamente nos alto falantes do terminal cem vezes por dia, e quê, de algum modo, Holly conseguira não ouvir.

Para a sorte da capitã Holly e de seus passageiros, e na verdade para a sorte de todo o grande mundo, sua ignorância potencialmente fatal jamais se revelaria, porque Potrus havia previsto uma situação em que veículos do povo estariam indo a toda velocidade contra a Janela do Céu, que se recusaria a abrir. O centauro também havia suposto que, devido à lei universal do deslocamento máximo de cocô — segundo a qual, quando o cocô mencionado acima acerta o ventilador, o ventilador estará na sua mão e apontado para alguém importante que pode demitir você —, a Janela do Céu provavelmente se recusaria a abrir num momento crucial. E por isso havia bolado um pequeno organismo de proximidade que funcionava com seu próprio coração/biobateria, que ele havia cultivado a partir de células-tronco de asas de duendes *adquiridas*.

Na melhor das hipóteses, todo esse processo era dúbio, e na pior das hipóteses era ilegal, por isso Potrus não havia se incomodado em arquivar uma planta e simplesmente mandou instalar os sensores por conta própria. O resultado era que um enxame desses besouros de proximidade corriam ao longo das bordas dos painéis da Janela do Céu, e se suas anteninhas sentissem um veículo chegando perto demais de um certo painel, eles excretavam um spray de ácido contra a janela e rapidamente comiam o painel. A energia necessária para concluir essa tarefa a tempo era gigantesca, por isso, quando terminavam, os besouros se enrolavam e morriam. Era impressionante, mas, bem como o homem da cabeça explosiva, era um truque que só funcionava uma vez.

Quando os besouros sentiram a subida do *Cupido*, correram para agir como uma minúscula companhia de cavalaria e devoraram o painel em menos de quatro segundos. Quando o serviço estava terminado, piscaram e caíram como bolas de metal sobre o capô do veículo.

— Foi fácil — disse Holly ao microfone, enquanto o *Cupido* passava por um buraco com seu próprio formato. — Para ver o que é a grande Janela do Céu de Potrus.

A ignorância, como dizem, geralmente é fatal, mas às vezes pode ser uma bênção.

Holly acionou o escudo do *Cupido* — embora com todos os satélites humanos sem funcionar, ela não precisasse ter se dado esse trabalho — e estabeleceu um curso para a Mansão Fowl.

O que nos dá uns cinco minutos até estarmos exatamente onde Opala quer.

Era um pensamento pouco reconfortante, que ela não verbalizou, mas só precisou ver a expressão de Butler pelo retrovisor para saber que o guarda-costas estava pensando mais ou menos a mesma coisa.

— Eu sei — disse ele, encarando-a. — Mas que opção nós temos?

ESPAÇO AÉREO DA ÍRLANDA

Agora Opala não poderia virar o rosto para longe da fechadura mesmo que colocasse toda a sua enorme vontade de duende-diabrete aprimorada na tarefa. Ela era a chave, e as duas estavam emparelhadas. A colisão era tão inevitável quanto a passagem do tempo. Sentiu a pele do rosto se esticar na direção da fechadura, e seus braços foram puxados até que as articulações estalaram.

O feiticeiro elfo era de fato poderoso, pensou. Mesmo depois de todo esse tempo, sua magia se mantém.

A trajetória levou-a num arco regular até a superfície do Atlântico, atravessando o céu da tarde na direção da Irlanda. Desceu como uma bola de fogo disparada por uma atiradeira em direção à Propriedade Fowl, sem tempo para se espantar ou se preocupar, e nem mesmo aproveitar a prova iminente de suas teorias.

Vou ressuscitar os mortos, tinha pensado frequentemente em sua cela. Nem mesmo Potrus pode dizer a mesma coisa.

Opala acertou a Propriedade Fowl como um cometa chegando à Terra, diretamente no cotoco arruinado da torre Martello com a estranha trepadeira enrolada. Como um cão farejando um osso, sua coroa de magia destruiu a torre e liberou um caminho, espiralando seis metros para baixo, passando por séculos de depósitos, revelando uma torre mais antiga abaixo. A magia farejou a fechadura do teto, pousando sobre ela como uma reluzente água-viva.

Opala estava com o rosto para baixo, flutuando, sonhadoramente observando os acontecimentos se desdobrarem. Viu seus dedos se abrirem e estremecerem, com jorros de fagulhas disparando das pontas. Viu o feitiço da camuflagem ser despido do que parecera uma simples pedra metamórfica, revelando-a como uma torre de pedras ásperas com runas complexas entrelaçadas, gravadas na superfície. O ectoplasma mágico afundou nas runas, eletrificando-as, lançando riachos ardentes pelos sulcos.

Abra-se para mim, pensou Opala, embora isso seja apenas uma interpretação de seus padrões cerebrais. Outra interpretação seria *Aaaaaaargghhhhh*.

As runas da fechadura estavam cheias de magia, animando-se, deslizando como cobras em areia quente, mordiscando umas as outras, as grandes engolindo as linhas de magias menores, até que tudo o que restava era um simples dístico em gnomês:



*Eis a tranca, primeira de duas deste lugar
Abra-a e viva para lamentar*

Opala ainda tinha consciência suficiente para dar um risinho dentro de seu casulo. *Poesia medieval das criaturas. Tipicamente grosseira. Construção ruim, rima pobre e melodrama saindo por todos os orifícios metafóricos.*

Vou abri-la, pensou. *E Artemis Fowl viverá para lamentar. Mas não por muito tempo.*

Opala se preparou e espalmou a mão direita em cima da pedra, com os dedos abertos, sentindo a magia nublar as pontas deles. A mão afundou como luz do sol através da escuridão, com rachaduras se irradiando a partir do contato.

Erguei-vos, pensou. *Erguei-vos, meus lindos guerreiros.*

ÉRIÚ, TAMBÉM CHAMADO DE PROPRIEDADE FOWL

Os Furiosos foram expelidos do solo sagrado e lançados ao ar, como se houvessem sido disparados de um canhão. O aperto da pós-vida se afrouxou, e os guerreiros sentiram-se livres para completar sua missão. A próxima morte, sabiam eles, seria a última, e finalmente os portões de Nimh estariam abertos. Isso fora prometido; eles ansiavam por isso. Pois é sempre verdade que, ainda que os mortos anseiem pela vida, as almas são feitas para o céu, e não descansam enquanto não chegarem lá. Isso era desconhecido ao feiticeiro elfo quando ele forjou a fechadura e a chave. Não sabia que tinha condenado seus guerreiros a dez mil anos com o rosto afastado da luz. E ficar afastado da luz por tempo demais pode custar a alma de uma pessoa.

Mas, agora, todas as promessas que tinham sido sussurradas em seus ouvidos agonizantes enquanto os sacerdotes colocavam seus corpos pesados e frouxos na vala estavam prestes a se realizar. Eles só precisavam defender o portão usando corpos roubados, e a morte seguinte abriria os portões do paraíso. Os Furiosos poderiam ir para casa.

Mas não antes que sangue humano fosse derramado.

O solo borbulhou e dançou enquanto o ectoplasma de cem guerreiros do subterrâneo o atravessava. Emergiram, ansiosos pela luz. Eram atraídos inexoravelmente para a chave que estava acima da fechadura de pedra, e passaram pelo conduto da magia dela, um a um.

Oro foi o primeiro.

É uma duende-diabrete, percebeu com bastante surpresa, já que os duendes-diabretes eram conhecidos pela falta de capacidade mágica. E fêmea! Mas, apesar de tudo isso, a magia desta é poderosa.

Enquanto cada guerreiro passava sucessivamente pelo ser de Opala, ela sentia sua dor e seu desespero e absorvia suas experiências antes de expeli-los no mundo com uma ordem.

Obedeça-me. Agora você é meu soldado.

E assim Oro e seu grupo de Furiosos foram postos sob a *geasa*, ou compromisso das criaturas, para seguir Opala para onde quer que ela ordenasse. Foram rolando para o céu, procurando um corpo para habitar dentro do círculo mágico.

Como líder, Oro tinha a primeira opção dentre as disponíveis, e, como muitos de seus guerreiros, passara milhares de horas considerando que criatura seria o anfitrião ideal para seus talentos. Em termos ideais, ele escolheria um elfo com um bocado de músculos e um braço comprido para usar a espada, mas era improvável que um espécime tão excelente estivesse disponível no momento, e mesmo que estivesse, seria uma pena tomar um elfo e substituí-lo por outro. Recentemente, Oro havia se decidido por um troll como veículo preferencial, se acaso houvesse algum andando por ali.

Imagine. Um troll com mente de elfo. Que guerreiro formidável seria!

Mas não havia trolls, e a única criatura do subsolo disponível era um gnomo frágil com runas protetoras entrecruzadas no peito. Não valia a pena possuí-lo.

Havia humanos, três daquelas criaturas odiadas. Dois machos e uma fêmea. Ele deixaria a fêmea para Bellico, uma das duas criaturas femininas que faziam parte de seu batalhão. Com isso, restavam os meninos.

A alma de Oro circulou acima dos machos. Dois curiosos homenzinhos que não demonstravam o espanto que a situação parecia exigir. Seu mundo havia se dissolvido num turbilhão de magia, pelo amor de Danu! Não deveriam estar tremendo nas botas, com o nariz escorrendo e implorando uma misericórdia que não viria?

Mas não, suas reações foram surpreendentes. O menino de cabelo escuro havia se movido rapidamente até a jovem caída, e habilmente verificava sua pulsação. O segundo, um louro, desenraizara um punhado de juncos, com força surpreendente para alguém de seu tamanho, e agora mesmo estava enfrentando o gnomo pateta, forçando-o para trás na direção de uma vala.

Esse aí me interessa, pensou Oro. É jovem e pequeno, mas seu corpo vibra com poder. Vou tomá-lo.

E foi simples assim. Oro pensou, e o pensamento virou fato. Num segundo ele estava pairando acima de Beckett Fowl, e no outro havia se transformado nele, e estava batendo no gnomo com um punhado de juncos que pareciam chicotes.

Oro gargalhou alto diante dos sentidos que assaltavam suas terminações nervosas. Sentia o suor nas dobras dos dedos e a lisura brilhante dos juncos. Sentiu o cheiro do menino, e a juventude e a energia dele eram como feno e verão. Sentiu um coração jovem bater como um tambor no peito.

— Rá! — exclamou, exultante, e continuou a espancar o gnomo, simplesmente pela diversão, pensando: *O sol está quente, louvado seja Belenos. Eu vivo de novo, mas morrerei com prazer neste dia para ver humanos no chão ao meu lado.*

Porque é sempre verdade que as criaturas guerreiras ressuscitadas são supernobres em seus padrões de pensamento e não têm muito senso de humor.

— Chega dessa brincadeira — disse em gnomês, e sua língua humana embolou as palavras, fazendo-o parecer um animal grunhindo. — Temos de nos reunir.

Oro olhou para o céu, onde seus guerreiros de plasma bamboleavam ao seu redor como uma horda de translúcidas criaturas do fundo do mar.

— Foi por isso que esperamos — gritou. — Encontrem um corpo dentro do círculo.

E eles se dispersaram num clarão de ozônio, revirando a Propriedade Fowl em busca de recipientes que se tornassem seus hospedeiros.

Os primeiros corpos a serem tomados foram os humanos próximos.

Era um dia ruim para caçar na Propriedade Fowl. Num dia de semana comum, a mansão seria um verdadeiro amontoado de humanidade. E presidindo tudo haveria Artemis Pai e Angeline Fowl, senhor e senhora da mansão. Mas, nesse dia fatídico, a mansão estava praticamente abandonada por causa da proximidade do feriado do natal. Os pais de Artemis haviam ido para Londres

participar de uma conferência de ecologia, carregando consigo uma secretária e duas empregadas. O resto dos funcionários estava de licença antecipada, com apenas uma visita ocasional durante os feriados para manter a propriedade em ordem. O casal tinha planejado pegar os filhos na pista do aeroporto de Dublin assim que Artemis tivesse terminado sua terapia, depois iriam apontar o bico de material composto de seu Jato Verde na direção de Cap Ferrat, para passarem o natal na Côte d'Azur.

Hoje ninguém estava em casa, a não ser Juliet e os meninos. Não havia nenhuma migalha de humanidade para ser tomada, para frustração das almas que circulavam e haviam sonhado com esse momento por um tempo muito longo. Assim, as opções estavam limitadas a vários animais, inclusive oito corvos, dois cervos, um texugo, dois cães de caça pointer inglês que Artemis Pai mantinha no estábulo e cadáveres com resquícios de energia, que existiam em maior quantidade do que você poderia imaginar. Os cadáveres estavam longe de ser os hospedeiros ideais, já que a podridão e a dessecação dificultavam o pensamento rápido e os movimentos precisos. Além disso, podiam cair pedaços quando você mais precisava deles.

Os primeiros cadáveres a serem ocupados estavam bastante preservados, apesar da idade. Artemis Pai, em seus dias de gângster, havia roubado uma coleção de múmias de guerreiros chineses que ele ainda não encontrara um modo seguro de repatriar, então os guardava num porão secreto forrado de material impermeável. Os guerreiros ficaram mais do que surpresos em descobrir sua matéria cerebral reanimada e reidratada, e sua consciência sendo cavalgada por guerreiros ainda mais antigos do que eles próprios. Partiram para a ação chacoalhando em armaduras enferrujadas, e despedaçaram os vidros das vitrines para reivindicar suas espadas e lanças, cujas pontas de aço foram polidas até um brilho mortal por um curador amoroso. A entrada do porão se partiu rapidamente sob o ataque, e as múmias atravessaram o grande salão da mansão, saindo ao sol, parando por um momento para sentir seu toque quente nas testas voltadas para cima, antes de andar desajeitadamente na direção do pasto onde

estava sua líder, obrigando-se a andar depressa, a despeito dos sentidos, que ainda despertavam, ansiosos por parar e cheirar cada vida vegetal. Até mesmo o monte de esterco.

Os próximos cadáveres a serem reanimados foram os de um punhado de rapazes soterrados no desmoronamento de uma caverna no século XVIII, enquanto enterravam um tesouro capaz de encher um galeão, que haviam transferido do casco partido do HMS *Octagon* para seu próprio bergantim, o *Alfanje*. O temido pirata capitão Eusebius Fowl e dez de seus tripulantes apenas ligeiramente menos temidos não foram esmagados pela rocha que caiu, mas ficaram lacrados numa bolha hermética, que não permitia a entrada sequer de um pio de pardal que eles pudessem sugar para os pulmões.

Os corpos dos piratas estremeeceram como se estivessem sendo eletrocutados, então saíram de baixo de seus cobertores de algas e se espremeram através de um buraco recentemente erodido na parede da tumba, sem se incomodar com as juntas desencaixadas e com as costelas expostas que a jornada lhes custara.

Afora esse grupos, havia cadáveres secos que foram arrastados de seus locais de repouso para se tornarem cúmplices na última investida de Opala para tomar o poder. O espírito de alguns já havia partido, mas, para os que tinham morrido violentamente, ou os que deixaram assuntos inacabados, um fantasma de sua própria essência permanecia, sem poder fazer nada além de lamentar o tratamento rude que os Furiosos davam ao seu corpo.

Opala Koboï recostou-se à pedra antiga, e as runas que haviam deslizado como cobras ferozes repousaram de novo, congregando-se ao redor da marca da mão de Opala no centro da chave mágica.

A primeira fechadura se abriu, pensou ela, com os sentidos retornando em ondas de náusea. Agora só eu posso fechá-la.

O gnomo anteriormente chamado de Pip, mas cujo nome verdadeiro — e consideravelmente mais difícil — era Gotter Dammerung, entrou mancando

na cratera, subiu os degraus da torre e enrolou um xale brilhante nos ombros de Opala.

— Manto estelar, senhorita Opala — disse. — Como foi requisitado.

Opala acariciou o tecido e ficou satisfeita. Descobriu que ainda havia magia suficiente nas pontas dos dedos para calcular a quantidade de fios.

— Muito bem, Gunter.

— É Gotter, senhorita Koboi — corrigiu o gnomo, esquecendo-se de sua posição.

Os dedos de Opala se imobilizaram, depois agarraram um punhado do tecido sedoso com tanta força que ele fumegou.

— Sim, Gotter. Você atirou no meu eu mais novo?

Gotter se empertigou.

— Sim, senhorita, como foi ordenado. Fiz um belo enterro para ela, como instruíra no código.

Ocorreu a Opala que aquela criatura seria uma lembrança constante de que ela havia sacrificado seu eu mais jovem em nome do poder.

— É verdade que ordenei que matasse a Opala jovem, mas ela estava aterrorizada, *Gotter*. Eu senti.

Gotter estava perplexo. Esse dia não estava se saindo nem um pouco como o gnomo havia imaginado. Tinha alimentado imagens de guerreiros elfos pintados, com as tranças entrelaçadas com ossos caindo pelas costas; mas, em vez disso, estava rodeado por crianças humanas e animais agitados.

— Não gosto daqueles coelhos — disse bruscamente, na certa a frase mais monumentalmente mal-avaliada de sua vida. — Eles são estranhos. Olhe as orelhas vibrando.

Opala achava que uma pessoa de sua importância não deveria ter de lidar com comentários desse tipo, então vaporizou o pobre Gotter com um raio de energia plásmica, não deixando nada do gnomo a não ser uma mancha enegrecida no degrau. Acabou sendo uma descarga de plasma mal-utilizada, pois Opala certamente poderia ter aproveitado o momento para carregar

totalmente um segundo raio e cuidar do lançador blindado que apareceu de repente sobre o muro que cercava a propriedade. O veículo estava com escudo ativado, claro, mas Opala tinha magia negra suficiente dentro de si para ver o coração do trecho de espaço que tremeluzia diante dela. Reagiu um tanto precipitadamente e mandou um raio fraco para a esquerda, conseguindo apenas acertar o bloco do motor, sem engolfar todo o veículo. A magia errante voou loucamente, derrubando uma torre do muro da propriedade antes de desmoronar em fiapos que voaram chiando para o céu.

Ainda que o *Cupido* tivesse sido acertado apenas de raspão, o contato bastou para derreter seu motor de foguete, desabilitar as armas e fazê-lo mergulhar de bico, coisa que nem mesmo o piloto mais hábil poderia suavizar.

Mais avatares para os meus soldados, pensou Opala, apertando o manto estelar em volta do corpo e descendo habilmente os degraus da torre. Subiu a parede da cratera e seguiu o sulco aberto na campina pelo veículo mortalmente ferido. Seus guerreiros vinham logo atrás, ainda semiembriagados pelas novas sensações, cambaleando nos corpos novos, tentando formar palavras em gargantas que não eram familiares.

Opala olhou para o alto e viu três almas deslizando na direção do veículo fumegante, que havia parado desajeitadamente ao abrigo de um muro.

— Tomem-nos — gritou para os Furiosos. — É meu presente para vocês.

Naquele momento, quase todos os Furiosos já tinham sido acomodados e estavam estendendo os tendões com grande prazer, raspando a terra sob as patas ou farejando os aromas do outono. Todos tinham hospedeiros, exceto três almas lentas que haviam se resignado a uma ressurreição espremida e embaraçada em corpos de alguns patinhos, quando esses novos hospedeiros adentraram o círculo.

Dois humanos e uma criatura do subterrâneo. O espírito dos Furiosos se elevou. Literalmente.

Dentro do *Cupido*, Holly é quem havia se saído melhor da queda, apesar de estar mais próxima do ponto de impacto. *Sair-se melhor*, contudo, é uma expressão relativa, e provavelmente não é a que ela teria escolhido para descrever sua condição.

Eu me saí melhor, ela provavelmente deixaria de dizer na próxima oportunidade. *Só tive um pulmão perfurado e uma clavícula fraturada. Você deveria ter visto os outros caras.*

Para sorte de Holly, amigos ausentes colaboraram de novo para que ela não morresse. Assim como os biossensores de Potrus na Janela do Céu haviam impedido uma colisão calamitosa na estação de transporte, seu amigo íntimo, o feiticeiro N°1, a havia salvado com seu próprio tipo de magia demoníaca.

E como ele fizera isso? Tinha acontecido dois dias antes, quando tomavam seu café sintético semanal no Stirbox, um point descolado no Quarteirão do Jazz. N°1 estava ainda mais ligado do que o normal, devido ao *espresso* duplo que percorria seu corpo cinza e atarracado. As runas gravadas nas placas de blindagem do seu corpo reluziam com o excesso de energia.

— Eu não deveria tomar café sintético — confessou. — Qwan diz que isso perturba o meu *chi*. — O demoniozinho piscou, escondendo momentaneamente um olho laranja. — Eu poderia ter dito a ele que os demônios não têm *chi*, nós temos *qwa*, mas acho que ele ainda não está preparado para isso.

Qwan era o mestre de magia do N°1, e o pequeno demônio gostava tanto do professor que fingia não tê-lo superado havia anos.

— E o café é ótimo para o *qwa*. Faz que ele zuna num instante. Agora eu provavelmente poderia transformar uma girafa num sapo, se quisesse. Ainda que fosse restar um bocado de pele. Principalmente pele de pescoço.

— É uma ideia perturbadora — comentou Holly. — Se quer fazer alguma magia relacionada a anfíbios, porque não faz algo com os sapos xingadores?

Os sapos xingadores eram resultado de uma brincadeira de faculdade em que um grupo de alunos de pós-graduação conseguiu dar a um tipo de sapos o

poder da fala. Somente da fala mal-educada. Isso havia sido hilariante por uns cinco minutos, até que os sapos começaram a se multiplicar numa velocidade feroz e a soltar xingamentos e palavrões contra qualquer coisa que se movesse, inclusive criaturas do jardim de infância e as avós dos outros.

Nº1 riu baixinho.

— Eu gosto dos sapos xingadores. Tenho dois em casa, chamados Caraca e D’Arvit. Eles são muito grosseiros comigo, mas sei que não é por mal. — O demoniozinho tomou outro gole de café. — Então, vamos falar sobre seu problema de magia, Holly.

— Que problema de magia? — perguntou ela, genuinamente perplexa.

— Eu vejo a magia como outra cor no espectro, e você está vazando magia como um queijo do pântano vaza fedor.

Holly olhou para as mãos, como se o problema fosse visível.

— Estou?

— O esqueleto é a bateria que armazena a magia, mas o seu sofreu abusos demais. Por quantas curas já passou? Quantos traumas?

— Um ou dois — admitiu Holly, querendo dizer *nove ou dez*.

— Um ou dois *neste ciclo* — zombou Nº1. — Não minta para mim, Holly Short. Sua atividade eletrodérmica aumentou significativamente. Isso quer dizer que as pontas dos seus dedos estão suando. Posso ver isso também. — O pequeno demônio cinza estremeceu. — Na verdade, às vezes vejo coisas que não tenho vontade de ver. Um duende veio ao meu consultório um dia desses com um punhado de larvas microscópicas de vermes-argola se retorcendo na axila. O que há de errado com as pessoas?

Holly não respondeu. Era melhor deixar Nº1 pôr para fora o que o incomodava.

— E vejo que anda doando uma ou duas fagulhas de sua magia por semana para o clone de Opala na clínica Argônio, tentando deixá-la um pouco mais confortável. Está perdendo tempo, Holly. Aquela criatura não tem espírito; a magia é inútil para ela.

— Você está errado, N°1 — contestou Holly, baixinho. — Nãopala é uma pessoa.

N°1 estendeu as palmas das mãos ásperas.

— Dê-me suas mãos — pediu.

Holly pôs os dedos sobre os dele.

— Vamos cantar uma cantiga de roda?

— Não — respondeu. — Mas isso pode doer um pouco.

Isso pode doer um pouco é o código universal para isso definitivamente vai doer demais, porém, antes que o cérebro de Holly pudesse fazer essa tradução, a runa da testa de N°1 espiralou — o que só acontecia quando ele estava se preparando para um grande deslocamento de força. Holly conseguiu soltar um “Espera aí...” antes de sentir como se duas enguias elétricas se enrolassem em seus braços, deslizando para cima, afundando em seu peito. Não era uma experiência agradável.

Ela perdeu o controle dos membros, entrando em espasmos como uma marionete na ponta dos fios de um manipulador que está tendo um ataque de riso. Todo o episódio não durou mais de cinco segundos, mas cinco segundos de desconforto agudo podem parecer um tempo enorme.

Holly tossiu fumaça e falou assim que seu queixo parou de bater:

— Você precisava mesmo fazer isso num café?

— Achei que não iríamos nos ver durante um tempo, e estou preocupado com você. Você é imprudente demais, Holly. Ansiosa demais para ajudar todo mundo, menos a si mesma.

Holly flexionou os dedos, e foi como se as juntas tivessem sido lubrificadas.

— Uau! Estou me sentindo ótima agora que a dor excruciante passou. — Então, o resto das palavras de N°1 subitamente foram assimiladas em sua mente. — E por que não iríamos nos ver durante um tempo?

De repente N°1 ficou sério.

— Aceitei um convite para ir à Estação Lua. Eles querem que eu dê uma olhada em alguns micro-organismos e avalie se posso extrair alguma memória

de raça das células deles.

— Ahã — disse Holly, entendendo tudo da primeira frase e nada da segunda, além das palavras individualmente. — Por quanto tempo vai ficar longe?

— Dois dos seus anos terrestres.

— Dois anos — gaguejou Holly. — Qual é, N°1. Você é meu último amigo solteiro entre as criaturas do subterrâneo. Potrus foi fisgado. Encrenca Kelp está com Lily Fronde, embora eu não entenda o que ele vê naquela cabeça de vento.

— Ela é bonita e gosta dele, mas fora isso, não faço ideia — rebateu N°1, malicioso.

— Ele vai descobrir quem Lily realmente é quando ela o trocar por alguém mais importante.

N°1 achou diplomático não mencionar os três encontros desastrosos de Holly com o comandante Kelp, o último dos quais terminou com os dois sendo expulsos de um jogo de esmagobol.

— Sempre há Artemis.

Holly assentiu.

— É. Acho que Artemis é um sujeito legal, mas toda vez que a gente se encontra, tudo acaba em tiros, viagem no tempo, células cerebrais morrendo... Quero um amigo calmo, N°1, como você.

O pequeno demônio segurou a mão dela outra vez.

— Dois anos vão passar num instante. Talvez você consiga um passe lunar e me faça uma visita.

— Talvez. Agora chega de ficar mudando de assunto. O que fez comigo?

N°1 pigarreou.

— Bom, eu lhe dei uma transformação mágica. Seus ossos estão menos quebradiços, e as juntas, lubrificadas. Incrementei seu sistema imunológico e limpei suas sinapses, que estavam ficando meio entupidas com resíduo mágico. Enchi seu tanque com minha mistura personalizada de poder e tornei seu

cabelo um pouquinho mais lustroso do que já é, e aumentei sua runa de proteção para que você nunca mais seja possuída de novo. Quero que fique em segurança até eu voltar.

Holly apertou os dedos do amigo.

— Não se preocupe comigo. Só vou fazer operações de rotina.

Operações de rotina, pensava Holly, grogue com o impacto e a magia percorrendo seu organismo, consertando a clavícula fraturada e emendando os arranhões na pele.

A magia iria preferir apagá-la para os consertos, mas Holly não poderia permitir isso. Pegou o kit de primeiros socorros no suporte do cinto e grudou um adesivo de adrenalina no pulso, com as centenas de agulhas minúsculas liberando a substância na corrente sanguínea. Uma dose de adrenalina iria mantê-la alerta ao mesmo tempo em que permitiria a magia trabalhar. A cabine do *Cupido* estava amarrotada, e só o exoesqueleto reforçado do veículo havia impedido um colapso total que teria esmagado os passageiros. O lançador havia surfado em sua última explosão de magma. Na parte de trás do veículo, Butler tentava afastar a concussão que ameaçava arrastá-lo para o esquecimento, e Artemis estava enfiado no espaço entre os bancos como um brinquedo descartado.

Gosto de você, Artemis, pensou Holly. *Mas preciso do Butler.*

E assim, Butler recebeu a primeira injeção de magia curativa, um raio que acertou o guarda-costas como um desfibrilador carregado, fazendo-o voar em espasmos pela janela de trás, caindo na campina.

Uau, pensou Holly. *Essa é das boas, Nº1.*

Teve mais cuidado com Artemis, soltando uma gota de magia da ponta do dedo no meio na testa dele. Mesmo assim, o contato bastou para fazer a pele ondular como a água de um lago.

Algo estava chegando. Holly podia ver as imagens duplamente distorcidas através das janelas despedaçadas e do visor rachado de seu capacete. Um monte

de algos. Pareciam pequenos, mas moviam-se com segurança.

Não entendo. Ainda não estou entendendo.

A magia de N°1 completou sua jornada de cura através do organismo dela e, depois que o sangue foi drenado da frente do olho esquerdo, Holly conseguiu dar uma boa olhada no que vinha chegando.

Um zoológico, pensou. Butler pode cuidar disso.

Então a magia de N°1 permitiu que ela tivesse um vislumbre rápido das almas que flutuavam como pipas translúcidas no ar, e se lembrou das histórias que seu pai havia contado tantas vezes.

Os mais bravos dos bravos. Deixados para trás, para proteger o portão.

Furiosos, percebeu. A lenda é verdadeira. Se tomarem Butler, estamos acabados.

Holly arrastou-se por cima de Artemis, passou pela janela traseira e rolou no sulco escavado pela queda do *Cupido*, com a terra recém-revirada caindo em sua cabeça. Por um momento, Holly teve o medo irracional de estar sendo enterrada viva, mas então a terra que caía escorreu por seus membros, e ela estava livre.

Sentiu a dor latejante de uma fratura curada no ombro, mas fora isso estava fisicamente bem.

Minha visão continua turva, percebeu. Por quê?

Mas não era a visão; eram as lentes do capacete que estavam rachadas. Levantou a viseira e foi recebida pela imagem cristalina de uma força de ataque liderada pelos irmãozinhos de Artemis, e que parecia incluir uma falange de antigos guerreiros de armadura e vários animais da floresta.

Butler estava de quatro ao lado dela, sacudindo a sensação da magia como um urso pardo secando-se da água do rio. Holly achou outro adesivo de adrenalina no kit e grudou no pescoço exposto dele.

Desculpe, velho amigo. Preciso de você em condições de agir.

Butler saltou de pé como se estivesse eletrificado, mas cambaleou, desorientado por um momento.

As várias figuras possuídas pararam de súbito, dispostas em um semicírculo e obviamente loucas para atacar, mas contidas por algum motivo.

O pequeno Beckett Fowl estava à frente do grupo multivariado, mas parecia menos criança agora, com postura de guerreiro, segurando na mão um punhado de juncos ensanguentados. Os vestígios da magia de N°1 permitiram que Holly vislumbrasse o espírito de Oro escondido dentro do menino.

— Sou uma criatura do Povo — gritou em gnomês. — Esses humanos são meus prisioneiros. Vocês não têm pendências conosco.

A voz de Opala Koboï pairou acima das fileiras:

— Prisioneiros? O grandão não parece um prisioneiro.

— Koboï — disse Butler, finalmente coerente. Então o gigante guarda-costas notou sua irmã no grupo. — Juliet! Você está viva!

Juliet deu um passo à frente, mas sem jeito, como se não estivesse familiarizada com o funcionamento do próprio corpo.

— Irmum — disse ela, com a voz áspera e um sotaque estranho. — Me abraça.

— Não, velho amigo — alertou Holly, vendo o guerreiro tremeluzente dentro da irmã de Butler. — Juliet está possuída.

Butler entendeu imediatamente. Eles já haviam enfrentado possessão por parte das criaturas do subterrâneo quando Artemis foi envolvido em seu complexo de Atlântida.

As feições do guarda-costas se afrouxaram, e naquele momento as décadas vividas como soldado estavam estampadas em seu rosto.

— Jules. Você está aí?

A rainha guerreira, Bellico, usou as memórias de Juliet para responder, mas as cordas vocais não estavam sob seu total controle. As palavras não eram claras, como se fossem ouvidas através de alto-falantes minúsculos, e o sotaque era uma fusão de um escandinavo denso com interior da América do Sul. Uma mistura incomum.

— Xim, irmom. Zou eu. Zuuuuliet.

Butler viu a verdade. O corpo podia ser de sua irmã, mas a mente sem dúvida não era.

Artemis se juntou a eles, pondo a mão no ombro de Holly. Tinha uma mancha de sangue na camisa, onde havia tossido. Como sempre, encontrou a pergunta mais pertinente a fazer.

— Por que eles não atacam?

Holly estremeceu.

Por que não? Claro, por que não?

Butler reiterou:

— Por que não estão atacando? Estão em maior número do que nós, e nós estamos emocionalmente destruídos. Pelo amor de Deus, aquela coisa é minha irmã!

Holly se lembrou do motivo para eles permanecerem ilesos.

Somos hospedeiros dentro do círculo. Eles precisam de nós.

As almas flutuavam acima, subindo e descendo.

Posso explicar o que vou fazer, pensou Holly. Ou posso simplesmente fazer.

Era mais fácil simplesmente fazer e esperar uma oportunidade para se desculpar mais tarde.

Habilmente, a policial mexeu na roda de ajuste no cano de sua Neutrino e atirou no pescoço de Butler e na mão de Artemis, numa sucessão rapidíssima.

Agora não seremos possuídos, pensou. Mas, pelo lado ruim, os Furiosos na certa vão simplesmente nos matar.

As almas baixaram sobre seus possíveis hospedeiros como pesadas cortinas de plástico. Holly sentiu o ectoplasma se enfiar em sua boca, mas o espírito não poderia possuí-la por causa da runa sob o colarinho.

Espere, disse a si mesma. Espere.

Holly sentiu gosto de barro e bile. Ouviu ecos de gritos vindos de dez mil anos atrás e experimentou a Batalha de Taille como se ela própria tivesse estado naquela planície, onde o sangue escorria através dos poços cheios de

estacas, e ondas de humanidade rolavam na campina, enegrecendo o gramado com sua passagem.

Tudo aconteceu exatamente como meu pai contou, percebeu Holly.

A alma uivou de frustração quando perdeu a fixação e foi repelida, jogando-se para o ar.

Duas almas de Furiosos disputavam para entrar em Artemis e Butler, mas foram repelidas. Butler havia se dobrado como uma sequoia derrubada quando Holly atirou nele, e Artemis apertava a mão, atordoado ao ver que sua amiga Holly os havia queimado com os raios da Neutrino. Artemis concluíra rápida e equivocadamente que Holly fora possuída por um dos Danu — algo que agora ele conhecia muito bem graças à alma que tentara ocupá-lo.

Tombou de joelhos e viu, através dos olhos semicerrados pela dor, os guerreiros Furiosos virem na direção deles. Agora Holly era amiga ou inimiga? Não podia ter certeza. Ela não parecia fora de si e havia apontado a arma na direção da horda.

A voz de Opala veio de trás do bando, abrigada pela massa de corpos.

— Eles se protegeram. Matem-nos agora, meus soldados. Tragam as cabeças para mim.

Artemis tossiu. *Tragam as cabeças para mim? Opala costumava ser um pouquinho mais sutil. É verdade o que dizem: a prisão não reabilita as pessoas. Pelo menos não as duendes-diabretes.*

Seus próprios irmãozinhos avançaram na direção dele com sede de sangue nos olhos. Dois meninos de 4 anos movendo-se com graça e velocidade cada vez maiores.

Eles estão mais fortes agora? Será que Myles e Beckett conseguiriam de fato nos matar?

E, se não conseguissem, talvez aqueles piratas o fizessem, com seus alfanjes enferrujados.

— Butler — disse Artemis, com a voz rouca. — Recuar e avaliar.

Era a única opção.

Não há qualquer ação proativa possível para nós.

Essa percepção irritou Artemis, ainda que ele estivesse correndo perigo mortal.

— Recue e tente não ferir ninguém, a não ser aqueles piratas. As múmias de guerreiros chineses e eu não ficaremos muito chateados se alguns animais forem machucados. Afinal de contas, somos nós ou eles.

Mas Butler não estava escutando a diatribe estranhamente nervosa de Artemis porque o tiro de Holly havia acertado seu nervo vago e o deixara apagado. Era um tiro em um milhão.

Contavam com Holly para defender o grupo. Deveria dar certo. Tudo que a capitã Short precisava era ajustar sua Neutrino especial numa rajada ampla para lhes garantir algum tempo. Então, o porrete de um pirata girou nas mãos esqueléticas do cadáver e acertou o nariz de Holly, fazendo-a cair para trás em cima de Butler.

Artemis viu as criaturas possuídas avançando os últimos passos em sua direção e ficou consternado porque, no fim, tudo se resumia ao aspecto físico.

Sempre achei que meu intelecto iria me manter vivo, mas agora serei morto por meu próprio irmãozinho com uma pedra. Isso é que é rivalidade fraterna.

Então o chão se abriu sob seus pés e engoliu o grupo inteiro.

Opala Koboí abriu caminho a cotoveladas entre seus acólitos, chegando à beira do abismo que subitamente aparecera sugando seus inimigos para longe do fim iminente.

— Não! — guinchou ela, com os punhos minúsculos socando o ar. — Eu queria a cabeça deles. Em estacas. Vocês fazem isso o tempo todo, não é?

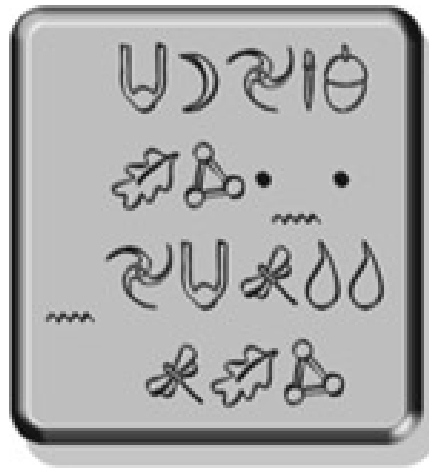
— Fazemos — admitiu Oro, através da boca de Beckett. — Membros também, às vezes.

Opala poderia ter jurado que, por baixo de seus pés que batiam, o chão arrotara.



CAPÍTULO 7: CUSPÍDO E ESCARRADO

PROPRIEDADE FOWL, VÁRIOS METROS ABAIXO DO SOLO



ARTEMIS caiu rolando, batendo os joelhos e os cotovelos contra dobras de raízes e cantos afiados de pedaços de calcário que brotavam como livros semienterrados. Torrões de terra úmida desmoronavam ao seu redor, e pedras entravam pela camisa e pelas pernas das calças. Sua visão era obstruída pelas cambalhotas e pelas camadas de terra, mas havia uma claridade acima. E abaixo também? Seria possível?

Artemis ficou confuso pelo som de madeira atrás de um ouvido e o brilho luminoso abaixo. Era abaixo, não era?

Estou me sentindo igual a Alice caindo no País das Maravilhas.

Uma frase do livro lhe veio à mente: *Seria tão bom se alguma coisa fizesse sentido, para variar!*

Nenhuma queda poder durar para sempre quando há gravidade envolvida, e a descida de Artemis foi misericordiosamente gradual à medida que a cratera se

afunilava até um gargalo, que Butler e Holly tiveram a decência de bloquear com seus corpos e membros embolados antes de passarem pelo buraco. Mãos ásperas agarraram Artemis, puxando-o para um túnel embaixo.

Artemis caiu em cima dos corpos embolados e piscou para afastar a lama dos olhos. Alguém ou algo estava parado, nu, diante dele: uma figura etérea reluzindo com luz divina da cabeça aos pés. Aquilo ergueu a mão, que reluzia, e falou com uma voz profunda, de trailer de cinema:

— Puxe o meu dedo.

Artemis relaxou certos músculos do pescoço que ele sequer havia percebido que estavam tensos.

— Palha.

— O primeiro e único. Salvando seu rabo de gênio mais uma vez. Lembre-me: quem deveria ser o gênio por aqui?

— Palha — repetiu Artemis.

Palha apontou seu dedo como se fosse uma arma.

— Arrá! Você está se repetindo. Uma vez me disse que ficar se repetindo era um exercício de redundância. Bom, quem é redundante agora, Garoto da Lama? De que adiantou o seu gênio contra aqueles malucos lá em cima?

— De nada — admitiu Artemis. — Podemos discutir isso mais tarde?

— Porque você está perdendo a discussão — zombou Palha.

— Não, porque *aqueles malucos* estão atrás de nós. Precisamos recuar e reagrupar.

— Não se preocupe com isso — disse ele, estendendo o antebraço para um buraco na parede do túnel e arrancando uma raiz grossa. — Ninguém vai seguir a gente a lugar nenhum depois que eu desmoronar a boca do túnel, mas talvez fosse bom você se arrastar um ou dois metros para a frente.

A terra acima deles ribombou como nuvens de trovoadas passando numa montanha baixa, e Artemis foi apanhado por uma certeza súbita de que todos seriam esmagados. Ele engatinhou correndo para a frente e se achatou contra a parede de lama fria e escura como se isso pudesse fazer alguma diferença.

Mas o túnel de Palha manteve a integridade, e só o lugar onde Artemis estivera ficou totalmente bloqueado.

Palha envolveu o tornozelo de Butler com os dedos e, com algum esforço, arrastou o guarda-costas inconsciente pelo piso do túnel.

— Você, carregue Holly. Com cuidado. Pela aparência da sua mão, ela afastou aqueles espíritos e salvou sua vida. Antes que eu também a salvasse, né. Provavelmente logo depois de Butler salvá-la. Está vendo um padrão surgindo, Artemis? Está começando a entender quem é o ponto fraco aqui?

Artemis olhou para a mão. Estava marcado com uma runa espiral onde Holly o havia acertado. Os últimos glóbulos de ectoplasma de um Furioso escorrendo pelos cabelos o fizeram estremecer com aquela visão.

Uma runa protetora. Holly os havia marcado para salvá-los. E pensar que tinha duvidado dela...

Artemis pegou Holly e seguiu o anão reluzente, tateando o caminho com as pontas dos pés.

— Devagar — pediu. — Está escuro aqui.

A voz de Palha ecoou pelo túnel.

— Siga os globos, Arty. Eu pus neles uma camada extra de cuspe de anão, a solução mágica que pode fazer tudo, desde brilhar no escuro até repelir fantasmas penetras. Eu deveria engarrafar essa coisa. Siga os globos.

Artemis franziu os olhos para a claridade que ia se afastando, e de fato pôde distinguir dois globos oscilando, e brilhavam com um pouco mais de intensidade do que o resto. Assim que percebeu o que eram, decidiu não segui-los muito de perto. Já tinha visto aqueles globos em ação e ainda sofria pesadelos ocasionais.

O túnel ondulou e se curvou, até que a bússola interna de Artemis desistiu do pouco senso de direção que tinha. Ele caminhava desajeitadamente atrás do traseiro fosforescente de Palha, olhando para a amiga inconsciente nos braços.

Ela parecia muito pequena e frágil, apesar de Artemis já tê-la visto enfrentar uma horda de trolls para defendê-lo.

— As chances estão contra nós, como tantas outras vezes, minha amiga — sussurrou, tanto para si mesmo quanto para Holly. Fez um cálculo aproximado, contabilizando as situações desesperadoras que tinham vivido nos últimos anos, o QI relativo de Opala Koboi e o número aproximado de oponentes que tinha vislumbrado na superfície. — Avalio que nossas chances de sobrevivência são de menos de quinze por cento. Mas, por outro lado, nós sobrevivemos, saímos vitoriosos de fato, em situações ainda mais difíceis. Uma vez.

Obviamente os sussurros de Artemis foram levados pelo túnel, porque a voz de Palha chegou de volta a ele.

— Você precisa parar de pensar com a cabeça, Garoto da Lama, e começar a pensar com o coração.

Artemis suspirou. O coração era um órgão que bombeava sangue rico em oxigênio para as células. Não podia pensar, assim como uma maçã não podia dançar sapateado. Já ia explicar isso ao anão quando o túnel se abriu numa câmara maior, e Artemis ficou pasmo.

A câmara era do tamanho de um pequeno celeiro, com as paredes inclinadas se encontrando em um cume. Havia túneis de alimentação em várias alturas e gosma reluzente presa em rochas expostas, servindo como um sistema de iluminação. Artemis já tinha visto esse sistema específico antes.

— Catarro de anão — presumiu, assentindo para um agrupamento baixo de glóbulos do tamanho de bolas de tênis. — Endurece depois de ser excretado e brilha com uma luminescência que não tem igual na natureza.

— Não é tudo catarro — disse o anão misteriosamente, e pela primeira vez Artemis não sentiu vontade de chegar ao fundo do mistério de Palha, já que o fundo dos mistérios dele geralmente estava nas vizinhanças dos misteriosos fundilhos de Palha.

Artemis pôs Holly gentilmente numa cama de casacos de pele falsa e reconheceu a etiqueta de grife.

— Esses casacos são da minha mãe.

Palha largou a perna de Butler.

— É. Bom, a posse é nove-décimos da lei, então por que você não leva o seu décimo de volta à superfície e fala sobre furto com aquela coisa que um dia já foi Opala Koboi?

Esse era um bom argumento. Artemis não tinha vontade alguma de ser expulso desse abrigo.

— Estamos em segurança aqui embaixo? Eles não vão nos seguir?

— Podem tentar — respondeu Palha, depois cuspiu uma bola reluzente em cima de outra que já estava perdendo o brilho. — Mas demorariam uns dois dias, usando brocas industriais e sonares. E mesmo então, eu poderia derrubar a coisa toda com uma boa explosão de gás de anão.

Artemis achou difícil de acreditar.

— Sério. Basta *uma* explosão e toda essa estrutura desmorona?

Palha adotou uma pose heroica, com um pé numa pedra e as mãos nos quadris.

— Na minha linha de trabalho, a gente precisa estar preparado para ir embora. Simplesmente partir.

Artemis não apreciou a pose heroica.

— Por favor, Palha, eu imploro. Vista uma calça.

Palha concordou de má-vontade, puxando uma desbotada calça de abrir túneis sobre as coxas grossas. Era só até aí que ele estava disposto a ir, e seu peito peludo e a pança prodigiosa permaneceram reluzindo e nus.

— Vou usar a calça por causa de Holly, mas este é o meu lar, Artemis. Na caverna, Escavator usa um estilo casual.

Água pingava de uma estalactite num poço tremeluzente. Artemis mergulhou a mão dentro do poço, depois pôs a palma na testa de Holly. Ela ainda estava inconsciente depois do segundo trauma físico em alguns minutos, e

uma única fagulha de magia se manifestou no ferimento da cabeça, zumbindo como uma diligente abelha dourada. A abelha pareceu notar a mão de Artemis e saltou para a marca, acalmando sua pele, mas deixando uma cicatriz em relevo. Assim que havia terminado o serviço, a magia retornou para Holly e se espalhou como um unguento pela testa dela. A respiração de Holly estava profunda e regular, e ela parecia mais uma pessoa adormecida do que inconsciente.

— Há quanto tempo está aqui, Palha?

— Por quê? Vai querer cobrar aluguel atrasado?

— Não, no momento estou apenas recolhendo informações. Quanto mais eu souber, mais detalhadamente posso planejar.

Palha levantou a tampa de uma caixa de isopor, que Artemis reconheceu como parte de um antigo jogo de piquenique de sua família, e tirou um salame vermelho-sangue.

— Você vive falando de planejamento detalhado, *et cetera*, e a gente acaba sempre enfiado até os olhos num buraco de troll sem escadas.

Fazia muito tempo que Artemis deixara de pedir que Palha explicasse suas metáforas. Estava desesperado em busca de qualquer informação que lhe desse alguma vantagem, algo que o ajudasse a buscar o controle dessa situação desesperadora.

Concentre-se, ordenou a si mesmo. *Há muita coisa em risco. Mais do que nunca.*

Sentia-se exausto. Seu peito arfava devido às curas e aos esforços recentes. De modo pouco característico, não sabia o que fazer, além de esperar que os amigos acordassem. Arrastou os pés até Butler, verificando as pupilas dele em busca de danos cerebrais. Holly o havia acertado no pescoço, e eles tinham levado um baita tombo. Artemis ficou aliviado ao ver que as duas pupilas estavam do mesmo tamanho.

Palha se agachou ao seu lado, reluzindo como um semideus baixinho, o que era meio perturbador se você soubesse o que o anão era de verdade. Palha

Escavator estava tão distante da divindade quanto um porco-espinho estava da maciez.

— O que acha da minha casa? — perguntou o anão.

— Isso é... — Artemis fez um gesto indicando o ambiente ao redor — ... incrível. Você escavou tudo isso sozinho. Há quanto tempo está aqui?

O anão deu de ombros.

— Uns dois anos. Eu venho e vou, você sabe. Tenho uma dúzia desses pequenos esconderijos espalhados. Fiquei cansado de ser um cidadão cumpridor da lei, então sugo um pouco de energia de suas hastes geotérmicas e pirateio sua TV a cabo.

— Por que morar aqui embaixo, afinal?

— Eu não *moro* aqui. De vez em quando caio por aqui. Quando as coisas esquentam. Acabei de fazer um serviço bem grande e precisei me esconder um tempo.

Artemis olhou em volta.

— Um serviço bem grande? E onde está o seu espólio?

Palha balançou um dedo que reluziu como uma varinha de festa.

— É aí que minha mentira improvisada desmorona, como diria meu primo Nord.

Artemis somou dois e dois e chegou a um quatro muito desagradável.

— Você estava aqui para me roubar!

— Não, não estava. Como ousa?

— Está espreitando aqui para fazer um túnel até a Mansão Fowl. De novo.

— *Espreitando* não é uma palavra bonita. Faz com que eu pareça uma serpente marinha. Gosto de pensar que estava oculto nas sombras. Maneiro, feito um gato ladrão.

— Você come gatos, Palha.

Palha juntou as mãos.

— Certo. Admito. Eu podia estar planejando uma espiadinha no cofre de obras de arte. Mas veja pelo lado divertido: roubar coisas de um gênio do

crime. Ia ser irônico. Vocês, gênios, gostam de ironia, não é?

Artemis estava pasmo.

— Você não pode manter obras de arte aqui. É úmido e enlameado.

— Isso não fez mal algum aos faraós — argumentou o anão.

Holly, que estava deitada ao lado deles, abriu os olhos, tossiu e depois executou um movimento que era muito mais difícil do que parecia, saltando verticalmente de onde estava e pousando de pé. Palha ficou impressionado, até que Holly tentou estrangulá-lo com sua própria barba, e nesse ponto ele parou de ficar impressionado e se ocupou em engasgar.

Esse era o problema de acordar depois de uma cura mágica; frequentemente o cérebro permanece totalmente incólume, mas a mente fica confusa. É uma sensação estranha estar inteligente e imbecil ao mesmo tempo. Acrescente a isso um lapso temporal, e a pessoa frequentemente achará difícil transitar de um estado onírico para o mundo acordado, por isso é aconselhável colocar o paciente num local tranquilo, talvez com alguns brinquedos de criança amontoados em volta do travesseiro. Infelizmente para Holly, ela havia perdido a consciência no meio de uma luta de vida ou morte, e acordou vendo um monstro reluzente pairando acima dela. Por isso reagiu com exagero, o que era compreensível.

Demorou uns cinco segundos para perceber quem era Palha.

— Ah — murmurou, sem graça. — É você.

— É — disse Palha, depois tossiu algo que guinchou e saiu correndo para longe. — Será que você podia soltar a barba, por favor? Acabei de fazer um tratamento de hidratação no salão.

— Verdade?

— Claro que não é verdade. Eu moro numa caverna. Como terra. O que você acha?

Holly penteou um pouquinho a barba de Palha com os dedos, depois desceu de cima dos ombros do anão.

— Eu estava sentada em cima de cuspe, não é? — perguntou ela, fazendo uma careta.

— Não é *tudo* cuspe — comentou Artemis.

— Bom, Artemis — respondeu ela, coçando a leve marca vermelha na testa.

— Qual é o plano?

— E olá para você também — falou Palha. — E não me agradeça. Salvar sua vida mais uma vez foi meu prazer. É só um dos muitos serviços oferecidos pelas Linhas Aéreas Escavator.

Holly fez uma careta para ele.

— Tenho um mandado de prisão contra você.

— Então por que não me prende?

— As prisões de segurança máxima não estão funcionando no momento.

Palha demorou um tempo para processar isso, e a bravata característica sumiu de suas feições ásperas, ruga por ruga. Quase pareceu que seu brilho havia diminuído em alguns níveis.

— Ó, santo senhor Vórtice — disse, fazendo sobre a barriga o sinal sagrado do intestino inchado, para afastar o mal. — O que Opala fez agora?

Holly sentou-se num montinho de terra, batendo no computador de pulso para ver se alguma coisa funcionava.

— Ela encontrou e abriu o Portão dos Furiosos.

— E isso não é o pior — disse Artemis. — Ela matou seu próprio eu mais jovem, o que destruiu tudo que Opala inventou ou influenciou desde então. A Cidade do Porto está fechada e os humanos voltaram à Idade da Pedra.

O rosto de Holly estava sério à luz do cuspe luminescente.

— Na verdade, Artemis, encontrar o Portão dos Furiosos é o pior, porque há duas fechaduras. A primeira libera os Furiosos...

Palha pulou durante a pausa.

— E o segundo? Anda, Holly, não é hora de fazer drama.

Holly abraçou os joelhos, como uma criança perdida.

— O segundo libera o Armagedom. Se Opala tiver sucesso em abri-lo, todo e qualquer ser humano na superfície da Terra será morto.

Artemis sentiu a cabeça girar quando a escala sangrenta do plano de Opala ficou clara.

Butler escolheu esse momento para recuperar os sentidos.

— Juliet está na superfície com os jovens senhores Beckett e Myles, portanto acho que não podemos deixar que isso aconteça.

Sentaram-se juntos ao redor de uma fogueira de cuspe reluzente enquanto Holly contava o que era considerado uma lenda, mas que agora estava sendo tratado como um fato histórico bastante preciso.

— Boa parte disso vocês já sabem, por causa dos espíritos que tentaram invadi-los.

Butler coçou o pescoço marcado.

— Eu, não. Estava apagado. Só tenho imagens desconexas. Coisas bem nojentas, até mesmo para mim. Membros decepados, pessoas sendo enterradas vivas... Anões cavalgando trolls em batalha? Isso pode ter acontecido?

— Tudo isso aconteceu — confirmou Holly. — Havia um batalhão de anões que cavalgavam trolls.

— É — disse Palha. — Eles se chamavam de Cavaleiros dos Trolls. Nome maneiro, hein? Havia um grupo que só saía à noite e se chamava de Cavaleiros dos Trolls Noturnos.

Artemis não pôde se conter.

— E como eram chamados os cavaleiros dos trolls que andavam de dia?

— Aqueles peões eram chamados de Cavaleiros dos Trolls Diurnos — respondeu Palha, sem se abalar. — Vestiam couro da cabeça aos pés. Fediam como o interior de uma bexiga de verme fedorento, mas faziam bem o serviço.

Holly poderia ter chorado de frustração, mas tinha aprendido, durante seu breve período como investigadora particular, quando Palha era seu parceiro,

que o anão só calaria a boca quando estivesse preparado para isso. Artemis, por outro lado, deveria saber que era melhor não fazer perguntas.

— Artemis — enfatizou ela. — Não o encoraje. Temos pouco tempo.

A expressão de Artemis pareceu quase desamparada na luminescência.

— Claro. Chega de comentários. Para dizer a verdade, estou me sentindo meio atordoado. Continue, Holly, por favor.

E assim Holly contou sua história, com as feições iluminadas por baixo pela luz pouco convencional. Butler não conseguia evitar a lembrança das histórias de terror contadas a ele e seus colegas escoteiros pelo Mestre Prunes nas viagens de fim de semana à caverna de Dan-yr-Ogof, no País de Gales. A narrativa de Holly era seca, mas as circunstâncias causavam um tremor na coluna.

E eu não tremo facilmente, pensou o grandalhão, remexendo-se desconfortavelmente na raiz que lhe servia de banco.

— Quando eu era criança, meu pai contava a história de Taillte quase toda noite, para que eu nunca esquecesse o sacrifício que nossos ancestrais fizeram. Alguns entregaram a vida, mas uns poucos foram além até mesmo disso e abriram mão da vida pós-morte. — Holly fechou os olhos e tentou narrar como tinha ouvido. — Há dez mil anos, os humanos lutaram para erradicar as famílias das criaturas da face da Terra. Não havia motivo para isso. No geral, as criaturas são pessoas que amam a paz, e suas habilidades de cura e a conexão especial com a terra eram benéficas para todos, mas sempre houve entre os humanos indivíduos que querem controlar tudo que veem e se sentem ameaçados pelo que não entendem.

Artemis se conteve para não levantar o argumento óbvio de que era uma criatura do subterrâneo que estava mais ou menos tentando destruir o mundo no momento, mas arquivou isso para ser usado mais tarde.

— E assim, o Povo se refugiou na nebulosa ilha de Ériú, o lar da magia, onde as criaturas eram mais poderosas, e cavou seus poços de cura e reuniu o exército na planície de Taillte para uma última resistência.

Os outros ficaram em silêncio enquanto Holly falava, pois podiam enxergar a cena na própria memória.

— Foi uma batalha breve — disse Holly com amargura. — Os humanos não demonstraram misericórdia, e ficou claro, na primeira noite, que o Povo estava condenado ao extermínio. E então, o Conselho decidiu que eles recuariam para as catacumbas abaixo da terra, donde tinham vindo antes do alvorecer da era dos homens. Todos, menos os demônios, que usaram a magia para levar sua ilha para fora da linha do tempo.

— Certo — disse Palha. — Eu estava acompanhando, mas aí você falou “donde”, e agora tenho de ir à geladeira.

Holly fez uma careta e continuou. Àquela altura, todo mundo sabia que era comendo que Palha enfrentava as más notícias, e as boas, e as banais. Na verdade todas as notícias.

— Mas os membros do Conselho argumentaram que até mesmo seu refúgio subterrâneo estaria em perigo, por isso construíram um portão com uma fechadura encantada. Se essa fechadura fosse aberta, as almas dos guerreiros Furiosos enterrados ao redor do portão ressurgiriam e possuiriam qualquer corpo que pudessem, para impedir que os humanos tivessem acesso.

Artemis ainda podia se lembrar do fedor enjoativo que tinha sentido quando o Furioso havia tentado ocupar sua mente.

— E se o Portão dos Furiosos fosse aberto pela mão de uma criatura, os guerreiros estariam sob o domínio dela para lutar sob suas ordens. Nesse caso, sob as ordens de Opala Koboï. Esse feitiço foi conjurado para durar pelo menos um século, até que o Povo estivesse seguro em outro local e a localização do portão fosse esquecida.

O lábio de Holly se enrolou enquanto ela dizia isso, e Artemis deduziu.

— Mas houve uma traição?

Os olhos de Holly saltaram com a surpresa.

— Como... É, claro que você adivinharia, Artemis. Nós fomos traídos pelo infame feiticeiro gnomo Shayden Fruid, antes conhecido como Shayden, o

Ousado, mas que desde então é conhecido como Shayden, a Vergonha de Taillte. Há uma estátua invertida de Shayden na capela de Ei-Ei, o que não é considerado um elogio, acredite.

— O que aconteceu, Holly? — perguntou Artemis, instigando-a.

— Shayden Fruid se escondeu numa névoa conjurada até que os Furiosos agonizantes foram enterrados em volta do portão e o Povo desceu para o mundo subterrâneo, depois ele tentou mexer na fechadura. Não somente pretendia abrir a fechadura para os humanos, mas também comandar os Furiosos enfeitiçados contra seu próprio povo.

— Esse cara era um verdadeiro doce — gritou Palha, com o rosto banhado na luz da geladeira. — Segundo a lenda, uma vez ele vendeu a própria mãe rio abaixo. E não estou falando metaforicamente. Ele de fato pôs a mãe num barco e vendeu-a na aldeia seguinte. Isso deveria ter servido de aviso.

— Mas o plano de Shayden fracassou, não foi? — perguntou Artemis.

— Sim, porque o estágio secreto do plano exigia que alguém ficasse para trás e desmoronasse o vale em cima do portão. Um grande feiticeiro que pudesse manter a névoa até o portão ser enterrado e depois usá-la para esconder a própria fuga. Como os demônios já haviam partido, só o feiticeiro elfo Bruin Fadda, cujo ódio pelos humanos era lendário, podia completar a missão, subindo à borda do vale para conjurar o desmoronamento que fora preparado por uma equipe de anões engenheiros.

De algum modo, pareceu a Artemis, Butler e Holly que os três haviam vivido o que acontecera. Talvez fossem os últimos restos de plasma dos Furiosos na testa deles, mas de repente podiam ouvir a respiração na garganta de Bruin Fadda enquanto ele descia correndo a colina, gritando para Shayden se afastar da fechadura.

— Eles travaram uma luta violenta, cada guerreiro poderoso ferindo o outro mortalmente. E, no fim, morrendo e enlouquecido de dor, ódio e desespero, Bruin conjurou uma segunda fechadura usando o próprio sangue e uma magia negra proibida. Se essa fechadura fosse aberta, Danu, a mãe Terra,

entregaria sua magia ao ar numa explosão de energia que aniquilaria cada ser humano vivo na superfície, e o Povo estaria em segurança para sempre.

— Só os humanos?

Holly acordou do devaneio.

— Só os humanos. Os opressores odiados. Bruin havia perdido todos os membros de sua família num ataque. Ele estava totalmente fora de si.

Butler coçou o queixo.

— Toda arma tem uma data de validade, Holly. Já faz dez mil anos. Esse feitiço não poderia ter uma meia-vida ou algo assim?

— É possível. Mas os Furiosos estão soltos, e a primeira fechadura funcionou muito bem.

— Por que Opala quereria abrir a segunda fechadura?

Artemis sabia a resposta.

— É uma coisa política. Há um lobby gigantesco no Porto, que vem reivindicando a guerra em escala total há anos. Opala seria uma heroína para eles.

Holly assentiu.

— Exato. Além disso, Opala está tão louca que acredita seriamente que seu destino é ser algum tipo de messias. Você viu o que ela estava preparada para fazer, simplesmente com o objetivo de escapar.

— Conte — disse Palha.

— Ela fez com que seu eu mais jovem fosse sequestrado e depois armou um falso pedido de resgate para o seu eu atual, para que a puséssemos dentro de um reator nuclear natural e com isso a ajudássemos a gerar magia negra suficiente para abrir a primeira fechadura.

Palha bateu a porta da geladeira.

— Lamento sinceramente ter perguntado. Isso é a típica forma de encrenca em que você coloca a gente, Artemis.

— Ei — reagiu Holly. — Desta vez não podemos culpar Artemis.

— Obrigado — exclamou Artemis. — Até que enfim.

— Haverá tempo suficiente para culpá-lo quando isso tudo estiver resolvido.

Artemis cruzou os braços com movimentos exagerados.

— Isso é injusto, Holly. Sou tão vítima quanto todo mundo nessa situação. Até aqueles Furiosos estão sendo usados para lutar numa guerra que terminou há dez mil anos. Será que não poderíamos simplesmente avisá-los de que a guerra acabou? Eles estão guardando um portão que, presumo, nem leva mais a lugar nenhum.

— É verdade. Não usamos as antigas redes há milênios.

— Você não pode comunicar isso de algum modo?

— Não, eles estão atados pela magia. Nada que dissermos causará impacto.

— Quanto tempo temos? — perguntou Artemis.

— Não sei — admitiu Holly. — Meu pai contava a lenda como uma história para dormir. Foi repassada pelo pai dele. A coisa toda veio da mente de um feiticeiro empático que fez sincronismo com Bruin Fadda nos últimos momentos da vida dele. Só sabemos que a segunda fechadura é uma magia complexa. Agora Opala está funcionando à base de magia negra, mas isso tem um preço alto e se esvai depressa. Ela vai querer abri-lo antes do alvorecer, enquanto a lua das fadas ainda estiver alta. Depois de todo esse tempo, seus Furiosos devem ser meros fiapos do que eram antigamente e não podem durar muito. Alguns cederão ao chamado da pós-vida antes disso.

Artemis se virou para fazer a Butler uma pergunta sobre tática. Essa era a especialidade do guarda-costas.

— Como Opala organizaria suas forças?

— Ela vai colocar a maior parte desses Furiosos ao redor dela, dando cobertura, enquanto tenta arrombar a fechadura mágica. O resto vai vigiar os muros e fazer patrulhas pela propriedade, sem dúvida armados até os dentes. Provavelmente com minhas armas.

— Nós temos alguma arma? — perguntou Artemis.

— Perdi minha Neutrino depois da queda — respondeu Holly.

— Eu tive de entregar minha pistola à imigração no Porto — disse Butler.
— Não pude pegar de volta.

Palha voltou à fogueira.

— Você disse que todos os humanos na superfície seriam mortos. Só quero observar que vocês estão abaixo da superfície. Portanto poderiam, sabem, simplesmente ficar aqui.

Holly lançou-lhe um olhar bem venenoso.

— Ei, não precisa disso. É bom explorar todas as opções.

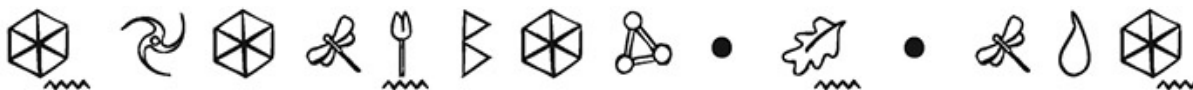
— Se Opala abrir a segunda fechadura, não só vai matar bilhões de humanos, como também provocar uma guerra civil sem precedentes entre o Povo. E depois Opala Koboï provavelmente vai se declarar imperatriz suprema.

— Então está dizendo que deveríamos impedi-la?

— Estou dizendo que *temos* de impedi-la, mas não sei como.

Artemis olhou para o alto, como se uma inspiração divina fosse chegar, mas só pôde ver as paredes reluzentes do refúgio subterrâneo de Palha e o negrume das bocas dos túneis que surgiam nas superfícies.

— Palha — indagou ele, apontando. — Onde esses túneis vão dar?



CAPÍTULO 8: UM BANDO IRREVERENTE

ÍLHA DALKEY, SUL DO CONDADO DE DUBLIN



EXISTE uma ideia errada de que os trolls são idiotas. O fato é que os trolls só são *relativamente* idiotas.

Comparados com os astrofísicos e os Grandes Sumo Sacerdotes Ei-Ei, os trolls poderiam ser considerados um tanto carentes no quesito QI, mas até mesmo um troll abaixo da média resolve um quebra-cabeça mais depressa do que qualquer chimpanzé ou golfinho do planeta. Sabe-se que os trolls fazem ferramentas grosseiras, aprendem a linguagem dos sinais e até grunhem algumas sílabas inteligíveis. No início da Idade Média, quando os shows de aberrações com trolls eram legalizados, o famoso artista troll Conde Amos Luar era alimentado com ponche de mel por seu treinador anão até arrotar algo parecido com “A balada do Pequeno Cosquento”.

Portanto, os trolls são idiotas?

Definitivamente não.

O que os trolls *são* é teimosos. Patologicamente teimosos. Se um troll suspeita que alguém quer que ele saia pela porta A, ele definitivamente vai escolher a porta B, possivelmente depois de se aliviar em cima da porta A na saída.

Isso tornava difícil para eles se integrar aos Elementos de Baixo. A LEP tem até mesmo uma divisão de treinadores de trolls que gastam o maior número de horas extras per capita perseguindo trolls desgarrados que se recusam a ser encurralados nos túneis dos subúrbios de Porto. A qualquer momento há mais de cem trolls que mastigaram seus chips de rastreamento e estão se arrastando por rachaduras na crosta da Terra, movendo-se inexoravelmente na direção de pontos de magia concentrada na superfície.

Os trolls são atraídos por resíduos de magia assim como os anões são atraídos por coisas que não lhes pertencem. Os trolls se alimentam de resíduos, estes aumentam seu tempo de vida. E, à medida que envelhecem, eles ficam mais hábeis.

O troll mais velho de que se tem notícia foi conhecido por muitos nomes durante a vida: sua mãe pode tê-lo chamado de Sádico, ou podia estar tentando dizer *sai de casa*. Para a LEPtroll ele era simplesmente o Suspeito Zero, e para os humanos, o Abominável Homem das Neves, o Pé Grande ou El Chupacabra, dependendo da área em que fosse visto.

Sádico tinha vivido por vários séculos extras devido à sua disposição para percorrer todo o globo em busca de resíduos mágicos. Não havia um continente que ele não tivesse visitado sob a cobertura da escuridão, e seu pelo grisalho era entrecruzado de cicatrizes e marcas de queimadura provenientes de uma centena de embates com a LEP e com vários caçadores humanos. Se Sádico conseguisse dizer uma frase, provavelmente seria:

Talvez pareça que eu levei uma surra, mas você deveria ver os outros caras.

Sádico morava atualmente numa caverna na Ilha Dalkey, perto do litoral ao sul de Dublin, e nadava para a terra até um cais particular, onde se servia de animais das fazendas ao redor. Fora visto algumas vezes pelo dono do cais, um

irlandês excêntrico que agora cantava para ele todas as noites, do outro lado da baía. Sádico sabia que precisaria se mudar ou comer o humano nos próximos dias, mas, nessa noite em particular, estava satisfeito em repousar a cabeça na carcaça de uma ovelha, que serviria de travesseiro por enquanto e como café da manhã mais tarde.

Seu sono foi interrompido por um sexto sentido que habitava o espaço do cérebro entre paladar e olfato. Havia atividade mágica por perto, o que fazia o interior de seu crânio sentir cócegas como se vaga-lumes tivessem acabado de eclodir de seus ovos ali. E onde havia magia, sem dúvida haveria resíduos. O bastante para curar a dor em suas costas e lacrar a ferida cheia de secreção no tornozelo, onde uma morsa o havia mordido.

Sádico arrancou salsichas de tripas das entranhas da ovelha e as engoliu inteiras para sustentá-lo na viagem. E, enquanto entrava no mar para nadar o curto espaço até a terra firme, sentiu a atração da magia ficar mais forte, e seu ânimo cresceu.

Sádico ansiava pelo doce néctar de resíduo para curar seus males. E quando um troll coloca sua forte determinação em algo, não há muitas coisas nesta Terra capazes de bloquear seu caminho.



uma coisa pouco dramática de se ver: a arma simplesmente expirou e se esfarelou.

— Preciso abrir a segunda fechadura — disse a Oro, revigorada por essa guloseima de energia. — Tenho até a manhã. Então minha magia vai se evaporar com o orvalho matinal, e eu ficarei indefesa.

— A segunda fechadura? — perguntou Oro, com as cordas vocais de Beckett se atrapalhando com o gnomês. — Tem certeza, senhora?

— *Rainha* — corrigiu ela. — Você vai me chamar de rainha Opala. Ao abrir a primeira fechadura do Portão dos Furiosos, eu os coloquei sob meu domínio. Mas preferiria que você se dirigisse a mim o mínimo possível, pois suas cordas vocais humanas me irritam. E pare de fazer cara feia. Essa expressão fica ridícula no seu rosto de menininho. Mamãe sente vontade de lhe dar uma surra.

— Mas a segunda fechadura? — insistiu Oro. — Isso liberaria o poder de Danu.

— Em primeiro lugar, o que foi que acabei de dizer sobre se dirigir a mim? Em segundo, dê uma olhadinha no cérebro do seu humano. Uma pequena onda de Danu é a melhor coisa que pode acontecer para este planeta.

Oro pareceu perplexo, mas sua conexão mágica o proibia de discutir, e Opala sabia que, mesmo que o Furioso pudesse discutir, seus argumentos seriam apresentados numa túrgida prosa da Idade Média, de lógica simplista.

— Deixe-me falar com o menino humano — ordenou, raciocinando que uma criança Fowl, mesmo pequena, apreciaria o que ela conseguira fazer. Além disso, seria divertido ver um humano se retorcer.

Oro suspirou, desejando que seu velho amigo Bruin Fadda tivesse colocado um pouco de folga na ligação mágica, depois estremeceu, ao permitir que sua consciência ficasse submersa temporariamente pela de Beckett Fowl.

Os séculos sumiram do rosto de Oro, e Beckett emergiu luminoso e sorridente.

— Eu estava sonhando — disse. — No meu sonho eu parecia eu, mas tinha mais dedos.

Opala abriu os braços, permitindo que a magia negra pulsasse em linhas laranjas ao longo dos membros.

— Não está aterrorizado, garoto?

Beckett pulou feito um macaco, em sua versão de uma pose de ninja.

— Não. *Você* devia estar terror-rizada.

— Eu? — Opala gargalhou. — Você não pode me fazer mal. A ligação impede.

Beckett deu um soco na barriga de Opala; um movimento que partia do ombro, como Butler havia ensinado.

— É, sou bem rápido. Mais rápido do que sua ligação mágica idiota. Butler diz que eu levo jeitcho.

O ar saiu dos pulmões de Opala num jorro, e ela cambaleou para trás, batendo o cotovelo na plataforma elevada do Portão dos Furiosos. Para sorte dela, a ligação mágica funcionou, e Oro recuperou o controle do corpo, caso contrário Beckett Fowl, de quatro anos, poderia ter colocado um fim nos planos de Opala de dominar o mundo ali mesmo.

Oro correu para levantá-la.

— Está ferida, minha rainha?

Opala balançou a mão, incapaz de falar, e foi obrigada a suportar vários segundos de Oro levantando e abaixando seu tronco como se fosse um fole, até a respiração voltar ao normal.

— Me solta, seu elfo idiota. Está tentando quebrar minha coluna?

Oro obedeceu.

— Esse garoto é rápido. Foi mais rápido do que a ligação. Não são muitos que podem fazer isso.

Opala esfregou a barriga com a mão cheia de magia, só para o caso de haver algum hematoma.

— Tem certeza de que não deu uma ajudinha ao garoto? — perguntou, cheia de suspeitas.

— Claro que não, minha rainha — respondeu Oro. — Os Furiosos não ajudam humanos. Quer falar com ele outra vez?

— Não! — guinchou Opala, depois recuperou a compostura. — Quero dizer... não. O garoto serviu ao propósito. Temos de prosseguir com o plano.

Oro se ajoelhou, pegando um punhado de terra solta.

— Deveríamos pelo menos perseguir nossos atacantes. A elfo tem habilidades de batalha; o humano grande também é um guerreiro formidável. Sem dúvida eles tentarão uma sabotagem.

Opala estava preparada para admitir isso.

— Muito bem, elfo cansativo. Mande seu tenente mais hábil com alguns soldados. Certifique-se de incluir o outro menino no grupo. Fowl pode ficar relutante em matar o próprio irmão. — Opala soprou entre os lábios, uma pequena ação que deixou suficientemente claro que ela própria não hesitaria em matar qualquer membro da família, se estivesse no lugar de Fowl. De fato, veria qualquer hesitação em trucidar um irmão como falta de comprometimento com o plano.

Afinal de contas, pensou, não matei a mim mesma para escapar da prisão?

Mas as criaturas do subterrâneo eram fracas, e os humanos, ainda mais. Talvez Fowl hesitasse pelo segundo necessário para seu irmãozinho cravar uma adaga na sua barriga.

— Não desperdice muito tempo nem recursos. Quero um círculo de Furiosos armados atrás de mim enquanto trabalho na segunda fechadura. Há feitiços complexos para desenrolar.

Oro se levantou, fechando os olhos por um segundo para desfrutar da brisa no rosto. Do outro lado dos muros, podia ouvir os estalos de chamas enormes, e quando abriu os olhos, a fumaça da destruição distante lambia as nuvens noturnas.

— Nós estamos ansiosos, mas somos poucos, minha rainha. Haverá mais inimigos no caminho?

Opala fez um som que era quase uma risada.

— Não até de manhã. Meus inimigos estão experimentando algumas dificuldades. A mamãezinha cuidou disso.

A parte da mente de Oro que ainda pertencia a ele próprio, e não estava sob o domínio de uma duende-diabrete que reluzia alaranjada, pensou: *é inconveniente que ela se refira a si mesma como nossa mãe. Está zombando de nós.*

Mas tamanha é a força da *geasa*, ou das ligações mágicas, que até mesmo esse pensamento rebelde causava uma dor física no capitão dos Furiosos.

Opala notou quando ele se encolheu.

— O que está pensando, capitão? Não é nada sedicioso, é?

— Não, minha rainha — disse Oro. — Esse corpo ridículo é incapaz de conter minha sede de sangue. — Essa mentira lhe custou outra pontada, mas ele estava preparado e suportou-a sem reagir.

Opala enrugou a testa. Aquele ali tinha ideias próprias, mas isso não importava. A energia de Oro já estava diminuindo. Os Furiosos mal durariam a noite, e até lá a segunda fechadura estaria aberta, e a era Koboí começaria de verdade.

— Vá, então — ordenou, rispidamente. — Escolha um grupo de caça, mas o *seu* dever é proteger o portão. Cuidei para que os humanos fiquem ocupados por enquanto, mas assim que o sol nascer eles virão numa onda de destruição para acabar com o resto da nossa espécie. — Opala decidiu exagerar no rebuscamento para que Oro entendesse: — Sem misericórdia em seus corações frios e implacáveis eles cairão sobre nós.

Esse tipo de fala pareceu atingir em cheio, e Oro saiu correndo para escolher seu grupo de caça.

Toda a situação estava absolutamente perfeita, Opala teve de admitir para si mesma. Os Furiosos vigiarão o perímetro, patéticos em sua crença equivocada de que seu grande portão sombrio levava a algum lugar. E então iriam

simplesmente evaporar para a nova vida, sem nunca saber do genocídio desnecessário que tinham ajudado a cometer.

Os fantasmas são testemunhas pouco confiáveis nos tribunais, pensou Opala, dando um risinho.

Mas, por mais que um risinho de parabéns para si mesma pudesse ser agradável, havia trabalho a ser feito, e exigia a totalidade de seu intelecto. A fechadura continuava trancada, e ela só podia se manter agarrada à magia negra por algum tempo antes que ela consumisse seu corpo físico. Já sentia bolhas crescendo entre as escápulas. A magia iria abandoná-la em breve, mas antes disso causaria uma destruição completa em seu organismo. Seu poder curava as bolhas assim que elas nasciam, mas isso lhe custava magia, e as bolhas voltavam, de qualquer modo.

Por que não posso resolver esse problema matando alguém?, pensou com petulância, e então se consolou com o mantra que a mantivera focada durante a prisão.

— Logo, todos os humanos estarão mortos — entoou a frase ao antigo modo dos gurus de toda parte. — E então, Opala será amada.

E mesmo que eu não seja amada, pensou, *pelo menos todos os humanos estarão mortos.*

Oro desceu com as perninhas pequenas os antigos degraus que rodeavam o Portão dos Furiosos, e, por um momento, se lembrou claramente do dia em que ajudara a construir essa torre atarracada. Houvera mais magia envolvida do que força física, contudo. O velho Bruin Fadda mandou sua equipe derramar na fechadura cada fagulha de poder em que colocassem as mãos. Um grande círculo de feiticeiros lançava raios contra a pedra.

Quem abrir este portão vai receber mais do que pediu, prometera Bruin mais tarde naquela semana, enquanto Oro e seus homens agonizavam. Bruin estivera errado. A rainha Opala recebeu exatamente o que estava esperando.

Como ela sabia?, pensou Oro. *Eu tinha quase certeza de que o mundo havia se esquecido de nós.*

Os Furiosos estavam cheios de violência reprimida e ansiosos para infligir danos à humanidade. Tentavam ficar parados enquanto Oro falava com eles, mas era uma batalha árdua, em especial para os piratas que não conseguiam impedir que seus ossos expostos chacoalhassem.

Oro subiu num toco de árvore, para que o pequeno corpo que ele ocupava fosse visto por todos, e levantou o punho pedindo silêncio.

— Meus guerreiros! — berrou para seu batalhão. — Nosso dia finalmente chegou!

Isso foi recebido por um coro de gritos, uivos, rosnados e assobios quando as várias criaturas habitadas pelos Furiosos verbalizavam a aprovação. Oro não pôde esconder uma sensação de incômodo. Aqueles não eram os guerreiros que ele recordava, que haviam lutado e sofrido ferimentos mortais nas planícies de Taillte, mas eram o que eram, e a vontade de lutar estava ali, ainda que a capacidade, não. Havia raposas no batalhão, pelo amor de Danu! Como uma raposa iria brandir uma espada? Mesmo assim, era melhor fazer o sangue de seus guerreiros correr com um pouco de retórica. Oro sempre tivera orgulho de seus discursos.

— Beberemos o veneno amargo de nossa derrota e vomitá-lo-emos nos nossos inimigos! — gritou, a voz se espalhando na campina.

Seus guerreiros gritaram, rugiram e uivaram em aprovação, exceto por um.

— Perdão? — disse seu tenente, Gobdaw.

— O que foi? — perguntou Oro.

O tenente, que se escondia dentro do corpo do segundo Garoto da Lama, tinha uma expressão perplexa no rosto lívido. Na verdade, qualquer tipo de

perplexidade era uma coisa nova para Gobdaw. Em geral, ele era uma criatura do tipo que não fazia perguntas e falava através de seu machado. Geralmente Gobdaw adorava um pouquinho de retórica.

— Bom, Oro — falou Gobdaw, parecendo um pouco surpreso com as palavras que saíam da sua boca. — O que isso quer dizer exatamente? Vomitar o veneno amargo da nossa derrota sobre nossos inimigos?

A pergunta pegou Oro de surpresa.

— Bom, simplesmente significa...

— Porque, se não se importa que eu diga, usar a palavra *derrota* num discurso motivacional parece transmitir uma mensagem um tanto dúbia.

Agora foi a vez de Oro ficar perplexo.

— Motivacional? Mensagem dúbia? O que sequer significam essas coisas?

Gobdaw parecia a ponto de chorar.

— Não sei, capitão. É o meu hospedeiro humano. Ele é forte.

— Controle-se, Gobdaw. Você sempre admirou minha retórica.

— Admirei. Admiro, capitão. O pequeno se recusa a ser silenciado.

Oro decidiu distrair Gobdaw com tarefas.

— Você tem a honra de comandar a busca aos inimigos. Leve os cães, Bellico e aqueles marinheiros também. Todos os outros, fiquem ao redor do portão. A rainha Opala está trabalhando na segunda fechadura. Entendido?

— Sim, capitão — rugiu Gobdaw, sacudindo o punho. — Seguimos suas ordens.

Oro assentiu. Assim estava melhor.

Gobdaw, Bellico e os cães de caça dos Fowl deram a volta no túnel desmoronado. Bellico estava se sentindo muito bem consigo mesma, envolta no corpo de Juliet Butler. Aquela era uma hospedeira melhor do que ela poderia esperar: um excelente espécime físico equipado com o conhecimento de vários estilos antigos de luta os quais, graças às memórias de Juliet, ela sabia como colocar em prática muito bem.

Bellico verificou seu reflexo na lâmina da faca de um pirata e ficou satisfeita com o que viu.

Não é muito feia, para uma humana. É quase uma pena que minha força vital não vá me sustentar por mais de uma única noite. Talvez, se tivéssemos sido chamados menos de cinquenta anos depois de sermos enterrados, a magia nos sustentasse por um período maior, mas agora nossos espíritos estão enfraquecidos pelo tempo. O feitiço não foi criado para nos manter presos à terra por tantos milênios.

A memória de Bellico continha imagens que pintavam uma figura feia de Opala Koboi, mas ela fora alertada de que a visão humana com relação ao povo subterrâneo não era muito confiável. O ódio que os Homens da Lama sentiam do Povo era tanto que até suas memórias ficavam deturpadas.

Os piratas estavam menos satisfeitos com seus corpos herdados, que se desintegravam simplesmente ao caminhar.

— Está me custando toda a magia só para manter esse saco de vermes em pé — reclamou o ex-gigante guerreiro Salton Finnacre, que habitava o corpo de Eusebius Fowl, o pirata feroz.

— Pelo menos você tem pernas — resmungou seu parceiro de batalha J'Heez Nunyon, que mancava num par de cotocos de madeira. — Como vou dar meu golpe de dervixe especial com essas coisas? Vou parecer uma porcaria de um anão bêbado caindo no chão.

Era pior para os cães de caça, que só podiam formar os sons mais rudimentares com suas cordas vocais.

— Fowl — latiu um, muito familiarizado com o cheiro de Artemis. — Fowl. Fowl.

— Bom garoto — disse Gobdaw, levantando a mãozinha de Myles para dar um tapinha na cabeça do cachorro, o qual não achou muito engraçado, e teria mordido a mão se ela não pertencesse a um oficial superior.

Gobdaw chamou seus soldados.

— Guerreiros. Nossos nobres irmãos dentro dessas feras captaram um rastro. Nossa missão é encontrar os humanos.

Ninguém perguntou: *e depois?* Todo mundo sabia o que era feito com os humanos quando eles eram encontrados. Porque, se você não fizesse isso com eles, eles fariam com você, com toda a sua espécie e provavelmente com qualquer pessoa com quem sua espécie já tivesse compartilhado uma caneca de cerveja.

— E a elfo? — perguntou Bellico. — O que faremos com ela?

— A elfo fez uma escolha — disse Gobdaw. — Se ela sair da frente, a deixamos viver. Se ficar onde está, vai se tornar uma Pessoa da Lama para nós.

O suor escorria pela testa de Gobdaw, ainda que a noite estivesse ficando mais fresca, e ele falava entredentes, tentando conter a consciência de Myles Fowl, que borbulhava dentro dele como uma indigestão mental.

Essa conversa foi interrompida quando os cães se afastaram da boca do túnel desmoronado e atravessaram a campina em direção à grande moradia humana que ficava sobre o morro.

— Ah — exclamou Bellico, partindo atrás deles. — Os humanos estão no templo de pedra.

Gobdaw tentou se impedir de falar, mas não conseguiu.

— Ele mandou dizer que isso se chama mansão. E que todas as garotas são idiotas.

Artemis, Holly e Butler se espremeram por um túnel que, segundo Palha havia garantido, saía na adega, atrás de uma prateleira de Château Margaux 1995.

Artemis ficou horrorizado com essa revelação.

— Você não sabe que o seu túnel poderia afetar a temperatura da adega? Para não falar da umidade! Aquele vinho é um investimento.

— Não se preocupe com o vinho, Garoto da Lama idiota — disse Palha, num tom muito paternalista que havia desenvolvido e treinado simplesmente

para irritar Artemis. — Eu bebi tudo há meses e substituí. Era o certo a se fazer. Afinal de contas, a integridade da adega tinha sido comprometida.

— É, mas por você! — Artemis franziu a testa. — Substituíu pelo quê?

— Você quer mesmo saber? — perguntou o anão, e Artemis balançou a cabeça, decidindo que, dado o passado de Escavator, nesse caso a ignorância seria menos perturbadora do que a verdade.

— Sábia decisão — disse Palha. — Então, continuando. O túnel vai até os fundos da adega, mas a parede está tampada.

— Tampada com o quê? — perguntou Artemis, que podia ser um pouco lento, apesar do gênio.

O anão cofiou a barba com os dedos.

— Quero lembrá-lo da minha última pergunta: você quer mesmo saber?

— Nós podemos atravessar? — perguntou Butler, o pragmático.

— Ah, sim — respondeu Palha. — Um humano grande e forte como você, sem problemas. Eu faria isso para vocês, mas parece que tenho outra missão.

Holly levantou o olhar do computador de pulso, que ainda não estava captando nenhum sinal.

— Precisamos que pegue as armas que estão no lançador, Palha. Butler tem um kit na casa, mas Juliet pode já estar levando os Furiosos para lá. Precisamos agir depressa e em duas frentes. Um movimento de pinça.

Palha suspirou.

— Pinça. Adoro caranguejo. E lagosta. Me dá um pouco de gases, mas vale a pena.

Holly deu um tapa nos joelhos.

— É hora de ir — anunciou. Nenhum dos humanos questionou.

Palha viu os amigos entrarem no túnel da mansão e voltou por onde tinham vindo, na direção do lançador.

Não gosto de voltar por onde vim, pensou. Porque geralmente há alguém me perseguindo.

Portanto ali estavam, retorcendo-se por um túnel claustrofóbico, com o cheiro pesado de terra nos narizes e a ameaça sempre presente de incontáveis toneladas acima deles, como uma bigorna gigante.

Holly sabia o que todo mundo estava pensando.

— Esse túnel é seguro. Palha é o melhor escavador que existe — garantiu, em meio aos grunhidos e à respiração ofegante.

O túnel serpenteava, e a única luz vinha de um celular grudado na testa de Butler. Artemis teve uma visão súbita dos três entalados ali para sempre, como roedores na barriga de uma cobra, sendo digeridos lentamente até que não restasse nenhum traço.

Ninguém jamais saberá o que aconteceu conosco.

Esse era um pensamento redundante, sabia Artemis, porque se eles não sássem do túnel, com todas as probabilidades, não restaria ninguém para se perguntar o que havia acontecido com seu pequeno grupo. E ele jamais saberia se tinha fracassado em salvar os pais ou se eles já haviam sido mortos em Londres. Mesmo assim, Artemis não conseguia afastar a ideia de que estavam prestes a morrer naquela cova sem identificação, e essa ideia só ficava mais forte conforme sua mão o puxava mais para dentro da terra.

Artemis avançou a mão mais uma vez para o negrume, e seus dedos encontraram a bota de Butler.

— Acho que conseguimos — disse o guarda-costas. — Chegamos ao bloqueio.

— O bloqueio é sólido? — gritou Holly de trás.

Seguiu-se uma série de ruídos que não pareceriam deslocados numa fábrica de geleia e um cheiro que seria totalmente coerente com um esgoto estourado.

Butler tossiu várias vezes, xingou bastante e depois disse uma frase cheia de repulsa:

— Só a crosta é sólida.

Rolaram pelo buraco e bateram numa estante caída, cheia de garrafas de vinho, que tinha sido derrubada pela entrada apressada de Butler.

Normalmente ele teria passado lentamente, movendo a prateleira pouco a pouco, mas, nesse caso, a velocidade era mais importante do que a discrição, por isso ele simplesmente se lançou contra o tampão do túnel de Palha e entrou na adega. Os outros dois foram atrás rapidamente, felizes em escapar do aperto do túnel.

Artemis cheirou o líquido que se empoçava em pedaços de garrafas quebradas.

— Definitivamente não é Château Margaux 1995 — comentou.

— Não é nem mesmo vinho de cobra — disse Butler, espanando-se. — Embora eu conheça alguns mercenários que provavelmente beberiam isso.

Holly subiu os altos degraus de pedra da adega do século XVII, depois encostou o ouvido na porta.

— Não estou escutando nada — disse, após um momento. — Só o vento vindo de fora.

Butler puxou Artemis dos destroços da estante.

— Vamos indo, Artemis. Precisamos pegar minhas armas antes que a ideia ocorra à passageira de Juliet.

Holly abriu uma fresta e espiou. A porta dava num corredor, e na metade do caminho havia um bando de piratas empunhando armas automáticas. Estavam absolutamente imóveis, provavelmente numa tentativa de impedir que os ossos chacoalhassem.

Butler se esgueirou atrás dela.

— Como estamos? — perguntou.

Holly prendeu a respiração enquanto fechava a porta.

— Não muito bem.

Agacharam-se atrás de uma prateleira de vinhos tintos californianos da década de 1990 e falaram em sussurros urgentes.

— O que temos? — perguntou Artemis.

Butler levantou os punhos.

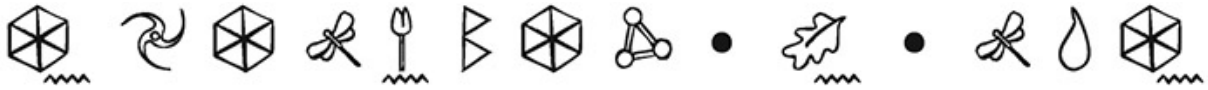
— Eu tenho isso. E só.

Holly revistou os bolsos de seu macacão.

— Algumas algemas de plástico. Uns dois sinalizadores. Não é grande coisa.

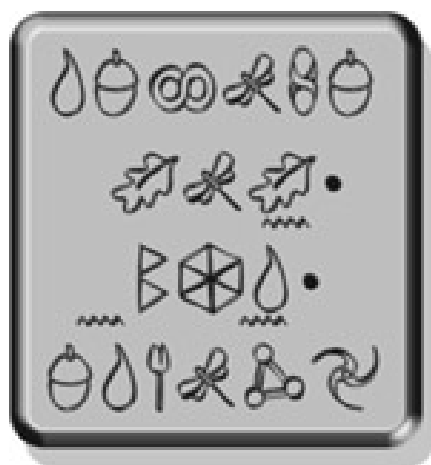
Artemis tocou a ponta de cada dedo contra o polegar, um dos seus exercícios de concentração.

— Temos outra coisa — disse. — Temos a casa.



CAPÍTULO 10: RIVALIDADE ENTRE IRMÃOS

MANSÃO FOWL



GØBDAW e Bellico seguiram os cães pela escadaria grandiosa da mansão Fowl e foram ao longo do corredor até o laboratório de Artemis. Assim que passaram pela porta, os cães saltaram em cima do jaleco branco de Artemis, que estava pendurado num gancho, usando os dentes e as garras para rasgar o tecido.

— Eles estão farejando o humano — disse Gobdaw, desapontado por não ter a oportunidade de usar a Glock miniatura que se encaixava tão bem na mãozinha de Myles.

Eles haviam invadido a sala de armas de Butler, que ficava escondida atrás de uma parede falsa nos aposentos dele. Só quatro pessoas conheciam a localização e a senha do teclado — cinco agora, se Bellico pudesse ser contada como uma

peessoa separada de Juliet. Gobdaw pegou a arma pequena e várias facas, enquanto Bellico escolhia uma submetralhadora e um arco de carbono-grafite, com uma aljava de flechas de alumínio. Os piratas pegaram mais ou menos todo o resto, fazendo dancinhas felizes enquanto desciam a escada ruidosamente para esperar.

— Deveríamos continuar procurando — disse Gobdaw.

Bellico não concordou, já que tinha o conhecimento de Juliet sobre a mansão.

— Não. O escritório de Artemis fica ao lado desta sala, então eles virão para cá. Temos guerreiros no porão e na sala do cofre. Deixe os cães e os piratas os arrebanharem na nossa direção.

Gobdaw tinha experiência de liderança suficiente para identificar um bom plano.

— Muito bem. Vamos esperar aqui, mas se eu não conseguir disparar essa arma antes do nascer do sol, ficarei deveras desapontado.

— Não se preocupe. Você precisará de todas as balas para o humano grande. Bellico segurou os cães pelas coleiras e puxou-os para longe do jaleco.

— Vocês dois deveriam se envergonhar — disse. — Não se percam dentro desses animais.

Um dos cães deu uma cabeçada no outro, como se a culpa fosse apenas dele.

— Vão agora — ordenou Bellico, chutando seus traseiros. — E encontrem algumas Pessoas da Lama para nós.

Gobdaw e Bellico se agacharam atrás da bancada de trabalho, um deles pondo uma flecha no arco, e o outro destravando a pistola roubada.

— A casa é praticamente uma fortaleza — explicou Artemis. — Assim que a função de cerco for digitada no painel de segurança, seria preciso um exército para penetrar nas defesas, todas elas projetadas e instaladas antes que Opala sáísse de sua linha temporal, de modo que não há chance de algum componente ter explodido.

— E onde fica esse painel? — perguntou Holly.

Artemis deu um tapinha em seu relógio.

— Geralmente posso acessá-lo remotamente pelo relógio ou pelo telefone, mas a rede Fowl caiu. Eu atualizei o roteador recentemente, e talvez algum componente Kobo tenha passado, por isso teremos de usar o painel que fica no meu escritório.

Butler sabia que era sua função bancar o advogado do diabo.

— Isso não vai fazer com que a gente fique trancado aqui dentro com um bando de piratas?

Artemis sorriu.

— Ou vai trancá-los aqui dentro conosco.

Salton Finnacre estava reclamando com o colega J'Heez sobre a perda de seu corpo.

— Lembra daqueles músculos que eu tinha no braço? — perguntou, pensativo. — Eram iguais a troncos de árvores. Agora olhe para mim. — Balançou o braço esquerdo para demonstrar como as pelancas de carne pendiam frouxas dos ossos. — Mal consigo segurar esse bastão de fogo.

— Não é um bastão de fogo — disse J'Heez. — Isso se chama *arma*. É uma palavra bem simples de lembrar, não é?

Salton olhou para a pistola automática que estava em seus dedos ossudos.

— Acho que é. Basta apontar e puxar o gatilho, não é?

— Foi o que Bellico disse.

— Ouviram isso, Furiosos? — perguntou Salton à meia dúzia de piratas que se espremiavam na escada atrás dele. — Basta apontar e disparar. E não se preocupem se acertarem a pessoa na sua frente, porque já estamos mortos.

Eles ficaram no corredor de tijolos vermelhos, rezando para que algum humano passasse por ali. Depois de todo esse tempo, seria uma vergonha se não matassem ninguém.

Três metros abaixo, na adega, Butler sopesou duas garrafas de uísque Macallan 1926 Fine and Rare.

— Seu pai não vai ficar satisfeito — disse a Artemis. — Isso custa trinta mil euros.

Artemis segurou a maçaneta da porta.

— Tenho certeza que ele vai entender, dadas as circunstâncias.

Butler deu um risinho.

— Ah, desta vez vamos contar as circunstâncias a seu pai? Vai ser novidade.

— Bom, talvez não *todas* as circunstâncias — respondeu Artemis e escancarou a porta.

Butler surgiu em frente à porta e jogou as garrafas para o teto, acima da cabeça dos piratas. As duas se quebraram, cobrindo os Furiosos com líquido de alto teor alcoólico. Holly passou por baixo das pernas de Butler e disparou um único sinalizador no meio deles. Em menos de um segundo, todo o grupo de piratas foi engolfado no *uuush* de chamas azuis e laranjas que pintou o teto de preto. Isso não pareceu incomodá-los muito, exceto pelo pernas de pau, que logo ficou sem ter em que se apoiar. O resto continuou vivendo como esqueletos, girando as armas na direção da porta da adega.

— A casa vai nos salvar? — perguntou Holly, nervosa. — Foi isso que você disse.

— Três — contou Artemis. — Dois... um.

Bem na hora, o sistema contra incêndios da mansão registrou o aumento na temperatura e instruiu oito de seus duzentos esguichos a submergir as chamas em espuma extintora de temperatura abaixo de zero. Os piratas foram jogados de joelhos pela força do jato e apertaram os gatilhos às cegas, fazendo balas ricochetear pelas paredes e na escada. Elas exauriram sua energia cinética nos balaústres de aço e caíram no chão fumegando. No corredor, a temperatura dos ossos dos piratas caiu mais de cem graus em menos de dez segundos, tornando-os quebradiços como folhas secas.

— Lá vamos nós — disse Butler, e subiu correndo a escada, chocando-se contra os piratas desorientados como uma bola de boliche vingativa. Os infelizes Furiosos se despedaçaram ao mais leve impacto, desintegrando-se num milhão de cristais de ossos que flutuaram como flocos de neve. Holly e Artemis foram atrás do guarda-costas, disparando pelo corredor, os pés esmagando lascas de ossos, sem parar para pegar armas, já que a maioria havia explodido com o fogo e se tornado inútil.

Como sempre, Artemis estava entre Butler e Holly enquanto fugiam.

— Prossigam — gritou Holly. — Haverá mais deles, contem com isso.

Havia mais piratas na sala do pânico, sentindo-se muito satisfeitos consigo mesmos.

— Essa é a coisa mais inteligente que nós já fez — disse Pronk O'Chatayle, o comandante interino. — Eles entra aqui pra esconder de nós, mas nós já tá aqui. — Ele juntou sua equipe ossuda ao redor. — Vamos repetir. O que nós faz quando nós escuta eles?

— Nós esconde — responderam os piratas.

— E o que nós faz quando eles entra?

— Nós pula bem depressa — continuaram, animados.

Pronk apontou um dedo ossudo.

— O que tu faz, especificamente?

Um pequeno pirata que parecia estar vestindo os restos de um barril parou junto à parede.

— Eu bato aqui nesse botão, a porta de aço vai descer, e nós tudo fica preso aqui dentro.

— Bom — disse Pronk. — Bom.

Os sons de tiros ricochetearam no teto abobadado e ecoaram pelo corredor, chegando até a sala do pânico.

— Eles estão vindo, camaradas — anunciou Pronk. — Lembrem de matar eles várias vez, só para garantir. Para de cortar quando seus braço cair.

Eles se agacharam na semiescuridão, com a luz de fora reluzindo sobre as facas.

Se Bellico tivesse sondado um pouco mais fundo nas memórias de Juliet, teria percebido que a sala do pânico podia ser acessada ou lacrada por fora, remotamente ou com um programa ativado por voz. Mas, mesmo que soubesse, não faria sentido algum os humanos se trancarem para fora de seu próprio porto seguro. Seria pura insanidade.

Butler mal parou ao passar pela porta da sala do pânico, falando no pequeno microfone engastado no portal de aço:

— D. Butler — disse, com clareza. — Autorização. Trancar.

Uma porta pesada baixou, lacrando completamente a sala do pânico e trancando o grupo alegre de piratas Furiosos lá dentro. Artemis mal teve um segundo para olhar por baixo da porta.

Aquele pirata está vestindo um barril?, pensou. *Hoje nada me surpreenderia.*

Quando ia chegar à suíte do laboratório/escritório, Butler levantou o punho. Artemis não era familiarizado com os sinais militares e se chocou contra as costas largas do homem. Felizmente, o adolescente não tinha peso bastante para mover o guarda-costas, porque se Butler tivesse tropeçado e dado ao menos um passo para a frente, seria acertado por uma das flechas de sua irmã.

— Entendi — sussurrou Artemis. — O pulso levantado significa “pare”.

Butler pôs um dedo nos lábios.

— E isso significa que você quer que eu fique quieto. Ah, entendo.

As palavras de Artemis bastaram para provocar uma reação dentro do laboratório. A reação assumiu a forma de uma flecha de alumínio que penetrou na divisória com um baque surdo, fazendo voar flocos do reboco.

Butler e Holly não discutiram estratégia, já que ambos eram soldados experientes e sabiam que a melhor hora de atacar era logo depois dos disparos,

nesse caso, das flechas.

— Esquerda — disse Butler, e só precisava dizer isso. Traduzindo para os leigos, ele estava dizendo que atacaria qualquer elemento hostil no lado esquerdo da sala, deixando o direito para Holly.

Partiram para dentro abaixados, dividindo-se em dois alvos enquanto atravessavam a sala. Butler tinha a vantagem de ser extremamente familiarizado com o laboratório, e sabia que o único local de esconderijo lógico seria atrás da comprida bancada de aço inoxidável onde Artemis brincava com o desconhecido e montava seus modelos experimentais.

Sempre me perguntei até que ponto essa coisa é segura, pensou, antes de se chocar contra ela como um jogador de rúgbi entrando num embate em que o preço de perder o jogo era a morte. Ouviu uma flecha passar assobiando por sua orelha um segundo antes de seu ombro se chocar contra o aço inoxidável, arrancando a bancada dos cabos de suprimento num jorro de fagulhas e num sibilo de gás.

Gobdaw subiu na bancada, e estava segurando uma espada curta e o bastão de fogo prontos para atacar, quando o gás do bico de Bunsen disse olá ao fio de eletricidade. O resultado foram fagulhas e uma breve explosão, lançando o Furioso para trás, contra as cortinas de veludo.

Bellico avaliou rapidamente a situação e correu para o escritório.

Butler a viu correr.

— Vou atrás de Juliet — gritou para Holly. — Controle Myles.

Talvez o menino esteja inconsciente, pensou Holly, mas essa esperança sumiu assim que viu Myles Fowl se soltar da cortina de veludo. A expressão nos olhos do garoto mostrava que ainda havia um Furioso naquele corpo, e que ele não estava em clima de rendição. Agora empunhava apenas uma faca curta, mas Holly sabia que os Furiosos lutariam até a última gota de sangue, ainda que, em termos estritos, o sangue não fosse deles.

— Não o machuque — pediu Artemis. — Ele só tem quatro anos.

Gobdaw riu, mostrando a boca cheia de dentes de leite, que Myles limpava religiosamente com uma escova modelada a partir da cabeça de Einstein, com as cerdas no lugar do característico cabelo espetado do cientista.

— Isso mesmo, traidora. Gobdaw só tem quatro anos, portanto não me machuque.

Holly desejou que Artemis ficasse fora daquilo. Esse tal de Gobdaw podia parecer inocente, mas tinha muito mais experiência de batalha do que ela jamais gostaria de ter e, a julgar pelo modo como girava a faca na palma da mão, não perdera nem um pouco de suas habilidades com lâminas.

Se esse cara estivesse em seu próprio corpo, iria me despedaçar, percebeu.

O problema de Holly era que seu coração não se sentia nessa luta. Além do fato de que estava batalhando contra o irmãozinho de Artemis, esse era Gobdaw, pelo amor dos deuses. Gobdaw, a lenda. Gobdaw, que comandara o ataque em Tailte. Gobdaw, que carregara um colega ferido através de um lago gelado em Bellannon. Gobdaw, que fora acuado por dois lobos numa caverna depois do ataque em Cooley e saíra de lá usando um novo casaco de pele.

Os dois soldados rodearam um ao outro.

— Foi verdade a história dos lobos? — perguntou Holly, em gnomês.

Gobdaw errou um passo, surpreso.

— Os lobos de Cooley? Como conhece essa história?

— Está brincando? Todo mundo conhece. Na escola, fazia parte da peça de final de ano, todo ano. Para ser honesta, fiquei enjoada da história. Eram dois lobos, certo?

— Eram dois — respondeu Gobdaw. — Mas um estava doente.

Gobdaw começou o ataque no meio da frase, como Holly sabia que ele iria fazer. Sua mão com a faca saltou adiante, mirando a cintura da oponente, mas ele não tinha o mesmo alcance de antigamente, e Holly o acertou com força no grupamento de nervos do deltoide, entorpecendo o braço. Agora esse braço tinha quase tanta utilidade quanto um tubo de chumbo pendendo do ombro.

— D'Arvit — xingou Gobdaw. — Você é cheia de truques. As fêmeas sempre foram traiçoeiras.

— Continue falando — provocou Holly. — Estou gostando cada vez menos de você, o que deve tornar meu trabalho muito mais fácil.

Gobdaw deu três passos e pulou numa poltrona Regency, agarrando uma das duas réplicas de pique que estavam cruzadas na parede.

— Cuidado, Myles! — gritou Artemis, pela força do hábito. — Isso é muito afiado.

— Afiado, é, Garoto da Lama? É assim que gosto das minhas lanças.

O rosto do guerreiro se retorceu como se ele fosse espirrar, então Myles irrompeu por um segundo.

— Não é uma lança, idiota. É um pique. E ainda se diz guerreiro...

Então as feições se retorceram de novo, e Gobdaw estava de volta.

— Cala a boca, pirralho. Estou no comando desse corpo.

Aquela breve ruptura deu esperança a Artemis. Seu irmão estava em algum lugar lá dentro, e ele não perdera nem um pouco da língua ácida.

Gobdaw apertou o pique na dobra do braço bom e atacou. Na sua mão, o pique parecia tão grande quanto uma lança de torneio medieval. Ele balançou a ponta de um lado para o outro num arco veloz, cortando o cotovelo de Holly antes que ela pudesse se desviar.

O ferimento não parecia sério, mas era doloroso, e Holly não tinha magia para uma cura rápida.

— Pela barba de Danu — exclamou Gobdaw. — O primeiro sangue é tirado pelos Furiosos.

Os dois soldados se encararam pela segunda vez, mas agora Holly estava acuada no canto, com menos espaço para manobrar, e o braço entorpecido de Gobdaw estava retornando à vida. O Furioso agarrou o pique com as duas mãos, aumentando a velocidade e a firmeza dos movimentos. Chegou mais perto, privando Holly de qualquer espaço para se mexer.

— Não sinto prazer nisso — confessou ele. — Mas também não sinto muita tristeza. Você escolheu a sua larva, elfo.

Escolher a sua larva era uma referência à brincadeira em que as criaturas mastigavam larvas de raiz. Um grupo de crianças desenterrava cinco larvas e escolhiam uma para pôr na boca. Estatisticamente, pelo menos uma das larvas estaria em seu ciclo de morte e teria começado a apodrecer por dentro, de modo que uma das crianças ficaria com gosto pútrido na boca. Mas isso não importava, porque as regras do jogo diziam que você precisava engolir aquilo de uma forma ou de outra. Um equivalente humano desse ditado seria: *Você cavou sua própria sepultura.*

Isso é ruim, pensou Holly. *Não estou vendo nenhum modo de dominar Gobdaw sem machucar Myles.*

De repente, Artemis balançou os braços e gritou:

— Myles! A ponta desse pique é de aço. Onde fica o aço na tabela periódica? As feições de Gobdaw se contorceram, e Myles emergiu.

— Artemis, o aço não está na tabela. Ele não é um elemento, como você sabe muito bem. Ele é composto de dois elementos: carbono e ferro.

Perto do fim da frase, Gobdaw assumiu de novo o controle, bem a tempo de sentir os braços sendo puxados para trás e ouvir o som das algemas de plástico se prendendo nos pulsos.

— Você me enganou — disse ele, sem saber exatamente como tinha sido ludibriado.

— Desculpe, Gobdaw — disse Holly, levantando-o pelo cangote. — O humano não joga limpo.

— E quando os humanos já jogaram limpo? — murmurou Gobdaw, que nesse momento teria de boa vontade saído da cabeça do jovem Myles Fowl, se houvesse outro hospedeiro disponível. Mas então percebeu como Artemis tinha sido inteligente.

Essa não é uma estratégia ruim, pensou. *Talvez eu possa mostrar à borboleta suas próprias asas e virar o truque desse humano contra ele.*

De repente, os olhos de Myles se reviraram para trás, e ele pendeu frouxo nos braços de Holly.

— Acho que Gobdaw se foi — disse Holly. — Artemis, parece que você tem o seu irmão de volta.

Butler perseguiu Bellico até o escritório, onde ela estava a dois passos de sabotar a caixa de força. Seu punho estava recuado, pronto para o soco, quando Butler passou o braço pela dobra do cotovelo de Juliet e os dois giraram como dançarinos, afastando-se do terminal de segurança e caindo no tapete. O braço de Bellico se soltou, e ela foi girando até a parede.

— Você está acabada — disse Butler. — Por que não liberta minha irmã?

— Nós duas morreríamos antes disso, humano! — respondeu Bellico, circulando cautelosa.

Butler ficou firme.

— Se tem acesso às memórias da minha irmã, dê uma olhada nelas. Você jamais poderá me derrotar. Ela jamais conseguiu, e você não conseguirá.

Bellico ficou imóvel por um momento, acessando o banco de dados da mente de Juliet. Era verdade, Butler havia vencido a irmã facilmente mil vezes. Seus talentos eram muito superiores aos dela... mas espere. Havia uma visão do grande humano de costas, sentindo dor na testa. Ele estava falando:

Você realmente acabou comigo com aquele movimento, Jules. Ele veio do nada. Como seu irmão grandão iria se defender disso?

Os olhos de Bellico relampejaram.

De que movimento o humano grandão estava falando?

Ela vasculhou um pouco mais fundo e encontrou um kata de cinquenta e quatro passos que Juliet Butler havia desenvolvido pessoalmente, baseando-se por alto nos ensinamentos de Kanō Jigorō, o criador do judô.

Encontrei o ponto fraco do humano.

Bellico permitiu que a memória de Juliet aflorasse para mandar instruções ao corpo. Os membros de Juliet começaram a realizar o kata com fluidez.

Butler franziu a testa e se abaixou numa postura defensiva de boxeador.

— Ei, o que está fazendo?

Bellico não respondeu. Havia ansiedade na voz do Homem da Lama, e isso bastou para garantir que ela havia escolhido o curso de ação correto. Girou pelo escritório como uma dançarina, a velocidade aumentando a cada giro.

— Fique parada! — gritou Butler, lutando para mantê-la na linha de visão.
— Você não pode vencer!

Bellico podia vencer, tinha certeza. Esse velho não era páreo para o corpo jovem e poderoso que ela habitava. Girou mais e mais rápido, os pés mal tocando o chão, o ar assobiando pelo anel de jade em seu comprido rabo de cavalo.

— Vou lhe dar mais uma chance, Juliet, ou quem diabos você for. Então terei de machucá-la.

Ele estava blefando. Era um blefe óbvio e amedrontado.

Vou vencer, pensou Bellico, sentindo-se invulnerável.

No quinquagésimo segundo passo, Bellico se lançou de costas no ar, depois firmou a perna contra a parede, mudando de direção e aumentando a altitude. Baixou sobre Butler num borrão de velocidade, com o calcanhar apontado como uma ponta de flecha contra o feixe de nervos no pescoço dele.

Assim que o humano estiver incapacitado, vou destruir a caixa de força, pensou Bellico, já comemorando a vitória.

Butler deu um tapa no calcanhar dela com a palma da mão esquerda e acertou os dedos da mão direita na barriga de Bellico, apenas com força suficiente para deixá-la sem ar; e não existe um guerreiro sequer no planeta que possa lutar sem respirar. Bellico tombou como um saco de batatas no tapete e ficou uivando em posição fetal.

— Como? — ofegou. — Como?

Buttler levantou-a pelo colarinho.

— Aquele dia era aniversário de Juliet. Eu deixei que ela ganhasse.

Marchou com ela até o painel de segurança, e já havia digitado a sequência de fechamento quando ouviu um rufar de garras estalando no piso atrás. Reconheceu instantaneamente o padrão de sons.

O cão está me atacando.

Mas estava errado. O cão se lançou contra Bellico, empurrando os dois por baixo da chapa de aço que descia sobre a janela do escritório, deixando Butler com um retalho de pano na mão. Ele observou, com uma expressão vazia, a chapa que ia descendo e pensou:

Nem a vi aterrissar lá fora. Não sei se minha irmã está viva ou não.

Correu até a mesa de Artemis e ativou as câmeras de segurança, bem a tempo de ver Juliet dar um tapinha no cachorro e sumir de vista, mancando; de volta a Opala, supôs ele.

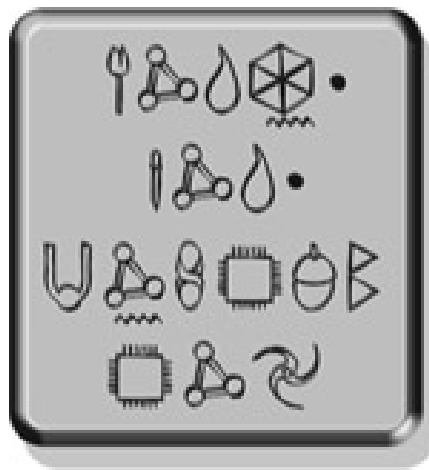
— Está viva por enquanto — murmurou o guarda-costas.

E enquanto existia vida, existia esperança. Pelo menos durante algumas horas.



CAPÍTULO 11: MORTE POR COELHINHOS

ABAIXO DA MANSÃO FOWL, E UM POUCO À ESQUERDA



NINGUÉM, humano ou criatura do subterrâneo, havia sido declarado morto mais vezes do que Palha Escavator, e esse era um recorde do qual ele sentia um orgulho incomum. Aos olhos de Palha, ser declarado morto pela LEP era só um modo menos embaraçoso de eles admitirem que ele havia escapado pela enésima vez. No Papagaio em Conserva, um bar frequentado por fugitivos, os atestados de óbito emitidos pela LEP eram impressos e colados na Parede dos Heróis.

Palha tinha boas lembranças da primeira vez em que havia forjado a própria morte para tirar os policiais de sua cola.

Meus deuses, será que já faz realmente mais de duzentos anos? O tempo voa mais depressa do que o vento através de uma aba de traseiro, como costumava dizer

minha avó; que os deuses a tenham.

Na ocasião, ele estava fazendo um serviço com seu primo Nord na montanha dos ricos de Porto, quando o dono da casa chegou inesperadamente da convenção em Atlântida, onde ele deveria ter ficado vivendo do ouro dos contribuintes por mais dois dias.

Odeio quando eles voltam para casa mais cedo, pensou Palha. Por que as pessoas fazem isso quando há uma boa chance de encontrarem ladrões na sala de estar?

De qualquer modo, por acaso o dono da casa era um ex-agente da lei e tinha um cassetete de atordoamento registrado, comprimir o peito que havia usado nos primos anões com grande prazer. Nord conseguiu escapar para o túnel que eles haviam feito, mas Palha foi obrigado a comprimir o peito, fingir um ataque cardíaco e depois despencar através de uma janela, bancando o morto até chegar ao rio lá embaixo.

Bancar o cadáver foi a pior parte, lembrou Palha. Não há nada menos natural do que manter os braços frouxos quando eles querem estar rodopiando.

A LEP entrevistara o ex-agente da lei, que afirmou enfaticamente: *É, eu o matei. Foi um acidente, claro; só queria mutilar aquele anão e depois chutá-lo até que ele perdesse os sentidos, mas pode botar aí que o desgraçado está morto. Ninguém pode bancar o cadáver numa queda de três andares.*

E assim, Palha Escavator fora declarado falecido pela primeira vez. Haveria mais doze ocasiões oficiais em que as pessoas pensaram, equivocadamente, que Palha havia batido as botas. E neste momento, sem que ele próprio soubesse, o anão estava abrindo um túnel para uma ocasião não oficial.

Suas instruções eram bastante simples: cavar um túnel paralelo ao que ele havia feito desmoronar recentemente, invadir o *Cupido* acidentado e roubar qualquer arma que estivesse no armário. Cavar, invadir e roubar. Três dos verbos prediletos de Palha.

Não sei por que estou fazendo isso, pensou, enquanto abria o túnel. Deveria estar descendo para a crosta e encontrando uma bela fenda. Dizem que a onda de

morte de Opala só vai matar humanos, mas por que correr um risco tão irresponsável com o grande dom da vida?

Palha sabia que esse raciocínio era equivalente a um pote de esterco de troll, mas também sabia que cavava melhor se estivesse chateado, mesmo que ele fosse o objeto da própria chateação. E assim, o anão fumegava em silêncio enquanto remexia a terra na direção do veículo destruído.

Seis metros acima e trinta ao sul, Opala Koboï estava mergulhando as mãos nos profundos feitiços algébricos da segunda fechadura dos Furiosos. Símbolos se enrolavam como vermes luminosos em volta de seus dedos e entregavam o poder, um a um, enquanto ela descobria os segredos deles. Alguns podiam ser submetidos à força por sua magia negra, mas outros precisavam ser coagidos por encantos furtivos ou cócegas mágicas.

Estou perto, pensou ela. Posso sentir a força da Terra.

A onda de morte viria na forma de energia geotérmica, presumiu, e seria retirada de todos os recursos do planeta, e não somente dos reservatórios hidrotermais rasos. Isso retiraria um bom naco das reservas do mundo, e teoricamente poderia mergulhar a Terra em outra era do gelo.

Vamos sobreviver, pensou, insensivelmente. Tenho umas belas botas térmicas guardadas.

O trabalho era desafiador, mas possível de ser feito, e Opala sentia alguma satisfação ao saber que era a única criatura viva que fizera pesquisas suficientes sobre as complexidades da magia antiga para abrir a segunda fechadura. A primeira fora simples — precisou de pouco mais do que uma explosão de magia negra —, mas a segunda exigia um conhecimento enciclopédico de feitiçaria.

Aquele tecnotário do Potrus nunca teria conseguido isso. Nem em um milhão de anos.

Opala não reparou, mas estava tão satisfeita consigo mesma naquele momento que girou os ombros e ronronou.

Tudo está indo muito bem.

Esse plano tinha sido absurdo, mesmo para seus padrões, mas, de modo improvável ou não, os elementos estavam se encaixando. Seu pensamento inicial fora sacrificar seu eu mais jovem e usar o poder obtido por meios ilícitos para escapar da prisão. Então ocorreu-lhe que esse poder teria de ser descartado quase imediatamente para impedir que ele a comesse viva, então por que não fazer um bom uso do mesmo?

A oportunidade havia se apresentado a Opala quando seu eu mais novo fizera contato telepático.

Numa manhã, ela estava imersa num coma de limpeza quando — *ping!* —, de repente, havia uma voz em sua cabeça chamando-a de irmã e pedindo ajuda. Ocorreu-lhe brevemente que ela podia de fato estar louca, mas pouco a pouco a informação se filtrou. *Uma Opala mais jovem havia seguido Artemis Fowl do passado.*

Não tenho lembrança disso, percebeu Opala. *Portanto, meu eu mais novo deve ter sido capturado e mandado de volta para o passado, com esses eventos apagados da mente.*

A não ser...

A não ser que a linha temporal *tivesse* se partido. Nesse caso, qualquer coisa era possível.

Opala ficou surpresa ao descobrir que seu eu mais jovem era um tanto chorona, até mesmo chata. Será que ela havia sido mesmo tão egocêntrica?

Tudo eu, eu, eu, pensava Opala. *Eu feri minha perna na explosão. Minha magia está se esvaindo. Preciso voltar ao meu próprio tempo.*

Nada disso era nem um pouco útil para Opala, trancafiada em sua prisão.

O que você precisa é me tirar daqui, transmitiu para seu eu mais jovem. *Então poderemos cuidar dos seus ferimentos e mandá-la de volta para casa.*

Mas como conseguir isso? Aquele centauro desgraçado, o Potrus, a havia encarcerado na cela mais tecnologicamente avançada do mundo.

A resposta era simples: *preciso obrigá-los a me soltar, porque a alternativa seria simplesmente horrível demais para ser ao menos contemplada.*

Opala lutou com o problema durante vários minutos até aceitar que a mais jovem teria de ser sacrificada, e assim que essa peça do quebra-cabeça se encaixou, ela construiu rapidamente o resto do plano ao seu redor.

Pip e Kip eram dois gnomos que trabalhavam no serviço público. O Conselho os mandara para fazer uma auditoria na contabilidade de uma das fábricas de Opala, e ela os hipnotizara usando runas proibidas e magia negra. Só foi necessário um telefonema da jovem Opala para ativar a lealdade deles, mesmo que isso custasse a vida de um deles, ou de ambos. Ela transmitiu instruções à jovem Opala, dizendo exatamente como montar o sequestro falso e como usar os traços de magia negra que ainda restavam em seu organismo para encontrar o lendário Portão dos Furiosos. O portão era a chave para voltar ao passado — ou pelo menos essa foi a história que Opala contou.

A Opala mais jovem não podia saber, mas as instruções para Pip e Kip eram muito específicas por um motivo. Escondido dentro das palavras havia um código simples, que Opala havia implantado junto com os elos de lealdade. Se a jovem tivesse pensado em anotar todas as letras que correspondiam a números primos, encontraria uma mensagem muito mais sinistra do que a que pensava estar transmitindo: *Matem a refém quando o tempo acabar.*

Com funcionários públicos, era preciso manter a coisa simples.

Tudo havia funcionado exatamente como ela previra, a não ser a chegada de Fowl e Short. Mas, de certo modo, isso também era um golpe de sorte. Agora ela podia matá-los cara a cara.

Toda nuvem escura tem uma borda prateada.

De repente, Opala sentiu o estômago borbulhar, atacada por uma onda de náusea. O primeiro pensamento da duende-diabrete foi que a magia negra estava lutando com seus anticorpos, mas então percebeu que a fonte era externa.

Alguma coisa ofende meus sentidos mágicos aprimorados, pensou. Algo ali.

O veículo acidentado estava fora do círculo de guerreiros que montava guarda à rainha.

Abaixo do lançador. Algo está coberto por uma substância que me deixa enjoada.

Era aquele anão maldito, enfiando sua aba de traseiro onde não devia, e não era a primeira vez.

Opala fez uma careta. Quantas vezes precisaria suportar a humilhação de um anão flatulento? Era intolerável.

Foi mandado para pegar armas na nave, sem dívida.

Opala levantou o olhar em quinze graus, na direção do lançador. Por mais esmagado que o *Cupido* estivesse, o sexto sentido dela podia notar uma coroa de energia enrolando-se na fuselagem como uma cobra gorda. Esse comprimento de onda específico não ajudaria a abrir a segunda fechadura, mas certamente poderia fornecer potência suficiente para uma demonstração extremamente visível de seu poder.

Opala tirou a mão da rocha que arfava lentamente e formou os dedos numa garra, arranjando as moléculas para atrair qualquer energia que estivesse dentro do *Cupido*. A energia deixou o veículo num emaranhado reluzente, reduzindo-o a um destroço encolhido, pairando no ar acima dos espantados Furiosos.

— Vejam o que sua rainha consegue realizar! — gritou ela com os olhos brilhantes.

Seus dedos minúsculos giraram, manipulando a energia numa cunha afiada, a qual lançou pela terra em direção ao lugar onde o anão trabalhava. Houve uma pancada sólida, e uma nuvem de terra e pedras subiu, deixando uma cratera queimada.

Opala voltou a atenção para a segunda fechadura.

— Consegue ver o anão? — perguntou a Oro, que estava olhando para dentro do buraco.

— Vejo um pé e um pouco de sangue. O pé está estremecendo, então ele está vivo. Vou descer e pegá-lo.

— Não — disse Opala. — Não se afaste das vistas da mamãe. Mande as criaturas da terra para matá-lo.

Se as ligações mágicas não agarrassem o livre arbítrio de Oro com tanta força, ele faria Opala ver que não deveria desrespeitar repetidamente os mais velhos, mas, no final das contas, a simples ideia de repreender sua rainha lhe custou uma severa dor de barriga.

Quando a dor passou, ele levou dois dedos aos lábios e assobiou, chamando os escavadores. Descobriu que não era fácil assobiar com dedos estranhos, e tudo que saiu de sua boca foi um barulho aquoso e frouxo.

— Não conheço esse sinal, chefe — disse Yezhwi Khan, que já fora um gnomo hábil com o machado. — É a pausa para o chá?

— Não! — gritou Oro. — Preciso dos meus escavadores. Juntem-se.

Uma dúzia de coelhos veio saltando rapidamente para se juntar ao redor dele. Seus pequenos bigodes tremiam de ansiedade por finalmente agirem.

— Peguem o anão — ordenou Oro. — Eu diria para trazê-lo de volta vivo, mas vocês não têm muita habilidade para carregá-lo.

Os coelhos bateram as patas traseiras, concordando.

— Portanto a ordem é simples — disse Oro, com um leve pesar. — Matem-no.

Os coelhos entraram em bando no buraco, ansiosamente escavando na direção do anão ferido.

Morte por coelhinhos, pensou Oro. Não é um modo bom de partir.

Oro não queria olhar. Os anões faziam parte do mundo das criaturas, e em outras circunstâncias poderiam ser aliados. Atrás dele, ouviu o estalo de ossos e o *uuush* áspero de terra desmoronando. Estremeceu. Preferiria enfrentar um troll a qualquer momento do que um punhado de coelhos carnívoros.

Na plataforma, Opala sentiu um peso ser tirado do coração enquanto outro inimigo sofria.

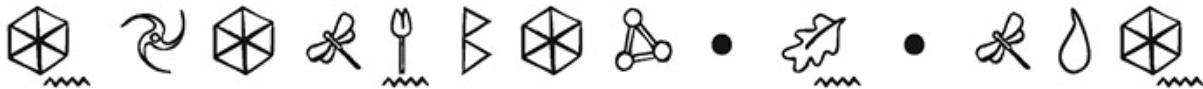
Logo será a sua vez de sofrer, Potrus, pensou. Mas a morte seria fácil demais para você. Talvez já esteja sofrendo. Talvez sua adorável esposa já tenha aberto o

presente que meus pequenos gnomos mandaram para ela.

Opala entoou uma cantiguinha enquanto trabalhava na segunda fechadura.

*Vem, vem, vem,
Hoje é o dia, meu bem,
Em que eu vou me dar bem.*

Opala não tinha percebido, mas essa era uma canção popular do programa de Pip e Kip.



CAPÍTULO 12: A TURMA DE PATETAS

CIDADE DO PORTO, ELEMENTOS DE BAIXO



AS COISAS estavam mais feias do que nunca na Cidade do Porto. Até os grupos de elfos empáticos, que podiam perceber claramente imagens residuais de milênios passados e gostavam de dar lições de moral nas criaturas jovens sobre como a vida era um balde de pimentas doces comparada aos tempos de prospecção, tinham de admitir que esse era o dia mais sombrio na história de Porto.

Os cidadãos de Porto estavam passando por sua noite mais escura, tornada ainda mais sombria pela ausência da energia principal, o que significava que as únicas luzes eram as lâmpadas de emergência alimentadas pelos velhos geradores geotérmicos. De repente, o cuspe de anão havia se tornado uma mercadoria muito valiosa, e muitos parentes de Palha podiam ser vistos percorrendo o acampamento de refugiados que tinha surgido ao redor da

estátua de Fronde, vendendo vidros de cuspe luminoso em troca de um ou dois lingotes.

A LEP estava se virando do melhor modo que podia, trabalhando na maioria dos casos com equipamento limitado. O problema principal era a coordenação. A rede de câmeras e núcleos de comunicação sem fio, suspensos em cabos finíssimos no teto da caverna, tinha sido remodelada três anos antes com lentes dos Laboratórios Koboï. Toda a rede havia pegado fogo e chuvejado sobre os cidadãos de Porto, marcando muitos deles com uma teia de cicatrizes. Isso significava que a LEP estava operando sem informações, e contando com rádios antigos para a comunicação. Alguns policiais mais jovens nunca haviam estado no campo sem apoio total de seus preciosos capacetes, e se sentiam semiexpostos sem atualizações constantes de informações vindas da delegacia Plaza.

Cinquenta por cento da força policial no momento estava comprometida em lutar contra um incêndio gigantesco nos Laboratórios Koboï, que tinha sido comprado pela companhia de automóveis Krom. A explosão e o incêndio subsequente haviam feito desmoronar uma grande parte da caverna subterrânea, e um vazamento de pressão estava sendo contido com dificuldade por canhões de plasti-gel. A LEP havia atravessado o entulho usando tratores, e sustentado o teto com colunas pneumáticas, mas o incêndio continuava liquefazendo as estruturas metálicas, e vários tipos de gases tóxicos jorravam dos cilindros por todo o complexo.

Outros dez por cento dos policiais estavam arrebanhando fugitivos do Pico do Uivo, que, até seu campo de contenção se desligar, havia abrigado a maioria dos goblins chefões dos sindicatos do crime organizado em Porto, além de seus capangas e trambiqueiros. Agora, esses goblins estavam percorrendo os becos do bairro goblin, com seus chips subcutâneos de sono sem responder aos sinais frenéticos mandados do quartel-general. Alguns goblins presos mais recentemente tinham a infelicidade de estar com chips de segunda geração, que explodiram dentro de seus couros cabeludos, abrindo em seus crânios furos

pequenos o bastante para tapar com uma moeda, mas suficientemente grandes para serem fatais àquelas criaturas de sangue frio.

Mais policiais estavam completamente atolados nas tentativas de todo tipo de resgate, controle de multidão e caça de bandidos oportunistas que surgiam numa catástrofe dessa magnitude.

E o resto das criaturas que trabalhavam para a LEP tinha ficado fora de ação devido à explosão de celulares grátis que haviam recebido recentemente numa competição da qual não se lembravam de ter participado, sem dúvida enviados por capangas de Opala. Desse modo, a duende-diabrete maligna conseguira derrubar a maior parte do Conselho, mutilando o governo do Povo nesse momento de emergência.

Potrus e seus gênios ficaram na delegacia Plaza, tentando, de algum modo, reviver uma rede que estava literalmente frita. O comandante Kelp mal havia parado no caminho antes de sair pela porta, dando instruções ao centauro.

— Apenas mantenha os técnicos trabalhando — disse, prendendo um quarto coldre. — O mais rápido que puder.

— Você não entende! — protestou Potrus.

Encrenca interrompeu-o com um movimento brusco da mão, como se cortasse o ar.

— Eu nunca entendo. É por isso que nós pagamos a você e à sua turma de patetas.

Potrus protestou de novo.

— Eles não são patetas!

Encrenca encontrou espaço para colocar mais um coldre.

— Verdade? Aquele cara ali traz um bichinho de pelúcia para o trabalho todo dia. E seu sobrinho, Mayne, fala unicorniês fluente.

— Eles não são *todos* patetas — reagiu Potrus, corrigindo-se.

— Apenas ponha esta cidade funcionando de novo — ordenou Encrenca.
— Vidas dependem disso.

Potrus bloqueou o caminho do comandante.

— Você entende que a antiga rede foi vaporizada, não é? Está me dando rédeas soltas para, usando uma expressão ofensiva, fazer o que for necessário?

Encrenca empurrou-o de lado.

— Faça o que for necessário.

Potrus quase sorriu.

O que for necessário.

Potrus sabia que, muitas vezes, o segredo do lançamento de um produto bem-sucedido era o nome. Um nome atraente tem mais probabilidade de estimular a curiosidade dos investidores e ajudar a nova invenção a levantar voo, ao passo que uma série sem graça de letras e números dá sono em todo mundo e garante que o produto afunde de vez.

O nome laboratorial do último projeto de estimação de Potrus era Pterigotos de Vigilância Aérea Sensíveis a Radiação de Luz Codificada 2.0, e o centauro sabia ter sílabas demais para os investidores potenciais. Os ricos gostavam de parecer *maneiros*, e passar vergonha pronunciando errado esse monte de palavras jamais iria ajudá-los a alcançar isso, então Potrus havia apelidado os carinhas de Libelumes.

Os Libelumes eram os últimos de uma série de organismos biomecânicos que Potrus estava convencido de que eram o futuro da tecnologia. O centauro havia enfrentado uma resistência considerável por parte do Conselho em termos de ética, porque estava casando tecnologia com seres vivos, mesmo tendo argumentado que a maioria dos policiais da LEP tinha pequenos chips implantados no cerebelo para ajudá-los a controlar os capacetes. O contra-argumento do Conselho foi que os policiais podiam escolher se teriam os implantes ou não, ao passo que os pequenos experimentos de Potrus eram criados daquele modo.

E, assim, Potrus não recebera a autorização para os testes públicos. Isso não queria dizer que não tivesse feito nenhum teste. Simplesmente não havia

lançado seus preciosos Libelumes ao público, pelo menos não ao público das criaturas do subterrâneo. Na Propriedade Fowl, a coisa era diferente.

Todo o projeto dos Libelumes estava contido em uma única e desgastada mala de kit de campo em plena vista, em cima de um armário do laboratório. Potrus empinou nas patas traseiras para pegar a mala e colocou-a em sua estação de trabalho.

Seu sobrinho, Mayne, veio batendo os cascos atrás dele para ver o que era.

— *Dung navarr, txio?* — perguntou ele.

— Nada de falar unicorniês hoje, Mayne — censurou Potrus, acomodando-se em seu arnês modificado para o escritório. — Não tenho tempo.

Mayne cruzou os braços.

— Os unicórnios são nossos primos, tio. Deveríamos respeitar a língua deles.

Potrus chegou mais perto da mala para que o scanner pudesse identificá-lo e abrir as fechaduras.

— Eu respeito os unicórnios, Mayne. Mas unicórnios de verdade não falam. Essa baboseira que você está usando vem de uma minissérie.

— Escrita por um *empático* — rebateu Mayne, objetivamente.

Potrus abriu a mala.

— Escute, sobrinho, se quiser amarrar um chifre na testa e ir às convenções nos fins de semana, tudo bem. Mas hoje preciso de você *neste* universo. Entendido?

— Entendido — respondeu Mayne, carrancudo. Seu humor melhorou quando viu o que havia na mala. — Isso são Khriaturas?

— Não — disse Potrus. — Khriaturas são microrganismos. Isso aí são Libelumes. A próxima geração.

Mayne se lembrou de uma coisa.

— Você não obteve permissão para fazer experiência com isso, não foi?

Potrus se irritou imensamente pensando que um centauro tão genial como ele era obrigado a se justificar com um assistente por causa do relacionamento

com sua irmã.

— Acabei de receber permissão do comandante Kelp. Está tudo gravado em vídeo.

— Uau — exclamou Mayne. — Nesse caso, vamos ver esses carinhas em ação.

Talvez ele não seja tão ruim, pensou Potrus, digitando o código de ativação num antiquado teclado manual preso à mala.

Assim que o código foi digitado, a mala entrou em sincronia com a tela de parede do laboratório, dividindo-a em uma dúzia de janelas vazias. Isso não era particularmente especial, e não faria absolutamente ninguém bater palmas e dizer *Uuuuu*. O que *faria* as pessoas aplaudirem e babarem era o enxame de libélulas geneticamente modificadas que acordou dentro da mala. Os insetos balançaram as cabeças sonolentas e fizeram as asas zumbir, depois decolaram em formação perfeitamente sincronizada, pairando ao nível do olhar de Potrus.

— Uuuu — disse Mayne, batendo palmas.

— Espere só. — Potrus ativou os sensores das pequenas libélulas. — Prepare-se para ficar embasbacado.

A nuvem de libélulas estremeceu como se estivesse subitamente eletrizada, e seus olhos minúsculos reluziram em verde. Onze das doze janelas na tela mostraram imagens compostas de Potrus em 3D, costuradas segundo o ponto de vista de cada inseto. Não somente os insetos liam o espectro visível, mas também infravermelho, UV e térmico. Um jorro de dados se atualizando constantemente corria pelas laterais das telas, mostrando uma quantidade de informações sobre os batimentos cardíacos de Potrus, a pressão sanguínea, as pulsações e as emissões de gases.

— Essas belezinhas podem ir a qualquer lugar e ver tudo. Podem captar informações de cada micróbio. E tudo que as pessoas verão é um enxame de libélulas. Minhas pequenas Libelumes podem voar através do raio-X de um aeroporto e ninguém diria que elas estão cheias de biotecnologia. Elas vão aonde eu ordenar e espionam quem eu quiser.

Mayne apontou para um canto da tela.

— Aquela parte está vazia.

Potrus bufou.

— Eu fiz um teste na mansão Fowl, e, de algum modo, Artemis detectou o indetectável. Imagino que minhas beldades estejam em pedaços sob um microscópio eletrônico no laboratório dele.

— Não li isso em nenhum relatório.

— Não. Eu esqueci de mencionar. Aquela experiência não foi exatamente um sucesso sem tamanho. Mas esta será.

Os dedos de Potrus pareciam borrões no teclado.

— Assim que eu programar os parâmetros da missão, minhas Libelumes restaurarão em minutos a vigilância por toda a cidade. — Potrus instruiu um único inseto a pousar em seu indicador. — Você, amiguinho, é especial, porque vai para a minha casa, só para garantir que minha amada Cavalline está bem.

Mayne se inclinou para perto, espiando o inseto.

— Você pode fazer isso?

Potrus balançou o dedo e o inseto voou, desviando-se na direção de uma abertura de ventilação.

— Eu posso fazer o que quiser. Eles são até mesmo codificados pela minha voz. Olhe. — Potrus se recostou na cadeira e pigarreou. — Código de ativação de Libelumes alfa alfa um. Sou Potrus. Potrus é o meu nome. Partam imediatamente para o centro de Porto. Condição três. Todas as seções. Desastres por toda a cidade. Voem, minhas belezinhas, voem.

Os Libelumes se moveram como um cardume de peixes prateados pela água, deslizando no ar em um voo perfeitamente sincronizado, depois formando um cilindro apertado e disparando pela abertura de ventilação. Suas asas roçaram a parede do tubo, mandando de volta dados sobre cada centímetro percorrido.

A teatralidade daquilo apelou à sensibilidade de fã de quadrinhos de Mayne.

— Voem, minhas belezinhas, voem. Maneiro. Você mesmo bolou isso?

Potrus começou a analisar os dados que já chegavam de suas Libelumes num fluxo enorme.

— Sem dúvida. Cada palavra é um original de Potrus.

Os Libelumes podiam ser guiados manualmente ou, se essa função estivesse desconectada, voariam até pontos predeterminados no teto da caverna. Os pequeninos insetos de biotecnologia atuaram de modo perfeito, e em minutos Potrus tinha uma rede funcionando, suspensa sobre Porto, que podia ser manipulada com uma palavra ou um gesto.

— Agora, Mayne — disse ao sobrinho. — Quero que você assuma aqui e passe informações ao comandante Kelp através do... — Estremeceu — ... rádio. Vou levar um minuto para verificar como está sua tia Cavalline.

— *Mak dak jiball, txio* — respondeu Mayne, prestando continência. Outra coisa que os unicórnios de verdade não conseguem fazer.

Os humanos têm um ditado, *a beleza está nos olhos de quem vê*, que basicamente significa que, se você *acha* que uma coisa é bonita, ela *é* bonita. A versão élfica desse ditado foi composta pelo grande poeta B.O. Selecta, que disse: *Mesmo os mais singelos dos singelos podem ser considerados belos*. Mas os críticos sempre acharam a frase meio rimada demais. A versão dos anões para a máxima é: *se a coisa não fede, case com ela*, que é ligeiramente menos romântica, mas tem o mesmo significado.

Potrus não precisava desses ditados, porque, em sua mente, a beleza era personificada por sua esposa, Cavalline. Se alguém lhe pedisse uma definição de beleza, ele simplesmente apontaria para seu próprio braço e ativaria o cristal de holograma no computador de pulso, projetando uma imagem em computação gráfica de sua esposa, girando no ar.

Potrus era tão apaixonado por ela que suspirava sempre que Cavalline lhe passava pela mente, o que acontecia várias vezes por hora. Para o centauro, ele havia encontrado sua alma gêmea.

O amor havia cutucado Potrus relativamente tarde na vida. Quando todos os outros centauros saracoteavam pelo pasto sintético, pateando na terra, enviando torpedos para as potrancas e mandando cenouras carameladas para as escolhidas, Potrus estava enfiado até as axilas em equipamentos de laboratório, tentando tirar suas invenções radicais da cabeça e colocá-las no mundo real. Quando percebeu que o amor poderia estar passando ao longe, ele já havia desaparecido sobre o horizonte. Assim, o centauro se convenceu de que não precisava de companhia, e estava contente em viver para a profissão e para os amigos de trabalho.

Então, quando Holly Short desapareceu em outra dimensão, ele conheceu Cavalline na delegacia Plaza. Pelo menos, foi isso que contou a todo mundo. *Conheceu* podia ser um verbo ligeiramente enganador, já que implica que a situação foi agradável, ou pelo menos não-violenta. O que aconteceu de fato foi que um dos programas de reconhecimento facial de Potrus causou um defeito numa câmera de banco e identificou Cavalline como uma goblin assaltante. Ela foi imediatamente atacada pelos duendes-jumbo da segurança e *cavalgada* até a delegacia Plaza. A ignomínia definitiva para um centauro.

Até a confusão toda ser reconhecida como resultado de um erro do programa, Cavalline já estava confinada numa cela de gel por mais de três horas. Tinha perdido o chá de aniversário da mãe e estava extremamente ansiosa para atropelar a pessoa responsável pelo equívoco. O comandante Kelp ordenara a Potrus, em termos explícitos, que descesse às celas e assumisse a responsabilidade pela trapalhada.

Potrus desceu, sem graça, pronto para balbuciar uma de sua dúzia de desculpas-padrão, mas todas evaporaram quando ele ficou cara a cara com Cavalline na suíte de hospitalidade. Potrus não conhecia muitos centauros, e certamente nunca esbarraria numa tão linda quanto Cavalline, com seus olhos castanhos, nariz largo e forte e o cabelo brilhante que ia até a cintura.

— Sorte minha — balbuciou bruscamente, sem pensar. — Isso é típico da minha sorte.

Cavalline havia se preparado toda para arrancar tiras metafóricas da pele do imbecil responsável por seu encarceramento, e talvez tiras verdadeiras também, mas a reação de Potrus a fez parar, e ela decidiu lhe dar uma chance de sair do buraco em que estava.

— O que é típico da sua sorte? — perguntou, olhando-o com franqueza, deixando claro que era melhor que a resposta fosse boa.

Potrus reconheceu a pressão, por isso pensou com cuidado antes de responder.

— É típico da minha sorte — disse, por fim — que eu finalmente conheça alguém tão linda como você, e tudo que você queira seja me matar.

Foi uma tirada muito boa e, a julgar pelo sofrimento nos olhos de Potrus, havia mais do que um grão de verdade nela.

Cavalline decidiu sentir pena do centauro desalentado e baixou seu antagonismo alguns pontos, mas era cedo demais para livrar Potrus completamente.

— E por que eu não quereria matá-lo? Você acha que pareço uma criminosa.

— Não acho isso. Nunca acharia.

— Verdade? Porque o algoritmo que me identificou como uma goblin assaltante de banco se baseia nos seus padrões de pensamento.

Essa dona é inteligente, percebeu Potrus. Inteligente e linda.

— Verdade — concordou. — Mas imagino que houvesse fatores secundários envolvidos.

— O quê, por exemplo?

Potrus decidiu partir para o tudo ou nada. Sentia por aquela centauro uma atração que estava causando curto-circuito em seu cérebro. O mais próximo que encontrava para descrever a sensação era um choque elétrico de baixo nível e constante, como os que ele infligia em voluntários nas suas experiências de privação de sono.

— Por exemplo, que minha máquina é incrivelmente idiota, porque você é o oposto de uma goblin assaltante de banco.

Cavalline achou divertido, mas ainda não estava convencida.

— E o que é isso?

— Uma não goblin fazendo um depósito numa conta bancária.

— E é o que eu sou, idiota.

Potrus se encolheu.

— O quê?

— Idiota. Sua máquina é idiota.

— É. Sem dúvida. Terei de desmontá-la imediatamente e remontá-la como uma torradeira.

Cavalline mordeu o lábio, e poderia estar escondendo um sorriso.

— Isso é um começo. Mas você ainda tem um longo caminho antes de ficarmos quites.

— Entendo. Se você tem algum crime capital no passado, eu posso apagá-lo da sua ficha. Na verdade, se quiser desaparecer completamente, eu posso arranjar isso. — Potrus repensou a última frase. — Pareceu que eu iria mandar matá-la, mas não é nem um pouco isso. A última coisa que eu faria seria mandar matá-la. Pelo contrário.

Cavalline pegou sua bolsa no encosto de uma cadeira e pendurou-a sobre a blusa com franjas.

— Você gosta um bocado de opostos, senhor Potrus. O que é o oposto de mandar me matar?

Potrus olhou-a nos olhos pela primeira vez.

— Manter você feliz e viva para sempre.

Cavalline fez menção de ir embora, e Potrus pensou: *jumento idiota. Você estragou tudo.*

Mas ela parou junto à porta e lançou a Potrus uma corda salva-vidas.

— Há uma multa de estacionamento que eu paguei, mas parece que suas máquinas gostam de pegar no meu pé e juram que não paguei. Você poderia

dar uma olhada.

— Sem problema. Considere isso feito, e a máquina compactada.

— Vou contar isso a todos os meus amigos — disse Cavaline, já saindo da sala — quando encontrá-los na vernissage da Galeria Cascus este fim de semana. Gosta de arte, senhor Potrus?

Potrus ficou parado durante um minuto inteiro, depois de ela ter saído, olhando para o lugar onde Cavaline estivera ao falar pela última vez. Mais tarde, precisou repassar as imagens das câmeras da suíte para garantir que ela havia meio que — mais ou menos — o convidado para um encontro.

E agora estavam casados, e Potrus se considerava o idiota mais sortudo do mundo e, ainda que a cidade estivesse atolada num tipo de crise que jamais acontecera com a metrópole subterrânea, ele não havia hesitado um instante em verificar como estava sua esposa lindíssima, a qual, nesse momento, provavelmente estava em casa, preocupada com ele.

Cavaline, pensou. Logo estarei com você.

Desde o ritual do casamento, Potrus e a esposa compartilhavam uma ligação mental parecida com a que irmãos gêmeos costumavam ter.

Sei que ela está viva, pensou.

Mas isso era tudo o que sabia. Ela poderia estar machucada, presa em algum lugar, perturbada ou correndo perigo. Potrus não sabia. E precisava saber.

A Libelume que ele havia despachado para encontrar Cavaline fora construída especialmente com esse objetivo e sabia exatamente aonde ir. Meses antes, Potrus havia pintado um canto do teto da cozinha com um laser que atrairia o inseto por centenas de quilômetros, se fosse necessário.

Potrus conectou as outras Libelumes à sala principal de reuniões, onde Mayne podia monitorá-las, depois se concentrou no inseto de Cavaline.

Voe, minha belezinha. Voe.

A libélula modificada disparou pelo sistema de ventilação da delegacia Plaza e partiu pela cidade, atravessando rapidamente o caos que permeava ruas e

prédios. Havia incêndios na praça e na via expressa. Os outdoors que ladeavam cada rua foram reduzidos a estruturas carbonizadas, e a água da inundação cobria o anfiteatro ao ar livre até a Fila H.

Mayne pode cuidar disso por cinco minutos, pensou Potrus. Estou indo, Cavaline.

A Libelume zumbiu para além da praça, indo na direção do subúrbio sul, que tinha um ar mais rural. Árvores modificadas geneticamente cresciam em pequenos bosques, e havia até mesmo quantidades controladas de criaturas selvagens que eram monitoradas cuidadosamente e liberadas sobre a superfície quando se multiplicavam até um nível incômodo. As moradias ali eram modestas, de arquitetura menos moderna, e ficavam fora da zona de evacuação. Potrus e Cavaline moravam numa pequena casa de vários níveis, com paredes de adobe e janelas curvas. O esquema de cor era outonal, e a decoração sempre fora um pouco *de volta à natureza* demais para o gosto de Potrus, mas ele jamais sonharia em falar isso.

Potrus puxou seu v-clado e controlou habilmente o pequeno inseto com coordenadas numéricas, embora fosse bem mais fácil usar um joystick, ou até mesmo o controle por voz. Era irônico que alguém responsável por tantas inovações tecnológicas ainda preferisse usar o antigo teclado virtual que ele construía a partir de uma moldura de janela quando estava na universidade.

A metade de cima da porta estava aberta, e Potrus mandou seu Libelume entrar no saguão, que era decorado com tapeçarias de parede mostrando grandes momentos da história dos centauros, como a descoberta do fogo pelo rei Thurgood e a descoberta acidental da penicilina pelo ajudante de estábulo Shammy Sod, cujo nome havia entrado no vernáculo popular significando uma pessoa extremamente sortuda, por exemplo: *Ele ganhou na loteria pela segunda vez, é um tremendo shammy sod.*

A libélula zumbiu pelo corredor até encontrar Cavaline sentada no tatame de yoga, olhando para o celular em sua mão. Parecia abalada porém ilesa, e estava repassando os menus da tela, procurando uma rede.

Você não terá sorte aí, meu amor, pensou Potrus, depois mandou uma mensagem de texto da Libelume diretamente para o telefone dela.

Há uma pequena libélula observando você, dizia a mensagem. Cavalline leu e levantou o rosto, procurando o inseto. Potrus pôs os olhos do bicho para piscar em verde, a fim de ajudá-la. Sua esposa levantou a mão e o inseto baixou, pousando no dedo.

— Meu marido inteligente — disse ela, sorrindo. — O que está acontecendo na nossa cidade?

Potrus mandou outra mensagem, e fez uma anotação mental para acrescentar uma caixa vocal na próxima versão das Libelumes.

Você está segura em casa. Tivemos algumas explosões grandes, mas tudo está sob controle.

Cavalline assentiu.

— Você volta logo para casa? — perguntou ao inseto.

Logo, não. Pode ser uma noite longa.

— Não se preocupe, querido. Sei que precisam de você. Holly está bem?

Não sei. Perdemos contato, mas se existe alguém capaz de cuidar de si mesma é Holly Short.

Cavalline ergueu o dedo, e a libélula pairou diante de seu rosto.

— Você também precisa cuidar de si mesmo, senhor consultor técnico.

Farei isso, digitou Potrus.

Cavalline pegou na mesinha baixa uma caixa adornada com fitas.

— Enquanto estou esperando você, vou abrir esse lindo presente que alguém me mandou, seu centauro romântico.

No laboratório, Potrus sentiu uma pontada de ciúme. Um presente? Quem teria mandado um presente? Seu ciúme foi dominado rapidamente pela ansiedade. Afinal de contas, esse era o dia da grande vingança de Opala Kobi, e não havia ninguém que a duende-diabrete odiasse mais do que ele.

Não abra, digitou rapidamente. *Não fui eu que mandei, e coisas ruins estão acontecendo.*

Mas Cavaline não precisava abrir a caixa, porque ela era codificada por tempo e pelo DNA, e assim que a tocou, o onissensor na lateral escaneou seu dedo e fez o mecanismo de abertura zumbir. A tampa saltou para longe, girando até bater na parede, e dentro havia... nada. Literalmente nada. Uma ausência negra que parecia repelir a luz ambiente.

Cavaline espiou dentro da caixa.

— O que é isso? — perguntou. — Uma das suas geringonças? — E foi só isso que Potrus ouviu, porque o negrume, ou o que quer que fosse, provocou um curto na Libelume, deixando Potrus completamente alheio ao destino de sua esposa.

— Não! — gritou ele. — Não. Não.

Alguma coisa estava acontecendo. Alguma coisa sinistra. Opala havia decidido atacar Cavaline especificamente para torturá-lo. Ele tinha certeza. O cúmplice da duende-diabrete, quem quer que fosse, havia mandado para sua esposa aquela caixa aparentemente inócua, mas ela não era nem um pouco inofensiva; Potrus apostaria suas mais de duzentas patentes nisso.

O que ela fez?

O centauro ficou agonizando com essa pergunta durante uns cinco segundos, até que Mayne enfiou a cabeça na sala.

— Recebemos alguma coisa das Libelumes. Acho que eu deveria mandar para as suas telas.

Potrus bateu um casco.

— Agora não, seu pônei estúpido. Cavaline está correndo perigo.

— Você precisa ver isso — insistiu Mayne.

Algo no tom de voz do sobrinho, um toque de aço que sugeria o centauro que esse garoto iria se tornar, fez Potrus levantar os olhos.

— Muito bem. Mande.

Imediatamente, as telas se iluminaram com imagens de Porto vista de cima, a partir de dezenas de ângulos diferentes. Cada imagem era em preto e branco, a não ser por agrupamentos de pontos vermelhos.

— Os pontos são os rastreadores/imobilizadores dos goblins fugidos — explicou Mayne. — As Libelumes podem detectar a radiação deles, mas não ativá-los.

— Mas isso é uma boa notícia — constatou Potrus, irritado. — Mande as coordenadas aos agentes em terra.

— Eles estavam se movendo aleatoriamente, mas há alguns segundos todos mudaram de direção, exatamente ao mesmo tempo.

Então Potrus soube o que Opala havia feito, e como sua arma tinha passado pelos scanners de segurança do correio. Ela havia usado uma bomba sonix.

— E eles estão indo para minha casa — disse.

Mayne engoliu em seco.

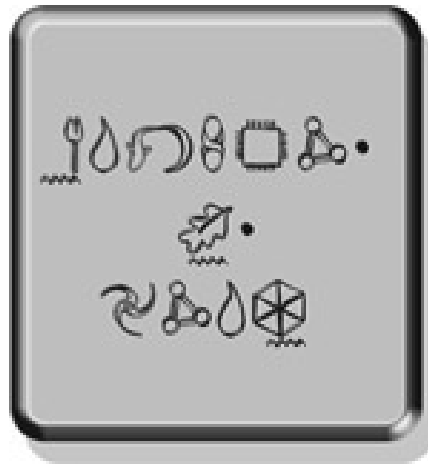
— Exato. O mais rápido que podem correr. O primeiro grupo vai chegar em menos de cinco minutos.

Naquele momento, Mayne estava falando com o ar, porque Potrus já seguia galopando pela porta lateral.



CAPÍTULO 13: MERGULHO DE SORTE

MANSÃO FOWL



MYLES Fowl estava sentado atrás da mesa de Artemis, na mini-cadeira de escritório que seu irmão mais velho tinha lhe dado de presente de aniversário. Artemis afirmou que ela fora feita sob medida, mas, na verdade, a cadeira era da Elf Arato, a famosa loja de grife especializada em móveis lindos porém práticos para elfos.

Estava sentado na regulagem mais alta, tomando sua bebida predileta: suco de açaí numa taça de Martini. Dois cubos de gelo, sem canudinho.

— É minha bebida predileta — disse, enxugando o canto da boca com um guardanapo que tinha bordado o lema dos Fowl, *Aurum potestas est*. — Sei disso porque sou eu mesmo de novo, e não um guerreiro das criaturas.

Artemis estava sentado diante dele, numa cadeira semelhante, porém maior.

— É o que você fica dizendo, Myles. Devo chamá-lo de Myles?

— Sim, claro — respondeu o irmão. — Porque é quem eu sou. Não acredita?

— Claro que sim, homenzinho. Conheço a cara do meu irmão mais novo. Myles brincou com a haste de sua taça de Martini.

— Preciso falar com você a sós, Arty. Butler não pode ficar lá fora alguns instantes? É conversa de família.

— Butler é da família. Você sabe disso, irmão.

Myles fez um biquinho.

— Eu sei, mas isso é embaraçoso.

— Butler já viu de tudo. Não temos segredos para ele.

— Ele não pode sair só um minuto?

Butler estava parado em silêncio atrás de Artemis, os braços cruzados de modo agressivo, o que não é difícil, com antebraços do tamanho de presuntos assados e mangas de paletó que podem ranger como cadeiras antigas.

— Não, Myles. Butler fica.

— Muito bem, Arty. Você é que sabe.

Artemis se recostou em sua cadeira.

— O que aconteceu com o Furioso dentro de você, Myles?

O menino de 4 anos deu de ombros.

— Foi embora. Ele estava pilotando minha cabeça, depois sumiu.

— Qual era o nome dele?

Myles revirou os olhos para cima, verificando seu próprio cérebro.

— É... senhor Gobdaw, acho.

Artemis assentiu, como alguém que tivesse um extenso conhecimento sobre esse tal de Gobdaw.

— Ah, sim. Gobdaw. Ouvi contar tudo sobre Gobdaw, pelos nossos amigos do subterrâneo.

— Acho que ele era chamado de Gobdaw, o Guerreiro Lendário.

Artemis deu um risinho.

— Tenho certeza de que ele gostaria que você pensasse isso.

— Porque é verdade — disse Myles, com uma leve tensão em volta da boca.

— Não foi o que ouvimos dizer, foi, Butler?

Butler não respondeu nem fez qualquer gesto, mas, de algum modo, deu a impressão de uma reação negativa.

— Não — continuou Artemis. — O que ouvimos de nossas fontes do subterrâneo foi que esse tal de Gobdaw é meio que uma piada, para ser franco.

Os dedos de Myles apertaram a haste de sua taça.

— Piada? Quem diz isso?

— Todo mundo — respondeu Artemis, abrindo seu laptop e verificando a tela. — Está em todos os livros de histórias do Povo. Aqui está, olhe. Ele é chamado de Gobdaw, o Boçal, o que é interessante por causa da rima. Há outro artigo que fala de seu amigo Furioso como Gobdaw, o Verme Fedorento, que acredito ser um termo usado para descrever uma pessoa que recebe a culpa de tudo. Nós, humanos, chamaríamos de otário, ou bode expiatório.

Agora as bochechas de Myles estavam vermelhas.

— Verme Fedorento? Você disse Verme Fedorento? Por que eu... por que Gobdaw seria chamado de Verme Fedorento?

— Na verdade é triste, patético, mas parece que esse tal de Gobdaw foi quem convenceu seu líder a deixar que toda a unidade de Furiosos fosse enterrada em volta de um portão.

— Um portão *mágico* — rebateu Myles. — Que protegia os elementos do Povo.

— Foi isso que disseram a eles, mas na verdade o portão não passava de uma pilha de pedras. Uma distração que não levava a lugar nenhum. Os Furiosos passaram dez mil anos vigiando pedras.

Myles franziu os olhos.

— Não. Isso não é... não. Eu vi, nas memórias de Gobdaw. O portão é verdadeiro.

Artemis deu um riso baixinho.

— Gobdaw, o Boçal. É meio cruel. Há uma cantiga, sabia?
— Uma cantiga? — rosnou Myles, com uma voz áspera; e voz áspera não é uma coisa comum em crianças de 4 anos.
— Ah, sim, uma cantiga de escola. Quer escutar?
Myles parecia estar lutando contra as expressões de seu rosto.
— Não. Sim, cante.
— Muito bem. Aí vai. — Artemis pigarreou de modo teatral.

Gobdaw, Gobdaw
No chão foi enterrado
Vigiando uma pedreira
Para nunca ser achado.

Artemis escondeu um sorriso atrás da mão.

— As crianças podem ser tão cruéis!

Myles estourou em dois sentidos. Em primeiro lugar, sua paciência estourou, revelando que, de fato, ele era Gobdaw, e em segundo, seus dedos quebraram a haste da taça de Martini, deixando-o com uma arma mortal nos dedos minúsculos.

— Morte aos humanos! — gritou em gnomês, saltando sobre a mesa e correndo na direção de Artemis.

No combate, Gobdaw gostava de visualizar seus golpes logo antes de executá-los. Tinha descoberto que isso o ajudava a se concentrar. Assim, em sua mente, saltou com graça da beira da mesa, pousou no peito de Artemis e mergulhou o estilete de vidro no pescoço dele. Isso teria o efeito duplo de matar o Garoto da Lama e também cobrir Gobdaw com sangue arterial, o que iria ajudá-lo a parecer um pouco mais temível.

O que aconteceu de fato foi um pouco diferente. Butler estendeu a o braço e pegou Gobdaw no ar, no meio do salto, tirou a haste de vidro de sua mão e

depois o aprisionou com firmeza entre seus braços carnudos.

Artemis se inclinou adiante na cadeira.

— Há uma segunda estrofe — continuou. — Mas talvez agora não seja o momento.

Gobdaw lutou com fúria, mas tinha sido totalmente neutralizado. Em desespero, tentou usar o *mesmer* das criaturas.

— *Você vai ordenar que Butler me solte* — entoou.

Artemis achou engraçado.

— Duvido. Você mal tem magia suficiente para controlar Myles.

— Então me mate logo e acabe com isso — cuspiu Gobdaw, sem o menor tremor na voz.

— Não posso matar meu próprio irmão, por isso preciso tirá-lo do corpo dele sem lhe causar mal.

Gobdaw deu um risinho.

— Isso não é possível, humano. Para me tirar, precisa matar o garoto.

— Você está mal-informado. Há um modo de exorcizar sua alma briguenta sem prejudicar Myles.

— Eu gostaria de vê-lo tentar — desafiou Gobdaw, talvez com um vislumbre de dúvida nos olhos.

— Seu desejo é uma ordem, e assim por diante — respondeu Artemis, apertando um botão no interfone da mesa. — Pode trazer, está bem, Holly?

A porta do escritório se abriu, e um barril entrou na sala, aparentemente por vontade própria, até que Holly foi revelada atrás dele.

— Não gosto disso, Artemis — disse ela, bancando a policial boazinha, como eles haviam planejado. — Esse negócio é ruim. A alma de uma pessoa talvez jamais consiga ir para a pós-vida presa nessa gosma.

— Sua traidora — exclamou Gobdaw, chutando com os pezinhos. — Você tomou partido dos humanos.

Holly levou o carrinho com o barril até o centro da sala e deixou-o no piso de madeira, e não num dos preciosos tapetes afegãos que Artemis insistia em

descrever com grandes detalhes históricos sempre que ela visitava o escritório.

— Eu tomei partido da Terra — rebateu ela, encarando Gobdaw. — Você esteve enterrado durante dez mil anos, guerreiro. As coisas mudaram.

— Eu consultei as memórias do meu hospedeiro — respondeu Gobdaw, carrancudo. — Os humanos quase conseguiram destruir todo o planeta. As coisas não mudaram tanto assim.

Artemis se levantou da cadeira e desatarraxou a tampa do barril.

— Você também vê uma espaçonave que dispara bolhas do cano de descarga?

Gobdaw deu uma olhada rápida no cérebro de Myles.

— Vejo. Vejo, sim. É feita de ouro, não é?

— Esse é um dos projetos dos sonhos de Myles — explicou Artemis, lentamente. — Não passa de um sonho. O jato bolha. Se mergulhar mais fundo na imaginação do meu irmão, vai ver um pônei robótico que faz o dever de casa e um macaco que aprendeu a falar. O garoto que você habita é muito inteligente, Gobdaw, mas só tem 4 anos. Nessa idade, há um limite muito tênue entre realidade e imaginação.

O peito estufado de Gobdaw se desinflou enquanto ele localizava esses itens no cérebro de Myles.

— Por que está me dizendo isso, humano?

— Quero que veja que foi enganado. Opala Koboi não é a salvadora que finge ser. É uma assassina condenada que escapou da prisão. Ela seria capaz de desfazer dez mil anos de paz.

— Paz! — exclamou Gobdaw, depois deu uma gargalhada que parecia um latido. — Humanos pacíficos? Mesmo enterrados, nós sentíamos a sua violência. — Ele se retorceu nos braços de Butler, um mini-Artemis de cabelo preto e terno escuro. — Você chama isso de *paz*?

— Não, e peço desculpas pelo tratamento, mas preciso do meu irmão. — Artemis assentiu para Butler, que levantou Gobdaw sobre o barril aberto. O pequeno Furioso gargalhou.

— Durante milênios estive enterrado. Você acha que Gobdaw teme ficar preso num barril?

— Você não vai ficar preso. Será necessário apenas um mergulho rápido.

Gobdaw olhou para baixo, através dos pés pendurados. O barril estava cheio de um líquido viscoso e esbranquiçado, com uma pele coagulada na superfície.

Holly virou as costas.

— Não quero ver. Sei qual é a sensação.

— O que é isso? — perguntou Gobdaw, nervoso, sentindo um enjoo frio quando a aura daquela coisa bateu nos dedos dos seus pés.

— É um presente de Opala — disse Artemis. — Há alguns anos, ela roubou o poder de um demônio usando esse mesmo barril. Eu o guardei no porão, porque nunca se sabe, não é?

— O quê? — repetiu Gobdaw.

— Um dos dois inibidores naturais de magia — explicou Artemis. — Gordura animal derretida. Uma coisa nojenta, admito. E lamento mergulhar meu irmão nisso, porque ele adora esses sapatos. Nós o mergulhamos, e a gordura derretida prende a sua alma. Myles sai intacto, e você fica preso no limbo por toda a eternidade. Não é exatamente a recompensa que esperava pelo seu sacrifício.

Algo chiou no barril, lançando minúsculos raios elétricos.

— Que *porcaria* é essa? — guinchou Gobdaw, o pânico fazendo sua voz subir uma oitava.

— Ah, é o segundo inibidor natural de magia. Mandei meu amigo anão cuspir no barril só para dar um toque extra.

Gobdaw conseguiu soltar um braço e bateu contra o bíceps de Butler, mas era como bater numa montanha.

— Não vou lhe contar nada — disse ele, com o queixinho pontudo tremendo.

Artemis segurou os tornozelos de Gobdaw, aproximando-os do barril.

— Eu sei. Myles vai me contar tudo daqui a pouco. Lamento fazer isso, Gobdaw. Você foi um guerreiro valente.

— Então não sou Gobdaw, o Boçal?

— Não — admitiu Artemis. — Isso foi uma ficção para obrigá-lo a se revelar. Eu precisava ter certeza.

Holly tirou Artemis do caminho com uma cotovelada.

— Furioso, escute. Sei que você está ligado a Opala por magia e não pode traí-la, mas este humano vai entrar no barril de um modo ou de outro. Então saia do corpo dele e vá para a pós-vida. Você não pode fazer mais nada aqui. Este não é um fim adequado para um grande Furioso.

Gobdaw ficou frouxo nos braços de Butler.

— Dez mil anos. O tempo de tantas vidas!

Holly tocou o rosto de Gobdaw.

— Você fez tudo o que lhe foi pedido. Descansar agora não é traição.

— Talvez o humano esteja brincando comigo. Isso é um blefe.

Holly estremeceu.

— O barril não é um blefe. Opala me prendeu nele uma vez. Foi como se minha alma adocesse. Salve-se, eu imploro.

Artemis assentiu na direção de Butler.

— Muito bem, chega de delongas. Mergulhe-o.

Butler passou a segurar os ombros de Gobdaw, baixando-o lentamente.

— Espera, Artemis! — gritou Holly. — Esse é um herói do Povo.

— Desculpe, Holly, não temos mais tempo.

As pontas dos pés de Gobdaw bateram na gosma, que lançou fiapos vaporosos em volta das suas pernas, e nesse instante ele soube que não era blefe. Sua alma ficaria presa para sempre na gordura derretida.

— Perdão, Oro — disse ele, virando os olhos para o céu.

O espírito de Gobdaw saiu de Myles e pairou no ar, desenhado em prata. Durante vários instantes permaneceu ali, aparentemente confuso e ansioso, até que uma gota de luz brotou em seu peito e começou a girar como um pequeno

ciclone. Então Gobdaw sorriu, e a dor de eras desapareceu de seu rosto. A luz ficou maior a cada volta, espalhando as ondulações até engolir os membros, o tronco e finalmente o rosto de Gobdaw, que no momento de transição tinha um ar que só poderia ser descrito como de bem-aventurança.

Para os observadores, era impossível olhar aquele rosto fantasmagórico e não sentir um pouquinho de inveja.

Bem-aventurança, pensou Artemis. *Será que algum dia vou alcançar esse estado?*

Myles cortou o momento chutando vigorosamente com os dois pés, lançando fiapos de gordura longe.

— Artemis! Me tira daqui! — ordenou. — Esses são meus sapatos prediletos!

Artemis sorriu. Seu irmãozinho estava de novo no controle da própria mente.

Myles não quis falar antes de ter limpado os sapatos com um pano úmido.

— Aquela criatura correu pela lama usando meus sapatos — reclamou, tomando uma segunda taça de suco de açaí. — Esses sapatos são de pelica, Arty.

— Ele é bem precoce, *n'est-ce pas?* — sussurrou Artemis, com o canto da boca.

— Olha só, o roto falando do esfarrapado — sussurrou Butler de volta.

Artemis pegou Myles e sentou-o na beira da mesa.

— Muito bem, homenzinho. Preciso que me conte tudo que lembra sobre sua possessão. Logo as memórias vão começar a se dissipar. Isso significa...

— Eu sei o que significa *dissipar*, Arty. Não tenho 3 anos, pelo amor de Deus.

Holly sabia, por longa experiência, que gritar com Myles e Artemis não iria apressá-los, mas também sabia que iria sentir-se melhor. E no momento sentia-se mal-humorada e suja depois da forma como tratou um dos mais ilustres

guerreiros do Povo. Gritar com Garotos da Lama poderia ser a melhor coisa para animá-la um pouco.

Decidiu-se por uma cutucada em volume médio:

— Vocês dois podem se mexer? Não estamos numa parada temporal. A manhã está chegando.

Myles acenou para ela.

— Olá, criatura. Você fala engraçado. Andou inalando hélio? Hélio é um gás monoatômico inerte, por sinal.

Holly fungou.

— Ah, ele é mesmo seu irmão. Precisamos de qualquer informação que ele tenha na cabeça, Artemis.

Artemis assentiu.

— Muito bem, Holly. Estou trabalhando nisso. Myles, o que você se lembra da visita de Gobdaw?

— Lembro tudo — respondeu, com orgulho. — Gostaria de ouvir o plano de Opala para destruir a humanidade ou como ela planeja abrir a segunda fechadura?

Artemis segurou a mão do garoto.

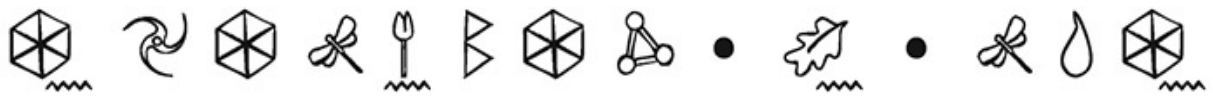
— Preciso saber tudo, Myles. Comece do princípio.

— Vou começar do princípio, antes que as memórias comecem a *se dissipar*.

Myles contou tudo, numa linguagem que era uma década avançada para sua idade. Não se desviou do rumo nem se confundiu, e em nenhum momento pareceu preocupado com seu futuro. Isso porque frequentemente Artemis dizia ao irmãozinho que a inteligência sempre vence no final, e que não havia ninguém mais inteligente do que Artemis.

Infelizmente, depois dos acontecimentos das últimas seis horas, Artemis não tinha mais a mesma fé em seu próprio ditado e, enquanto Myles contava a história, começou a acreditar que nem mesmo sua inteligência bastaria para forjar um final feliz para a confusão em que estavam atolados.

Talvez possamos vencer, pensou. Mas não haverá final feliz.



CAPÍTULO 14: **Π**OVE VARAS

CIDADE DO PORTO, ELEMENTOS DE BAIXO



POTRUS não tinha exatamente um plano em mente enquanto corria. Só sabia que tinha de chegar até Cavaline, não importava como. Não importava o custo.

É isso que o amor faz, percebeu, e, nesse momento, entendeu por que Artemis havia sequestrado uma criatura para conseguir o dinheiro destinado a encontrar o pai.

O amor faz com que todo o resto pareça sem importância.

Mesmo com o mundo desmoronando ao redor, Potrus só conseguia pensar no sofrimento de Cavaline.

Há goblins criminosos convergindo para a nossa casa.

Opala sabia que, como consultor da LEP, Potrus exigiria que todas as entregas para sua casa fossem escaneadas rotineiramente. Por isso havia mandado uma caixa de presente ornamentada que pareceria vazia para os

scanners, quando, na verdade, nenhuma caixa jamais está totalmente vazia. Esta estava apinhada de microrganismos que vibravam em alta frequência, produzindo um zumbido em ultrassom que derrubaria a vigilância e deixaria os goblins totalmente malucos — tão atordoados que fariam qualquer coisa para acabar com aquilo.

Os goblins não eram criaturas inteligentes, na melhor das hipóteses. Existia apenas um exemplo de um goblin que havia ganhado um prêmio de ciência, e por acaso ele era um experimento genético que inscreveu a si mesmo na competição.

Essa bomba sonix apagaria qualquer função cerebral mais elevada e transformaria os goblins em lagartos cuspidores de fogo ensandecidos. Potrus sabia de tudo isso porque havia tentado vender uma miniversão da bomba sonix para a LEP como um inibidor de criminalidade, mas o Conselho se recusou a alocar a verba porque o aparelho provocava sangramento de nariz em quem o usava.

Agora a delegacia Plaza era oitenta por cento entulho, restando apenas o último andar, agarrado ao teto de rocha como uma craca achatada. Os andares inferiores haviam desmoronado no estacionamento que havia abaixo, formando quase uma pirâmide de entulho que soltava vapor e fagulhas. Por sorte, a ponte coberta que levava à estrutura de estacionamento adjacente estava relativamente intacta. Potrus correu por ela, tentando não ver os buracos no piso, nos quais seus cascos poderiam ficar presos, tentando não ouvir o guincho torturado das estruturas metálicas que se retorciam com a sobrecarga.

Não olhe para baixo. Visualize-se chegando ao outro lado.

Enquanto Potrus corria, pedaços da ponte desmoronavam atrás dele, até parecer as teclas tilintantes de um piano despencando no abismo. A porta automática do outro lado estava emperrada num trecho amassado do corrimão e balançava para a frente e para trás, deixando espaço suficiente para Potrus passar espremido e desabar, ofegante, no piso do quarto andar.

Isso é tão melodramático!, pensou. *É assim que as coisas são para Holly todo dia?*

Encorajado pelos estrondos da alvenaria e pelo fedor de carros pegando fogo, Potrus correu pelo estacionamento até seu furgão, que estava parado numa vaga especial perto da passarela. O furgão era uma velharia que poderia ser facilmente confundida com uma lata velha em vez de o transporte escolhido pela criatura responsável pela maioria dos avanços tecnológicos da cidade. Se uma pessoa soubesse a quem o furgão pertencia, poderia supor que Potrus tivesse disfarçado o exterior para desencorajar possíveis ladrões de carros. Mas não, o furgão era simplesmente um monte de ferrugem e deveria ter sido trocado décadas antes. Assim como muitos decoradores jamais pintam suas próprias casas, Potrus, um especialista em avanços automobilísticos, não se importava com o veículo que dirigia. Essa era uma desvantagem cotidiana, já que o centaumóvel emitia ruído vários decibéis acima das normas e regularmente disparava alarmes sônicos por toda a cidade. Mas hoje, a antiguidade do furgão se mostrou claramente uma vantagem, já que era um dos poucos veículos que podiam circular independentemente do sistema de trilhos magnéticos de Porto, e, na verdade, estava funcionando perfeitamente.

Potrus usou a chave eletrônica para abrir a porta de carga dianteira e recuou de costas até a cabine, esperando que o arnês extensível se projetasse com um zumbido e aninhasse seu tronco equino. O arnês circulou-o, soltando bips o tempo todo, depois levantou o centauro para trás, colocando-o na cabine. Assim que as portas asas-de-besouro haviam se dobrado, os sensores do furgão detectaram a proximidade de Potrus e acionaram os motores. Demorava alguns segundos para entrar e dar partida nesse veículo, mas demoraria um pouco mais para tentar entrar normalmente num automóvel tendo seis membros e uma cauda, que alguns equinólogos consideravam um sétimo membro, ou pelo menos um apêndice.

Potrus puxou um volante do encaixe no painel e pisou fundo com o casco, cantando pneus ao sair da vaga.

— Para casa! — gritou para o sistema robótico de navegação suspenso num fio de gel diante do rosto. Num momento de vaidade, tinha dado ao robô sua própria imagem.

— A rota de sempre, bonitão? — perguntou o sistema robótico, piscando carinhoso para Potrus.

— Negativo. Ignore os parâmetros usuais de velocidade e segurança, apenas chegue lá o mais rápido possível. Todas as restrições comportamentais de costume estão retiradas sob minha autoridade.

Se o robô tivesse mãos, iria esfregá-las.

— Há muito tempo espero ouvir isso — disse, e assumiu o controle do veículo.

Alguma coisa estava acontecendo com a caixinha lindamente incrustada que Cavalline tinha nas mãos. Parecia que uma minúscula nuvem de tempestade rolava lá dentro. A coisa vibrava como uma colmeia, mas não emitia absolutamente nenhum som. No entanto havia *algo*, uma sensação que irritava seus dentes e fazia os olhos lacrimejarem, como se unhas invisíveis estivessem raspando um quadro-negro mental.

É maluquice, eu sei, mas a sensação é essa.

Empurrou a caixa para longe, mas não antes que a minúscula nuvem de tempestade saísse dali e cobrisse sua mão. A caixa rolou para baixo da mesinha de centro — um chapéu-de-sapo gigante petrificado que uma vez Holly dissera ser *tão estereotipado que dá vontade de gritar* — e ficou ali, emitindo a coisa que estava irritando os nervos de Cavalline.

— O que é isso, querido? — Virou-se para perguntar à pequena Libelume, mas o inseto estava morto no chão, com um minúsculo fio de fumaça brotando da cabeça.

A caixa fez isso, supôs. O que quer que fosse, não tinha vindo de Potrus, porque a sensação que provocava era errada. E agora a coisa errada estava na sua

mão. Cavaline não era de forma alguma uma centauro medrosa, mas sentiu uma premonição de perigo que quase amoleceu suas pernas.

Alguma coisa ruim vai acontecer. Pior ainda do que todas as coisas ruins que já aconteceram hoje.

Muitas criaturas desmoronariam sob o peso de circunstâncias tão agourentas, mas se o universo esperava esse tipo de reação da parte de Cavaline Wanderford Paddox Potrus, ele ficaria surpreso, porque uma das características que havia atraído Potrus para sua futura esposa era o espírito de luta. E ela não mantinha esse espírito somente com a força do pensamento positivo. Cavaline havia alcançado a faixa azul na antiga arte marcial centauriana das Nove Varas, que incluía a cabeça e a cauda como armas. Frequentemente malhava na academia da LEP com Holly Short, e certa vez a havia chutado acidentalmente através de uma parede de papel de arroz quando a imagem de um ex-namorado lhe viera subitamente à cabeça.

Cavaline trotou até um armário alto que havia no quarto e ordenou que ele se abrisse. Dentro estava sua faixa azul, que ela amarrou atravessada no peito. A faixa não teria utilidade prática alguma se os atacantes estivessem a caminho. O que ajudaria era o comprido cajado de bambu que estava ao lado dela, e que assobiava ao cortar o ar e podia, nas mãos corretas, arrancar a pele das costas de um troll.

A textura do cajado contra a palma de sua mão acalmou Cavaline, e ela sentiu-se meio idiota, parada ali com os implementos completos da luta das Nove Varas.

Nada de ruim vai acontecer. Estou exagerando.

Então a porta da frente explodiu.

O sistema de navegação de Potrus dirigia feito um maníaco, gargalhando com uma alegria que o centauro não conseguia se lembrar de ter posto na programação. E, ainda que ele estivesse consumido por visões de pesadelo nas quais Cavaline era a presa de goblins cuspidores de fogo, não podia deixar de

notar a devastação que passava pela janela: nuvens de fumaça densa e clarões de chamas laranjas e azuis pareciam borrões na velocidade maníaca do furgão. Policiais da LEP reviravam os entulhos procurando sobreviventes, e colunas de fumaça subiam de uma dúzia de marcos familiares da paisagem.

— Vá com calma — disse, dando um tapinha no robô navegador. — Não vou ser muito útil para Cavaline se chegar morto.

— Fica frio, véio — disse a minúscula cabeça do robô. — Você não vai ser muito útil de qualquer jeito. Cavaline sabe Nove Varas. O que você vai fazer? Jogar um teclado?

Véio?, pensou Potrus, desejando nunca ter dado um chip de personalidade experimental ao robô, desejando ainda mais que o chip não tivesse sua própria personalidade. Mas o robô estava certo. O que ele iria fazer? Seria mesmo trágico se Cavaline morresse tentando salvá-lo. De repente, Potrus sentiu-se como um salva-vidas com fobia de água. Será que podia levar algo de útil àquela situação?

O robô navegador pareceu ler sua mente, o que era impossível, mas Potrus decidiu patenteá-lo, para o caso de ter inventado acidentalmente um robô telepata.

— Use seus pontos fortes, meu chapa — aconselhou.

Claro, pensou Potrus. Meus pontos fortes. Quais são meus pontos fortes? E onde eles estão?

Estavam na parte de trás do furgão, claro, onde ele guardava mil experimentos inacabados e semilegais, além de peças de substituição. Quando pensou nisso, percebeu que havia coisas no furgão capazes de abrir um buraco na tessitura do espaço-tempo se por acaso se juntassem, por esse motivo tinha decidido muito antes não pensar nisso, já que a alternativa seria limpar o furgão.

— Continue dirigindo — ordenou ao robô, retorcendo-se para sair do arnês e recuando pela pequena ponte que ligava a cabine à área de carga. — Preciso dar uma olhada lá atrás.

— Cuidado com a cabeça, véio — disse o robô alegremente, um segundo antes de passar em cima de uma ponte abobadada em frente a um consultório de dentista para duendes, construído na forma de um molar gigante.

Esse chip de personalidade deve estar corrompido, pensou Potrus. Eu nunca seria tão imprudente, e absolutamente jamais chamaria alguém de “véio”.

Quando a porta da frente explodiu, a reação de Cavalline foi de fúria. Em primeiro lugar, porque a porta da frente da casa era de pau-rosa antigo e certificado, trazido do Brasil. E, em segundo, porque a porta estava aberta, e somente um panaca sentiria necessidade de explodir uma coisa que já estivesse escancarada. Agora a porta teria de ser refeita e jamais seria a mesma outra vez, mesmo que conseguissem achar todas as lascas.

Cavalline partiu intempestivamente para o saguão e encontrou um goblin enlouquecido entrando de quatro na casa, com fumaça brotando das narinas abertas e a cabeça de lagarto balançando de um lado para o outro, como se tivesse uma vespa dentro do crânio.

— Como ousa! — gritou Cavalline, dando na lateral da cabeça da criatura reptiliana um golpe rápido que literalmente arrancou o goblin da própria pele, que estivera a ponto de ser descartada.

Bom, isso foi chato, pensou ela, acreditando que a agressão havia terminado, quando um segundo goblin apareceu junto ao portal enegrecido, a cabeça balançando do mesmo modo desconcertante do primeiro. Outros dois começaram a bater na janela, e algo começou a raspar dentro da lixeira.

Não me diga. Mais um goblin.

Cavalline virou as costas para o goblin que estava junto à porta e deu-lhe um coice duplo, que fez sair um sopro de fumaça de sua boca aberta e o mandou voando para trás por cima do muro do quintal, como se estivesse sendo puxado por uma corda elástica. Ao mesmo tempo, ela abriu buracos na janela com dois

golpes rápidos de seu bambu, desalojando os goblins do parapeito, que tinha acabado de ser pintado. Através do vidro quebrado, viu dezenas de goblins em direção a propriedade e sentiu algo parecido com pânico real.

Espero que Potrus não venha para casa, pensou, dobrando os joelhos numa postura de lutador. Acho que não posso salvar nós dois.

Potrus remexia no furgão, procurando por alguma coisa, *qualquer coisa*, que pudesse salvar sua amada.

Mesmo que eu pudesse pedir socorro, pensou, todo mundo está enfiado até o pescoço em algum desastre. Isso está por minha conta.

O furgão era um amontoado de geringonças, com prateleiras repletas de pilhas de invólucros de robôs, vidros com espécimes, incubadoras, fontes de energia e partes de corpos biônicos.

Mas nenhuma arma. Absolutamente nenhuma.

Encontrou um vidro com olhos bio-híbridos, que o encararam irritados, e um frasco para espécime com algum tipo de líquido que ele não se lembrava de ter coletado.

— Teve sorte? — perguntou o robô de navegação, usando um alto-falante de gel grudado num painel de parede.

— Ainda não. Quanto falta para chegarmos?

— Dois minutos.

— Você não pode diminuir um minuto aí?

— Poderia, se atropelasse alguns pedestres.

Potrus considerou a possibilidade.

— Não. Melhor não. Não havia um canhão de plasma em algum lugar aqui atrás?

— Não. Você doou para o orfanato.

Potrus não perdeu tempo pensando por que teria doado um canhão de plasma para um orfanato, e, em vez disso, continuou revirando o entulho dentro do furgão.

Se eu tivesse uma hora, poderia montar alguma coisa, mas dois minutos?

Fibras óticas. Vira-avessos. Manequins de vodu. Câmeras.

Nada útil.

No fundo do furgão, Potrus encontrou uma velha e obsoleta bateria mágica de íons de lítio que deveria ter se descarregado anos antes, então deu um tapinha carinhoso no grande cilindro.

Nós fizemos a célebre parada temporal na mansão Fowl com uma série de vocês.

Potrus ficou imóvel. Uma parada temporal!

Poderia montar uma parada temporal, e todo mundo dentro dela ficaria preso até que a bateria se esgotasse. Mas as paradas temporais exigiam cálculos complicados e vetores exatos. Não era possível fazer uma no subúrbio.

Normalmente, não. Mas essas não eram circunstâncias normais.

Teria de ser concentrada. Quase magia pura, com um diâmetro que não fosse maior do que o terreno da casa.

— Vejo que está olhando para essa bateria mágica — disse o robô de navegação. — Não está pensando em montar uma parada temporal, está, véio? Você precisa de algumas dúzias de autorizações para fazer isso.

Potrus sincronizou o cronômetro da bateria com o computador de navegação, algo que Holly não poderia ter feito nem em um milhão de anos.

— Não — corrigiu. — Eu não vou montá-la. Você é que vai.

Os pelos de Cavalline estavam chamuscados, e havia marcas de mordidas nas patas traseiras, mas ela não se permitiria desistir. Agora mais de uma dúzia de goblins cercavam-na, abocanhando o ar, com os globos oculares girando alucinadamente, enlouquecidos por alguma coisa. Havia outros no telhado, abrindo caminho a dentadas, e cada janela e cada porta era uma massa de corpos se retorcendo.

Nem pude dizer adeus, pensou ela, decidida a derrubar o maior número de lagartos possível antes que eles a enterrassem pela simples força dos números.

Adeus, Potrus, eu te amo, pensou Cavalline, esperando que o sentimento chegasse a ele. Então seu marido atravessou a lateral da casa com o furgão.

O robô de navegação entendeu suas instruções imediatamente.

— É um plano insano — disse a inteligência artificial. — Mas é o que eu faria.

— Que bom — respondeu Potrus, acomodando-se no arnês do banco do carona. — Porque você vai fazer.

— Eu te amo, véio — disse o pequeno robô, com uma lágrima gelatinosa escorrendo pela bochecha.

— Calma, programa. Vejo você em um minuto.

Cavalline não entendera direito o que aconteceu em seguida até sua mente ter tempo de repassar as imagens. O furgão de trabalho de seu marido invadiu a casa, jogando longe meia dúzia de goblins. A porta do motorista estava aberta, com o arnês estendido, e Cavalline não teve tempo de registrar isso antes de ser apanhada, por trás, e jogada de cara para baixo no assento de trás.

— Oi, querida — cumprimentou Potrus, numa tentativa de elegância que foi contradita pelo suor nervoso na testa.

A conexão entre as partes do furgão se rompeu quando a seção de trás freou enquanto a frente continuava, atravessando a parede oposta.

— Minha casa! — exclamou Cavalline com a cara no assento almofadado, enquanto a alvenaria batia nas portas e fagulhas chiavam no para-brisa.

Potrus pretendia guiar manualmente a seção da frente até uma parada gradual a uma distância segura da casa, mas os veículos acidentados são imprevisíveis, e este insistiu em virar para o lado e derrapar até o quintal,

mergulhando a roda no poço de reciclagem da família, que continha vários ancestrais de Potrus.

Os goblins ficaram perplexos por um momento, e então seus pobres sentidos torturados captaram a odiada assinatura sônica na mão de Cavalline, e suas cabeças viraram na direção da parte da frente do furgão. Havia tantos goblins na casa agora que ela parecia uma criatura gigantesca e escamosa. Cada um deles inflou o peito para lançar uma bola de fogo.

— Belo resgate. Uma pena não ter sido um sucesso total — falou Cavalline.
— Mas agradeço o gesto.

Potrus ajudou-a a se levantar.

— Espere só — alertou.

Antes que uma única bola de fogo fosse lançada, um clarão de magia azul irrompeu da seção traseira do furgão, disparou seis metros para o alto e depois se abriu como um cogumelo, formando um hemisfério de ectoplasma gelatinoso que baixou perfeitamente sobre a residência de Potrus.

— Retiro o que disse — observou Cavalline. — Foi um resgate espetacular.

Potrus tinha acabado de selar a mão de Cavalline dentro de uma luva de contenção e garantiu aos vizinhos reunidos que a emergência havia passado, quando a parada temporal se esvaiu, revelando um grande grupo de goblins dóceis.

— Potrus! — gritou Cavalline. — O campo de força azul morreu.

— Não se preocupe. Sua mão estava deixando-os loucos, mas eu abafei o sinal. Agora estamos em segurança.

Cavalline protegeu o marido com o próprio corpo enquanto os goblins saíam atordoados das ruínas de sua casa.

— Eles continuam sendo criminosos, Potrus.

— Já cumpriram a pena. Essa foi uma parada temporal concentrada. Quase cem por cento pura. Cinco segundos para nós equivaleram a cinco anos para eles.

— Então eles estão reabilitados? — perguntou Cavatine.

Potrus abriu caminho ao redor das pequenas fogueiras e pilhas de entulho que eram tudo que restava de seu lar.

— O mais reabilitados possível — concluiu, guiando os goblins confusos na direção dos restos de seu portão. — Vão para casa — ordenou a eles. — Vão para suas famílias.

Não restava muito da seção traseira do furgão, só os ossos de um chassis e alguns pneus arrebentados. Potrus enfiou a cabeça pela porta, e uma voz falou:

— Véio, senti sua falta. Faz um tempão. Como a gente se saiu?

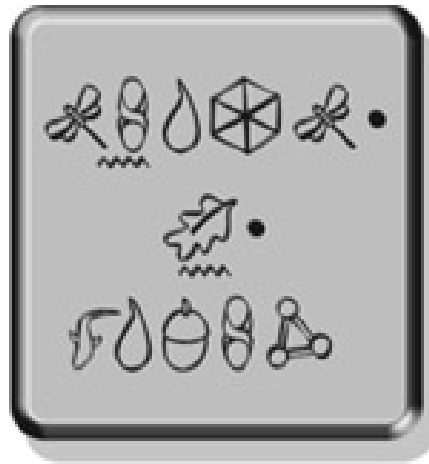
Potrus sorriu e deu um tapinha numa caixa de comunicação.

— Muito bem — respondeu, e depois acrescentou: — Véio.



CAPÍTULO 15: ALERTA DE GRÍLO

MANSÃO FOWL



MYLES tinha ficado subitamente exausto depois do tempo que passara com Gobdaw, e foi posto na cama com sua cópia plastificada da tabela periódica apertada contra o peito.

— A possessão pode esgotar bastante a pessoa — disse Holly. — Acredite, eu sei. De manhã ele vai estar bem.

Os três sentaram-se em volta da mesa de Artemis, como um conselho de guerra — algo que, na verdade, eles eram.

Butler fez uma avaliação.

— Temos dois lutadores e nenhuma arma.

Artemis achou que deveria questionar isso.

— Eu posso lutar, se necessário — protestou, não convencendo nem mesmo a si próprio.

— Temos que esperar o pior com relação a Palha — continuou Butler, ignorando a objeção débil de Artemis. — Embora ele tenha o costume de enganar a morte de modo espetacular.

— Qual é o seu objetivo, especificamente? — perguntou Holly.

A pergunta foi dirigida a Artemis, o planejador.

— O Portão dos Furiosos. Temos de fechá-lo.

— O que vamos fazer? Escrever uma carta de reclamação?

— Armas normais não vão penetrar na magia de Opala; na verdade, ela absorveria a energia delas. Mas se tivéssemos um superlaser, talvez ele pudesse sobrecarregar o portão. Seria como usar uma explosão para acabar com um incêndio.

Holly deu um tapinha nos bolsos.

— Bom, imagine só. Parece que deixei meu superlaser em outro bolso.

— Nem você é capaz de construir um superlaser em uma hora — disse Butler, imaginando por que Artemis teria falado aquilo.

Por algum motivo, Artemis pareceu subitamente culpado.

— Talvez eu saiba onde há um.

— E onde seria, Artemis?

— No celeiro, em meu planador solar Mark Dois.

Agora Butler entendia o embaraço de Artemis.

— No celeiro onde montamos a academia de ginástica? Onde você deveria estar treinando suas sequências de defesa pessoal?

— É. Naquele celeiro.

Apesar da situação, Butler ficou desapontado.

— Você me prometeu, Artemis. Disse que precisava de privacidade.

— Aquilo é tão chato, Butler! Eu tentei, verdade, mas não sei como você consegue. Quarenta e cinco minutos dando socos num saco de couro!

— Então você trabalhou no seu avião solar em vez de fazer o que me prometeu?

— As células solares eram tão eficientes que sobrava energia, então, no tempo de sobra, planejei um superlaser leve e o construí a partir do zero.

— Claro. Quem não precisa de um superlaser no nariz do avião da família?

— Por favor, meninas — provocou Holly. — Vamos deixar a briguinta de melhores amigas para mais tarde, certo? Artemis, até que ponto esse laser é potente?

— Ah, é mais ou menos como uma explosão solar. Na concentração máxima deve ter força suficiente para fazer um buraco no portão, sem ferir ninguém no terreno.

— Eu realmente gostaria que você tivesse mencionado isso antes.

— O laser não foi testado — explicou Artemis. — Eu jamais liberaria esse tipo de poder a não ser que não existisse nenhuma alternativa. E, pelo que Myles contou, não temos outra carta para jogar.

— E Juliet não sabe disso? — perguntou Holly.

— Não, eu mantive segredo.

— Bom. Então talvez tenhamos uma chance.

Butler vestiu todos eles com roupa de camuflagem guardada em seu armário, e até obrigou Artemis a suportar a aplicação de tiras de maquiagem adesiva preta e verde-oliva no rosto.

— Isso é mesmo necessário? — perguntou o menino, com uma careta.

— Completamente — respondeu Butler, aplicando categoricamente o adesivo. — Claro, se ficasse aqui e permitisse que eu fosse, você e Myles poderiam relaxar usando seus sapatos prediletos.

Artemis engoliu a provocação, presumindo corretamente que Butler ainda estava um pouco chateado com o ardil do superlaser.

— Tenho de ir junto, Butler. É um superlaser, e não um brinquedo de apontar e atirar. Tem todo um sistema de ativação, e não há tempo para ensinar a sequência.

Butler jogou um pesado colete à prova de explosão sobre os ombros magros de Artemis.

— Certo, você precisa ir, então o meu serviço é mantê-lo em segurança. Portanto, vamos fazer um trato. Se você não verbalizar todos aqueles comentários insuportáveis sobre o peso e a inutilidade desse colete, que sem dúvida estão girando nesse seu cérebro, eu não menciono de novo o episódio do superlaser. Concorda?

Esse colete está mesmo cortando os meus ombros, pensou Artemis. E é tão pesado que eu não conseguiria vencer sequer uma lesma numa corrida.

Mas disse:

— Concordo.

Assim que o sistema de segurança de Artemis garantiu que o perímetro estava livre, o grupo se esgueirou em fila indiana para fora do escritório, saiu pela cozinha, atravessou o quintal e foi para o beco entre os estábulos.

Não havia sentinelas, o que Butler achou estranho.

— Não estou vendo nada. Opala já deve saber que escapamos dos seus piratas.

— Ela não pode se dar ao luxo de ceder mais tropas — disse Holly, baixinho. — A prioridade é o portão, e ela precisa do máximo possível de Furiosos vigiando sua retaguarda. Neste ponto, nós somos secundários.

— Isso é que vai acabar com ela — ofegou Artemis, já sofrendo com o peso do colete antiexplosão. — Artemis Fowl nunca será *secundário*.

— Achei que você era Artemis Fowl Segundo — provocou Holly.

— Isso é diferente. E eu *achei* que estivéssemos numa missão.

— Certo — concordou Holly, e em seguida se virou para Butler. — Essa é sua área, velho amigo.

— É mesmo — disse Butler. — Captei a deixa.

Atravessaram a propriedade com velocidade cautelosa, atentos a qualquer coisa viva que cruzasse o caminho. Talvez os Furiosos tivessem possuído as

minhocas na terra ou os grilos enormes que prosperavam no terreno dos Fowl e chiavam ao luar, como uma orquestra de minúsculos carpinteiros.

— Não pisem nos grilos — alertou Artemis. — Mamãe gosta da cantiga deles.

Os grilos, que tinham sido apelidados de Diachos pelos entomólogos de Dublin, eram vistos durante todo o ano somente na propriedade Fowl, e podiam crescer até o tamanho de camundongos. Agora Artemis supunha que isso fosse efeito da radiação mágica que brotava da terra. O que não podia ter adivinhado era que a magia havia infeccionado o sistema nervoso dos grilos com uma certa simpatia pelos Furiosos. Isso não se manifestou na forma de grupos de grilos sentados em volta de minifogueiras contando histórias sobre valorosos elfos guerreiros, e sim numa agressividade com relação a qualquer coisa que ameaçasse os Furiosos. Ou, resumindo: se Opala não gostasse de você, os grilos também não gostariam muito.

Butler baixou os pés com cuidado na direção de um agrupamento de grilos, esperando que eles saíssem do caminho. Não saíram.

Eu deveria esmagar esses carinhas, pensou. Não tenho tempo para bancar o bonzinho com insetos.

— Artemis — chamou ele, por cima do ombro. — Esses Diachos estão me enfrentando.

Artemis se ajoelhou, fascinado.

— Olhem, eles não demonstram nenhuma prudência natural. É quase como se esses grilos não gostassem de nós. Eu realmente deveria fazer um estudo sobre eles no laboratório.

O maior inseto do grupo escancarou as mandíbulas, saltou e mordeu Artemis no joelho. Embora os dentes do bicho não tenham penetrado nas grossas calças de combate, Artemis tombou para trás, chocado, e teria caído de costas no chão se Butler não o tivesse pegado e saído correndo com o patrão embaixo do braço.

— Vamos deixar esse estudo de laboratório para mais tarde.

Artemis estava inclinado a concordar.

Os grilos foram atrás, usando as poderosas patas traseiras para se lançar no ar. Saltavam como se fossem um só, em uma onda verde que espelhava exatamente o caminho de Butler. Mais e mais grilos se juntavam ao bando, jorrando de reentrâncias na paisagem e buracos na terra. A onda estalava enquanto se movia, de tão densamente amontoados que estavam os grilos.

Pelo menos esses aí não voam, pensou Butler. Caso contrário, não teríamos escapatória.

Artemis encontrou o chão e correu com seus próprios pés, soltando-se de Butler. O grilo grande continuava grudado no seu joelho, desgastando o tecido de combate. Artemis deu-lhe um tapa com a palma da mão, e sentiu como se estivesse acertando um carrinho de brinquedo. O grilo continuou no mesmo lugar, e agora sua mão doía.

Nessas circunstâncias era difícil pensar, até mesmo para Artemis. Ou melhor, era difícil arrancar um pensamento sensato em meio ao entulho que saltava de suas curvas cranianas.

Grilos. Grilos assassinos. Colete antiexplosão pesado. Barulho demais. Demais. Grilos insanos. Talvez eu esteja alucinando de novo.

— Quatro! — disse em voz alta, só para garantir. — Quatro.

Butler adivinhou o que Artemis estava fazendo.

— Isso está acontecendo mesmo. Não se preocupe, você não está imaginando.

Artemis quase desejou que estivesse.

— Esse negócio é sério! — gritou acima do som das batidas do próprio coração nos ouvidos.

— Precisamos chegar ao lago — disse Holly. — Os grilos não nadam muito bem.

O celeiro era construído numa colina que dava para um lago conhecido como Lago Vermelho, devido ao modo como reluzia ao pôr do sol quando visto da varanda da sala de jantar da mansão. O efeito era espetacular, como se

as chamas do Hades espreitassem por baixo da água pura. De dia era um *playground* para os patos, mas à noite era o portal do inferno. A ideia de que um pequeno lago tivesse uma identidade secreta sempre divertira Artemis, e era um dos poucos assuntos em que ele soltava as rédeas da imaginação. Agora o lago parecia simplesmente um porto seguro.

Provavelmente serei arrastado para baixo pelo peso desse colete.

Holly empurrava-o por trás, dando cotoveladas repetidas em seu quadril.

— Depressa! — falou. — Tire essa expressão vaga do rosto. Lembre-se de que há grilos assassinos atrás de nós.

Artemis acelerou o passo, tentando correr, como vira Beckett fazer com tanta frequência, aparentemente de pura vingança, como se correr durante metade do dia não exigisse qualquer esforço especial.

Passaram uma série de divisões do terreno, que tinham sido separadas com cercas improvisadas a partir de arbustos e moirões. Butler atravessava de frente qualquer coisa que bloqueasse o caminho. Suas botas chutavam batatas novas dos canteiros, abrindo caminho para Artemis e Holly. As barreiras não atrapalhavam os grilos, eles simplesmente passavam por elas ou fluíam ao redor sem perda visível de velocidade. Seu barulho era denso e agourento, uma cacofonia de murmúrios. Insetos ardilosos.

Os grilos da frente mordiscavam as botas de Holly, agarrando-se aos seus tornozelos, movendo as mandíbulas belicosas. O instinto de Holly lhe dizia para parar e tirar os insetos, mas seu sentido de soldado lhe mandava correr e suportar os beliscões. Parar agora certamente seria um erro fatal. Sentia-os se empilhando nos tornozelos, e as carapaças estalando e soltando gosma embaixo das botas. Era como correr sobre bolas de pingue-pongue.

— Quanto falta? — gritou. — Quanto falta?

Butler respondeu levantando dois dedos.

O que é isso? Dois segundos? Vinte segundos? Duzentos metros?

Correram pelas divisões do terreno e desceram o morro arado em direção à beira d'água. A lua se refletia na superfície como o branco do olho de um deus,

e do outro lado estava a encosta suave da pista de decolagem de Artemis. Agora os grilos estavam em cima deles, chegando à cintura de Holly. Vinham em enxames de todos os lados da propriedade.

Nunca tivemos problemas com os grilos, pensou Artemis. De onde eles vieram?

Sentiam as mordidas nas pernas como queimaduras minúsculas, e era quase impossível correr com uma camada de grilos se retorcendo sob a pele e cobrindo cada membro. Holly caiu primeiro, depois Artemis, ambos acreditando que esse era o pior modo possível de morrer. Artemis já havia parado de lutar quando uma mão abaixou através daqueles zumbidos elétricos e o libertou do atoleiro.

Ao luar, viu um grilo grudado em seu nariz e levantou a mão para esmagá-lo. O corpo do inseto se partiu sob seus dedos, e pela primeira vez Artemis sentiu a adrenalina do combate. Tinha vontade de pisotear todos aqueles grilos.

Claro que era Butler que o havia salvado, e enquanto ele pendia do braço do guarda-costas, viu Holly pendurada na outra mão.

— Respirem fundo — disse Butler, e jogou os dois no lago.

Cinco minutos mais tarde, Artemis chegou ofegando ao outro lado, sem o colete antiexplosão. Tinha certeza de que Butler diria alguma coisa sobre isso, mas seria largar o colete ou se afogar, e não havia muito sentido em ficar à prova de balas no fundo de um lago.

Sentiu-se aliviado ao descobrir que estava ladeado por Holly e Butler, que pareciam consideravelmente menos sem fôlego do que ele.

— Despistamos os grilos — disse Butler, fazendo Holly cair numa gargalhada histérica, a qual tentou conter levando a manga encharcada da roupa à boca.

— *Despistamos os grilos* — repetiu ela. — Nem mesmo você consegue fazer com que isso pareça papo de valentão.

Butler esfregou o cabelo curto para tirar a água.

— Eu sou Butler — disse, com uma expressão inabalável. — Tudo o que digo parece papo de valentão. Agora saia do lago, criatura.

Para Artemis, parecia que suas roupas e as botas haviam absorvido metade do lago, a julgar pelo peso enquanto ele se arrastava dolorosamente para fora d'água. Frequentemente via atores em anúncios de TV saindo de piscinas cheios de graça, saltando da água para pousar na borda, mas o próprio Artemis sempre fora obrigado a subir pela parte mais rasa ou executar uma espécie de movimento arfante que o deixava caído de barriga na borda da piscina. Sua saída do lago foi menos graciosa ainda, uma mistura de sacudida e espremida que faria um observador pensar numa foca desajeitada. Por fim, Butler tirou-o do sofrimento segurando-o pelo cotovelo.

— Vamos subir, Artemis. O tempo está passando.

O menino se levantou, agradecido, com uma enorme quantidade de água fria escorrendo das calças.

— Estamos quase lá — disse Butler. — Duzentos metros.

Há muito tempo, Artemis desistira de ficar espantado com a capacidade que seu guarda-costas tinha de isolar as emoções. Pensando bem, todos os três deveriam estar em choque depois do que haviam passado, mas Butler sempre foi capaz de dobrar todo esse trauma dentro de uma gaveta imaginária para lidar com isso mais tarde, quando o mundo não estivesse correndo perigo de acabar. Só de ficar ao lado dele já dava forças a Artemis.

— O que estamos esperando? — perguntou o garoto, e partiu morro acima.

O chiado dos grilos foi ficando para trás até se fundir com o vento nos altos pinheiros, e nenhum outro adversário animal foi encontrado durante a breve corrida com as costas curvadas subindo pela pista. Chegaram ao topo do morro e encontraram o celeiro sem vigias. E por que não estaria assim? Afinal de contas, que tipo de estrategista abandona uma fortaleza para se esconder num celeiro altamente combustível?

Finalmente um pouquinho de sorte, pensou Artemis. Às vezes, ser trapaceiro dá resultado.

Tiveram sorte de novo dentro do celeiro, onde Butler recuperou uma pistola Sig Sauer em um cofre codificado, preso no lado escondido de um caibro.

— Você não é o único que tem segredos no celeiro — disse a Artemis, sorrindo enquanto verificava se a arma estava carregada e destravada.

— Fantástico — ironizou Holly secamente. — Agora podemos atirar em uma dúzia de gafanhotos.

— Grilos — corrigiu Artemis. — Mas, em vez disso, vamos colocar esse avião no céu e abrir um grande buraco nos planos de Opala.

O corpo e as asas da leve aeronave eram cobertos por película solar, que alimentava o motor para a decolagem. Assim que estava no alto, o avião passava a atuar como um planador, dependendo das orientações do computador. Se um piloto quisesse pegar o caminho mais longo e cavalgar as térmicas, era possível usar o motor somente para a decolagem, e algumas viagens podiam deixar um rastro de carbono equivalente a zero.

— Aquele avião ali? — perguntou Butler. — Atrás do saco de pancada intacto e dos pesos brilhantes com as barras que jamais foram manuseadas.

Artemis gemeu.

— É, aquele avião. Agora você poderia esquecer os pesos e tirar os blocos das asas enquanto dou a partida? — pediu, dando algo para Butler fazer. — Vamos deixar a porta fechada até estarmos prontos para a decolagem.

— Bom plano — disse Holly. — Deixe-me verificar o interior.

Ela correu pelo celeiro, deixando pegadas lamacentas pelo caminho, e abriu a porta traseira do avião.

A aeronave, que Artemis havia chamado de *Khufu* por causa do faraó para quem fora construída uma barca solar no Egito antigo, era um modelo esportivo leve que fora modificado radicalmente por Artemis em sua busca por projetar um veículo de passageiros prático e ecológico. As asas eram cinquenta por cento mais compridas do que antes, com estruturas microfinas entretecidas acima e abaixo. Cada superfície, incluindo as calotas das rodas, era coberta por

película solar, que recarregaria a bateria durante o voo. Um cabo de eletricidade ia do soquete da cauda do *Khufu* até a empena do telhado do celeiro voltada para o sul, de modo que a aeronave tivesse carga suficiente para decolar sempre que Artemis precisasse fazer um voo de teste.

A cabeça de Holly emergiu da escuridão do interior.

— Tudo livre — disse em voz baixa, para o caso de ruídos altos interromperem a onda de sorte.

— Bom — respondeu Artemis, correndo para a porta e já repassando na cabeça a sequência de partida. — Butler, pode abrir a porta assim que a hélice começar a girar?

O guarda-costas assentiu, depois chutou a cunha de madeira branca de baixo da roda da frente. Faltavam duas.

Artemis subiu no avião e soube imediatamente que havia algo errado.

— Estou sentindo cheiro de alguma coisa. O perfume de Juliet.

Ajoelhou-se entre os bancos dos passageiros, abrindo uma escotilha metálica e revelando um compartimento embaixo. Cabos grossos atulhavam o compartimento, e havia um espaço retangular no meio, onde deveria haver algo como uma caixa.

— A bateria? — perguntou Holly.

— É — respondeu Artemis.

— Então não podemos decolar?

Artemis baixou a escotilha, deixando-a se fechar com um estalo. Agora o barulho não importava mais.

— Não podemos decolar. Não podemos atirar.

Butler enfiou a cabeça no avião.

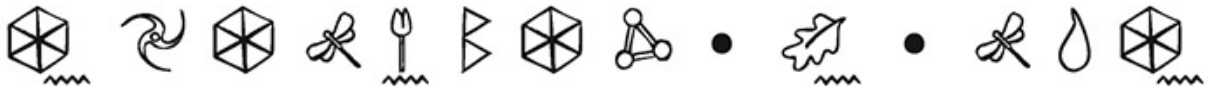
— Por que de repente estamos fazendo barulho?

Como resposta, bastou um olhar para o rosto de Artemis.

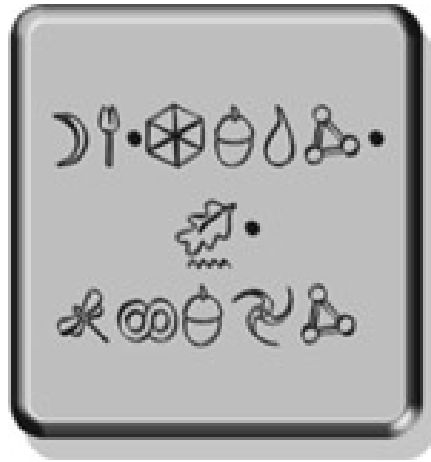
— Então é uma armadilha. Parece que Juliet estava mais de olho em você do que imaginávamos. — Ele sacou a Sig Sauer da cintura. — Certo, Artemis, fique aqui dentro. É hora de os soldados assumirem.

Então as feições de Butler se esticaram numa expressão de surpresa e dor quando um raio de magia veio de fora do celeiro, engolfando a cabeça e o tronco do guarda-costas, derretendo permanentemente cada folículo de cabelo e jogando-o na traseira do avião, onde ele ficou imóvel.

— É uma armadilha mesmo — constatou Holly, séria. — E nós caímos direitinho nela.



CAPÍTULO 16: UM TIRO DE AVISO



PALHA Escavator não estava morto, mas tinha descoberto os limites de suas capacidades digestivas: *era* possível comer coelhos demais. Ficou deitado de costas no túnel meio desmoronado, com a barriga retesada como a pele de um pêsego maduro.

— Uuuuugh — gemeu, soltando um jorro de gás que o levou três metros adiante, no túnel. — Assim está um pouco melhor.

Era preciso muita coisa para afastar Palha de uma fonte de comida, mas depois dessa última farra com coelhos não esfolados ele achou que não poderia olhar para outro durante pelo menos uma semana.

Mas talvez uma boa lebre. Com batatas-baroas.

Aqueles coelhos simplesmente continuavam vindo, soltando um sibilo arrepiante, lançando-se por sua goela como se mal pudessem esperar para que seus crânios fossem mastigados. Por que todos os coelhos não podiam ser tão imprudentes assim? Seria muito mais fácil caçar.

Não foram os coelhos que me deixaram enjoado, percebeu Palha. Foram os Furiosos que estavam dentro deles.

As almas dos guerreiros Furiosos não poderiam ficar muito confortáveis dentro da sua barriga. Para começar, os braços de Palha eram cobertos por tatuagens de runas, já que os anões tinham um medo fanático da possessão, e, por outro lado, o catarro dos anões era usado para afastar espíritos desde tempos imemoriais. Assim, logo que seus hospedeiros coelhos morriam, os espíritos dos guerreiros transitavam para a pós-vida numa velocidade incomum. Não iam calmamente na direção da luz, e sim pulavam uivando no céu. O ectoplasma relampejava e sacolejava dentro das tripas de Palha, provocando uma forte sensação de azia e uma queimação na curva inferior da pança.

Depois de mais uns dez minutos sentindo pena de si mesmo e uma deflação gradual, Palha sentiu que estava pronto para agir. Balançou hesitantemente as mãos e os pés, e quando seu estômago não deu cambalhotas violentas, ele rolou e ficou de quatro.

Eu deveria ir embora daqui, pensou. Para longe, longe da superfície antes que Opala libere o poder de Danu, se é que essa coisa existe.

Palha sabia que, se estivesse nas redondezas quando alguma coisa terrível acontecesse, a LEP tentaria culpá-lo pela coisa terrível.

Olha, ali está o Palha Escavator. Vamos prendê-lo e jogar fora o chip de acesso. Caso encerrado, meritíssimo.

Certo, talvez não acontecesse exatamente assim, mas Palha sabia que, sempre que havia dedos acusadores a ser apontados, eles pareciam girar e apontar na sua direção; e como seu advogado dissera um dia, tornando a frase famosa: *“Três ou quatro por cento das vezes, meu cliente não era cem por cento passível de ser ligado ao crime específico do qual estava sendo acusado, o que quer dizer que havia um número significativo de incidentes em que o envolvimento do Sr. Escavator nos tais incidentes era insignificante, ainda que ele pudesse estar tecnicamente envolvido em malfeitos adjacentes ao local do crime numa data ligeiramente diferente da especificada no mandado da LEP.”* Essa declaração única

quebrava três estruturas analíticas e deixou os legisladores confusos durante semanas.

Palha riu no escuro, com os dentes luminosos clareando o túnel.

Advogados. Todo mundo deveria ter um.

— Ah, bem — disse aos vermes que se retorciam nas paredes do túnel. — É hora de ir.

Adeus, velhos amigos. Nós tentamos, mas vocês não podem vencer todas. A covardia é a chave da sobrevivência, Holly. Você jamais entendeu isso.

Palha deu um suspiro longo e forte, com um arroteo no final, porque sabia que estava enganando a si mesmo.

Não posso fugir.

Porque havia mais coisas em risco do que sua própria vida. Existia a vida em si. Muitas partes dela, que seriam apagadas por uma duende-diabrete pirada.

Não vou fazer nenhuma promessa heroica, consolou-se. Só vou dar uma olhadinha rápida no Portão dos Furiosos para ver o quão ferrados estamos. Talvez Artemis já tenha salvado o dia e eu possa me retirar para meus túneis. E talvez levar algumas obras-primas inestimáveis para me fazer companhia. Ou não mereço isso?

A barriga de Palha raspava o piso do túnel enquanto ele se movia, ainda inchado e produzindo estranhos ruídos animais.

Tenho energia suficiente para fazer seis metros de túnel, percebeu. Nada mais do que isso, ou as paredes do meu estômago vão estourar.

Por acaso, Palha não precisou engolir nem um pedacinho de barro de túnel. Quando olhou para cima, viu um par de olhos vermelhos e reluzentes encarando-o. Havia presas que pareciam foices projetando-se da escuridão sob os olhos noturnos, e uma cabeça com dreadlocks hirsutos arranjados em volta delas.

— Grrrrr — disse o troll, e tudo o que Palha pôde fazer foi rir.

— Sério? — respondeu ele. — Depois do dia que tive?

— Grrrrr — repetiu o troll, e avançou bamboleando, com o veneno paralisante pingando das presas.

Palha passou pelo medo, atravessou o pânico e chegou à raiva e ao ultraje.

— Isso aqui é o meu lar, troll! — gritou, espremendo-se adiante. — É aqui que eu moro. Você acha que pode vencer um anão? Num túnel?

Sádico de fato achava isso, e andou mais depressa, apesar de as paredes restringirem seu passo natural.

Ele é muito maior do que um coelho, pensou Palha, e então os dois colidiram num borrão de marfim, carne e banha, exatamente com o som que você esperaria escutar quando uma esguia máquina de matar acerta um anão corpulento e cheio de gás.

No celeiro, Artemis e Holly estavam em situação bem desesperadora. Tinham apenas duas balas numa arma que Holly mal conseguia levantar e com a qual Artemis sequer poderia acertar uma porta de celeiro, apesar de haver uma ali perto.

Agacharam-se atrás do avião solar de Artemis, basicamente esperando que os Furiosos iniciassem o ataque. Butler estava caído inconsciente em cima dos bancos de trás, com fumaça literalmente saindo pelos ouvidos, sintoma que jamais fora diagnosticado profissionalmente como uma boa coisa.

Holly aninhou a cabeça dele, apertando os polegares gentilmente contra as órbitas dos olhos, e forçou seu último fiapo aquoso de magia para o crânio do guarda-costas.

— Ele está bem — ofegou ela. — Mas aquele raio parou o coração durante um tempo. Se não fosse o Kevlar no peito dele...

Holly não terminou a frase, mas Artemis soube que seu guarda-costas havia escapado da morte por um fio pela enésima vez, e “n” era o limite absoluto para o número de vidas extras que o universo entregava a uma pessoa.

— O coração dele nunca mais será o mesmo, Artemis. Chega de estripulias. Ele vai ficar apagado durante horas — disse Holly, verificando a escotilha na

fuselagem. — E os Furiosos estão se preparando para agir. Qual é o plano, Arty?

— Eu tinha um plano — respondeu Artemis, entorpecido. — E não deu certo.

Holly sacudiu-lhe pelo ombro com força, e ele soube que o próximo passo seria um tapa no rosto.

— Qual é, Garoto da Lama, corta essa! Mais tarde haverá tempo de sobra para duvidar de si mesmo.

Artemis assentiu. Essa era a sua função. Ele era o planejador.

— Muito bem. Dispare um tiro de aviso. Eles não sabem quantas balas ainda temos, e isso pode fazer com que parem e ainda me dá um tempo para pensar.

Os olhos revirados de Holly falavam com clareza, e o que diziam era: *Um tiro de aviso? Eu mesma poderia ter pensado nisso, gênio.*

Mas não era hora de derrubar a confiança frágil de Artemis, por isso ela ergueu a Sig Sauer de Butler e abriu uma fresta na janela, pousando o cano na moldura.

Essa arma é grande e desajeitada demais, pensou. Não posso levar a culpa se acertar alguma coisa por acidente.

Em situações de cerco, era padrão mandar um batedor. E *mandar* é um modo mais gentil de dizer *sacrificar*. Os Furiosos decidiram fazer exatamente isso, ordenando que um dos cães de caça dos Fowl literalmente farejasse o local. O grande galgo se enfiou na faixa de luar que penetrava pela porta do celeiro, planejando se esconder nas sombras.

Não tão depressa, mentalizou Holly, e disparou um único tiro com a Sig, que acertou o cão como uma martelada no alto do ombro, fazendo-o rolar para fora na direção dos colegas.

Epa, pensou ela. *Eu estava mirando na pata.*

Quando o avião terminou de vibrar e o eco do tiro sumiu do crânio de Artemis, ele perguntou:

— Tiro de aviso, correto?

Holly sentiu-se meio culpada pelo cachorro, mas poderia trabalhar isso na terapia, caso algum deles sobrevivesse.

— Ah, eles foram devidamente avisados. Você tem o seu minuto para pensar.

O cão havia saído do celeiro muito mais depressa do que tinha entrado. Bellico e seu bando mágico ficaram mais do que um pouquinho invejosos quando a alma deslizou para fora do cadáver canino, sorriu brevemente num clarão azul e partiu para o outro mundo.

— Não precisamos entrar — disse Salton, o pirata, fechando a porta do celeiro. — Só precisamos impedi-los de sair.

Bellico discordou.

— Nossas ordens são para matá-los. Não podemos fazer isso daqui, podemos? E talvez haja alguma coisa lá dentro que minha hospedeira, Juliet, não saiba. Outro túnel ou um balão de ar quente, talvez. Vamos entrar.

Opala havia sido bem específica quando Bellico lhe apresentara a informação sobre o *Khufu*.

— Minha hospedeira protege as crianças Fowl — dissera Bellico. — O menino Myles é muito inquisitivo, e seguiu Artemis até sua oficina no topo da colina. Por isso, Juliet seguiu o garoto. Há um veículo do céu lá dentro, alimentado pelo sol. Talvez seja algum tipo de arma.

Opala havia interrompido seu feitiço.

— Artemis não tem opção, a não ser ir pegar a tal arma. Leve uma equipe e remova a bateria da aeronave, depois espere que eles entrem na oficina. — Opala apertou o antebraço de Bellico até que suas unhas entrassem na carne. Uma lesma de energia se arrastou do coração de Opala, seguiu por seu braço e penetrou em Bellico, que se sentiu nauseada instantaneamente e soube que aquela magia era venenosa.

— Isso é magia negra, e vai devorar sua alma — disse Opala em tom casual. — Você deve liberá-la o quanto antes. Há suficiente aí para um raio. Faça com que valha a pena.

Bellico baixou a mão diante do rosto, observando a magia se enrolar em seus dedos.

Um raio, pensou. O bastante para derrubar o grandão.

Ansiosa, Holly andava ao redor de Artemis. Ele estava em seu transe de pensamento e odiava ser interrompido, mas havia uma agitação por baixo da porta do celeiro e sombras se cruzando ao luar, e seu sentido de soldado lhe dizia que o refúgio estava para ser invadido.

— Artemis — chamou, com urgência. — Artemis, você tem alguma coisa?

Artemis abriu os olhos e afastou uma mecha de cabelos pretos da testa.

— Nada. Não existe qualquer plano racional que salve ao menos um de nós se Opala tiver sucesso em abrir a segunda fechadura.

Holly voltou à janela.

— Bom, então o primeiro a entrar leva outro tiro de aviso.

Bellico ordenou que os arqueiros se alinhassem do lado de fora da porta deslizante do celeiro.

— Quando a porta abrir, atirem contra a máquina com qualquer coisa que estejam usando. Depois vamos invadir. A elfo terá tempo para dois disparos, não mais. E se por acaso algum de nós for morto, bom, será nossa sorte.

Os guerreiros chineses não podiam falar, já que seus restos mumificados estavam dentro de sepulcros de barro encantados, mas assentiram rigidamente e sacaram seus arcos enormes.

— Piratas — gritou Bellico —, fiquem atrás dos arqueiros.

— Não somos piratas — resmungou Salton Finnacre, coçando o fêmur. — Estamos *habitando* piratas. Não é isso, meus queridos?

— Sim, capitão — responderam os outros piratas.

— Admito que isso soou como uma resposta de pirata — disse Finnacre, sem graça. — Mas essa coisa pega. Mais dois dias nesse corpo, e eu poderia velejar um brigue com uma das mãos.

— Entendo — assentiu Bellico. — Logo estaremos com nossos ancestrais. Nosso dever estará cumprido.

— Au — latiu o último cão, cheio de sentimento, mal resistindo à ânsia de seu hospedeiro de farejar as partes íntimas dos colegas.

Bellico envolveu a maçaneta com os dedos de Juliet, testando o peso.

— Um último ataque glorioso, meus guerreiros, e os humanos serão derrotados para sempre. Nossos descendentes poderão viver eternamente em paz.

O ar estava carregado de violência iminente. Holly podia sentir os Furiosos se preparando psicologicamente.

Está por minha conta, percebeu. Preciso salvar todos nós.

— Certo, Artemis — disse bruscamente. — Vamos subir para os caibros. Talvez os Furiosos demorem para nos encontrar. Será um tempo que você pode passar planejando.

Artemis espiou por cima do ombro dela, pela janela.

— Tarde demais — constatou.

A porta do celeiro sacolejou sobre rodízios lubrificados, e seis implacáveis guerreiros de barro chineses surgiram em silhueta no retângulo enluzado.

— Arqueiros — avisou Holly. — Deite-se.

Artemis parecia atordoado pelo colapso total de seus planos. Tinha agido de modo *previsível*. Quando se tornara tão previsível?

Holly viu que suas palavras não estavam penetrando o crânio de Artemis, e percebeu que ele tinha duas fraquezas principais. A primeira: era fisicamente prejudicado não somente pela falta de músculos, mas também por uma falta de coordenação capaz de envergonhar uma criança de 4 anos; e a segunda, era tão

confiante na superioridade de seu intelecto que raramente criava um plano B. Se o plano A fosse um fiasco, não havia outra saída.

Tipo agora.

Holly se lançou contra Artemis, agarrando seu tronco e derrubando-o sobre o corredor estreito. Um segundo depois, ouviu a ordem vinda lá de fora.

— Fogo!

Era a voz de Juliet. Ordenando o assassinato do próprio irmão.

Como os veteranos de guerra sabiam muito bem, a ânsia de olhar para o instrumento de sua própria morte é quase avassaladora; e Holly sentia esse ímpeto agora, o de sentar-se e olhar as flechas que voavam na direção dos alvos. Mas resistiu, obrigando-se a ficar deitada, esmagando-se e espremendo Artemis no corredor, de modo que o aço corrugado do piso se comprimia contra as bochechas deles.

Flechas com um metro de comprimento atravessaram a fuselagem, sacudindo o avião e se cravando no estofado das cadeiras. Uma delas chegou tão perto de Holly que passou pela sua ombreira militar, grudando-a ao banco.

— D'Arvit! — xingou ela, soltando-se.

— Fogo! — veio o comando lá de fora, e instantaneamente uma série de assobios preencheu o ar.

Parecem pássaros, pensou Holly.

Mas não eram pássaros. Era uma segunda saraivada. Cada flecha acertava o avião, destruindo painéis solares; uma chegou a passar direto por duas janelas. O avião foi empurrado de lado, inclinando-se sobre a asa de estibordo.

E o comando veio de novo.

— Fogo!

Mas, dessa vez, ela não escutou assobio. Em vez disso houve estalos agudos. Holly cedeu à curiosidade, subindo pelo piso inclinado até a janela e dando uma espiada. Juliet estava acendendo as flechas dos soldados de terracota.

Ah, compreendeu Holly. *Esse tipo de fogo.*

Bellico se espremeu para o interior do celeiro e ficou satisfeita em ver o avião abatido. A memória de sua hospedeira lhe garantiu que aquele veículo realmente voava pelo céu usando energia do sol para alimentar o motor, mas Bellico achava isso difícil de acreditar. Talvez os sonhos e as lembranças da humana estivessem se entrelaçando de modo que, para ele, devaneios e ilusões pareceriam reais.

Quanto antes eu sair deste corpo, melhor, pensou.

A Furiosa fez uma tocha com um punhado de feno e acendeu a ponta com um isqueiro tirado do bolso da jovem humana.

Esta máquina de fogo é bastante real, pensou. E o mecanismo não é muito diferente de uma simples caixa de pederneira.

Uma tocha de palha não arderia por muito tempo, mas era o suficiente para acender as flechas dos guerreiros. Andou pela fileira, tocando brevemente as pontas das flechas, que tinham sido encharcadas no combustível de um galão perfurado.

De repente, o cão ergueu a cabeça esguia e latiu para a lua. Bellico já ia perguntar a ele qual era o problema, mas então sentiu também.

Estou com medo, percebeu. Por que eu estaria com medo de qualquer coisa quando anseio pela morte?

Largou a tocha que estava queimando seus dedos, mas no segundo antes de pisar as brasas, pensou ter visto algo familiar correndo pelo campo a leste. Uma forma inconfundível avançando.

Não, pensou. Isso não é possível.

— Aquilo é... — falou, apontando. — Aquilo pode ser?

O cão conseguiu desdobrar as cordas vocais ao redor de uma única sílaba que não estava muito distante da capacidade de um cachorro.

— Troll! — uivou. — *Trooooooolll.*

E não era somente um troll, percebeu Bellico. Era um troll com seu cavaleiro.

Palha Escavator estava agarrado atrás da cabeça do troll com um punhado de dreadlocks em cada mão. Abaixo dele, os músculos dos ombros do troll se contraíam e relaxavam enquanto ele bamboleava pelo campo na direção do celeiro.

Bamboleava talvez seja a palavra errada, já que implica certa lentidão desajeitada, porque, ainda que o troll realmente parecesse trôpego, fazia isso numa velocidade incrível. Esta era uma das muitas armas no considerável arsenal dos trolls. Se a presa percebesse a criatura vindo de longe, aparentemente bamboleando trôpega, pensava: *certo, estou vendo um troll, mas ele parece estar a um milhão de quilômetros, por isso vou terminar de mastigar essa folha* — então *POU!*, o troll estava mastigando a pata traseira da presa.

Mas Bellico tinha visto com frequência a brigada de cavaleiros de trolls em ação e sabia exatamente com que rapidez eram capazes de se mover.

— Arqueiros! — gritou, desembainhando a espada. — Novo alvo. Virem! Virem!

O exército de terracota rangeu enquanto se movia, com areia vermelha escorrendo das juntas. Eles eram lentos, dolorosamente lentos.

Não vão conseguir, percebeu Bellico, e então teve um momento de ilusão desesperada. *Talvez aquele troll e seu cavaleiro estejam do nosso lado.*

Infelizmente, para os Furiosos, o cavaleiro do troll definitivamente não estava do lado deles, e o troll estava simplesmente fazendo o que ele mandava.

De fato, Sádico fizera um espetáculo temível quando emergiu das sombras noturnas para a claridade pálida do luar que banhava o campo. Até mesmo para um troll, era um espécime enorme, com mais de dois metros e oitenta e com os dreadlocks balançando e dando a ilusão de mais uns cinquenta ou sessenta centímetros. Sua testa de ossos grandes era como um aríete sobre os brilhantes olhos de visão noturna. Duas presas malignas se curvavam para cima brotando de uma mandíbula feroz, com gotas de veneno rebrilhando nas pontas. Uma estrutura humanoide e hirsuta entrecruzada por músculos e

tendões, e mãos com força suficiente para fazer poeira a partir de rochas pequenas e cabeças grandes.

Palha se agarrava aos dreadlocks da criatura, ressuscitando instintivamente uma antiquíssima técnica de guiar trolls. Seu avô costumava contar histórias ao redor das fogueiras sobre os grandes cavaleiros de trolls que percorriam o campo fazendo o que queriam, e ninguém podia ao menos pegá-los para discutir.

Os bons e velhos tempos, costumava dizer seu avô. Nós, anões, éramos reis. Até os demônios punham o rabo entre as pernas quando viam um anão vindo por cima do rio, montado em um troll coberto de suor fumegante.

Este não parece um bom dia, pensou Palha. Parece o fim do mundo.

Palha se decidiu por uma abordagem direta, em vez de ficar embromando com táticas de batalha, e guiou Sádico imediatamente para o amontoado de Furiosos.

— Não se contenha — gritou nos ouvidos do troll.

A respiração de Bellico ficou presa na garganta.

Espalhem-se!, queria gritar para as tropas. Procurem abrigo!

Mas o troll estava em cima deles, despedaçando guerreiros de terracota com movimentos amplos dos enormes braços, derrubando-os como se fossem soldadinhos de brinquedo. O troll chutou o cão para uma camada inferior da atmosfera e jogou Bellico de lado num barril de água. Em segundos, vários piratas foram reduzidos a jantar de cachorro, e ainda que Salton Finnacre tivesse conseguido cravar uma espada na coxa de Sádico, o gigantesco troll continuou bamboleando, aparentemente intocado pela lâmina de aço que ainda se projetava da perna.

Os dedos dos pés de Palha localizaram o grupamento de nervos entre as costelas de Sádico, e o anão usou-o para guiar o troll para dentro do celeiro.

Sou um cavaleiro de troll, percebeu, com um jorro de orgulho. Nasci para fazer isso, e roubar coisas e comer de montão.

Palha decidiu encontrar um modo de combinar esses três objetivos, caso sobrevivesse a essa noite.

Dentro do celeiro, o avião estava equilibrado sobre uma roda e a ponta da asa, com flechas atravessando o corpo. O rosto de Holly estava apertado contra o vidro, a boca formando um O incrédulo.

Não sei por que ela está surpresa, pensou Palha. Holly já deveria estar acostumada a me ver salvando-a.

Palha ouviu o clamor das fileiras se reorganizando atrás dele, e soube que era apenas uma questão de segundos antes que os arqueiros lançassem uma saraivada contra o troll.

E, por maior que minha montaria seja, até ela cairá com meia dúzia de flechas furando seus órgãos vitais.

Não havia tempo para abrir a porta do planador e tirar os três passageiros, por isso Palha puxou os dreadlocks, cutucou com os dedos dos pés e sussurrou no ouvido do troll, esperando que sua mensagem fosse entendida.

Dentro do avião solar, Holly usou os poucos segundos antes que tudo degradingolasse para enfiar o atordoado Artemis no banco do piloto. Em seguida sentou-se ao lado dele e prendeu o cinto de segurança.

— Eu vou pilotar? — perguntou Artemis.

Holly sacudiu os pés.

— Eu não alcanço os pedais.

— Entendo.

Era uma conversa banal porém necessária, já que as habilidades de Artemis como piloto logo seriam colocadas em prática.

Sádico ajeitou o avião com o ombro e pôs o peso do corpo sobre ele, empurrando a leve aeronave na direção da porta aberta. O avião se sacudiu sobre as engrenagens danificadas, saltando a cada rotação.

— Eu não previ nenhum desses acontecimentos — disse Artemis, entredentes, mais para si mesmo do que para a copiloto. Holly pôs as duas

mãos no painel, querendo se segurar para o impacto contra o qual partiam a toda velocidade.

— Uau — disse Holly, vendo flechas se cravarem no nariz e nas asas do avião. — Você não previu um anão cavalgando um troll e empurrando seu avião pela pista de decolagem. Deve estar perdendo o jeito, Artemis.

Ele tentou se conectar ao momento, mas era surreal demais. Ver os soldados Furiosos crescerem através da moldura dupla do para-brisa e da porta do celeiro fazia a coisa toda parecer um filme. Um filme muito realista, em 3D, com cadeiras vibratórias, mas, mesmo assim, um filme. Essa sensação de distanciamento, somada aos reflexos lentos do velho Artemis Fowl, quase lhe custara a vida enquanto ele ficava sentado, assistindo de modo sonhador à flecha comprida de um Furioso vir na direção de sua cabeça.

Por sorte, as reações de Holly eram estelares, e ela conseguiu dar um soco no ombro de Artemis com força suficiente para empurrá-lo de lado até o limite do cinto de segurança. A flecha atravessou o para-brisa, fazendo um furo surpreendentemente pequeno, e se cravou no apoio de cabeça exatamente onde o rosto inexpressivo de Artemis estaria.

De repente, ele não teve mais nenhum problema para *se conectar ao momento*.

— Posso dar partida no avião no ar — disse, apertando interruptores no painel. — Se sairmos do solo.

— Isso não exige coordenação?

— Sim, e uma percepção de fração de segundo.

Holly empalideceu. Contar com a coordenação de Artemis era quase tão sensato quanto contar com a capacidade de abstinência de Palha.

O avião passou sacudindo pelos Furiosos, decapitando um guerreiro de terracota. Painéis solares tilintaram e se racharam, e o trem de pouso se amassou. Sádico continuou empurrando, ignorando vários ferimentos que agora jorravam sangue.

Bellico juntou suas tropas e correu em perseguição, mas ninguém conseguia igualar a velocidade do troll, a não ser o cachorro que se agarrou às costas de Palha, tentando derrubá-lo. Palha ficou insultado ao ver um cão interferindo no que era possivelmente a mais valorosa tentativa de resgate já feita, por isso prendeu a cabeça do animal na dobra de um dos cotovelos e gritou na cara dele.

— Desiste, Totó! Hoje eu sou invencível. Olhe para mim, cavalgando um troll, pelo amor dos deuses! Com que frequência você vê isso hoje em dia? Nunca! A frequência é nunca! Agora você tem dois segundos para desistir ou terei de comê-lo.

Dois segundos se passaram. O cachorro balançou a cabeça, recusando-se a desistir, então Palha o comeu.

Foi um desperdício terrível cuspir meio cachorro, contaria ele mais tarde a seu colega anão fugitivo, Barnet Charadas, proprietário do bar Papagaio em Conserva, em Miami, mas é difícil parecer heroico com o traseiro de um vira-lata pendurado na boca.

Segundos depois de o cão vivo ter discordado de Palha na cara dele, o cão morto discordou de seu estômago. Podia ser a alma do Furioso que estava provocando o início da indigestão ou alguma coisa que o cachorro tinha comido antes de algo comê-lo — de qualquer modo, as entranhas de Palha foram subitamente espremidas por um punho gigantesco usando uma luva de cota de malha.

— Preciso reduzir — disse, com os dentes trincados.

Se Sádico percebesse o que Palha Escavator estava prestes a fazer, teria corrido gritando como uma diabretezinha de 2 anos e se enterrado no subsolo até a tempestade passar, mas o troll não entendia anãozês com grunhidos, por isso seguiu o último comando que recebera: *empurre morro abaixo*.

O avião solar ganhou velocidade enquanto descia pela rampa de barro, com os Furiosos perseguindo-o rapidamente.

— Não vamos conseguir — disse Artemis, verificando os instrumentos. — A transmissão está quebrada.

O fim da pista se curvava diante deles como a extremidade de uma rampa de salto com esqui. Se o avião saltasse com velocidade insuficiente, apenas mergulharia no lago, e eles seriam alvos fáceis como patinhos, ao lado dos patos que provavelmente eram habitados por Furiosos e iriam bicá-los até a morte. Artemis quase se reconciliara com o fato de que ia morrer num futuro imediato, mas realmente não queria que seu crânio fosse fraturado pelo bico de um pato selvagem possuído. De fato, *a morte por uma ave aquática agressiva* tinha acabado de saltar para o primeiro lugar na sua lista de Modos Menos Prediletos de Morrer, esmagando a opção mais duradoura, *morte por gás de anão*, que assombrara seus sonhos durante anos.

— Patos, não — disse. — Por favor, patos, não. Eu ia ganhar o Prêmio Nobel.

Podiam ouvir um barulho enorme vindo de baixo da fuselagem. Grunhidos de animais e metal se amassando. Se o avião não decolasse logo, seria despedaçado. Essa não era uma aeronave forte, já que fora aliviada de quase tudo para aumentar a relação entre peso e potência, necessária para o voo sustentável.

Do lado de fora do avião solar, todo o corpo de Palha estava contorcido de dor como uma raiz exposta. Sabia o que ia acontecer. Seu corpo estava prestes a reagir a uma combinação de estresse, dieta ruim e gás se acumulando, com a liberação em jato de até um terço de seu peso corporal. Alguns anões iogues mais disciplinados podiam invocar esse procedimento à vontade, e se referiam a ele como Desintoxicação Uma Vez Por Década, mas para os anões comuns isso é chamado de Reduzir o Peso. E você não quer estar na linha de fogo quando o peso está sendo reduzido.

O avião chegou à base da encosta com ímpeto suficiente apenas para sair da rampa.

Pouso na água, pensou Artemis. Morte por patos.

Então, algo aconteceu. Um aumento de potência veio de algum lugar. Era como se um dedo gigantesco tivesse dado um peteleco no avião. A cauda subiu, e Artemis lutou com os pedais para mantê-la virada para baixo.

Como isso está acontecendo?, pensou Artemis, olhando perplexo para os controles, até que Holly deu um soco em seu ombro pela segunda vez em dois minutos.

— Partida no ar! — gritou ela.

Artemis se empertigou bruscamente. *Partida no ar! Claro.*

O avião solar tinha um pequeno motor para tirá-lo do chão, e depois disso os painéis solares assumiam, mas sem uma bateria o motor sequer podia dar a partida, a não ser que Artemis apertasse o acelerador na hora certa, antes que o avião começasse a perder o impulso. Isso poderia lhes garantir tempo suficiente para pegar uma térmica por uns duzentos metros, o bastante para sair do lago e do alcance das flechas.

Artemis esperou até sentir que o avião estava no ápice da subida, então apertou o acelerador ao máximo.

Bellico e o resto de seus seguidores corriam loucamente pista abaixo, lançando contra o avião qualquer projétil que tivessem em seu arsenal. Era uma situação bizarra, mesmo para um espírito ressuscitado ocupando um corpo humano.

Estou perseguindo um avião empurrado por um troll cavalgado por um anão, pensou. *Inacreditável.*

Mas era verdade, e era melhor acreditar, caso contrário sua presa escaparia.

Eles não podem ir longe.

A não ser que o veículo voasse como havia sido projetado para fazer.

Não vai voar. Nós destruimos a bateria.

Essa coisa voa sem motor, depois de estar no ar. Minha hospedeira viu com os próprios olhos.

Seu bom senso disse que ela deveria parar e permitir que o avião se chocasse contra o lago. Se os passageiros não se afogassem, seus arqueiros poderiam acertar os nadadores. Mas o bom senso tinha pouca utilidade numa noite assim, em que guerreiros fantasmas percorriam a terra e anões cavalgavam de novo as garupas dos trolls, por isso Bellico decidiu que deveria fazer o que pudesse para impedir que o avião decolasse.

Aumentou a velocidade, usando plenamente suas compridas pernas humanas para ultrapassar os outros Furiosos, e se lançou contra a cintura do troll, agarrando tufo de pelos cinzas com uma das mãos e a espada do pirata com a outra.

Sádico uivou, mas continuou empurrando.

Estou atacando um troll, pensou ela. Nunca faria isso com meu próprio corpo.

Bellico olhou para cima, através do emaranhado de membros, e viu a lua cheia reluzindo acima. Abaixo, viu um anão num desconforto considerável, mudando a posição para agarrar o corpo do avião, achatando-se contra a fuselagem.

— Vá — ordenou Palha ao troll. — Volte para sua caverna.

Isso não é bom, pensou Bellico. Nem um pouco.

O avião subiu pela rampa de decolagem, saltando no ar. Ao mesmo tempo, Sádico obedeceu ao seu senhor e soltou-o, lançando-se com Bellico para o lago como pedras saltitando na superfície, o que era muito mais doloroso do que parece. Sádico tinha pelos para proteger o couro, mas Bellico percorreu a maior parte da distância com uma pele, que teria queimaduras de água durante vários meses.

Acima, Palha não pôde mais se conter. Soltou um jato de gordura aguada, vento e comida meio digerida que deu ao avião solar mais alguns metros de empuxo, apenas o bastante para fazê-lo subir o lago.

Bellico chegou à superfície bem a tempo de ser acertada na testa pelo que podia ter sido o crânio de um cachorro.

Não vou pensar nisso, decidiu e nadou de volta para a margem.

Artemis apertou o acelerador pela segunda vez, e o motor do avião pegou. A hélice única no nariz estremeceu, sacudiu-se e depois girou cada vez mais rápido, até que as pás formaram um círculo contínuo e transparente.

— O que aconteceu? — perguntou-se Artemis, em voz alta. — Que barulho foi aquele?

— Pergunte mais tarde — disse Holly — e pilote o avião agora.

Era uma boa ideia, já que eles ainda não estavam a salvo. O motor estava funcionando, verdade, mas a bateria solar não tinha energia, e eles só poderiam planar durante um tempo limitado, naquela altitude.

Puxou o manche para trás, subindo até trinta metros, e à medida que o mundo se ampliava embaixo, a magnitude da devastação causada pelo plano de Opala ficava óbvia.

As estradas para Dublin estavam iluminadas por incêndios em motores alimentados por tanques de gasolina e materiais combustíveis. Dublin propriamente dita estava apagada, a não ser por trechos de luzes laranjas onde geradores tinham sido consertados ou fogueiras ardiavam. Artemis viu dois grandes navios que haviam colidido no porto, e outro encalhado como uma baleia na praia. Havia incêndios demais para contar na cidade, e a fumaça subia e se reunia como uma nuvem tempestuosa.

Opala planeja herdar essa nova Terra, pensou Artemis. *Não vou permitir isso.*

E foi esse pensamento que puxou a mente de Artemis de volta para o foco e o fez tramar um plano que pudesse impedir a duende-diabrete de uma vez por todas.

Voaram por cima do lago, mas de forma nada suave; de fato, foi mais como uma queda prolongada. Artemis lutava com os controles, que pareciam lutar de volta, enquanto tentava manter a descida o mais lenta possível.

Roçaram uma fileira de pinheiros e voaram diretamente por cima do Portão dos Furiosos, onde Opala trabalhava dentro de uma coroa de magia. Holly usou essa oportunidade para avaliar as forças da inimiga.

Opala estava cercada por um círculo de Furiosos. Havia piratas, guerreiros de cerâmica e outros seres variados. Os muros da propriedade eram patrulhados por mais Furiosos. Nos muros havia principalmente animais — duas raposas e até alguns cervos, andando ao longo das pedras e farejando o vento.

Não há como entrar, pensou Holly. E o céu está começando a ficar claro.

Opala havia estipulado até o nascer do sol para abrir a segunda fechadura.

Talvez ela fracasse, e a luz do sol faça o trabalho por nós, pensou Holly. Mas era improvável que Opala tivesse cometido um erro em seus cálculos. Ela havia passado tempo demais na cela, obcecando-se com cada detalhe.

Não podemos contar com os elementos. Para o plano de Opala fracassar, temos de fazê-lo fracassar.

A seu lado, Artemis estava pensando a mesma coisa, com a única diferença de que já possuía os alicerces de um plano em mente. Se Artemis o tivesse compartilhado naquele momento, Holly ficaria surpresa. Não com a genialidade do plano — ela não esperaria nada menos do que isso —, mas por causa de seu altruísmo. Artemis Fowl planejava atacar com a única arma que Opala Koboi jamais suspeitaria de que ele possuísse: a humanidade.

Para usar esse trunfo oculto, Artemis teria de confiar que duas pessoas fossem fiéis aos seus próprios defeitos de personalidade.

Potrus precisaria ser mais paranoico do que nunca.

E o narcisismo galopante de Opala Koboi precisaria ter enlouquecido a ponto de não permitir que ela destruísse a humanidade sem que seus inimigos testemunhassem a glória.

Finalmente, Holly não suportou mais ficar sentada assistindo às tentativas desajeitadas de Artemis como aviador.

— Me dá o manche — falou. — Abra os flaps totalmente quando batermos no chão. Eles vão chegar até nós bem depressa.

Artemis cedeu o controle sem questionar. Não era hora para bancar o machão. Holly era inegavelmente dez vezes melhor do que ele jamais seria como piloto — e também como macho. Certa vez, Artemis vira Holly sair na briga com outro elfo que disse que seu cabelo era bonito, porque achou que ele estava sendo sarcástico, já que naquele dia específico ela havia acabado de fazer um corte militar. Holly não tinha muitos namorados.

Ela moveu o manche com a almofada da mão, alinhando o avião com a via de cascalho que servia como entrada de veículos da casa.

— O caminho é curto demais — disse Artemis.

Holly se ajoelhou no banco para enxergar melhor.

— Não se preocupe. O trem de pouso provavelmente vai se soltar totalmente no impacto, de qualquer modo.

A boca de Artemis se retorceu no que poderia ser um sorriso irônico ou uma careta de terror.

— Graças a Deus. Achei que estávamos encencados de verdade.

Holly lutou com o manche como se ele estivesse resistindo à prisão.

— Encencados? Pousar uma aeronave mutilada é só uma terça-feira comum para nós, Garoto da Lama.

Então Artemis olhou para Holly, e sentiu um afeto tremendo por ela. Desejou ser capaz de gravar os últimos dez segundos e estudá-los numa ocasião menos estressante, para apreciar adequadamente como sua melhor amiga era feroz e linda. Holly jamais parecia tão vital como quando estava se equilibrando na linha tênue entre a vida e a morte. Seus olhos brilhavam, e sua perspicácia era aguçada. Onde outros desmoronariam ou recuariam, Holly atacava a situação com um vigor que a fazia reluzir.

Ela é realmente mágica, pensou Artemis. Talvez suas qualidades sejam mais óbvias para mim agora que decidi me sacrificar. Então percebeu uma coisa. *Não posso revelar meus planos a ela. Se Holly souber, tentará me impedir.*

Artemis ficou magoado porque sua última conversa com Holly seria, por necessidade, cheia de equívocos e mentiras.

Pelo bem maior.

Artemis Fowl, o humano que antigamente mentia casualmente, ficou surpreso ao descobrir que, nessa situação, *mentir pelo bem maior* não o fazia sentir-se melhor.

— Vamos lá — gritou Holly acima do uivo causado pelo vento. — Aperte o cinto.

Artemis apertou.

— Cinto apertado.

Por um milissegundo. O chão pareceu correr ao encontro deles, preenchendo o campo de visão e bloqueando o céu. Então, com um estrondo tremendo, eles estavam no solo, recebendo uma chuva de pedras que pareciam borrões. Flores de hastes longas caíram em buquês funerários sobre o para-brisa, e a hélice se dobrou com um guincho capaz de partir os tímpanos. Artemis sentiu o cinto cortar os dois ombros, contendo seu movimento para a esquerda, o que foi ótimo, pois, se não fosse isso, sua cabeça iria parar exatamente onde uma pá da hélice atravessou o encosto do banco.

A pequena aeronave perdeu as asas enquanto deslizava pela entrada de veículos, depois capotou, ficando com o teto para baixo, e parou estremeando junto aos degraus da frente da casa.

— Poderia ter sido muito pior — disse Holly, batendo na fivela do cinto de segurança.

Poderia mesmo, pensou Artemis, vendo o sangue na ponta do nariz, que parecia pingar para cima.

De repente, uma coisa que parecia um gigantesco e violento pêssgo deslizou pelo que restava do para-brisa, afundando o vidro antiestilhaçamento e

parando com um bamboleio no degrau de baixo.

Palha conseguiu sobreviver, pensou Artemis. Bom.

Palha literalmente se arrastou pelos degraus da mansão, desesperado por comida para substituir a gordura expulsa.

— Dá para acreditar que as supermodelos fazem isso todo mês? — gemeu.

Artemis abriu a porta com sua chave eletrônica, e o anão desapareceu no interior da casa, disparando pelo corredor principal na direção da cozinha.

Sobrou para Artemis e Holly carregar Butler escada acima, o que, no estado inconsciente e frouxo do guarda-costas, era quase tão fácil quanto carregar um saco de bigornas. Tinham chegado ao terceiro degrau quando um passarinho estranhamente ousado desceu e pousou no rosto de Butler, cravando as garras minúsculas no nariz do guarda-costas. Isso, em si, seria bem surpreendente, mas o bilhete preso no bico do pássaro tornava a criatura muito mais sinistra.

Artemis largou o braço de Butler.

— Foi rápido — disse ele — O ego de Opala não perde tempo.

Holly soltou o minúsculo rolo de papel.

— Você estava esperando isso?

— Estava. Nem se incomode em ler, Holly. As palavras de Opala não valem o papel em que são escritas, e dá para ver que é papel barato.

Claro que Holly leu o bilhete, e suas bochechas ficaram mais vermelhas a cada palavra.

— Opala requisita o prazer da nossa companhia para a grande limpeza. Se nós nos entregarmos, só você e eu, ela deixará seus irmãos viverem. Além disso, promete poupar Potrus quando for declarada imperatriz.

Holly amassou o bilhete e jogou-o contra a cabeça do passarinho.

— Vá dizer a Opala que nada feito.

O pássaro piou agressivamente e bateu as asas de um modo que parecia um insulto.

— Quer me encarar, Furioso? — perguntou Holly ao passarinho. — Porque posso ter acabado de sair de um avião acidentado, mas ainda consigo arrebentar as penas do seu traseiro.

O pássaro decolou, deixando seu canto ficando para trás como um risinho de desprezo enquanto voava de volta para sua senhora.

— É melhor voar, Piupiu! — gritou Holly para ele, permitindo-se uma explosão pouco profissional, e isso a fez sentir-se um pouquinho melhor. Assim que o pássaro havia desaparecido por cima das árvores, ela voltou à sua tarefa.

— Precisamos nos apressar — disse, passando o braço sob a axila de Butler. — Isso é um truque. Opala mandará mais Furiosos atrás de nós. Provavelmente estamos sendo vigiados por... *vermes*... agora mesmo.

Artemis não concordava.

— Não. Agora o portão é fundamental. Ela não vai arriscar mais soldados para nos caçar. Mas precisamos nos apressar mesmo assim. Faltam poucas horas para o amanhecer, e só temos tempo para mais um ataque.

— Então vamos ignorar o bilhete, não é?

— Claro. Opala está brincando com nossas emoções para seu bel-prazer. Nada mais. Ela quer se colocar numa posição de poder, emocionalmente.

Os degraus estavam cobertos com cristais de gelo sazonais, que brilhavam como geada de cinema ao luar. Por fim, Artemis e Holly conseguiram rolar Butler pela soleira até um tapete, o qual arrastaram para baixo da escada, deixando o guarda-costas o mais confortável possível com algumas almofadas que Angeline Fowl gostava de espalhar casualmente em todas as poltronas.

As costas de Holly estalaram quando ela se empertigou de volta.

— Certo. Enganamos a morte mais uma vez. E agora, cérebro?

As palavras de Holly saíam com facilidade, mas seus olhos estavam mais arregalados do que o normal, com desespero brilhando na partes brancas. Eles estavam tão perto de um desastre inimaginável que parecia que nem mesmo Artemis, com sua capacidade de tirar coelhos milagrosos da cartola no último minuto, poderia salvar a humanidade.

— Preciso pensar — disse Artemis simplesmente, subindo depressa a escada.
— Comer alguma coisa e talvez tirar um cochilo. Isso vai demorar pelo menos noventa minutos.

Holly subiu atrás dele, lutando com os degraus destinados a humanos.

— Espera! Espera aí — gritou, ultrapassando Artemis e encarando-o de um degrau acima. — Eu conheço você, Artemis. Você gosta de jogar com sua carta de gênio escondida contra o peito até a grande revelação, e isso tem funcionado para nós até agora. Mas desta vez, precisa me colocar a par das coisas. Eu posso ajudar. Então diga a verdade: você tem um plano?

Artemis encarou a amiga e mentiu na cara dela.

— Não. Não tenho nenhum plano.



CAPÍTULO 17: ÚLTIMA LUZ

DELEGACIA PLAZA, CIDADE DO PORTO, ELEMENTOS DE BAIXO



A LEP tinha vários agentes trabalhando disfarçados em parques temáticos humanos por todo o mundo, porque os humanos sequer piscavam ao ver um anão ou um gnomo, desde que estivessem ao lado de uma roda-gigante ou de um unicórnio animatrônico. Certa vez, Potrus havia analisado uma filmagem de um brinquedo em Orlando que, segundo os teóricos da conspiração no Conselho, era uma base de treinamento para um grupo secreto do governo composto por matadores de criaturas. Nesse brinquedo específico, os frequentadores eram postos num trem de metrô que entrava numa estação subterrânea. Uma estação que era imediatamente submetida a todo tipo de desastres naturais conhecidos dos homens ou das criaturas do subsolo. Primeiro um terremoto rachava o túnel, depois um furacão provocava uma tempestade de entulho, depois uma enchente empurrava os veículos para baixo e, finalmente, um tremendo fluxo de lava batia nas janelas.

Quando Potrus finalmente voltou ao escritório, olhou para as ruas de Porto do quarto andar do prédio da Delegacia Plaza e ocorreu-lhe que sua amada cidade o fazia lembrar-se daquela estação de metrô em Orlando. Totalmente arrasada, quase a ponto de não poder ser reconhecida.

Mas minha cidade não pode ser consertada com o toque de um botão.

Potrus encostou a testa no vidro frio e observou os serviços de emergência fazendo sua magia.

Feiticeiros paramédicos tratavam os feridos com rápidos jatos de magia saindo de suas luvas isoladas. Gnomos bombeiros cortavam treliças de aço com lasers, abrindo caminho para ambulâncias, e engenheiros estruturais se penduravam em ganchos nas rochas, tapando fissuras com espuma flexível.

É engraçado, pensou Potrus. Sempre achei que os humanos é que iriam nos destruir. E encostou as pontas dos dedos no vidro. Não. Não estamos destruídos. Vamos reconstruir.

Qualquer equipamento tecnológico que fosse novo havia explodido, mas existia uma quantidade suficiente de material antiquado que não sofrera reciclagem devido a cortes no orçamento. A maior parte dos veículos do corpo de bombeiros estava funcionando, e nenhum dos geradores de reserva fora reconicionado nos últimos cinco anos. O comandante Kelp estava supervisionando uma operação de limpeza numa escala jamais vista em Porto. Atlântida tomara um golpe igualmente forte, se é que não foi pior.

Pelo menos a cúpula foi sustentada. Se tivesse implodido, o número de mortos seria gigantesco. Não gigantesco em termos humanos, mas mesmo assim muito grande.

Tudo porque uma duende-diabrete psicótica desejava governar o mundo.

Um monte de famílias perdeu alguém hoje. Quantas criaturas estão morrendo de preocupação agora mesmo?

Os pensamentos de Potrus se voltaram para Holly, presa na superfície, tentando enfrentar a situação sem o apoio da LEP.

Se ao menos ela estiver viva. Se algum deles estiver vivo.

Potrus não tinha como saber. Todas as comunicações de longo alcance estavam interrompidas, já que a maioria dependia de satélites humanos que, a essa altura, haviam se reduzido a lixo espacial.

Potrus tentou se consolar com o pensamento de que Artemis e Butler estavam com sua amiga.

Se alguém pode frustrar os desígnios de Opala, é Artemis.

E então pensou: *frustrar os desígnios? Agora estou usando expressões como “frustrar os desígnios”. Opala adoraria isso. Faz com que ela pareça uma supervilã.*

Mayne se aproximou, batendo os cascos.

— *Mak dak jiball, txio.* Temos alguma coisa nas telas do seu laboratório.

O sobrinho de Potrus não tinha problema algum em falar unicorniês, mas tinha certa dificuldade em ir direto ao ponto.

— São telas grandes, Mayne. Geralmente há alguma coisa nelas.

Mayne raspou o casco dianteiro no chão.

— Eu sei, mas é uma coisa interessante.

— Verdade. Há muita coisa interessante acontecendo hoje, Mayne. Pode especificar?

Mayne franziu a testa.

— *Especificar* significa identificar a espécie de uma criatura. É isso que você quer dizer?

— Não. Quero dizer: pode ser mais específico?

— Sobre qual espécie?

Potrus bateu com um casco, rachando o ladrilho.

— Apenas me diga o que há de tão interessante na tela. Todos estamos ocupados hoje, Mayne.

— Andou bebendo café sintético? — perguntou o sobrinho. — Porque tia Cavalline disse que você fica meio nervoso depois de algumas xícaras.

— O que há na tela? — trovejou Potrus, num tom que achou majestático, mas que na verdade saiu meio esganiçado.

Mayne recuou alguns passos, depois se conteve, imaginando por que as pessoas sempre reagiam a ele desse modo.

— Você se lembra daqueles Libelumes que mandou para a mansão Fowl? — perguntou Mayne.

— Claro que lembro. Estão todos mortos. Eu os mando pra lá, Artemis os encontra... É um joguinho da gente.

Mayne apontou um dedo por cima do ombro, na direção da tela, onde costumava ficar o quadrado vazio.

— Bom, um daquelas sacaninhas acabou de voltar à vida. É o que eu estava tentando dizer.

Potrus mirou um coice contra Mayne, mas o rapaz já havia trotado para fora do alcance.

MANSÃO FOWL

Artemis trancou a porta do escritório e deu uma olhada superficial nas câmeras e sensores do perímetro, garantindo que todos estavam em segurança por enquanto. Era como esperava. A única atividade acontecia a mais de um quilômetro de distância, onde antigamente ficava a torre Martello e onde o Portão dos Furiosos agora se projetava do meio da cratera produzida pelo impacto de Opala. Como precaução, ajustou o alarme para a posição de CERCO, que trazia impedimentos que estavam indisponíveis nos sistemas comuns para residências, como janelas eletrificadas e bombas nas fechaduras. Mas, afinal de contas, a mansão Fowl não fora uma casa comum desde que Artemis decidira manter uma criatura do subterrâneo sequestrada no porão.

Assim que ficou satisfeito vendo que estavam trancados, abriu uma gaveta com fecho codificado em sua escrivaninha e tirou uma pequena caixa de

chumbo de lá. Bateu com a unha na tampa e ficou contente ao ouvir um som raspado lá dentro.

Então ainda está viva.

Artemis abriu a caixa, e dentro, conectada a uma bateria de três volts, havia uma minúscula libélula com biocâmera. Um dos brinquedinhos de Potrus, que geralmente levavam um curto-circuito nas varreduras regulares que Artemis fazia em busca de grampos, mas ele decidira guardar essa e alimentá-la, para o caso de algum dia precisar de uma linha direta de comunicação com o centauro. Tinha esperado usar essa câmera para anunciar o sucesso do ataque contra o Portão dos Furiosos, mas agora o inseto mandaria uma mensagem mais sombria.

Artemis largou o inseto em cima da mesa, onde ele se remexeu durante um tempo antes que o programa de reconhecimento de rostos o identificasse como alvo principal e decidisse focalizá-lo. As lentes minúsculas dos olhos zumbiam quase inaudivelmente, e dois microfones se estenderam como as antenas de uma formiga.

Inclinando-se para perto, Artemis começou a falar baixinho, de modo a não ser entreouvido, mesmo que seus próprios sensores lhe garantissem que seu corpo era o único com massa significativa num raio de seis metros.

— Bom dia, Potrus. Sei que não existe sequer um átomo de tecnologia Koboí nesta pequena mutação, portanto, em teoria, ela pode transmitir, e espero que você ainda esteja vivo para receber a transmissão. As coisas estão feias aqui em cima, amigo, muito feias. Opala abriu o Portão dos Furiosos e está trabalhando na segunda fechadura. Se tiver sucesso, uma onda de magia codificada da Terra será liberada para destruir a humanidade completamente. Isso, na minha opinião, é uma coisa ruim. Para impedir esse desastre, preciso que me mande dois itens num dos seus ovos de mineração robótica. Não há tempo para obter permissões nem para reuniões de comitês, Potrus. Esses itens precisam estar na mansão Fowl em menos de duas horas, ou será tarde demais. Consiga as coisas de que preciso, Potrus.

Artemis se inclinou ainda mais perto da câmara minúscula viva e sussurrou com urgência.

— Duas coisas, Potrus. Duas coisas para salvar o mundo.

E disse ao insetozinho o que eram as coisas, e exatamente para onde precisava que fossem mandadas.

DELEGACIA PLAZA, CIDADE DO PORTO, ELEMENTOS DE BAIXO

A cor sumiu do rosto de Potrus.

Koboi estava trabalhando na segunda fechadura.

Isso era uma catástrofe; havia muitas criaturas em Porto que dançariam nas ruas para comemorar a erradicação da humanidade, mas não as racionais.

Dois itens.

O primeiro não seria problema. Era um *brinquedo*, pelo amor dos deuses.

Acho que tenho um na minha mesa.

Mas o segundo. O segundo.

Isso é problema. Um grande problema.

Havia questões legais e morais. Se ele sequer mencionasse isso ao conselho, eles queriam formar uma força-tarefa e um subcomitê.

O que Artemis pedia era tecnicamente possível. Potrus realmente possuía um protótipo de ovo de mineração na área de testes. Só precisava programar as coordenadas no sistema de navegação, e o ovo partiria a toda velocidade para a superfície. Construído para transportar mineiros de desmoronamentos de cavernas, o ovo podia suportar pressões gigantescas e voar à velocidade do som três vezes ao redor do mundo. De modo que o limite de tempo de Artemis não deveria ser problema.

Potrus mordeu o nó de um dedo. Será que deveria fazer o que Artemis estava pedindo? Queria fazer? O centauro podia fazer perguntas a si próprio até

que o tempo acabasse, mas realmente havia apenas uma questão que importava:

Eu confio em Artemis?

Potrus ouviu uma respiração atrás dele, e percebeu que Mayne estava na sala.

— Quem mais esteve aqui? — perguntou ao técnico.

Mayne bufou.

— Aqui? Você acha que os figurões vão ficar aqui na central quando há uma boa e velha crise acontecendo lá embaixo? Ninguém esteve aqui, e ninguém viu esse vídeo. Só eu.

Potrus andou por toda a extensão da sala.

— Certo. Mayne, meu jovem amigo, gostaria de um emprego integral?

Mayne apertou os olhos com suspeita.

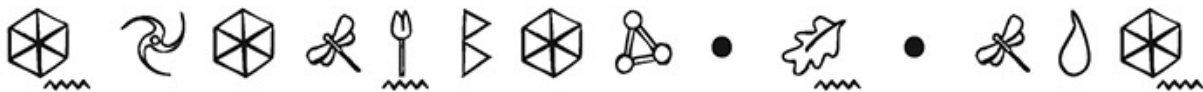
— O que eu teria de fazer?

Potrus pegou o item número um na gaveta da mesa e foi na direção da porta.

— Só o de sempre — respondeu. — Ficar por aí no laboratório e ser inútil.

Mayne fez uma cópia do vídeo de Artemis, só para o caso de ser envolvido em algum tipo de traição.

— Eu poderia fazer isso — disse.



CAPÍTULO 18: ALMA SOBREVIVENTE

MANSÃO FOWL, NOVENTA E OITO MINUTOS MAIS TARDE



ARTEMIS estava fazendo os últimos preparativos em seu escritório, atualizando seu testamento e tentando dominar os sentimentos, esmagando um céu cinza e chapado de tristeza que ameaçava nublar sua decisão. Sabia que o doutor Argônio o aconselharia a não sufocar as emoções, já que a longo prazo isso levaria a uma cicatriz psicológica.

Mas não haverá longo prazo, doutor, pensou com ironia.

Depois de tantas aventuras, Artemis sentia que deveria saber que as coisas jamais aconteciam exatamente segundo os planos, mas, mesmo assim, ficou surpreso com o aspecto definitivo do passo que era forçado a dar — e também por estar ao menos disposto a dá-lo.

O garoto que sequestrou Holly Short há tantos anos jamais teria a ideia de se sacrificar.

Mas ele não era mais aquele garoto. Seus pais tinham sido devolvidos, e ele tinha irmãos.

E amigos queridos.

Outra coisa que Artemis nunca havia previsto.

Viu sua mão tremer enquanto assinava seu último testamento. Não tinha certeza de quantos de seus legados seriam válidos nessa nova era. O sistema bancário estava quase irrecuperavelmente quebrado, assim como as bolsas de valores do mundo todo. Portanto lá se iam as ações, os bônus e as participações.

Todo esse tempo acumulando riqueza, pensou. Que desperdício!

Depois: *Ora. Você está simplesmente sendo piegas. Você ama o ouro quase tanto quanto Palha Escavator ama frangos. E, se tivesse chance, provavelmente faria a mesma coisa de novo.*

Era verdade. Artemis não acreditava em conversões no leito de morte. Elas eram oportunistas demais. Um homem deve ser o que é e aceitar qualquer julgamento que venha.

Se existir um São Pedro, não vou discutir com ele na porta do céu, prometeu ao subconsciente, embora soubesse que, se sua teoria estivesse correta, ele poderia ficar preso neste plano como espírito, assim como os Furiosos tinham ficado.

Posso ser um guarda-costas sobrenatural para Myles e Beckett.

Essa ideia lhe deu consolo e o fez sorrir. Percebeu que não estava com nem um pouco de medo, como se o que estava prestes a tentar fosse uma simulação num jogo de RPG, e não uma ação real. Isso mudou quando Artemis lacrou o envelope com o testamento e o encostou à luminária da mesa. Olhou para o documento, sentindo que aquele instante era definitivo.

Agora não há volta.

E então o medo caiu sobre ele como um peso de uma tonelada, pregando-o à cadeira do escritório. Sentiu um bloco de chumbo se solidificar no estômago, e, de repente, seus membros pareceram enxertados e fora de seu controle.

Respirou fundo várias vezes só para não vomitar, e gradualmente a calma retornou.

Sempre imaginei que haveria tempo para despedidas. Um momento de palavras significativas para as pessoas que amo.

Não havia tempo. Não havia tempo para nada além de ação.

O medo havia passado, e Artemis ainda estava decidido.

Posso fazer isso, percebeu. Posso pensar com o coração.

Empurrou sua cadeira cor de sangue sobre as rodinhas, bateu uma vez nos joelhos e se levantou para enfrentar o sacrifício.

Holly entrou intempestivamente no escritório, com os olhos furiosos.

— Eu vi o que saiu da adega, Artemis.

— Ah — disse ele. — O ovo chegou.

— É, chegou. E eu dei uma espiada dentro dele.

Artemis suspirou.

— Holly, lamento que você tenha visto. Palha deveria ter escondido.

— Palha é meu amigo também, e eu disse que você tentaria aprontar alguma coisa. Ele estava cavando um túnel para uma fuga de último minuto quando o ovo chegou guiado pelo piloto automático. Palha acha que essa é a coisa que você está tentando aprontar.

— Holly, não é o que você acha.

— Sei o que você está planejando. Eu deduzi.

— Parece radical, eu sei. Mas é o único modo. Preciso fazer isso.

— *Você precisa fazer!* — esbravejou Holly. — Artemis Fowl faz escolhas por todo mundo, como sempre.

— Talvez, mas desta vez estou fundamentado nas circunstâncias.

Holly sacou sua arma.

— Não. Esquece, Artemis. Isso não vai acontecer.

— Tem que acontecer. Talvez com o tempo, com recursos, eu poderia desenvolver uma estratégia alternativa...

— Desenvolver uma estratégia alternativa? Isso não é uma tomada de controle corporativo, Artemis. É a sua vida. Você pretende ir lá e se matar. E Butler?

Artemis suspirou. Doía deixar Butler inconsciente, sem saber do plano; em especial porque sabia que o fiel guarda-costas iria se considerar um fracasso para sempre.

Dano colateral. Como eu devo ser.

— Não. Não posso contar a ele, e você também não vai...

Holly interrompeu-o com um movimento da arma.

— Não recebo ordens suas, Senhor Civil. Sou a oficial no comando e estou vetando categoricamente esta tática.

Artemis sentou-se, pousando o rosto nas mãos.

— Holly, temos trinta minutos antes de o sol nascer, e aí eu morro de qualquer modo. Butler morre, e Juliet também. Minha família. Quase todo mundo que eu amo vai morrer. Você só está garantindo que Opala vença. Não estaria salvando ninguém.

Holly parou ao lado dele, e tocou o ombro dele levemente. De repente, Artemis percebeu que os elfos tinham um odor característico.

Gramma e cítrico. Antigamente eu teria arquivado essa informação.

— Sei que você não gosta, Holly, minha amiga, mas é um bom plano.

Os dedos de Holly foram até o pescoço de Artemis, e ele sentiu um ligeiro comichão.

— Não gosto, Arty — falou. — Mas é um bom plano.

O adesivo tranquilizante demorou alguns segundos para funcionar, e então Artemis se pegou tombando no tapete afegão, com o nariz separando as fibras de um desenho da árvore da vida. A droga entorpeceu sua mente, e ele não podia avaliar o que estava acontecendo.

— Desculpe, Artemis — pediu Holly, ajoelhando-se ao lado dele. — Opala é do meu povo, portanto, esse sacrifício é meu.

O olho esquerdo de Artemis se revirou na órbita, e sua mão balançou debilmente.

— Não me odeie para sempre, Arty — sussurrou ela. — Eu não suportaria isso. — Em seguida, pegou sua mão e apertou-a com força. — Eu sou a soldado, Artemis, e esse é um serviço para uma soldado.

— Você tem um bom argumento, Holly — disse Artemis, com clareza. — Mas o plano é meu e, com o devido respeito, sou a única pessoa em condições de executá-lo.

Holly ficou confusa. Apenas um instante atrás, Artemis estivera à beira da inconsciência, e agora estava lhe dando um sermão com seu jeito metido a besta de sempre.

Como?

Holly puxou a mão de volta e viu um pequeno adesivo na palma.

Ele me drogou!, percebeu ela. *Esse Garoto da Lama gatuno me drogou.*

Artemis se levantou e levou Holly até o sofá de couro, deitando-a sobre as almofadas macias.

— Achei que Potrus poderia tagarelar, por isso tomei uma injeção de adrenalina para anular seu sedativo.

Holly lutou contra a névoa que nublava o pensamento.

— Como pôde... Como?

— Logicamente, você não tem direito de ficar com raiva. Eu apenas segui seu exemplo.

Lágrimas encheram os olhos de Holly, escorrendo pelas bochechas enquanto a verdade a chamava de longe, do outro lado de um abismo nebuloso.

Ele realmente vai fazer isso.

— Não. — Ela conseguiu dizer.

— Não há outro meio.

Holly sentiu o vazio do pavor azedar seu estômago.

— Por favor, Arty — murmurou. — Deixe-me... — Mas não disse mais nada, já que seus lábios haviam se transformado em borracha frouxa.

Artemis quase desmoronou, e Holly pôde ver isso em seus olhos descombinados, um humano e um das criaturas; mas então ele se afastou do sofá e respirou fundo.

— Não. Tem de ser eu, Holly. Se a segunda fechadura se abrir, eu morrerei, mas se meu plano tiver sucesso, as almas de todas as criaturas dentro da coroa mágica serão atraídas para a pós-vida. Almas das *criaturas*. Minha alma é humana, Holly, você não vê? Não pretendo morrer, e há uma chance de eu sobreviver. Uma chance pequena, certo, mas ainda assim uma chance. — Artemis coçou o olho com o nó de um dedo. — Como plano, está longe de ser perfeito, mas não há alternativa.

Ele deixou Holly confortável com as almofadas.

— Quero que saiba, cara amiga, que, sem você, eu não seria a pessoa que sou hoje. — Ele se inclinou para perto e sussurrou: — Eu era um garoto em frangalhos, e você me consertou. Obrigado.

Holly tinha consciência de que estava chorando, porque sua visão ficou turva, mas não podia sentir as lágrimas no rosto.

— Opala espera você e eu — ouviu Artemis dizer. — E é exatamente isso que ela vai ter.

É uma armadilha!, quis gritar Holly. *Você vai cair numa armadilha.*

Mas mesmo que Artemis pudesse ouvir seus pensamentos, Holly sabia que não havia como detê-lo. Justo quando pensou que Artemis havia saído da sala, ele reapareceu em seu campo de visão, com uma expressão pensativa.

— Sei que ainda pode me ouvir, Holly. Por isso, vou pedir um último favor. Se Opala for mais esperta, e eu não sair daquela cratera, quero que você diga a Potrus para energizar a crisálida. — Ele se inclinou e beijou a testa de Holly. — E dê isso a ele por mim.

Então o gênio adolescente saiu, e Holly sequer pôde virar a cabeça para vê-lo ir embora.

Opala sabia que os números de seus guerreiros estavam reduzidos, mas isso não importava; tinha chegado ao último nível da segunda fechadura do Portão dos Furiosos. A satisfação fluía em seu organismo num zumbido que fazia saltar fagulhas das pontas de suas orelhas.

— Preciso de paz — gritou para qualquer Furioso que estivesse vigiando seu flanco. — Se alguém chegar perto, mate. — E corrigiu rapidamente a ordem: — Menos o humano Fowl e sua capitã da LEP de estimação. Entendeu?

Oro, no corpo de Beckett, entendeu muito bem, mas desejou que a ligação mágica lhe desse espaço para sugerir que a líder deixasse de lado sua vingança pessoal. No entanto, as regras de Bruin Fadda eram explícitas: total obediência à criatura que abriu o portão.

Nós deveríamos caçá-los, queria dizer. Se pudermos capturar esses últimos humanos, não haverá necessidade de abrir a segunda fechadura.

Opala se virou e gritou na cara dele, soltando perdigotos:

— Eu disse: entendeu?

— Entendi — respondeu Oro. — Matar qualquer um, menos Fowl e a fêmea.

Opala deu um tapinha no nariz minúsculo de Beckett.

— É, exatamente. Mamãe lamenta ter levantado a voz. Mamãe está num estresse insuportável. Você não acreditaria na quantidade de células cerebrais que a mamãe está gastando com essa coisa.

Diga “mamãe” mais uma vez, pensou Oro. E com ou sem ligação mágica...

O máximo que Oro pôde fazer contra as garras da ligação mágica foi uma leve careta e suportar as cólicas na barriga, mas a careta não teve efeito algum, pois Opala já havia retornado à sua tarefa, com uma coroa de magia negra tremeluzindo em volta dos ombros.

O último obstáculo da fechadura encantada de Bruin Fadda era o próprio feiticeiro. Bruin havia enterrado sua própria alma na rocha, mais ou menos do mesmo modo como os Furiosos tinham sido preservados no solo.

Enquanto Opala passava os dedos na superfície da rocha, o rosto do druida apareceu na pedra, mal traçado, mas reconhecível como o de um elfo.

— Quem me acorda de meu sono? — perguntou, numa voz que denotava pedra e idade. — Quem me chama de volta dos limites da eternidade?

Ah, por favor, pensou Opala. Quem me chama de volta dos limites da eternidade? É o tipo de esterco de troll que terei de suportar só para apagar a humanidade do mapa?

— Sou eu, Opala Koboi — respondeu ela, entrando no jogo. — Da casa de Koboi. Rainha das famílias das fadas.

— Meus cumprimentos, Opala Koboi — disse Bruin. — É bom ver o rosto de outra criatura. Então não fomos extintos.

— Ainda não, poderoso feiticeiro, mas, enquanto conversamos, os humanos se aproximam do portão. Porto está ameaçada. Precisamos abrir a segunda fechadura.

A pedra rangeu como um moedor enquanto Bruin franzia a testa.

— A segunda fechadura? Este é, de fato, um pedido portentoso. Você aceitaria a culpa por esse ato?

Opala usou a expressão penitente que havia desenvolvido para audiências de liberdade condicional.

— Eu aceitaria, pelo Povo.

— Você é de fato corajosa, rainha Opala. Os duendes-diabretes sempre foram nobres, a despeito de suas estaturas.

Opala estava preparada para deixar passar a observação sobre *estatura*, porque gostava de ouvir *rainha Opala*. Além disso, o tempo estava correndo. Em menos de uma hora, o sol nasceria e a lua cheia iria embora, e as chances de manter seu pequeno exército por mais um dia, mesmo com os humanos correndo atrás dos próprios rabos, eram bem pequenas.

— Obrigada, poderoso Bruin. Agora chegou a hora da sua resposta.

O franzido na testa do druida se aprofundou.

— Devo fazer uma consulta. Meus Furiosos estão do seu lado?

Isso não fora previsto.

— Sim. O capitão Oro está ao meu lado. Ele concorda totalmente comigo.

— Eu preferiria conferenciar com ele — falou o rosto de pedra.

Esse tal de Bruin estava realmente pegando no pé de Opala. Um segundo antes era “rainha Opala”, e agora queria consultar os lacaios?

— Poderoso Bruin, realmente não creio que haja qualquer necessidade de consultar seus soldados. O tempo é curto.

— Eu gostaria de conferenciar com ele! — trovejou Bruin, e as rugas de seu rosto reluziram com um poder que sacudiu Opala até o âmago.

Sem problema, pensou ela. Oro está ligado a mim. Minha vontade é a vontade dele.

Oro avançou.

— Bruin, camarada. Achei que você tinha partido para a pós-vida.

O rosto de pedra sorriu, e ele parecia ter luz do sol no lugar dos dentes.

— Logo, Oro Shaydova. Eu gostava mais de seu rosto antigo do que o deste jovem, mas posso ver sua alma por trás dele.

— Uma alma que anseia por liberdade, Bruin. A luz chama a todos nós. Alguns dos meus guerreiros perderam a sanidade mental, ou estão perto disso. Não fomos feitos para ficar tanto tempo assim presos no solo.

— A hora da liberdade está chegando, amigo. Nossa obra está quase pronta. Então, diga, o Povo continua sob ameaça?

— Sim. A rainha Opala diz a verdade.

Os olhos de Bruin se estreitaram.

— Mas vejo que você está ligado a ela por magia.

— Estou, Bruin. Estou preso à rainha.

Os olhos de Bruin relampejaram uma luz branca sobre a pedra.

— Libero-o de suas ligações para que possamos conversar livremente.

Isso não é bom, pensou Opala.

Os ombros de Oro relaxaram, e pareceu que cada um dos seus anos de existência estava escrito no rosto de Beckett.

— Agora os humanos têm armas — disse Oro, e era estranho ver essas palavras saírem de uma boca cheia de dentes de leite. — Elas me parecem milagrosas. Na memória deste jovem eu vi que, sem nos ter para caçar, eles matam uns aos outros aos milhares. Destroem a Terra e aniquilaram milhares de espécies.

O rosto de pedra ficou perturbado.

— Eles não mudaram?

— São mais eficientes do que lembramos, só isso.

— Devo abrir a segunda fechadura?

Oro esfregou os olhos.

— Isso não posso responder. É verdade que a rainha Opala sabotou os esforços deles, mas eles já se reúnem contra nós. O portão foi atacado duas vezes, com dois dos nossos entre os agressores. Uma elfo e um anão, ambos adversários hábeis.

O rosto de pedra suspirou, e uma luz branca fluiu de sua boca.

— Sempre houve traidores.

— Não podemos nos sustentar por muito mais tempo — admitiu Oro. — Alguns dos meus guerreiros já foram chamados para o lado de Danu. O mundo está um caos, e se os humanos atacarem o portão amanhã, não restará ninguém para defendê-lo. Com suas novas armas, talvez eles encontrem um modo de dismantelar a segunda fechadura.

Opala estava silenciosamente deliciada, e se pudesse bater palmas com as mãos minúsculas sem parecer pouco régia, faria isso. Oro estava convencendo aquele idiota de pedra melhor do que ela poderia fazer.

— O Povo está enfraquecendo e morrendo sem a luz do sol — acrescentou ela, com a maior cara de pau. — Logo vamos desaparecer totalmente. Sofrer é nosso ritual cotidiano. Devemos ascender.

Oro só podia concordar com isso.

— Sim. Devemos ascender.

Bruin ruminou por um longo instante, e suas feições de pedra rangeram enquanto ele pensava.

— Muito bem — disse, por fim. — Vou abrir a fechadura, mas a escolha final é sua, rainha Opala. Quando o fim estiver à vista, você deverá escolher. Sua alma deverá suportar as consequências, assim como a minha já suporta.

Sim, sim, sim, pensou Opala, mal escondendo sua ansiedade deliciada.

— Estou preparada para esta responsabilidade — anunciou, em tom sombrio.

E, mesmo que Opala não pudesse ver, Oro revirou os olhos atrás dela, consciente demais de que a duende-diabrete não pensava no interesse do Povo. Mas seus motivos eram irrelevantes, já que o resultado final, a *extinção da humanidade*, seria o mesmo.

De repente, as feições de Bruin submergiram num poço de magma borbulhante que sangrou para dentro da pedra, revelando duas reentrâncias em forma de mãos: a chave original de Opala e uma nova, reluzindo num denso vermelho-sangue.

— Escolha com altruísmo — disse a voz de Bruin, vinda do fundo da pedra. — A prudência fechará o portão completamente, liberando as almas e destruindo o caminho para sempre. O desespero invocará o poder de Danu e apagará os humanos da face de nossa terra. As criaturas caminharão na superfície novamente.

Então é a impressão de mão B, pensou Opala, feliz. *Sempre achei o desespero um motivador maravilhoso.*

Agora que o clímax havia chegado, Opala parou por um empolgante momento para saboreá-lo.

— Desta vez, é impossível que eu perca — disse a Oro. — Mamãe vai apertar o grande botão.

Oro teria apertado o botão, ele mesmo, só para fazer com que Opala parasse de se chamar de *mamãe*, mas infelizmente só a criatura que abrisse o portão podia ativar a segunda fechadura.

Opala balançou os dedos.

— Vamos lá. Mamãe está pronta.

Então, uma voz gritou da borda da cratera.

— O humano está se entregando. E trouxe a elfo.

Até aquele segundo, Opala não havia percebido que esse momento não estava totalmente perfeito. Mas agora estaria.

— Traga-os a mim — ordenou ela. — Quero que eles assistam.

Artemis Fowl arrastava uma silhueta encapuzada pelo chão, cujos calcanhares cavavam sulcos na terra. Quando chegaram à cratera que fora explodida com a chegada de Opala, um dos piratas cutucou Artemis, que desceu a encosta às cambalhotas, o rosto batendo na terra a cada giro. A segunda silhueta escorregou ao lado dele, e pareceu um movimento quase coordenado quando os dois rolaram até o pé do Portão dos Furiosos. Os dois formavam uma dupla em péssimo estado. A segunda figura caiu de rosto para cima. Era Holly Short. Obviamente, a elfo não viera por vontade própria.

— Nossa! — disse Opala, rindo por trás do punho fechado. — Coitadinhos. Que patético! — Opala sentiu orgulho de si mesma por ainda nutrir alguma simpatia pelos outros.

Eu de fato me sinto mal por essas pessoas, percebeu. Bom para mim.

Então se lembrou de como Artemis Fowl e Holly Short haviam sido responsáveis por seus anos na prisão de segurança máxima, e o que fora obrigada a fazer para garantir a própria liberdade; então seu *sentir-se mal por essas pessoas* se evaporou como o orvalho matinal.

— Ajude-os a se levantar — ordenou Oro a Juliet, que estava agachada de lado, comendo um coelho sangrento.

— Não! — disse Opala, em voz esganiçada. — Reviste o Garoto da Lama em busca de armas, depois deixe que eles se arrastem aos meus pés. Deixe o garoto implorar pela humanidade. Quero ver este aí com sangue nos joelhos e lágrimas de desespero no rosto.

Os espíritos das criaturas sentiram que o fim estava próximo, e que logo suas almas finalmente seriam liberadas do serviço e alcançariam a paz, por isso se reuniram na base do Portão dos Furiosos em seus corpos emprestados, formando o círculo lacrado de magia. Observaram Artemis carregar Holly dolorosamente escada acima, com as costas curvadas por causa do esforço.

Eu gostaria de ver o rosto dele, pensou Opala. Ver o quanto isso está lhe custando.

O corpo de Holly estava frouxo enquanto batia nos degraus, e uma perna pendia pela borda da torre. Parecia pequena e frágil e respirava com dificuldade. Opala se permitiu imaginar o que Fowl fora obrigado a infligir à elfo para conseguir dominá-la.

Eu fiz com que um se virasse contra o outro, pensou. É a vitória definitiva. E eles fizeram isso em troca de nada, os idiotas.

Artemis chegou ao platô e largou Holly como se fosse um saco de batatas. Virou-se para Opala, com o ódio gravado nas feições normalmente impassíveis.

— Aqui estamos, *majestade* — disse, pronunciando o título com desdém. — Estou me rendendo, como foi ordenado, e obriguei Holly a fazer o mesmo.

— E estou muito feliz em vê-lo, Artemis. Muitíssimo feliz. Isso torna tudo simplesmente perfeito.

Artemis apoiou os cotovelos nos joelhos, ofegante e com sangue pingando do nariz.

— Holly disse que você jamais manteria sua palavra, mas eu tentei garantir a ela que havia pelo menos uma chance, e enquanto houvesse uma chance, não poderíamos perdê-la. Ela discordou, então fui obrigado a sedar minha querida amiga. — Artemis encarou a duende-diabrete. — Há uma chance, Opala?

Ela deu um riso agudo.

— Uma chance? Ah, deuses, não. Nunca houve uma chance. Eu te amo, Artemis. Você é engraçado demais. — Ela balançou os dedos, e fagulhas voaram.

A cor sumiu do rosto de Artemis, e suas mãos tremeram de raiva e do esforço.

— Não se importa com as vidas que vai tirar?

— Eu não quero matar *todo mundo*. Mas ou os humanos ou as criaturas precisam desaparecer para que eu possa liderar quem ficar. Decidi contra o seu grupo porque já tenho um bocado de apoio no subterrâneo. Há um site secreto, e você ficaria espantado ao ver alguns dos nomes registrados lá.

O resto dos Furiosos levantou os olhos no fundo da cratera, oscilando ligeiramente e murmurando orações à deusa Danu. Dois piratas caíram de súbito, batendo no chão com um estardalhaço de ossos.

— Meus filhos estão sucumbindo — disse Opala. — É hora de a mamãe mandá-los para o céu. Bellico, afaste o chato do garoto gênio um pouco. É improvável que Artemis Fowl faça um ataque físico, mas ele tem uma queda por destruir meus lindos planos.

Juliet jogou Artemis de costas no chão. Nenhuma emoção surgiu em seu rosto; ela era simplesmente incapaz de agir de outro modo.

— Devo matar o Garoto da Lama? — perguntou, sem qualquer inflexão na voz.

— Absolutamente não. Quero que ele veja. Quero que sinta o último desespero.

Artemis rolou e ficou de joelhos.

— Os humanos não são ameaça para você, Opala. A maioria de nós nem sabe que as criaturas existem.

— Ah, agora sabem. Sem os escudos, nossas estações de transporte estão todas escancaradas. Eu revelei nossa existência ao Povo da Lama, e agora não há opção a não ser eliminá-lo. É lógica simples.

Juliet pôs um dos pés nas costas de Artemis, esmagando-o contra a terra.

— Ele é perigoso, minha rainha. E se a elfo traidora acordar, pode fazer mal à senhora.

Opala apontou para os guerreiros de terracota.

— Você, contenha a elfo e mande aquelas estátuas móveis segurarem o garoto. Mamãe quer fazer um gesto imponente. É um clichê, eu sei, mas depois disso provavelmente terei de ser régia e altruísta em público.

Juliet levantou Holly pelo cangote, erguendo-a com facilidade. Dois guerreiros chineses prenderam Artemis entre eles, mantendo-o impotente em seus braços de argila cozida, com apenas as mãos e os pés capazes de se mover.

Ele não pode fazer nada, pensou Opala, satisfeita.

— Tragam-nos aqui — ordenou. — Quero que os dois me vejam limpar o planeta.

Artemis lutou, sem resultado, mas a cabeça de Holly pendia no capuz, o que era meio irritante para Opala, já que preferiria ver a elfo totalmente acordada e aterrorizada.

Opala se posicionou junto à plataforma, batendo os dedos na pedra como uma pianista. Trabalhava no Portão dos Furiosos enquanto falava, mergulhando as mãos na rocha, que derretia onde ela tocava.

— Os humanos já tiveram magia — disse. Talvez devesse amordaçar a boca esperta de Artemis, para o caso de ele contaminar seu humor elevado com algumas daquelas observações metidas a besta. Se bem que, pela expressão vazia no rosto do Garoto da Lama, o *metido a besta* fora arrancado dele a pancada. — Isso mesmo. Os humanos já usaram a magia quase tão bem quanto os demônios. Por isso Bruin Fadda colocou tantos empecilhos nessa fechadura. O raciocínio dele era que, se algum humano ficasse poderoso o bastante para decifrar os feitiços, ele não teria escolha a não ser liberar o poder de Danu, pelo bem do Povo. — Opala deu um sorriso bastante carinhoso para o Portão dos Furiosos. — Agora parece simples, como um brinquedo de criança — disse. — Só duas gravuras de mãos numa mesa de pedra. Mas os cálculos que tive de decifrar! Posso dizer que Potrus jamais conseguiria. Aquele centauro ridículo não faz ideia do que foi necessário para solucionar essa charada: runas encantadas em várias dimensões, física quântica, matemática mágica. Duvido que existam quatro pessoas no mundo capazes de trazer aquele velho idiota do

Bruin de volta à vida. E eu tive de fazer tudo mentalmente. Sem telas nem papel. Parte disso foi feita por telepatia, através do meu eu mais jovem. Sabe, sequer perdi as memórias quando ela morreu, e pensei que perderia. Estranho, não é?

Artemis não respondeu. Havia recuado para o seu silêncio carrancudo e ferido.

— Então, é assim que funciona — disse Opala, animada, como se explicasse um problema de matemática para seus alunos do jardim de infância. — Se escolher a primeira marca de mão, fecho o portão para sempre e todas as almas das criaturas dentro do círculo são liberadas, menos a minha, claro, já que estou protegida por magia negra. Porém se eu escolher a terrível mão vermelha, o poder de Danu será liberado, mas somente contra os humanos. É uma pena que não poderemos ver muita coisa daqui, mas pelo menos posso ver você morrer e imaginar o efeito da magia em todas as outras pessoas.

Artemis soltou um dos braços do guerreiro de barro, rasgando a manga da camisa e uma camada de carne. Antes que alguém pudesse reagir, ele pôs a mão na primeira fechadura do Portão dos Furiosos.

Claro que nada aconteceu, a não ser a gargalhada de Opala.

— Você não entende, garoto idiota. Só eu posso escolher. Não você, nem aquele centauro patético, o Potrus, nem sua amiguinha elfo. Só Opala Koboï. Essa é a questão. Quem abre a fechadura controla o portão. Ele está codificado no meu DNA. — O rosto minúsculo de Opala ficou roxo de orgulho, e seu queixo pontudo tremeu. — Eu sou o messias, e derramarei sangue para que o Povo me adore. Construirei meu templo em volta desse portão idiota que leva a lugar nenhum, e eles podem fazer visitas escolares para aprender sobre mim.

Restava um único fiapo de desafio em Artemis.

— Eu poderia fechá-lo — resmungou. — Se tivesse alguns minutos.

Opala ficou perplexa.

— Você poderia... Você poderia fechá-lo? Não estava escutando? Eu não deixei suficientemente simples? Ninguém pode fechar, a não ser eu.

Artemis não pareceu impressionado.

— Eu poderia deduzir um jeito. Mais uma hora, até mesmo dez minutos. Holly é uma criatura do povo, ela tem magia. Eu poderia usar a mão dela e o meu cérebro. Sei que poderia. Até que ponto poderia ser difícil, se você conseguiu? Você nem é tão inteligente quanto Potrus.

— Potrus! — gritou Opala. — Potrus é um palhaço. Brincando com suas geringonças quando há dimensões inteiras inexploradas.

— Peço desculpas, Holly — disse Artemis, repleto de formalidade. — Você me avisou, e eu não quis ouvir. Você era a nossa última chance, e eu a enganei.

Opala ficou furiosa. Contornou os guerreiros chineses e foi até onde Juliet estava segurando Holly, cuja cabeça pendia.

— Você acha que essa *coisa* ridícula poderia fazer o que eu realizei?

— Essa é a capitã Holly Short, da Liga de Elite da Polícia dos Elementos de Baixo — disse Artemis. — Demonstre algum respeito. Ela já venceu você antes.

— Isso aqui não é o *antes* — enfatizou Opala. — É o agora. O fim dos dias da humanidade. — Ela agarrou a mão de Holly e bateu vagamente com ela na área da gravura de mão no Portão dos Furiosos. — Ah, olha isso. O portão não está se fechando. Holly Short não tem poder algum aqui. — Opala deu um riso cruel. — Ah, coitada da bela Holly. Imagine, se sua mão ativasse o portão, seu sofrimento poderia terminar agora.

— Nós poderíamos ter conseguido — murmurou Artemis, mas seus olhos estavam se fechando, e parecia que ele havia perdido a fé em si mesmo. Sua mão livre batucou distraidamente um ritmo na pedra. A mente do humano finalmente havia se partido.

— Ridículo — disse Opala, acalmando-se. — E cá estou eu, ficando irritada com suas afirmações. Você me chateia, Artemis, e ficarei satisfeita quando estiver morto.

Duas coisas aconteceram enquanto Opala resmungava com Holly. A primeira foi que a duende-diabrete teve uma série de pensamentos:

A mão de Holly parece tão pequena.

Opala percebeu que não havia examinado a elfo atentamente desde que ela havia aparecido na borda da cratera. Ou ela estivera caída ou Artemis havia escondido o corpo de Holly com o dele.

Mas o rosto. Eu vi o rosto. Era definitivamente ela.

A segunda coisa que aconteceu foi que a mão pequena em questão, que ainda repousava no Portão dos Furiosos, começou a se mover espasmodicamente na direção da gravura, tateando com as pontas dos dedos.

Opala puxou o capuz de Holly para ver melhor, e notou que, de perto, o rosto estava um pouquinho rachado.

Uma máscara. Uma máscara de projeção, usada por crianças, como a que Pip e...

— Não! — gritou ela. — Não, não permitirei isso!

Enfiou a mão embaixo do queixo de Holly e tirou a máscara, e claro que não era Holly que estava por baixo.

Opala viu seu próprio rosto clonado por baixo da máscara e sentiu-se instantaneamente traumatizada, como se tivesse levado um soco fortíssimo.

— Sou eu! — disse ela, ofegante, e depois deu um riso histérico. — E só eu posso fechar o portão.

Houve dois segundos de inação atordoada por parte de Opala, o que permitiu que os dedos de Nãopala se arransassem perfeitamente na gravura. A gravura ficou verde e irradiou uma luz quente. O cheiro de verão emanou da pedra, e houve uma canção de pássaros.

Artemis deu um risinho, mostrando os dentes sujos de sangue.

— Imagino que você esteja *chateada* agora.

Opala lançou um pulso maligno de magia diretamente para o tronco do clone, arrancando-a das mãos de Juliet e fazendo-a rolar para longe do portão, mas tudo o que conseguiu com a brutalidade foi permitir que a luz etérea fluísse mais depressa. Os raios esmeralda espiralaram para cima num rolo apertado, depois se abriram para formar um hemisfério em volta do círculo

mágico. Os Furiosos suspiraram e banharam os rostos virados para o alto na claridade verde-campina.

— Finalmente acabou, Opala — disse Artemis. — Seu plano fracassou. Você está acabada.

Havia pessoas na luz, sorrindo e chamando. Havia cenas de um tempo antigo. Criaturas das fadas plantando naquele mesmo vale.

Opala não desistia tão facilmente, e se recuperou.

— Não. Ainda tenho o poder. Talvez eu perca esses idiotas Furiosos, mas minha magia me protegerá. Há outras criaturas a ser enganadas, e na próxima vez você não vai me impedir.

Opala deu um tapa forte em Oro para distraí-lo da luz.

— Certifique-se de que aquele clone está morto — ordenou. — A magia pode não levar a criatura sem alma. Acabe com ela se for necessário. Agora!

Oro franziu a testa.

— Mas ela é uma de nós.

— O que me importa?

— Mas acabou, majestade. Nós estamos partindo.

— Faça o que eu mando, escravo. Pode ser o seu último ato antes de ascender. Então terei acabado com você.

— Ela é inocente. É uma duende-diabrete desamparada.

Opala ficou furiosa com a discussão.

— Inocente? O que me importa? Já matei centenas de criaturas inocentes, e vou matar dez vezes mais se achar necessário. Faça o que ordeno.

Oro sacou a adaga, que parecia grande como uma espada em sua mão.

— Não, Opala. Bruin me libertou de sua ligação mágica. Você não matará mais criaturas.

E com uma eficiência de soldado, ele rasgou o coração de Opala com um único golpe. A criatura pequenina tombou, ainda falando. Falou até o cérebro morrer, cheio de veneno, ainda se recusando a acreditar que tudo estava acabado. Morreu encarando Artemis, odiando-o.

Artemis queria odiá-la de volta, mas só conseguia sentir tristeza pelo desperdício de vida.

Algo que podia ter sido um espírito, ou uma sombra escura e deturpada, tremulou por um momento por trás de Opala, como um ladrão em fuga, depois se dissolveu na luz mágica.

Todo esse tempo. Todo esse sofrimento, e ninguém venceu. Que tragédia!

A luz ficou mais forte, e lascas se destacaram da coroa, tornando-se líquidas, coagulando ao redor dos Furiosos dentro do círculo. Alguns deixaram o corpo facilmente, como se tirassem um casaco velho; outros foram arrancados membro a membro, saltando bruscamente para o céu. Oro largou sua adaga, enjoado pelo que fora necessário fazer, depois saiu do corpo de Beckett num clarão de fogo verde.

Finalmente, pode ter dito, mas Artemis não tinha certeza. Em volta dele, os guerreiros de barro se desintegraram, enquanto os espíritos dos Furiosos os liberavam, e Artemis caiu no chão, ficando cara a cara com Nãopala.

O clone estava com os olhos cheios de um brilho pouco característico e o que poderia ser um sorriso no rosto. Pareceu focalizar Artemis por um momento, depois a luz morreu em seus olhos, e ela se foi. Estava em paz no final e, diferentemente das outras criaturas, nenhuma alma se destacou de seu corpo.

Você jamais deveria ter existido, percebeu Artemis, e então seus pensamentos se voltaram para sua segurança.

Preciso escapar da magia o mais depressa possível.

As chances eram a seu favor, ele tinha certeza, mas isso não era garantia. Havia sobrevivido contra todas as probabilidades tantas vezes nos últimos anos que sabia que às vezes as percentagens não significavam nada.

Ocorreu a ele que, como humano, simplesmente deveria ser capaz de se lançar através das paredes daquele hemisfério mágico e sobreviver.

Com toda a genialidade na minha cabeça, devo ser salvo por um simples salto.

Levantou-se com dificuldade e correu para a borda da torre do portão. Não seriam mais de três metros. Era difícil, mas não impossível.

O que eu não daria para um par de asas Beija-flor de Potrus!, pensou.

Através do líquido verde, Artemis viu Holly e Butler subindo o morro, correndo na direção da cratera.

Fiquem para trás, amigos, pensou. *Estou indo.*

E pulou para salvar a vida. Artemis ficou feliz por Butler estar ali para testemunhar seus esforços, e foi quase atlético. Daquela altura, sentiu como se estivesse voando.

Ali estava Holly, descendo a encosta a toda velocidade, vindo mais depressa do que Butler pela primeira vez na vida. Artemis podia ver, pela forma da boca da elfo, que ela gritava seu nome. Suas mãos chegaram à pele da bolha mágica e passaram, e Artemis sentiu um alívio tremendo.

Deu certo. Tudo vai ser diferente agora. Um novo mundo, com humanos e criaturas do subterrâneo vivendo juntos. Eu poderia ser embaixador.

Então o feitiço agarrou-o com tanta facilidade quanto um inseto num vidro, e Artemis deslizou por dentro da coroa de magia como se ela fosse feita de vidro.

Holly desceu correndo a encosta, estendendo a mão para a luz mágica.

— Não se aproxime! — gritou Artemis, e sua voz saiu ligeiramente fora de sincronia com o movimento dos lábios. — O feitiço vai matá-la.

Holly não diminuiu a velocidade, e Artemis pôde ver que ela pretendia tentar um resgate.

Ela não entende, pensou.

— Butler! — gritou. — Faça-a parar.

O guarda-costas estendeu os braços enormes e envolveu Holly num abraço de urso. Ela usou todas as manobras de fuga que havia no manual, mas não tinha como se soltar daqueles braços.

— Butler, por favor. Isso não está certo. Deveria ser eu.

— Espere — disse Butler. — Espere só, Holly, Artemis tem um plano. — Ele franziu os olhos, espiando através da cúpula verde. — Qual é o seu plano, Artemis?

Tudo que Artemis pôde fazer foi sorrir e dar de ombros.

Holly parou de lutar.

— A magia não deveria afetar um ser humano, Artemis. Por que ela ainda não liberou você?

Artemis sentiu a magia examinando sua pessoa, procurando alguma coisa. Encontrou essa coisa na órbita de seu olho.

— Eu tenho um olho de criatura do Povo... um dos seus, lembra? — constatou Artemis, apontando para a íris marrom. — Achei que meus genes humanos suplantariam isso, mas esta magia é perceptiva. É uma força inteligente.

— Vou pegar o desfibrilador — disse Butler. — Talvez reste uma fagulha.

— Não — reagiu Artemis. — Vai ser tarde demais.

Agora os olhos de Holly eram como fendas, e uma palidez se espalhou por sua pele, parecendo tinta branca. Ela sentia-se enjoada e abalada.

— Você sabia. Por quê, Artemis? Por que fez isso?

Artemis não respondeu. Holly o conhecia suficientemente bem para decifrar seus motivos mais tarde. Restavam segundos para ele, e havia coisas mais urgentes a ser ditas.

— Butler, você não falhou comigo. Eu o enganei. Afinal de contas, sou um gênio tático e você estava inconsciente. Quero que se lembre disso para o caso de...

— Para o caso de quê? — gritou Butler, através da luz viscosa.

Novamente, Artemis não respondeu. De um modo ou de outro, Butler descobriria.

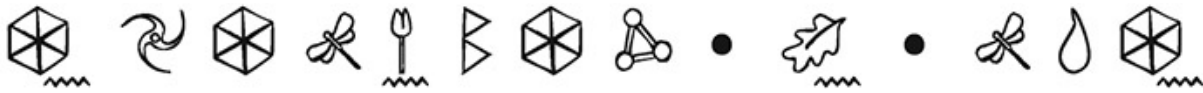
— Você se lembra do que eu lhe disse? — perguntou Artemis, tocando a própria testa.

— Lembro — respondeu Holly. — Mas...

Não havia mais tempo para perguntas. A névoa verde foi sugada para trás, para dentro do Portão dos Furiosos, como se puxada por um aspirador de pó. Por um momento, Artemis ficou de pé, incólume, e Butler soltou Holly para correr para perto de seu patrão. Então o olho que Artemis havia recebido do Povo reluziu em verde e, quando Butler segurou no colo o garoto que caía, o corpo de Artemis Fowl já estava morto.

Holly tombou de joelhos e viu o corpo retorcido de Opala Koboi sobre a fechadura. Os restos de magia negra haviam comido sua pele em vários lugares, expondo o brilho marfim do crânio.

A visão não a afetou nem um pouco naquele momento, mas os olhos fixos da duende-diabrete assombrariam os sonhos de Holly pelo resto da vida.



CAPÍTULO 19: AS ROSAS

SEIS MESES DEPOIS



⊕ mundo era teimoso, e consertou-se lentamente. Assim que a tempestade inicial de devastação passou, houve uma onda de oportunismo enquanto um certo tipo de gente, isto é, a maioria, tentava se aproveitar do que havia acontecido.

Pessoas que tinham sofrido zombarias como eco-hippies da Nova Era agora eram saudados como salvadores da humanidade, quando ficou claro que seus métodos tradicionais de caça e agricultura poderiam alimentar as famílias durante o inverno. Pajés, evangelizadores e curandeiros sacudiam os punhos em volta de fogueiras, e o número de seus seguidores crescia.

Aconteceu um milhão de outras coisas que mudariam o modo de vida da humanidade na Terra, mas, possivelmente, os acontecimentos mais importantes depois do Grande Terremoto Tecnológico foram a percepção de que as coisas podiam ser consertadas e a descoberta do povo do subterrâneo.

Depois dos primeiros meses de pânico, um fanático pelo Lanterna Verde em Sydney colocou a Internet para funcionar de novo, descobrindo que, apesar de a maioria das peças de sua antena ter explodido, ele ainda sabia como consertá-la. Lentamente, a era moderna começou a se restabelecer, à medida que as redes de celulares eram conectadas por amadores e a garotada tomava conta das estações de TV. O rádio voltou com tudo, e alguns dos antigos locutores de voz de veludo dos anos 1970 foram retirados da aposentadoria para tocar músicas com CDs de verdade. A água se transformou no novo ouro, e o petróleo caiu para o terceiro lugar na lista de fontes de energia, depois da solar e da eólica.

Por todo o globo, criaturas estranhas que poderiam ser fadas ou alienígenas foram avistadas. Num momento elas não estavam presentes, no outro, havia um estalo ou um estrondo e de repente havia postos de observação com pessoinhas dentro, pelo mundo inteiro. Pequenas aeronaves caíam do céu, e submarinos sem energia subiam à superfície nas proximidades de centenas de grandes cidades.

O problema é que todas aquelas máquinas se autodestruíram, e qualquer fada/alienígena aprisionado desapareceu inexplicavelmente nas semanas seguintes. A humanidade soube que não estava sozinha no mundo, mas não sabia onde encontrar aquelas criaturas estranhas. E considerando que a humanidade não conseguira sequer explorar os oceanos do planeta, se passariam centenas de anos até desenvolver a capacidade de sondar embaixo da crosta da Terra.

Assim, as histórias foram exageradas até que ninguém mais acreditasse nelas, e o único vídeo que sobreviveu era menos convincente do que qualquer seriado infantil exibido nas manhãs de sábado.

As pessoas sabiam o que tinham visto e acreditariam nisso até o dia em que morressem, mas os psiquiatras logo começaram a atribuir as visões das criaturas ao monte de baboseiras das alucinações traumáticas em massa, que já era atulhado de dinossauros, super-heróis e monstros do lago Ness.

PRÓPRIEDADE FOWL

Mais uma vez, a Irlanda se tornou uma ilha de verdade. As comunidades se recolheram e começaram a plantar a comida que comeriam, em vez de arrancar mecanicamente tudo o que havia de bom, congelar os aditivos e transportar para outros continentes. Muitos ricos proprietários de terras doaram voluntariamente seus campos improdutivos para pessoas famintas com implementos agrícolas afiados.

Os pais de Artemis tinham conseguido voltar de Londres, onde estavam quando o mundo entrou em colapso, e pouco depois da cerimônia fúnebre para Artemis, a Propriedade Fowl foi convertida em mais de quinhentos lotes separados onde as pessoas podiam plantar todas as frutas e os legumes que o clima irlandês permitia.

A cerimônia foi simples e reservada, com a presença apenas das famílias Fowl e Butler. O corpo de Artemis foi enterrado na alta campina onde ele havia passado uma parte tão grande de seu tempo trabalhando no avião solar. Butler não compareceu, pois se recusava firmemente a acreditar na prova apresentada por seus próprios olhos.

Artemis não morreu, garantia ele, repetidamente. Isso não é o fim do jogo.

Ele não conseguia aceitar isso, não importando quantas vezes Juliet ou Angeline Fowl aparecessem em seu dojô para conversar.

E foi por isso que o guarda-costas não demonstrou a mínima surpresa quando a capitã Holly Short apareceu à porta de seu chalé numa manhã cedinho.

— Bem, já era hora — disse ele, pegando seu paletó no cabide. — Artemis deixa instruções, e vocês demoram meio ano para deduzir.

Holly correu até dele.

— As instruções de Artemis não eram exatamente simples de serem seguidas. E, tipicamente, eram totalmente ilegais.

No pátio, uma porta fora cortada no brilho laranja do céu matinal, e lá estava Potrus, parecendo decididamente nervoso.

— O que vocês acham menos suspeito? — perguntou Butler. — Uma aeronave de aparência alienígena pairando no quintal de uma casa de campo? Ou uma porta flutuante com um centauro parado no centro?

Potrus desceu a prancha com os cascos fazendo barulho, rebocando um carrinho flutuante. A porta do lançador se fechou e desapareceu do espectro visível.

— Podemos andar logo com isso? — perguntou ele. — Tudo que estamos fazendo aqui é contra a lei das criaturas e possivelmente imoral. Cavalline acha que estou na cerimônia de Palha. O conselho está dando uma medalha a Escavator, dá para acreditar? O pequeno cleptomaniaco conseguiu convencer todo mundo de que ele meio que salvou o planeta sozinho. Assinou um contrato para um livro. De qualquer modo, odeio mentir para minha esposa. Se parar para pensar nisso durante mais de dez segundos, posso acabar mudando de ideia.

Holly assumiu o controle do carrinho flutuante.

— Você não vai mudar de ideia. Nós viemos longe demais para voltar para casa sem um resultado.

— Ei — disse Potrus. — Eu só estava falando.

Os olhos de Holly estavam severos, com uma determinação que não toleraria discussões. Fazia seis meses que vinha usando essa expressão, desde que havia retornado do incidente no Portão dos Furiosos. A primeira coisa que fizera foi procurar Potrus na Delegacia Plaza.

— Tenho uma mensagem de Artemis para você — dissera, assim que Potrus a libertou de um abraço esmagador.

— Verdade? O que ele disse?

— Alguma coisa sobre uma crisálida. Que você deveria energizá-la.

Essas palavras tiveram um efeito poderoso sobre o centauro. Ele trotou até a porta e trancou-a. Depois fez uma varredura contra grampos usando uma

varinha que sempre carregava. Então Holly soube que a palavra significava alguma coisa para o amigo.

— Que crisálida, Potrus? E por que Artemis está tão interessado nela?

Potrus segurou Holly pelos ombros e colocou-a em sua cadeira de laboratório.

— Por que Artemis *está* interessado? Nosso amigo morreu, Holly. Será que não deveríamos deixá-lo ir?

Holly empurrou Potrus para longe e saltou de pé.

— Deixá-lo ir? Artemis não me deixou ir para o Limbo. Não deixou Butler morrer em Londres. Não deixou toda a cidade do Porto morrer durante a revolução dos goblins. Agora diga, que crisálida é essa?

Então Potrus contou, e a estrutura da ideia de Artemis ficou óbvia; no entanto, eram necessárias mais informações.

— Houve mais alguma coisa? — perguntou o centauro. — Artemis disse ou fez algo mais?

Holly balançou a cabeça, arrasada.

— Não. Ele ficou meio sentimental, o que é incomum para ele, porém é compreensível. Disse para dar um beijo em você.

Ela ficou nas pontas dos pés e beijou a testa de Potrus.

— Só para garantir, acho.

De repente, Potrus ficou perturbado e quase arrasado, mas tossiu e engoliu esses sentimentos para outra ocasião.

— Ele disse “Dê um beijo no Potrus”? Essas palavras, exatamente?

— Não — respondeu Holly, pensando. — Ele me beijou e disse: “Dê isso a ele, por mim.”

O centauro riu, depois gargalhou, e, em seguida, arrastou-a pelo laboratório.

— Precisamos colocar sua testa sob um microscópio eletrônico — disse.

Holly explicou a Butler a interpretação que tinham feito do plano de Artemis, enquanto iam na direção do Portão dos Furiosos. Potrus trotava adiante, murmurando cálculos e ficando atento a qualquer humano que acordasse cedo.

— A crisálida foi o que Opala usou para produzir um clone de si mesma. Ela foi entregue a Potrus, que deveria destruí-la.

— Mas não destruiu — supôs Butler.

— Não. E Artemis sabia disso, por ter invadido os arquivos de reciclagem da LEP.

— Então ele queria que Potrus fizesse um clone? Mesmo um velho soldado como eu sabe que para isso é preciso ter DNA.

Holly deu um tapinha na testa.

— Foi por isso que ele me beijou. Havia DNA suficiente na saliva para Potrus produzir um exército, mas, para os scanners do aeroporto, parecia uma coisa natural.

— Gênio até o fim — disse Butler, e então franziu a testa. — Mas os clones não são criaturas idiotas? Nãopala mal conseguia ficar viva.

Potrus parou na borda da cratera para explicar.

— É, são, porque não têm alma. É aí que entra a magia. Quando o primeiro portão dos Furiosos foi fechado, todos os espíritos das criaturas que estavam dentro do círculo mágico foram libertados de seus corpos, mas Artemis podia ter humanidade e força de vontade suficientes para permanecer neste lugar, mesmo depois que o corpo físico morreu. Seu espírito pode ser um organismo solto, ectoplásmico, etéreo, agora mesmo.

Butler quase tropeçou nos próprios pés.

— Está dizendo que Artemis é um fantasma? — Em seguida se virou para Holly, buscando uma resposta direta. — Ele está dizendo que Artemis é um fantasma?

Holly guiou o carrinho flutuante encosta abaixo.

— Os Furiosos foram fantasmas durante dez mil anos. Foi assim que o feitiço funcionou. Se eles duraram tanto, é possível que Artemis tenha se

segurado por seis meses.

— Possível? — perguntou Butler. — Isso é tudo o que temos?

Potrus apontou para um local perto da torre.

— *Possível* é ser otimista. Eu diria que *ligeiramente concebível* é uma aposta melhor.

Holly abriu os fechos de uma caixa refrigerada que estava em cima do carrinho flutuante.

— É, bem, o *ligeiramente concebível* é a especialidade de Artemis Fowl.

Butler levantou a tampa, e o que viu ali dentro tirou seu fôlego, mesmo que já estivesse esperando. O clone de Artemis estava dentro de uma tenda transparente, com a respiração nublando o plástico.

— Artemis — disse. — É exatamente ele.

— Precisei mexer com o processo de estufa — explicou Potrus, desligando o clone de seus equipamentos hospitalares. — E não tinha acesso ao meu laboratório, por isso agora ele tem seis dedos no pé esquerdo, mas está suficientemente bom, para um serviço escuso. Nunca achei que diria isso, mas Opala Kobo criou uma tecnologia boa.

— Isso tem... Ele tem 15 anos agora, não é?

Potrus se abaixou atrás de um feixe de tubos de nutrientes para esconder o rosto.

— Na verdade, o sentido de tempo me escapou um pouco, por isso ele está um pouquinho mais velho. Mas não se preocupe, fiz uma recauchutagem total. Encolhimento de pele, raspagem nos ossos, injeções de tutano... Até lubrifiquei o cérebro. Acredite, nem a mãe dele veria a diferença.

Ele esfregou as mãos e mudou de assunto.

— Agora ao trabalho. Mostre-me onde Artemis morreu.

— Ali embaixo — respondeu Holly, apontando. — Per-to da...

Ela já ia dizer *torre*, mas sua respiração ficou presa na garganta ao ver as rosas incríveis que cresciam em densas hastes curvas, emanando do ponto exato onde Artemis havia caído.

As rosas da Propriedade Fowl eram consideradas uma sensação, já que floresciaam numa espiral perfeita ao pé da torre redonda, onde nenhuma rosa fora plantada. Suas pétalas de um laranja queimado incomum as tornavam visíveis desde os outros lotes, e Juliet recebera a tarefa de garantir que nenhum aldeão colhesse uma flor sequer.

Por causa dos recentes boatos sobre o povo pequenino, os trabalhadores das plantações tinham passado a chamar as flores de *rosas das fadas*, o que era um nome melhor do que eles sequer podiam suspeitar.

Butler carregou o clone encapsulado, e se lembrou subitamente de uma noite, anos antes, em que havia carregado outra pessoa através de um campo, vendo o capim alto farfalhar no rastro de Artemis.

Só que, daquela vez, eu estava carregando Holly.

Potrus interrompeu seu pensamento.

— Butler, você precisa colocar o corpo nas rosas. No centro da espiral. Sem os equipamentos, só temos alguns minutos antes que a degeneração comece.

Butler pôs o clone gentilmente dentro da espiral, num trecho macio onde não havia espinhos para perfurá-lo.

Holly se ajoelhou para abrir o zíper da tenda. Abriu as abas, e ali dentro estava o corpo de Artemis usando uma camisola de hospital, com a respiração saindo em haustos rápidos e o suor brilhando na testa.

Potrus se moveu rapidamente em volta do clone, ajeitando os membros dele e inclinando sua cabeça para trás, para liberar as vias aéreas.

— Essas rosas são um sinal — disse. — Há resíduo de magia aí. Aposto que essa formação tem praticamente a mesma forma da runa original de Bruin Fadda.

— Você está pondo as esperanças num canteiro de flores que brotou na campina?

— Não, claro que não, Butler. A magia de Bruin Fadda era poderosa, e alguém com a força de vontade de Artemis poderia facilmente durar alguns meses.

Butler segurou a própria cabeça.

— E se não der certo, Holly? E se eu tiver deixado Artemis morrer?

Holly se virou rapidamente e viu que Butler estava no limite de suas emoções. Ele viera se escondendo por trás da negação durante meio ano, e iria se culpar para sempre se Artemis não voltasse.

Se isso não der certo, talvez Butler jamais se recupere, percebeu ela.

— *Vai dar certo!* — garantiu. — Agora, menos conversa e mais ressurreição. Quanto tempo temos, Potrus?

— O clone pode sobreviver uns quinze minutos longe do equipamento hospitalar.

Butler sabia que o momento para objeções havia passado. Faria o que fosse necessário para dar a esse plano uma chance de sucesso.

— Muito bem, Holly — disse, ficando em posição de sentido. — O que devo fazer?

Holly se agachou a um metro do clone, com os dedos envolvendo as hastes das rosas, sem perceber os espinhos que furavam sua pele.

— Agora tudo está feito. Ou ele aparece ou nós o perdemos para sempre.

Acho que teremos perdido algo de nós mesmos, também, pensou Butler.

Esperaram, e nada fora do comum aconteceu. Pássaros cantaram, a cerca viva se agitou e o som de um trator veio de outro campo. Holly ficou agachada, agitada, arrancando flores pela raiz. Enquanto ela se preocupava, o olhar de Butler pousou no rosto do clone, e ele se lembrou de tempos passados com seu patrão.

Nunca houve ninguém como Artemis Fowl, pensou. *Ainda que ele não tenha tornado meu trabalho mais fácil com todas as suas estripulias.* Butler sorriu. *Artemis sempre me deu cobertura, mesmo que mal fosse capaz de me alcançar.*

— Holly — falou, gentilmente. — Ele não vai voltar...

Então o vento mudou, e de repente Butler sentiu o cheiro das rosas. Holly cambaleou para a frente, ficando de pé.

— Alguma coisa está acontecendo. Acho que alguma coisa está acontecendo.

A brisa arrancou algumas pétalas das rosas e as fez voar para o céu. Mais e mais pétalas se soltaram enquanto o vento parecia se curvar ao longo da espiral laranja, rapidamente despindo todas as flores. As pétalas subiam como borboletas, adejando e tremeluzindo, preenchendo o céu e bloqueando o sol.

— Artemis! — gritou Butler. — Siga minha voz.

Ele conseguiu? Seria este o maior momento de Artemis Fowl?

As pétalas redemoinhavam com um barulho que parecia um coro de suspiros, e, de repente, despencaram feito pedras. O clone não havia se movido.

Holly avançou lentamente, como se estivesse aprendendo a usar as pernas, depois caiu de joelhos e apertou a mão do clone.

— Artemis — chamou, com a voz parecendo uma prece. — Artemis, por favor.

Nada, ainda. Nem ao menos uma respiração.

Butler não tinha tempo para seus modos impecáveis de sempre, e empurrou Holly de lado.

— Desculpe, capitã. Essa é minha área de especialização.

Ele se ajoelhou sobre o clone pálido e, com a palma da mão, procurou uma batida do coração. Não havia.

Inclinou a cabeça do clone para trás, apertou o nariz e soprou a vida no fundo dos pulmões.

Sentiu uma batida fraca sob a mão.

Butler caiu para trás.

— Holly. Acho... acho que deu certo.

Holly engatinhou pelo tapete de pétalas.

— Artemis — disse, ansiosa. — Artemis, volte para nós.

Houve mais duas respirações, depois várias rápidas e espasmódicas, e então os olhos de Artemis se abriram. Ambos de um azul espantoso. Inicialmente estavam arregalados de choque, depois estremeceram como as asas de uma mariposa agitada.

— Fique calmo — disse Holly. — Você está seguro.

Artemis franziu a testa, tentando focalizar. Estava claro que suas faculdades não haviam retornado completamente e que ele ainda não se lembrava das pessoas sobre ele.

— Afastem-se — alertou. — Vocês não sabem com quem estão mexendo.

Holly segurou sua mão.

— Nós o conhecemos, Artemis. E você nos conhece. Tente lembrar.

Artemis tentou, concentrando-se, até que algumas nuvens se desfizeram.

— V... vocês — balbuciou. — Vocês são meus amigos?

Holly chorou de puro alívio.

— Somos. Somos seus amigos. Agora precisamos que você vá para dentro de casa, antes que as pessoas da região cheguem e vejam o herdeiro recentemente falecido acompanhado por fadas.

Butler ajudou Artemis a ficar sobre os próprios pés, com os quais, obviamente, ele ainda estava inseguro.

— Ah, tudo bem — disse Potrus, oferecendo a garupa larga. — Só desta vez.

Butler pôs Artemis nas costas do centauro e firmou-o com sua imensa mão.

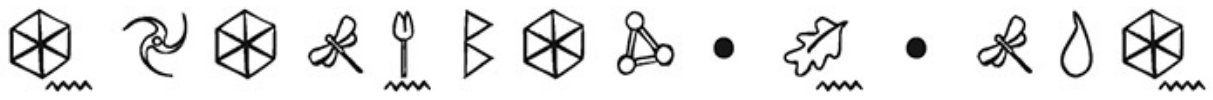
— Você me deixou preocupado, Arty — falou ele. — E seus pais estão arrasados. Espere até que eles o vejam.

Enquanto atravessavam os campos, Holly apontou para locais de experiências compartilhadas, esperando instigar a memória do adolescente.

— Conte-me — pediu Artemis, com a voz ainda fraca. — Como conheço você?

E assim Holly começou a contar sua história.

— Tudo teve início na cidade de Ho Chi Mihn, num verão. Fazia um calor insuportável. Não preciso dizer que Artemis Fowl não estaria disposto a suportar tanto desconforto se algo extremamente importante não estivesse em risco. Importante para o plano...



Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

Artemis Fowl - O último guardião

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/339113-o_Ultimo_guardiao

Wikipédia da série Artemis Fowl

http://pt.wikipedia.org/wiki/Artemis_Fowl

Site brasileiro da série Artemis Fowl

<http://artemisfowlbrazil.blogspot.com.br/>

Wikipédia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Eoin_Colfer

Site do autor

<http://www.eoincolfer.com/>

Goodreads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/10896.Eoin_Colfer

Twitter do autor

<https://twitter.com/eoincolfer>